

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E
COMUNICAÇÃO HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FABRICIO DE ANDRADE ROCHA

O CICLO EVOLUTIVO VITAL DE CASAIS BRASILEIROS:
Qualidade conjugal, conflitos, crises e estratégias de enfrentamento.

PORTO ALEGRE

2024

FABRICIO DE ANDRADE ROCHA

O CICLO EVOLUTIVO VITAL DE CASAIS BRASILEIROS:

Qualidade conjugal, conflitos, crises e estratégias de enfrentamento.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de doutor.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Wagner

PORTO ALEGRE

2024

Sumário

1. Apresentação.....	9
2. Configuração e estrutura familiar dos casais brasileiros: um mapeamento a partir da PNAD Contínua 12	
Método	16
Participantes.....	17
Variáveis.....	18
Procedimentos de Análise dos dados.....	19
Transparência de dados	19
Resultados	19
Configuração familiar dos casais brasileiros	19
Fatores que podem contribuir para a estrutura familiar.....	25
Discussão dos resultados.....	27
Considerações finais.....	46
3. O Ciclo vital conjugal: proposta de um modelo adequado à realidade brasileira.....	48
Ciclo vital conjugal versus ciclo vital familiar.....	48
O Ciclo Vital Conjugal.....	51
Tarefas desenvolvimentais no ciclo de vida conjugal	54
Proposta de um modelo do ciclo vital conjugal baseada em dados da população brasileira.....	57
Descrição das fases do ciclo vital conjugal.....	60
Tarefas para casais com filhos e enteados.....	65
Considerações finais.....	70
4. Qualidade conjugal e conflitos nas diferentes fases do ciclo vital de casais brasileiros.....	72
Método	80
Participantes.....	80
Instrumentos	80
Procedimentos de coleta de dados	82
Procedimentos de análise de dados	82
Transparência dos dados.....	82
Resultados	83
Características dos participantes de cada fase do ciclo vital conjugal.	83
Qualidade conjugal e conflitos nas fases do ciclo vital conjugal	83
Estratégias de encaminhamento dos conflitos	86
Discussão dos resultados.....	87
Considerações Finais.....	92

5. Trajetória das relações conjugais ao longo do tempo: um estudo longitudinal sobre qualidade conjugal e estratégias de encaminhamento de conflitos.....	101
Método	105
Participantes.....	105
Instrumentos	106
Procedimentos de análise dos dados.....	107
Procedimentos éticos	108
Resultados	108
Discussão dos resultados.....	110
Considerações Finais.....	118
6. Impacts of social distancing on marital life during Covid-19 pandemic.....	127
Method	132
Study design	132
Participants	132
Instruments	133
Data collection.....	134
Data analysis.....	134
Ethical procedures	135
Results	135
Discussion	137
7. Impactos do distanciamento social por COVID-19: Qualidade conjugal e desejo de separação 147	
Método	153
Participantes.....	153
Instrumentos	154
Procedimentos Éticos e de Coleta de Dados	157
Procedimentos de Análise dos Dados.....	158
Resultados	159
Discussão.....	161
8. Conclusões.....	171
9. Referências	175
Anexo A. Escala De Conflito Conjugal.....	208
Anexo B. Inventário de Estilos de Resolução de Conflitos.....	209
Anexo C. Escala de Qualidade Conjugal.....	210
Anexo D. GRIMS - Golombok Rust Inventory of Marital State.....	212
Anexo E. Inventário de diferenciação do self - Revisto	213
Anexo F. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	216
Anexo G. Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	217

Lista de tabelas

Tabela 1	Caracterização da amostra.....	17
Tabela 2	Média de divórcios em cada fase do ciclo vital conjugal entre 2015 e 2019.....	60
Tabela 3	Médias e desvios padrão das variáveis estudadas	94
Tabela 4	Análises de variância (ANOVA) de Qualidade conjugal, Frequência e Intensidade de conflitos entre as fases do ciclo vital conjugal.....	95
Tabela 5	Temas de conflitos mais comuns em cada fase do ciclo vital conjugal	96
Tabela 6	Dados descritivos da amostra	120
Tabela 7	Regressões multinível com o ano de coleta e o sexo do participante predizendo Qualidade conjugal e Estratégias de encaminhamento de conflitos	121
Tabela 8	Análises diádicas com os níveis de Qualidade conjugal e Estratégias de encaminhamento de conflitos de 2010 predizendo os níveis de 2023	122
Tabela 9	Modelo APIM com os níveis das Estratégias de encaminhamento de conflitos em 2023 predizendo a Qualidade conjugal (GRIMS) em 2023.....	123
Tabela 10	Análises diádicas longitudinais com os níveis das Estratégias de encaminhamento de conflitos de 2010 predizendo a Qualidade conjugal (GRIMS) em 2023	124
Table 11	Operational definitions of the variables according to the transformations performed for the analysis	143
Table 12	Characteristics of the sample (categorical data)	144
Table 13	Characteristics of the sample (numerical data)	145
Table 14	Fit measures of the tested models	145
Table 15	Logistic regression predicting Willingness to divorce: Three models with different indexes of social distancing	146
Table 16	Accuracy, Specificity, Sensitivity, and Cut-off point of each model.....	146
Tabela 17	Regressões lineares múltiplas com índices de distanciamento social como preditores de qualidade conjugal e de mudanças autodeclaradas durante a pandemia.....	168
Tabela 18	Efeitos moderadores significativos sobre a relação entre vontade de separação e tempo de distanciamento social	169

Lista de figuras

Figura 1 - Percentual de brasileiros responsáveis por domicílios, vivendo em união conjugal em 2019.....	20
Figura 2 - Número de divórcios entre 2015 e 2019, por tempo de casamento.	59
Figura 3 - Modelo do Ciclo Vital Conjugal	60
Figura 4 - Gráficos das médias marginais estimadas comparando as fases do ciclo vital conjugal quanto à Qualidade conjugal, Frequência de conflitos e Intensidade dos conflitos..	97
Figura 5 - Sexo como moderador da relação entre a Frequência de conflitos e a Qualidade conjugal nas quatro fases do ciclo vital conjugal.....	98
Figura 6 - Sexo como moderador da relação entre Intensidade de conflitos e Qualidade conjugal nas quatro fases do ciclo vital conjugal.....	99
Figura 7 - Gráficos das médias marginais estimadas com fases do Ciclo Vital Conjugal e sexo predizendo Estratégias de enfrentamento de conflitos	100
Figura 8 - Modelos de Actor and Partner Independence Model (APIM) testados no presente estudo	125
Figura 9 - Gráficos de médias marginais estimadas demonstrando a evolução da Qualidade conjugal (GRIMS) e das Estratégias de resolução de conflitos entre 2010 e 2023.	126
Figura 10 - Gráficos dos efeitos moderadores significativos sobre a relação entre vontade de Separação e tempo de distanciamento social	170

Resumo

Estudos brasileiros sobre a vida conjugal normalmente não consideram o momento evolutivo do casal ou se baseiam em modelos de ciclo vital elaborados a partir da vivência de famílias de outras culturas. Essa tese teve como objetivo investigar a qualidade conjugal, os conflitos, as crises e as estratégias de enfrentamento de casais brasileiros a partir de um modelo de ciclo vital conjugal distinto do ciclo vital familiar. Realizamos um mapeamento da configuração familiar de casais brasileiros a partir da PNAD e apresentamos uma proposta de modelo de ciclo vital conjugal. Testamos o modelo a partir de um estudo transversal e outro longitudinal e comprovamos que o modelo proposto descreve adequadamente diferentes etapas da vida conjugal de casais brasileiros. Além disso, investigamos como as crises enfrentadas por casais ao longo da vida podem afetar a conjugalidade, através de dois estudos desenvolvidos durante a pandemia de Covid-19. Os resultados da tese demonstraram uma grande prevalência de arranjos conjugais no Brasil e uma diversidade de configurações familiares. Os estudos realizados a partir do modelo de ciclo vital conjugal proposto indicaram que a qualidade conjugal estabelecida no início da relação (Fase de formação) pode ser fundamental para as fases seguintes. Além disso, verificamos que o confinamento dos casais em casa durante a pandemia não necessariamente criou problemas conjugais, mas possivelmente amplificou dificuldades pré-existentes. A proposta de um modelo de ciclo vital conjugal adequado à realidade brasileira, revelou a importância dos estudos sobre a conjugalidade em nosso contexto a partir dessa ótica evolutiva.

Palavras-chave: Conjugalidade; Ciclo vital; Qualidade conjugal; Conflitos conjugais.

Abstract

Brazilian studies on marital life usually do not consider the couple's evolutionary moment or are based on life cycle models drawn from families' experiences from other cultures. This thesis aims to investigate Brazilian couples' marital quality, conflicts, crises, and coping strategies based on a marital life cycle model distinct from the family life cycle. We mapped the family configuration of Brazilian couples based on the PNAD and presented a proposal for a marital life cycle model. We tested the model based on a cross-sectional and a longitudinal study, which indicated that the proposed model adequately describes different stages of the marital life of Brazilian couples. Furthermore, we investigated how the crises faced by couples throughout their lives can affect conjugality through two studies carried out during the COVID-19 pandemic. The thesis results demonstrated a high prevalence of marital arrangements in Brazil and a diversity of family configurations. Studies based on the proposed marital life cycle model indicated that the marital quality established at the beginning of the relationship (formation phase) can be fundamental for the following phases. Furthermore, we found that the confinement of couples at home during the pandemic did not necessarily create marital problems but possibly amplified pre-existing difficulties. The proposal for a marital life cycle model suitable for the Brazilian reality revealed the importance of studies on conjugality in our context from this evolutionary perspective.

Keywords: Conjugality; Life cycle; Marital quality; Marital conflicts.

1. Apresentação

A dinâmica da vida conjugal é atravessada por variáveis individuais e contextuais que se modificam ao longo do ciclo vital. Sendo assim, para entender a dinâmica que o casal estabelece é necessário considerar os diversos desafios enfrentados ao longo dos anos, assim como os recursos e habilidades que vão desenvolvendo nas diferentes etapas evolutivas. Frente a isso, neste estudo defende-se a importância de compreender separadamente as etapas do ciclo vital conjugal daquelas descritas na literatura como sendo do ciclo vital familiar. Ademais, sustenta-se que cada cultura tem as suas peculiaridades, e que os estudos da conjugalidade dos brasileiros utilizam com muita frequência teorias formuladas para populações de culturas e realidades muito diferentes, o que pode gerar equívocos e/ou desconsiderar algumas peculiaridades em termos de configuração e estrutura dos núcleos familiares e conjugais do país.

Diante disso, a presente tese teve como objetivo geral investigar a qualidade conjugal, os conflitos, as crises e as estratégias de enfrentamento de casais brasileiros a partir de um modelo de ciclo vital conjugal distinto do ciclo vital familiar e adequado à realidade de nossa população. Para isso, os objetivos específicos foram:

- a. Mapear as configurações familiares de casais brasileiros e os fatores que podem influenciar a estrutura de funcionamento desses casais.
- b. Propor um modelo de ciclo vital conjugal que seja fundamentado em dados da nossa população e que contemple as diferentes configurações familiares dos casais brasileiros.
- c. Testar o modelo proposto, investigando a qualidade conjugal, os conflitos, e as estratégias de enfrentamento de casais brasileiros em diferentes fases do ciclo vital conjugal.
- d. Analisar longitudinalmente a trajetória da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos na vivência de casais brasileiros, assim como

a influência dessas estratégias sobre a qualidade conjugal percebida ao longo do tempo.

- e. Verificar alterações na qualidade conjugal e fatores de proteção do relacionamento diante de crises que podem surgir ao longo da vida conjugal.

Para cumprir com esses objetivos, esse trabalho apresenta dois capítulos e quatro artigos, utilizando diferentes amostras da população brasileira. O primeiro capítulo apresenta um mapeamento da configuração e da estrutura familiar de casais brasileiros, realizado a partir da análise de dados oficiais da PNAD Contínua. O segundo capítulo propõe um modelo de ciclo vital conjugal com quatro fases, que visa contemplar a diversidade de configurações evidenciadas no estudo anterior. Esse modelo foi testado e apresentamos em dois artigos. O primeiro é um estudo transversal que investiga como a qualidade conjugal e os conflitos que se apresentam nas diferentes fases do ciclo vital conjugal de uma amostra de 1246 brasileiros de todas as regiões do país. O segundo artigo investiga longitudinalmente a trajetória da qualidade conjugal, das estratégias de enfrentamento e a relação entre essas variáveis, em um intervalo de 13 anos de vida a dois de 85 gaúchos, com dados de 24 díades incluídas nas análises diádicas.

Os dois últimos artigos exploram uma das nuances que a dinâmica do tempo pode trazer à vida conjugal: momentos de crise. Durante a produção desse trabalho a pandemia de COVID-19 se instaurou e suas consequências tinham o potencial de afetar a vida conjugal, em especial o isolamento social, que confinou casais e famílias no ambiente doméstico por longos períodos. Coletamos dados de 1121 brasileiros durante a pandemia e o terceiro artigo apresenta um estudo que investiga a relação entre os níveis de confinamento do casal em casa, alterações na qualidade da relação e vontade de separação. O último artigo utiliza parte da amostra anterior para investigar o papel preditor do distanciamento social na qualidade conjugal e o papel moderador de variáveis individuais, contextuais, e relacionais na interação entre tempo de

distanciamento social e desejo pela separação, revelando fatores de proteção da conjugalidade em momentos de crise.

Além de reunir a literatura clássica e os estudos empíricos mais recentes sobre a conjugalidade para cumprir seus objetivos, essa tese celebra os 30 anos de pesquisa do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares e da professora Adriana Wagner. Dados de muitos dos trabalhos realizados nesse período fizeram parte dessa tese, demonstrando a relevância desse grupo, que muito contribuiu para o estado da arte sobre a vida conjugal na realidade brasileira. Além dos artigos empíricos produzidos, esse trabalho se propõe a ser o ponto de partida para a produção de um livro sobre o ciclo vital de casais brasileiros, que poderá subsidiar a prática clínica, assim como contribuir para futuras pesquisas sobre a conjugalidade.

2. Configuração e estrutura familiar dos casais brasileiros: um mapeamento a partir da PNAD Contínua

Resumo

No Brasil, o estudo das relações conjugais tem se limitado a amostras pequenas ou regionalizadas. Como consequência, não existem pesquisas a respeito da configuração e da estrutura familiar, que estejam fundamentados em dados populacionais e que possam ser um retrato abrangente da conjugalidade vivenciada no país. O presente estudo teve como objetivo mapear as configurações familiares de casais brasileiros e os fatores que podem influenciar a estrutura familiar desses casais. Para isso, realizou-se uma análise exploratória e descritiva dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do primeiro trimestre de 2019, com informações de 553.308 pessoas de todas as unidades federativas, residentes de 187.872 domicílios. No total, 62,5% desses domicílios tinham o par conjugal como responsável pela família, os quais foram selecionados como amostra para a análise de dados (N=400.680). Os dados permitiram estimar a configuração familiar de aproximadamente 48,3 milhões de casais. Os resultados revelaram que mais da metade da população brasileira maior de dezoito anos vive em situação conjugal (56,4%) e que há uma grande diversidade de configurações familiares no país. Descreve-se essas configurações e alguns fatores que podem influenciar a estrutura de funcionamento desses casais, como renda, escolaridade e idade dos cônjuges. Discute-se também fenômenos que se destacaram, como os casais sem filhos (12,8 milhões de casais), os casais que cuidam de netos (3 milhões), de pais ou avós (mais de um milhão), a convivência com enteados (5 milhões de casais), com a geração *nem-nem* (4 milhões), com a geração canguru (4,7 milhões de casais) e os casais homoafetivos (196 mil). Conclui-se sublinhando a importância desses resultados para a elaboração de estudos e intervenções com foco na conjugalidade.

Em um país de dimensões continentais como o Brasil e com recursos escassos para a produção científica, o estudo das relações conjugais tem se limitado a amostras pequenas ou regionalizadas. Um dos primeiros estudos sobre o ciclo vital da família brasileira contou com 1500 famílias paulistas (Cervený & Berthoud, 2009). Outro estudo, com 750 casais gaúchos, originou um dos únicos programas psicoeducativos brasileiros para casais (Wagner et al., 2022). Até o presente momento não existem pesquisas abrangentes a respeito da configuração e da estrutura familiar dos casais brasileiros, que estejam fundamentados em dados populacionais.

A Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD Contínua, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019b) é coletada nacionalmente desde janeiro de 2012 e tem por objetivo monitorar as condições de trabalho e renda da população brasileira, associando características demográficas e de educação, o que permite também produzir informações sobre trabalho infantil, migração, fecundidade, características da habitação, entre outras (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018). Para obter tais informações são coletados trimestralmente dados de todos os moradores de cerca de 211.000 domicílios em todos os Estados brasileiros. O presente estudo se propôs a utilizar esses dados para mapear a configuração familiar e fatores que podem contribuir para a estrutura familiar dos casais brasileiros.

O conceito de configuração familiar diz respeito aos elementos que compõem o núcleo familiar, enquanto estrutura familiar refere-se à maneira como esses membros se organizam, ou seja, as regras que governam as interações entre seus membros (Wagner, 2009). Enquanto uma família tradicional formada por um casal e um filho tem em sua configuração três membros: o pai, a mãe e o filho, a estrutura familiar não é tão fácil de identificar. Seria necessário avaliar como são tomadas as decisões, a quem o filho recorre quando precisa de ajuda, entre outras interações. Regras invisíveis e muitas vezes não explicitadas governam as relações familiares entre seus membros e com o mundo à sua volta.

A família contemporânea tem apresentado mudanças no que se refere à sua configuração e estrutura. O modelo clássico, representado pela configuração nuclear intacta de primeiro casamento (pai, mãe e filhos), é apenas um dos inúmeros modelos da atualidade. Com isso, a própria definição de família tem se modificado, estando menos atrelada aos laços de consanguinidade e cada vez mais relacionada aos laços afetivos. Como resultado disso, a configuração familiar se amplificou e diversificaram-se as variáveis que definem tal conceito.

Têm se tornado cada vez mais comuns arranjos familiares que, há algum tempo, poderiam ser vistos como exceções ou como desviantes. Sabe-se, por exemplo, que as teorias do ciclo vital costumam pautar o desenvolvimento da família a partir do nascimento e crescimento dos filhos (McGoldrick et al., 2015). Entretanto, os dados de registro civil no Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020) comprovam que as pessoas estão adiando cada vez mais a maternidade e tendo poucos filhos. Isso aumenta o tempo em que o casal permanece sozinho antes de se tornarem pais, acelerando também a fase do ninho vazio (Fonseca et al., 2022; Hiedemann et al., 1998; Papp, 2017; Zhang et al., 2020). Além disso, é comum que essas teorias deixem de contemplar os casais que não têm filhos, seja por opção ou infertilidade (Araújo & Gonçalves, 2019; Caetano et al., 2016; Silva & Frizzo, 2014).

Outros fenômenos conhecidos das configurações familiares, e que podem gerar desafios para a conjugalidade, são os casais que cuidam dos pais quando estão mais velhos (Ron, 2016; Silveira Marzola et al., 2020), os avós que assumem permanentemente o cuidado de netos (Bragato, 2020; Mainetti & Wanderbroocke, 2013) e os casais que residem com enteados, fenômeno crescente e que traz desafios tanto para o casal quanto para os filhos que os cônjuges trazem para a nova relação (Dantas et al., 2019; Féres-Carneiro et al., 2018; Piovanotti & Duque, 2018). Tais fenômenos são conhecidos, porém sua prevalência entre os casais brasileiros é ainda incógnita.

Para os casais que exercem função parental de jovens e adultos, os fenômenos da geração *nem-nem* e da geração canguru têm sido foco de diversos estudos nacionais (Queiroz & Pereira, 2022; Silva, 2016) e internacionais (Bulanova et al., 2020; Tamesberger & Bacher, 2014). A geração *nem-nem* engloba os jovens entre 15 e 29 anos que “*nem* trabalham, *nem* estudam”. O termo *nem-nem* termo é originário da literatura internacional, utiliza a sigla NEET (*Neither in Employment, Education or Training*), que em tradução livre significa: Nem em emprego, nem em educação ou treinamento. O termo tem sido contestado por alguns estudiosos no Brasil, pois possibilita a estigmatização dos jovens que não estão nessa situação por vontade própria (Silva, 2016). A maioria dos estudos focados nesses jovens discute a situação de vulnerabilidade econômica e social dos mesmos (Queiroz & Pereira, 2022) e as possíveis ações públicas que podem contribuir para tirar os jovens dessa situação (Bulanova et al., 2020). Entretanto, não há estudos brasileiros que explorem os desafios conjugais dos pais da geração *nem-nem*, tampouco se conhece o número de casais que residem com estes jovens no país.

Essa é a realidade também dos estudos sobre a geração canguru, que se refere a adultos entre 25 e 34 anos que ainda residem com os pais. Esse fenômeno tem sido estudado no Brasil e há questionamentos se essa seria uma nova fase normativa do ciclo vital familiar (Vieira & Rava, 2010). Ao contrário dos jovens da geração *nem-nem*, os da geração canguru não são necessariamente dependentes dos pais. Muitos deles trabalham e poderiam se manter de forma independente, mas por diversos fatores optam por permanecer residindo com os pais. Muitas vezes essa permanência é incentivada pelos próprios genitores (Muller, 2018; Vieira & Rava, 2010). Este tema é ainda pouco explorado na literatura, principalmente com foco na conjugalidade dos progenitores destes jovens.

Outro fenômeno da vida a dois que merece atenção é a conjugalidade homoafetiva, que tem crescido a cada ano no país (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020) e tem suas peculiaridades em relação à conjugalidade hetero, entre elas os estressores advindos da

discriminação e do preconceito, que podem afetar a vida desses casais (de Brito Silva et al., 2023; Stewart et al., 2019). Os arranjos conjugais homoafetivos são foco de diversos estudos (de Brito Silva et al., 2023; Gusberti et al., 2019; Lomando et al., 2011; Teles, 2022; Velasco & Hurtado, 2020), mas não há dados abrangentes sobre o real número de casais homoafetivos à frente de domicílios brasileiros, nem sobre as configurações familiares destes casais. Tais informações podem ser úteis para futuros estudos e para a elaboração de políticas públicas voltadas para esta população.

No que se refere às regras que governam as interações familiares, sabe-se que somente a partir de informações sobre o funcionamento da família é possível inferir sua estrutura, o que não é contemplado pelos dados da PNAD Contínua. Entretanto, estudos pioneiros sobre a estrutura familiar já demonstravam que diversos fatores relacionados aos recursos pessoais de cada cônjuge influenciam o funcionamento conjugal (Blood & Wolfe, 1960). Isso tem sido confirmado em estudos mais recentes que verificaram a influência da renda dos cônjuges (Klesment & van Bavel, 2022), do nível educacional (Osei-Tutu & Ampadu, 2018) e da idade de cada um (Pyke & Adams, 2010) sobre a dinâmica das relações conjugais. Não há estudos no país mapeando tais diferenças individuais que influenciam o relacionamento conjugal, algo que, certamente, contribuiria muito com o corpo de pesquisas da área.

O presente trabalho teve como objetivo explorar a configuração familiar e fatores que podem influenciar a estrutura de funcionamento dos casais brasileiros, através de uma amostra nacionalmente significativa, utilizando dados da PNAD Contínua.

Método

Realizou-se uma análise exploratória e descritiva dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do primeiro trimestre de 2019, disponibilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019b). Optou-se por analisar os dados do ano de 2019 por ser o último ano que antecedeu à pandemia de Covid-19.

A pandemia pode ter provocado alterações na configuração e na estrutura de muitas famílias, o que poderia se tornar, portanto, um viés importante para as análises.

Os dados da PNAD Contínua são coletados trimestralmente pelo IBGE e têm por objetivo acompanhar a evolução da força de trabalho e de outras informações sobre o desenvolvimento socioeconômico do país. A unidade de investigação da pesquisa é o domicílio e são coletadas informações demográficas de todos os residentes de cada unidade, como idade, função no domicílio, escolaridade, renda e situação de estudo e trabalho.

Participantes

O banco de dados utilizado contou com informações de 553.308 pessoas de todos os estados brasileiros e o Distrito Federal, residentes de 187.872 domicílios, dos quais 62,5% tinham o par conjugal como responsável pela família. O critério de inclusão foi que o domicílio tivesse um casal como responsável, portanto foram incluídas 117.475 famílias neste estudo, totalizando 400.680 pessoas. Dados descritivos desta amostra estão disponíveis na Tabela 1.

Tabela 1
Caracterização da amostra

Característica	n	%	M (SD)	Mín – Máx
Sexo				
Masculino	204.798	51		
Feminino	195.882	49		
Total	400680	100		
Idade			34,02 (20,95)	0-107
Escolaridade				
Menos de 1 ano de estudo	30.044	7,5		
Fundamental incompleto	148.931	37,2		
Fundamental completo	30.089	7,5		
Médio incompleto	25.677	6,4		
Médio completo	83.820	20,9		
Superior incompleto	14.646	3,6		
Superior completo	39.218	9,8		
Menores de 5 anos de idade	28.255	7,0		
Renda pessoal (R\$)			2.133,80 (3.370,66)	4,00- 250.000,00
Renda familiar (R\$)			2.967,59 (5.030,80)	0,00- 250.000,00
Classe social				
Classe A	1.728	1,5		

Classe B	4.495	3,8	
Classe C	19.705	16,8	
Classe D	28.254	24,0	
Classe E	63.293	53,9	
Casais			
Total	117475	100	
Casais Heterossexuais	117088	99,7	
Casais Homoafetivos	387	0,3	
Casais com filhos morando junto	79449	67,6	
Casais sem filhos morando junto	38026	32,4	
Filhos/Enteados			
Total	140471		
Quantidade de filhos		1,77 (0,97)	1-12
Idade (anos)		14,37 (9,94)	0-72

Notas. n= quantidade. % = porcentagem. M(SD) = Média (Desvio padrão). Mín-Máx = Valor mínimo e máximo. Classe Social: Calculado a partir da renda familiar total. Classe A = Mais de 20 salários-mínimos, Classe B = Entre 10 e 20 salários-mínimos. Classe C = Entre 4 e 10 salários-mínimos, Classe D = Entre 2 e 4 salários-mínimos, Classe E = até 2 salários-mínimos.

Variáveis

As variáveis da PNAD Contínua utilizadas foram: Condição no domicílio (Variável V2005, que compreende a posição da pessoa no arranjo familiar, como por exemplo, pessoa responsável pelo domicílio, cônjuge de sexo diferente, cônjuge do mesmo sexo, filho, enteado, entre outros); sexo (V2007); idade (V2009); frequenta a escola (V3002), nível de instrução mais elevado (VD3004); anos de estudo (VD3005), rendimento mensal habitual (VD4019);

Um conceito importante ao analisar estes dados é o de “Responsável pelo Domicílio”, que se refere à pessoa reconhecida pelos outros residentes como a referência. Até a década de 1990 essa pessoa era denominada como “chefe do domicílio”, ou “chefe de família”, pelo IBGE. O responsável pelo domicílio, portanto, pode se referir à estrutura familiar, indicando uma figura de poder e autoridade, ou aquele que sustenta financeiramente. Os dados apresentados neste estudo partem da análise dos domicílios onde um dos cônjuges foi considerado pelos demais residentes como responsável pelo domicílio.

Ao ler este trabalho é preciso considerar, portanto, que o número de casais reportado é referente aos casais responsáveis pelos domicílios, pois não é possível com os dados verificar

a existência de outros casais no mesmo domicílio. Além disso, quando se cita ‘casais sem filhos’, refere-se àqueles que não residem com filhos. Essa categoria inclui, assim, os casais que não possuem filhos e aqueles que não moram com seus filhos, como por exemplo os casais que já passaram pela fase do ninho vazio.

Procedimentos de Análise dos dados

Para explorar a configuração familiar, inicialmente os casais foram divididos em duas grandes categorias: os casais que não residiam com filhos/enteados e os casais que residiam com filhos/enteados. Posteriormente, explorou-se dentro dessas duas categorias as configurações familiares existentes, considerando a existência ou não de outros moradores na residência. Para inferir alguns aspectos da estrutura familiar utilizou-se, além da condição na família, os dados descritivos referente ao nível de escolaridade, trabalho e renda de cada morador do domicílio.

Os dados da PNAD Contínua são coletados por amostragem probabilística, o que permite fazer projeções populacionais com intervalo de confiança de 99%. Assim, os números apresentados são as estimativas populacionais de cada categoria explorada.

Os dados foram analisados através do Software R versão 4.2.0 (R Core Team, 2023a). Os dados da PNAD Contínua foram obtidos através do pacote PNADcIBGE versão 0.7.0 (Braga & Assuncao, 2021). As análises das estimativas populacionais foram realizadas utilizando-se o pacote *survey* versão 4.0 (Lumley, 2020).

Transparência de dados

O autor disponibiliza o código das análises mediante solicitação.

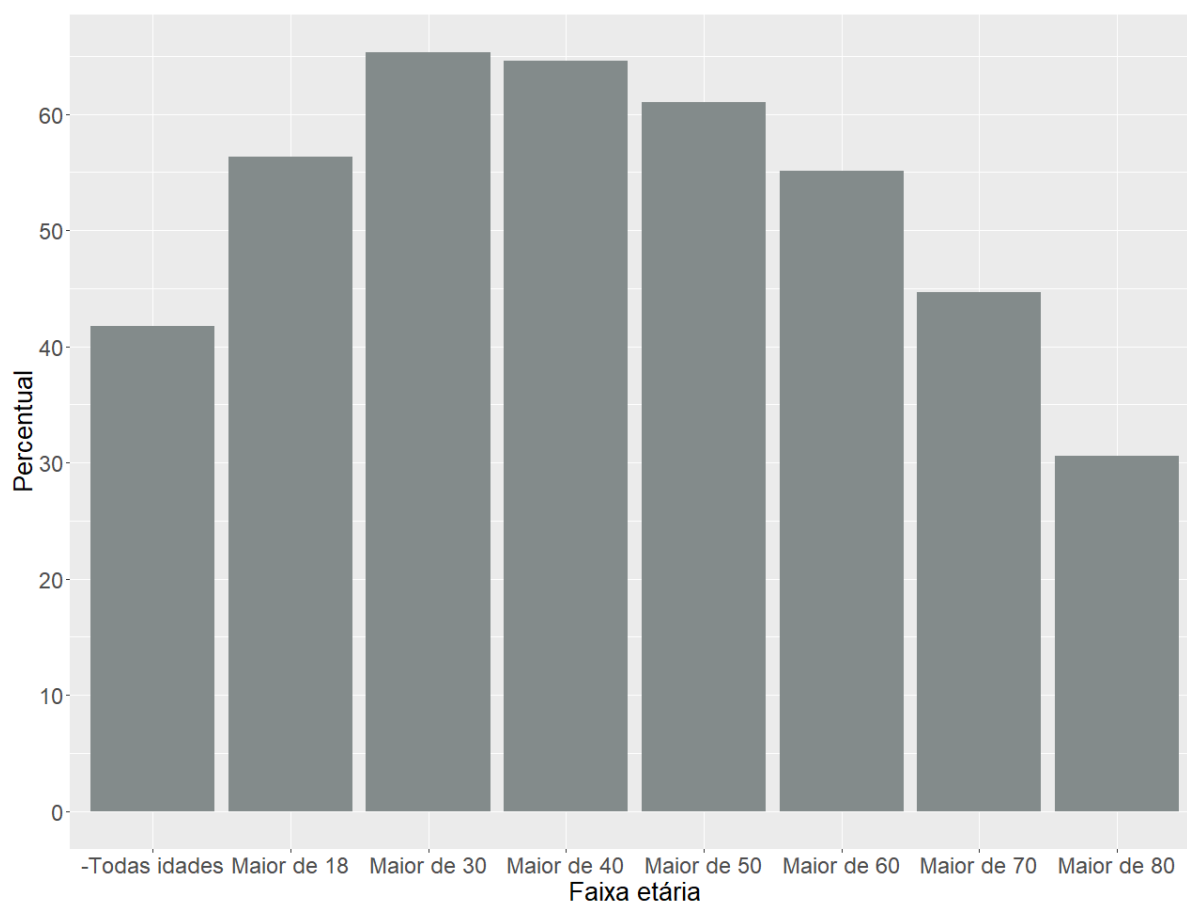
Resultados

Configuração familiar dos casais brasileiros

De acordo com os dados, estima-se que 41,7% da população brasileira (N= 87.660.222) vivia com companheiro amoroso no primeiro trimestre de 2019, existindo cerca de 43,8

milhões de casais responsáveis por domicílios no país (N= 43.830.110). A Figura 1 ilustra o percentual de brasileiros responsáveis por domicílios vivendo em união conjugal, por faixa etária. Entre os maiores de 18 anos de idade, 56,4% viviam em situação conjugal, percentual que ultrapassa 60% entre 30 e 50 anos. Um percentual inferior a 50% da população vivendo em união conjugal é observado somente a partir dos 70 anos de idade. A idade dos cônjuges era, em média, 45 anos (SE[Standard error, Erro padrão]=0,034), sendo que a média de idade dos homens (M=46,7, SE=0,036) era maior do que a das mulheres (M=43,4; SE=0,037).

Figura 1
Percentual de brasileiros responsáveis por domicílios, vivendo em união conjugal em 2019



Casais sem filhos na residência

Nessa primeira grande categoria considerou-se os casais que não residiam com filhos. Este grupo representava 29,3% do total de casais do país, ou seja, 12,8 milhões de casais (SE=93.515). Nesta categoria foram identificadas as seguintes configurações familiares:

Casais morando sozinhos. Esta é a configuração que representa a maioria (87,8%) dos casais sem filhos. Pelas estimativas, 11,3 milhões de casais residiam sozinhos no país (SE=88.231), o que equivale a 25,7% do total de casais brasileiros. A idade dos cônjuges era em média 49,6 anos (SE=0,13; Homens = 51,06; Mulheres = 48,15).

Casais sem filhos + pais/avós dos cônjuges. Estima-se que 2,7% dos casais sem filhos viviam em alguma configuração familiar que incluía pais ou avós residindo junto (N=350.969; SE=15.445,6), sendo que 78,8% destes casais não tinham outras pessoas residindo no domicílio, além do casal e os pais/avós. A idade destas pessoas que moravam com os casais era, em média, 73,6 anos (SE=0.59), sendo 77,1% do sexo feminino.

Casais sem filhos + netos/bisnetos. Outra configuração encontrada na realidade dos casais brasileiros é a existência de netos ou bisnetos morando com o par conjugal. Estima-se que, entre todas as configurações analisadas, aproximadamente 3,05 milhões de casais (7% do total, SE= 43.508,7) possuíam pelo menos um neto residindo junto. Deste total, 24,3% (N=741.649, SE=20.283,67) possuíam apenas netos/bisnetos na configuração, ou seja, morava na residência apenas o casal com os netos/bisnetos. A idade dos netos/bisnetos que residiam com estes casais era em média 13,7 anos (SE=0.16), e 58,1% eram do sexo masculino.

Casais sem filhos + outros membros. Nesta subcategoria reuniu-se irmãos, genros/noras, outros parentes, agregados (não parentes que não compartilham despesas) e conviventes (não parentes que compartilham despesas). Estima-se que 4,1% dos casais que não residiam com filhos viviam nesta configuração (N=529.919, SE=17.958), sendo que 21,3% deles tinham uma configuração mais complexa, residindo simultaneamente com pais dos cônjuges e outros membros, ou com netos/bisnetos e outros membros.

Casais com filhos

Nesta categoria foram incluídos casais que residiam com filhos da relação atual e enteados, também os casais que residiam com netos, sem a presença de filhos, enteados, ou genros e noras, pressupondo a necessidade da realização de tarefas parentais. Aproximadamente 31,8 milhões de casais ($N=31.786.764$, $SE=99.448,3$), o que equivale a 72,5% do total de casais em 2019, viviam em alguma configuração que exigia funções parentais.

Dentre os filhos, enteados, netos e bisnetos que residiam com estes casais, 46,8% eram crianças ($M=5,4$ anos, $SE=0,012$), 25,4% adolescentes ($M=14,9$ anos, $SE=0,012$) e 27,8% adultos ($M=26,13$ anos, $SE=0,044$). Sobre a ocupação daqueles que possuíam entre 15 e 29 anos e moravam com os casais, 36,7% apenas estudavam, 27,5% apenas trabalhavam, 13,1% trabalhavam e estudavam e 22,6% não estudavam nem trabalhavam. Este grupo que não trabalhava nem estudava somava um total de 4.654.407 ($SE= 62.704,42$) de jovens no primeiro trimestre de 2019, fazendo parte da chamada Geração nem-nem. A idade deles era, em média, 21,3 anos ($SE=0,046$) e 51,7% eram do sexo masculino.

Entre os adultos que residiam com os pais/avós, 5,5 milhões se enquadravam na categoria conhecida como Geração canguru (jovens de 25 a 34 anos que residem com os pais), o que representava 16,1% do total da população nesta faixa etária. Destes, 69,9% apenas trabalhavam, 2,5% apenas estudavam, 11,8% trabalhavam e estudavam e 15,7% ($N=704.901$, $SE=24.113,19$) não trabalhavam nem estudavam. A idade deles era, em média, 28,4 anos ($SE=0,03$) e 59,5% eram do sexo masculino.

No total, 4 milhões de casais ($N=4.003.509$, $SE=51.570$) no país residiam com filhos ou netos da geração nem-nem e 4,7 milhões de casais ($N=4.665.479$, $SE= 49.519,6$) residiam com filhos ou netos da geração canguru.

A categoria “Casais com filhos” foi subdividida em duas subcategorias: Casais com filhos da relação atual e Casais com enteados. Aproximadamente 90,7% dos casais com

filhos/enteados residiam com pelo menos um filho da relação atual (N=28.099.108, SE=102013,5), enquanto 16,2% residiam com pelo menos um enteado (N=5.030.648, SE=61224,2). Nessas duas subcategorias foi possível identificar as seguintes configurações familiares:

Casais com filhos da relação atual

Apenas filhos da relação atual. Neste arranjo familiar estão inseridos os casais que residiam apenas com filhos dos dois cônjuges, excluindo aqueles que possuíam enteados ou outras pessoas morando na mesma residência. Estima-se que esta é a configuração de aproximadamente 22,5 milhões de arranjos conjugais, 51,3% do total de casais no país. Estes casais tinham em média 1,72 filhos (SE=0,006), sendo que 51,5% possuíam apenas um filho residindo junto, 32,6% possuíam dois filhos, 10,9% possuíam três filhos, e os 5% restantes possuíam quatro filhos ou mais. A idade dos filhos era em média 12,99 anos (SE = 0,04) e a idade dos pais era em média 42,12 anos (SE= 0,06), sendo a média de idade dos homens (M=43,9, SE=0,07) maior do que a das mulheres (M=40,3, SE=0,06).

Filhos da relação atual + pais/avós dos cônjuges. Nesta configuração estão incluídos casais que possuem filhos da relação atual residindo junto, além de pelo menos um dos pais ou avós dos cônjuges. Aproximadamente 730 mil casais do país viviam nesta configuração (N=732841, SE=25746), o que equivale a 3,3% dos casais que residem com filhos da atual relação. Destes, 81,8% (N=599361, SE=23038) possuíam apenas filhos e pais/avós na configuração. O restante possuía uma configuração mais complexa, com outros membros envolvidos. A idade dos pais/avós era, em média 71,8 anos (SE=0,39), 75,7% eram mulheres e 2,8% eram avós de um dos cônjuges.

Filhos da relação atual + netos/bisnetos. Estima-se que aproximadamente 1,8 milhão de casais residiam com filhos da relação atual e pelo menos um neto/bisneto. Isso equivale a

6,5% dos casais que possuem filhos da relação atual. A idade destes netos/bisnetos era, em média, 8 anos (SE=0.13) e 51,9% eram do sexo feminino.

Filhos da relação atual + genros/noras. Aproximadamente 900 mil casais brasileiros possuíam genros ou noras morando na mesma casa (N=894.620, SE=26.065,3). Destes, 28,9% (N=258.980 SE=13.904) tinham na configuração apenas filhos da relação atual e genros/noras. Para 46,1% deles (N=412.861, SE=17.810) a configuração incluía também netos. A idade dos genros/noras que viviam com os casais era, em média, 27,28 anos (SE=0.22) e a maioria (57,2%) eram do sexo feminino.

Filhos da relação atual + outros membros. Nesta subcategoria foram reunidos irmãos dos cônjuges, outros parentes, agregados (não parentes que não compartilham despesas) e conviventes (não parentes que compartilham despesas). Em 2019, em torno de 1,6 milhão de casais residiam junto com estas pessoas (N=1.616.019, SE=36.713.9), o que representa 3,7% do total de casais. Destes, aproximadamente 660 mil possuíam na configuração apenas filhos da relação atual e pessoas da categoria “outros membros” (N=663.548, SE=22.755,65).

Casais com enteados

Estima-se que existiam em torno de 7,3 milhões de pessoas na condição de enteados, morando com os casais em 2019. A idade deles era, em média, 15,5 anos (SE=0,10) e 53,4% eram do sexo masculino. No total, eram 5,03 milhões (SE= 61224,2) de casais no país com pelo menos um enteado na configuração familiar, 11,5% do total de casais. As seguintes configurações familiares foram identificadas dentro desta subcategoria:

Apenas enteados. Em torno de 46,5% (2,34 milhões, SE= 44612,4) dos casais com enteados possuíam apenas o casal e enteados na configuração, ou seja, não possuíam filhos da relação atual ou outros parentes morando na mesma residência.

Enteados + filhos da relação atual. Aproximadamente 2,14 milhões de casais (42,6% dos casais com enteados) residiam simultaneamente com filhos da relação atual e enteados,

sendo que destes, 87,9% não possuíam outras pessoas na residência. O restante possuía, além de filhos e enteados, outros membros na configuração.

Enteados + outros membros. Do total de casais com enteados, 5,7% residiam simultaneamente com netos ou bisnetos, 2,3% com os pais ou avós de um dos cônjuges, 1% com genros ou noras, 3,9% residiam com outros membros, e em 3,2% dos casos os casais tinham uma configuração ainda mais complexa, residindo simultaneamente com enteados e pessoas de mais de uma dessas categorias.

Casais homoafetivos

Os casais homoafetivos foram incluídos em todas as estatísticas apresentadas anteriormente, mas serão objeto de uma análise exploratória nesta seção.

Os dados da PNAD Contínua permitiram estimar que existiam cerca de 196 mil casais homoafetivos encabeçando domicílios brasileiros em 2019 (N=195.939, SE= 14.144), o que representa 0,4% do total de casais responsáveis por domicílios no país. A maioria destes casais (57%) era formada por cônjuges do sexo feminino. A idade dos cônjuges era em média 35 anos (SE= 0,68), sendo que os cônjuges do sexo feminino eram em média um pouco mais jovens (M=34,8, SE= 1,02) do que os do sexo masculino (M=35,3, SE=0,85).

A configuração mais comum entre os casais homoafetivos (69,3%) é a do casal morando sozinho. Cerca de 2,6% (N=4.243 SE=1.309) tinham na configuração apenas o casal e filhos da relação atual, enquanto 16% (N=31.369, SE=4.828,5) residiam apenas com enteados. Aproximadamente 1,6% (N=3.048 SE=2.129,4) possuíam netos ou bisnetos na configuração, 3,7% (N=7.184, SE=2.356,9) tinham pais de pelo menos um dos cônjuges residindo junto e 7,7% (N=15.001, SE=3.340,1) residiam com outros parentes, agregados ou conviventes.

Fatores que podem contribuir para a estrutura familiar

A análise dos fatores que contribuem para a estrutura familiar incluiu apenas os casais heterossexuais. Devido à natureza dos dados, esses fatores foram explorados a partir das

diferenças de gênero na relação conjugal. A análise dessas variáveis nos casais homossexuais seria mais difícil com os mesmos dados e exigiria outra abordagem, que vai além do proposto no presente estudo.

Renda

O homem possuía renda maior do que a da mulher em 57,7% dos casais (N= 25.194.146, SE=110.445,89). Além disso, em 34,7% dos domicílios com casais o homem possuía renda e a mulher não possuía renda alguma (N= 15.173.040, SE=97.260,12). A situação contrária ocorria em apenas 6,6% dos domicílios com casais (N= 2.893.898, SE=49.613,17). Em cerca de 20,8% dos domicílios, (N= 9.056.321, SE=89920,37) os dois cônjuges informaram renda habitual igual a zero.

A renda média dos maridos, nos casais em que o homem ganhava mais, era de R\$2674,15 (SE=23,03) e a das mulheres era R\$336,06 (SE=3,85). Quando a mulher ganhava mais, a renda média delas era de R\$2508,40 (SE=33,73) e a deles R\$611,42 (SE=8,74).

Escolaridade

As mulheres possuíam mais tempo de estudo do que os homens em 39,5% dos casais (N=17.225.998, SE=96.128,69). Em 23,4% dos domicílios com casais, o homem tinha estudado mais tempo (N= 10.211.314, SE=84.912,71) e ambos tinham o mesmo tempo de estudo em 37,1% dos casais (N= 16.235.029, SE=109.014,69). Nos dados, os anos de estudo são registrados de “zero” até “dezesseis ou mais”, que foi transformado no número dezesseis para os cálculos desse estudo. Em média, as esposas tinham 9,47 (SE=0,03) anos de estudo, enquanto os maridos tinham estudado em média 8,65 (SE=0,03) anos. Sobre o nível de escolaridade, 25,1% dos maridos tinham completado o ensino médio (N=10.963.987, SE=90.269,03) e 12,8% tinham ensino superior completo (N=5.568.720, SE=98.454,25). Por outro lado, 28,3% das esposas tinham o ensino médio completo (N=12.341.335, SE=95.720,98) e 16,6% tinham completado o ensino superior (N=7.257.410, SE=101.709,83).

Idade

Em 71,1% das díades a mulher era mais jovem do que o homem (N=31.061.977, SE=105.893,31) e em 21,9% a mulher era mais velha (N=9.555.680, SE=81.382,57). Nos casais em que a mulher era mais jovem, a idade dos maridos era, em média, 50,77 anos (SE=0,081) e a idade das esposas 44,4 anos (SE=0,081), uma diferença média de 6,35 anos entre os maridos e as esposas. Nos casais em que as esposas eram mais velhas, a diferença era em média 4,79 anos, sendo a média de idade delas 48,54 anos (SE = 0,118) e a deles 43,74 anos (SE = 0,115).

Na realidade de 40,6% dos casais brasileiros, o homem era mais velho e possuía renda maior que a mulher (N=17.742.590, SE=98.716,06). Em 24,7% de todos os domicílios com casais, o homem era mais velho e a mulher não possuía renda alguma (N=10.766.622, SE=86.027,39). Quando analisados em conjunto a idade, a renda e a escolaridade, os homens eram mais velhos, possuíam renda maior e tinham maior nível educacional que as esposas em 10,2% dos domicílios com casais (N= 4.438.438, SE=56.321,18). Por outro lado, é maior o número de domicílios em que o homem é mais velho, possui renda maior que a esposa, mas é ela quem possui um nível educacional mais alto (15,7%, N= 6.859.805, SE=68.944,99).

Discussão dos resultados

Este trabalho forneceu uma visão ampla dos arranjos conjugais brasileiros, baseada em dados oficiais, com alto grau de confiança. Não havia, até o momento, um panorama que mapeasse tais configurações e possibilitasse nortear reflexões sobre a conjugalidade brasileira em termos de sua estrutura. Nesta seção os resultados serão discutidos agrupando, quando possível, características relevantes de mais de uma configuração familiar para tratar temas específicos.

Foi possível verificar, através das estimativas deste trabalho, que a vida conjugal é uma escolha de mais da metade da população brasileira maior de 18 anos. Essa também é a realidade de todas as faixas etárias até 60 anos de idade. Somente a partir da faixa dos maiores de 70 esse

percentual diminui para menos de 50%. Isso demonstra que, mesmo com as mudanças em torno dos conceitos de família e de casal na contemporaneidade, a vida a dois continua sendo o caminho escolhido pela maioria da população adulta, o que reforça a relevância dos estudos sobre a vida conjugal.

O grande número de casais no país aponta para a necessidade de iniciativas públicas e privadas com foco na promoção de saúde conjugal, tendo em vista que a qualidade da vida a dois interfere em todo sistema familiar (Walsh, 2016), transborda para a vida dos filhos (Chiari, 2022; Erel & Burman, 1995; Hameister et al., 2015; Patias et al., 2014), influenciando também a saúde mental (Goldfarb & Trudel, 2019) e física (Robards et al., 2012; Robles et al., 2014) dos cônjuges. Além disso, intervenções que promovam qualidade conjugal podem também contribuir para a diminuição dos preocupantes índices de violências que ocorrem no âmbito da vida familiar, como o abuso infantil, a violência contra a mulher e o feminicídio (Silva et al., 2020; Falcke et al., 2017; Teodoro, 2019; Vieira et al., 2020; Yuri et al., 2020).

Entretanto, não existem no país iniciativas do poder público voltadas para a promoção de saúde conjugal e as iniciativas existentes são promovidas por entidades religiosas ou são privilégio de poucos, como por exemplo a terapia de casal, que não é acessível à maior parte da população. Um dos únicos programas psicoeducativos criados e verificados com rigor científico no Brasil é o Programa Viver a Dois (Wagner et al., 2022), que tem como objetivo ajudar os casais a lidar com conflitos, mas sua ampla disseminação dependeria de interesse do poder público em investir na conjugalidade dos brasileiros.

Futuros estudos poderiam elaborar, a partir de dados empíricos, material de educação conjugal por meio de vídeos para TV e redes sociais, por exemplo, e testar a eficácia da exibição deste material na melhora da qualidade conjugal e na diminuição de comportamentos negativos no contexto familiar. Com a eficácia garantida, estas intervenções poderiam despertar

o interesse de gestores públicos, visando a melhora de indicadores sociais através da promoção de saúde conjugal.

Casais sem filhos na residência

Dentre as configurações mapeadas, essa normalmente recebe pouco enfoque nas teorias do ciclo vital familiar e se mostrou bastante relevante na população brasileira. Os referenciais teóricos mais utilizados no estudo com famílias não dão muita ênfase para esse período, como se fosse apenas uma fase transitória e breve do ciclo vital familiar (McGoldrick et al., 2015). Sabe-se que a saúde emocional do par conjugal tem uma grande importância para a estabilidade da família quando os filhos chegam, todavia, essa funcionalidade não deve existir apenas para famílias que terão filhos, mas como um fim em si mesmo para a saúde conjugal. Casais que não residem com filhos representam aproximadamente um em cada três, o que demonstra a importância dessa configuração quando se fala dos arranjos familiares brasileiros.

Em comparação com dados anteriores do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015), análises do presente estudo indicam que o percentual de casais que não residem com filhos tem aumentado gradativamente. Em 2004 eles eram 14,4%, em 2014, 19,9% e demonstrou-se agora um percentual de 29,3% em 2019. Essa tendência pode ser explicada por diversos fatores, entre eles o adiamento da maternidade/paternidade devido à visão de que ter filhos reduz a liberdade e a capacidade de realizar projetos pessoais (Bernardi et al., 2020; Caetano et al., 2016). A média de idade das mães no nascimento dos filhos confirma esse adiamento. Informações das Estatísticas do Registro Civil demonstram que entre 1999 e 2019 aumentou constantemente o número de bebês nascidos de mães entre 30 e 44 anos de idade, enquanto diminuíram as crianças nascidas de mães com até 29 anos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019a).

O adiamento da maternidade/paternidade demonstra que os casais estão passando mais tempo de relacionamento conjugal sem as tarefas parentais, o que pode contribuir tanto para a

realização dos projetos desejados, quanto para a formação de uma conjugalidade sólida antes das demandas parentais. De acordo com as teorias do desenvolvimento familiar, completar essas tarefas antes da chegada dos filhos pode ser importante para a estabilidade conjugal (Fischel, 2018; Ríos-González, 2005).

Contudo, esta configuração não abrange apenas os casais que adiam a maternidade. Pode-se citar aqui os casais que optam por não ter filhos em momento algum da vida, e em muitos casos enfrentam o estigma social e as pressões familiares (Bernardi et al., 2020). Há também aqueles que lidam com a infertilidade e enfrentam consequências psicológicas decorrentes das frustrações por não conseguir engravidar (Araújo & Gonçalves, 2019). Outro grupo incluído aqui são os casais que já passaram pela fase do ninho vazio. Estudos comprovam que neste momento da vida o casal pode experimentar maior proximidade, possivelmente pela diminuição das tarefas parentais (Tracy et al., 2021), embora assuntos relacionados aos filhos continuem sendo tema de conflitos (Papp, 2017). Entretanto, uma revisão da literatura internacional demonstrou que, ao redor do mundo, diversos estudos relacionam sintomas depressivos e ansiosos à fase do ninho vazio (Fonseca et al., 2022). Na China, por exemplo, uma meta-análise com dados de quase 37 mil sujeitos na fase do ninho vazio demonstrou uma prevalência de 38,6% de depressão nessa população. Estimou-se também que idosos na fase do ninho vazio têm duas vezes mais chances de ter depressão em comparação aos permanecem com o ninho cheio (Zhang et al., 2020).

Diante disso, ao se falar de casais que não residem com filhos é necessário pensar nas variações citadas e em outras possíveis, como casais recasados, que não residem com filhos de relações anteriores, mas convivem com eles esporadicamente. Cada uma dessas categorias tem suas especificidades, seus desafios, sendo, portanto, necessários estudos voltados para essa população.

Casais que residem com pais ou avós dos cônjuges

Embora a grande maioria dos casais sem filhos morem sozinhos, foi possível identificar que muitos deles residem com pais ou avós dos cônjuges. Esta é a realidade também de casais em outras configurações. No total, foi possível estimar que cerca de 1,2 milhão de casais tem pais ou avós dos cônjuges morando junto, o que possivelmente acrescenta tarefas de cuidados de idosos no dia a dia destes casais. É sabido que o cuidado dos pais ou dos avós faz parte do ciclo vital da família, e que muitas vezes os filhos assumem essa tarefa quando os pais começam a ficar mais dependentes (Cervený & Berthoud, 2009; McGoldrick et al., 2015). Um estudo brasileiro com 637 idosos com idade média de 72 anos demonstrou que 62% deles tinham algum tipo de dependência para atividades diárias e que a funcionalidade familiar era essencial para a saúde desses idosos (Silveira Marzola et al., 2020). Por funcionalidade familiar, o estudo avaliou a satisfação do respondente com cinco fatores do funcionamento da família: adaptação, desenvolvimento, companheirismo, afetividade e capacidade resolutiva.

As repercussões do cuidado de idosos na vida conjugal são muito pouco estudadas, principalmente no contexto brasileiro, mas alguns estudos internacionais reportam diminuição da satisfação conjugal de pessoas que precisam cuidar dos pais na velhice e que quanto maior a dependência dos idosos, menor a satisfação conjugal (Ron, 2016). Neste mesmo sentido, estudos mostram que as esposas são mais afetadas negativamente neste contexto, pois ficam com maior carga de trabalho, e quanto maior a disparidade na divisão das tarefas, menor a satisfação conjugal (Polenick et al., 2017).

Tanto os casais que precisam cuidar dos idosos quanto os próprios idosos enfrentam desafios psicológicos neste momento (Silveira Marzola et al., 2020). Tendo em vista que, no ciclo vital familiar, é comum que os filhos assumam o cuidado dos pais na velhice e que esse cuidado pode refletir negativamente na vida conjugal, mais estudos são necessários para compreender esse fenômeno na vida dos casais.

Casais que residem com netos e bisnetos

Outra configuração que se destacou nas análises foi a existência de netos/bisnetos morando com muitos casais. Os motivos para isso variam. Um estudo qualitativo com avós brasileiras que cuidavam dos netos identificou que algumas participantes foram assumindo gradativamente o cuidado dos netos, pois consideravam os filhos irresponsáveis ou imaturos para as funções parentais (Mainetti & Wanderbroocke, 2013). Os filhos dessas avós eram, em geral, mães solteiras ou filhos divorciados que voltaram a morar com os pais. Segundo as participantes, seus filhos passavam pouco tempo em casa, voltavam tarde, dormiam fora, usavam drogas ou tinham alguma deficiência, o que fez com que elas assumissem as funções de criação dos netos. Uma revisão da literatura internacional confirmou estes motivos e apontou outros, como prisão dos filhos, maus tratos, abandono, doença mental dos filhos, morte, trabalho (Bragato, 2020). Além disso os idosos assumiam o cuidado dos netos também para se sentirem úteis ou esperando que os filhos pudessem ajudá-los no futuro. Pode-se constatar que esta configuração aparece a partir de uma falha no desenvolvimento normativo do ciclo vital, isso é, quando tarefas evolutivas da família não foram executadas de forma satisfatória, a geração mais idosa é quem assume os cuidados.

Reunindo todas as configurações familiares identificadas no presente estudo, estima-se que a cada 14 casais no país, um deles possuía neto residindo junto, sendo mais de 3 milhões de casais nessa condição, um número relevante, mas muitas vezes ignorado pelas teorias e pelos estudos sobre famílias. Levando em consideração a média de idade dos netos de 13,7 anos, pressupõe-se que tais casais, mesmo depois de criarem seus filhos, continuam realizando tarefas parentais no cuidado dos netos.

A responsabilidade de criação dos netos, em uma idade avançada, pode comprometer uma vivência agradável da velhice, como sugere um estudo brasileiro que comparou avós que cuidavam de netos com aquelas que não cuidavam. O estudo verificou que as avós que eram responsáveis pela criação dos netos associavam o envelhecimento a um período de

dificuldades, embora se dissessem felizes. Por outro lado, as avós que não cuidavam de netos viam o envelhecimento como um período de tranquilidade e saúde física e mental (Silva Souza et al., 2018). Ainda assim, os avós são fonte de afetividade e segurança para os netos, cumprindo um papel muito importante, reconhecido pela escola e por profissionais de saúde (Coutrim et al., 2018).

Novos estudos podem propor ações focadas em práticas mais eficazes de parentalidade para avós cuidadores, assim como podem também explorar comportamentos positivos de netos criados por avós, já que o sucesso familiar depende de todos os atores envolvidos.

Casais que residem com filhos

Os dados dos casais com filhos e enteados demonstram que a execução de funções parentais é a realidade de mais de 70% dos casais brasileiros. Mesmo com as mudanças em torno da família nuclear tradicional, a análise realizada aqui demonstra que a maioria dos casais no país tem esta configuração. Entretanto, aproximadamente 30% dos casais brasileiros possui uma configuração familiar mais complexa. Dados das Estatísticas do Registro Civil comprovam isso ao revelar, por exemplo, aumento no número de famílias reconstituídas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019a). Ainda assim, mesmo entre as famílias que possuem apenas filhos da relação atual, sem a convivência com enteados, há configurações mais complexas como casais que residem com seus filhos e simultaneamente com pais ou avós dos cônjuges, netos, genros ou noras. Na vida de aproximadamente quatro em cada cem casais brasileiros com filhos da relação atual também se fazem presentes irmãos dos cônjuges, outros parentes, agregados (não parentes que não compartilham despesas) e conviventes (não parentes que compartilham despesas). Pode-se observar que a diversificação de personagens na configuração familiar confere complexidade às relações e pode interferir na vida conjugal.

Diante dessa complexidade, ressalta-se a importância de se fortalecer o laço entre o casal ao longo do ciclo vital conjugal. Independentemente da configuração da família, o

subsistema conjugal funciona como um organizador do ambiente familiar e por isso é chamado por alguns estudiosos de subsistema executivo (Oosterhouse et al., 2020).

Para a vida dos filhos, o bom funcionamento deste subsistema é essencial. Um exemplo disso é o efeito *spillover*, que pode ser definido como os efeitos da relação conjugal sobre a parentalidade e sobre a vida dos filhos (Goulart et al., 2016; Mosmann et al., 2014). Uma revisão da literatura investigou artigos publicados na última década sobre esse tema e verificou que as ações dos cônjuges podem reverberar na vida dos filhos tanto de maneira positiva quanto negativa (Hameister et al., 2015). Os conflitos conjugais estiveram associados a comportamentos parentais disfuncionais e a diversos resultados negativos na vida dos filhos, enquanto as ações dos cônjuges para melhorar a relação conjugal reverberaram em resultados positivos na vida dos filhos. Outro estudo demonstrou que a qualidade da relação conjugal prediz estilos de educação parental mais adaptativos (Mosmann et al., 2014).

Estudos internacionais seguem na mesma direção. Um estudo com 84 casais norte-americanos identificou que maiores níveis de satisfação conjugal estão associados a um ambiente emocional mais seguro para que os filhos possam explorar o mundo com confiança e retornar aos pais como sua fonte de apoio. Por outro lado, relações mais conflituosas entre os cônjuges estiveram relacionadas à baixa disponibilidade dessa segurança emocional (Oosterhouse et al., 2020). Outro estudo, com 2096 casais coreanos, associou baixos níveis de satisfação conjugal com problemas internalizantes e externalizantes dos filhos (Seo, 2020). Contudo, os mesmos estudos que confirmam a teoria do efeito *spillover* também têm corroborado a teoria do efeito compensatório, que ocorre quando o conflito conjugal gera maior disponibilidade dos pais para os filhos, como uma forma de compensar na parentalidade a insatisfação conjugal (Gao et al., 2019; Oosterhouse et al., 2020).

Tais resultados confirmam o quão complexo é o sistema familiar e como os efeitos dos relacionamentos dentro desse sistema podem ser diversos. É consenso que a qualidade conjugal

cumpra um papel essencial na coesão familiar e na vida dos filhos. Porém, com as demandas da parentalidade, essa satisfação tende a diminuir, aumentando conseqüentemente os conflitos entre os cônjuges (Goulart, Wagner, Barbosa, & Mosmann, 2016; Mosmann & Falcke, 2011).

Considerando que a grande maioria dos casais brasileiros lida com demandas parentais, ressalta-se a importância de os casais investirem mais ativamente na conjugalidade quando as tarefas parentais se iniciam e não permitirem que a vida a dois se enfraqueça enquanto criam os filhos. Entretanto, esse investimento não acontece naturalmente na vida de muitos casais, como confirmou uma das meta-análises pioneiras neste tema, com dados de 47.692 pessoas, que encontrou os seguintes resultados: casais com filhos apresentaram satisfação conjugal menor do que casais sem filhos; quanto maior a quantidade de filhos, menor a satisfação conjugal; as mulheres com filhos têm satisfação conjugal menor do que homens com filhos; as mulheres com filhos na infância têm satisfação menor do que as mulheres sem filhos e do que as mulheres com filhos mais velhos (Twenge et al., 2003).

O desequilíbrio na execução das tarefas parentais pode, portanto, trazer efeitos negativos para a relação conjugal, principalmente para as mulheres, que ainda são as maiores responsáveis pelas tarefas domésticas e pela criação dos filhos (Rocha & Fensterseifer, 2019). Todavia, em um estudo aproximadamente 30% dos casais mantiveram uma satisfação conjugal estável em níveis elevados durante os primeiros 5 anos de vida dos filhos (Seo, 2020). Este dado revela que é possível manter a satisfação conjugal mesmo com as demandas geradas pelas tarefas parentais. Entretanto, ainda é necessário definir em futuros estudos quais variáveis têm maior peso explicativo na manutenção ou otimização da conjugalidade nesta fase do ciclo evolutivo do casal. Outro aspecto é poder intervir na relação conjugal antes que apareçam sintomas, isso é, com estratégias que busquem fortalecer os aspectos saudáveis do relacionamento conjugal. Nesta perspectiva, os trabalhos de psicoeducação conjugal têm contribuído em promover a saúde conjugal (Wagner et al., 2022).

Casais que residem com enteados

Um em cada nove casais no país reside com enteados, o que revela uma porcentagem relevante de casais que lida com uma complexidade aumentada nas tarefas da parentalidade e da conjugalidade. Um estudo qualitativo com madrastas brasileiras identificou que o processo de criar uma identidade conjugal ao mesmo tempo que se estabelece uma relação com os enteados é possível, mas não costuma ser fácil (Dantas et al., 2019). Outro estudo brasileiro demonstrou que madrastas carregam a visão tradicional de que são as principais responsáveis pelo bem-estar da família, o que gera frustrações e depressão em algumas, diante dos desafios de construir relações com os enteados (Falcke & Wagner, 2000; Falcke, 2002).

A relação entre enteados e madrasta/padrasto pode ser influenciada pela maneira como cada um dos pais lida com a separação e com o novo relacionamento amoroso do ex-cônjuge. Um fator relevante é o medo do progenitor que não reside com o filho de ser substituído em seu papel de pai ou mãe (Féres-Carneiro et al., 2018). Disfuncionalidades na dinâmica familiar como dificuldades de comunicação, fronteiras difusas, indefinição de papéis e conflitos não resolvidos podem ficar ainda mais evidentes após a separação do casal e o novo relacionamento amoroso de um ou ambos os ex-cônjuges. Um dos possíveis resultados disso é a alienação parental, que acirra ainda mais o clima negativo entre os ex-cônjuges e gera prejuízos psicológicos para os filhos e para o parente alienado (Barbosa et al., 2021). Neste contexto, o filho acaba sendo usado por um dos pais como uma forma de atingir o outro.

Já existem dispositivos legais no Brasil para regular a alienação parental (Lei 12.318, de 26 de agosto de 2010, 2010) e estudiosos da área afirmam que é possível definir de forma funcional os papéis dos progenitores e dos padrastos/madrastas na vida dos filhos, de maneira que um papel não sobreponha o outro e todos estes atores possam coexistir na nova configuração da família (Piovanotti & Duque, 2018). Ainda assim, sabe-se que a reorganização do

sistema familiar após tais mudanças não é fácil. Tendo em vista a prevalência de famílias com enteados, mais estudos e propostas de intervenções sobre o tema se fazem necessários.

Os dados demonstram que quase a metade dos casais que residem com enteados possui também filhos da relação atual, o que traz ainda mais complexidade para as relações na família. Uma revisão da literatura internacional demonstrou que a presença de meios-irmãos está relacionada a conflitos, menor sensação de pertencimento, piores resultados escolares e presença de sintomas depressivos (Sanner et al., 2018). Entretanto, quando os pais cooperam entre si e tentam construir um senso de identidade familiar, os meios-irmãos tendem a ter relacionamentos mais próximos e os resultados negativos tendem a ser menos frequentes.

Entre os principais motivos de conflito entre meios-irmãos está o tratamento diferente dispensado pelos pais e pelos padrastos/madrastas, o que serve como alerta para os milhões de casais no Brasil que vivem neste este tipo de configuração familiar (Landon et al., 2022). Um estudo português afirma que a relação afetiva que se estabelece entre os membros de famílias com arranjos complexos é mais importante do que a definição jurídica das relações entre eles (Araújo, 2019). De fato, autores afirmam que criar oportunidades para que os meios-irmãos formem vínculo afetivo e gerar um ambiente em que todos os filhos são recompensados e corrigidos de forma justa e na mesma medida é uma das formas mais eficazes para que eles possam ter relacionamentos saudáveis (Ganong et al., 2021; Landon et al., 2022).

Dentre os casais com enteados, muitos residem simultaneamente com netos ou bisnetos, com os pais ou avós dos cônjuges, com genros ou noras e com outros membros. Cada pessoa acrescentada à configuração aumenta a complexidade das relações e traz novas demandas para a estrutura desta família. Nesse contexto, manter canais abertos de comunicação entre os membros da família é essencial (Sanner et al., 2020).

Futuros estudos com casais que possuem enteados podem explorar fatores positivos de arranjos bem-sucedidos, já que a literatura da área tem focado mais nos prejuízos e fatores negativos.

Geração nem-nem

A análise da idade dos filhos, enteados, netos e bisnetos que moram com os casais brasileiros demonstrou que mais da metade deles eram adolescentes e adultos. Nesta faixa etária existem dois fenômenos que há alguns anos vêm sendo estudados pela comunidade científica internacional: a geração nem-nem e a geração canguru.

A geração nem-nem abrange os jovens entre 15 e 29 anos que não trabalham nem estudam e tem sido vista como um fenômeno social importante tanto no Brasil (Queiroz & Pereira, 2022) quanto em outros países do mundo (Bulanova et al., 2020; Tamesberger & Bacher, 2014). Os dados demonstraram a importância deste tema, ao contabilizar mais de 4 milhões desses jovens residindo com casais brasileiros. A média de idade deles demonstra que este é um fenômeno que afeta jovens adultos, que provavelmente não conseguem se inserir no mercado de trabalho. Há estudos apontando que isso pode ser resultado do sistema capitalista, que se fortalece enquanto mantém uma força de trabalho excedente (Silva, 2016). Outros trabalhos afirmam que esses jovens são vítimas de um sistema social que exclui populações vulneráveis (Queiroz & Pereira, 2022; Tamesberger & Bacher, 2014). Um estudo com jovens nem-nem de Hong Kong afirma que é necessário analisar nuances dentro deste fenômeno e considerar que existem jovens que estão temporariamente nesta condição por opção, outros que realmente não conseguem inserção social, seja por dificuldades de emprego ou por não se adequarem aos padrões sociais impostos (Tam et al., 2016).

O tema é complexo e o presente estudo confirma sua importância. Entretanto, mesmo com o crescente interesse da comunidade científica neste tema, ele é ainda pouco explorado, principalmente no que diz respeito aos impactos da geração nem-nem sobre a vida dos casais

que cuidam destes jovens. Há evidências de que o sentimento de culpa é muito comum entre os pais, que se sentem responsáveis pela condição dos filhos (To et al., 2021). Não há ainda estudos brasileiros explorando como esse fenômeno impacta a vida conjugal dos pais que têm filho da geração nem-nem, tampouco propostas que ajudem esses casais a manterem uma conjugalidade saudável nesse contexto. Demonstrou-se aqui que aproximadamente um em cada dez casais brasileiros reside com jovens da geração nem-nem, o que ressalta a importância deste tema para os pesquisadores de família e casal.

Destacou-se nos dados que existem mais filhos adultos morando com os casais brasileiros do que adolescentes. Aproximadamente 3 em cada 10 filhos que moram com os casais brasileiros são adultos (com 19 anos ou mais). Esse é um dado interessante, pois contrasta com o que é esperado pelas teorias do ciclo vital familiar, que pressupõem a saída dos filhos de casa quando se tornam adultos. Entretanto, a principal referência utilizada para descrever o ciclo vital familiar foi produzida a partir de dados da classe média norte-americana, e as próprias autoras afirmam que o modelo precisaria ser adaptado para cada cultura (Carter & McGoldrick, 1995a; McGoldrick et al., 2015).

Na cultura da classe média norte-americana, os jovens normalmente saem da casa dos pais quando terminam o ensino médio (*High school*) e ingressam em uma universidade (*College*). Os jovens normalmente ficam hospedados em repúblicas dentro do campus, o que facilita os deslocamentos e contribui para maior engajamento e conquista de melhores índices acadêmicos (Simpson & Burnett, 2019). No Brasil, entretanto, a cultura é diferente e somente há poucos anos vem crescendo o número estudantes universitários que deixam a casa dos pais para estudar longe de suas famílias. Além disso, apenas 25% dos jovens brasileiros têm acesso à educação superior (INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2023). Ainda assim, as universidades normalmente não possuem estruturas de moradia em seus campi para abrigar estes alunos.

Com isso, na cultura brasileira, em geral, o filho só deixa a casa dos pais quando vai morar com parceiro amoroso e construir uma nova família, ou em outras situações específicas, como quando vai para outra cidade estudar ou trabalhar (Patias et al., 2012). Isso contribui para o prolongamento da estadia destes filhos com seus pais e cria novos desafios para os casais, que precisam lidar com as peculiaridades deste momento da vida em que os filhos ainda não são autônomos e, portanto, se mantêm residindo com eles.

Geração canguru

Esse termo se refere aos adultos entre 25 e 34 anos que residem com os pais (Muller, 2018). As análises demonstraram que eles são mais de 5 milhões no país, isto é, um em cada seis adultos nesta faixa etária residem com seus pais. Ao contrário da geração nem-nem, a geração canguru não gera tanta preocupação social por causa de seu potencial impacto econômico, pois muitos desses jovens trabalham. Os dados comprovam isso ao revelar que mais de 80% brasileiros da geração canguru possuem algum tipo de trabalho. Porém, este é um fenômeno que tem chamado atenção de psicólogos e outros cientistas sociais, pois é relativamente novo e suas causas e consequências na vida dos filhos e dos pais é ainda desconhecida.

Wendling & Wagner, (2005) apontaram, há quase duas décadas, que as mudanças sociais, o sistema educacional e o mercado de trabalho afetavam a dinâmica da saída dos filhos de casa. De acordo com as autoras, ideia de que é necessário adquirir uma série de bens para uma vida satisfatória e a exigência cada vez maior de especialização são fatores que contribuem para o fenômeno. Assim, é comum que adultos na casa dos 30 anos estejam estudando ou em estágios iniciais de carreira, o que prolonga sua estadia na casa dos pais. Outro estudo da mesma época identificou que a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, de conquistar melhores salários e o desejo de continuar usufruindo o conforto e a segurança eram os principais motivos que mantinham adultos morando com os pais (Silveira & Wagner, 2006).

A ascensão das redes sociais e sua influência na construção das identidades e no consumo dos jovens adultos podem contribuir com esse fenômeno. A busca frenética por *likes* e a cultura da ostentação das redes sociais levam muitos jovens a priorizarem a aquisição de bens e experiências invejáveis, com o intuito de serem notados (Carneiro Brito & Ferreira de Freitas, 2019). Ter uma vida independente dos pais parece não ser uma prioridade do jovem adulto, como provavelmente era em gerações anteriores.

Além de tudo isso, a saída dos filhos de casa também pode ser atrasada pelos próprios pais, que enfrentam angústias diante da iminência da independência da prole e, de forma consciente ou inconsciente, tomam atitudes para mantê-los perto de si o maior tempo possível (Pattias et al., 2012). Esta dificuldade pode estar associada a baixos níveis de qualidade conjugal do casal (Silveira & Wagner, 2006). A permanência dos filhos em casa após se tornarem adultos no Brasil está tão comum, que há estudos questionando se a fase do “ninho cheio” deveria ser considerada uma nova etapa do ciclo de vida familiar (Vieira & Rava, 2010).

Para pesquisadores da temática de família e casal este é um campo muito fértil para novas pesquisas, e um assunto muito relevante, tendo em vista que aproximadamente dois em cada dez casais no país residem ou com jovens da geração nem-nem ou com adultos da geração canguru. Os efeitos desse fenômeno sobre a conjugalidade continuam desconhecidos.

Casais homoafetivos

A partir dos dados foi possível estimar o número de casais homoafetivos responsáveis pelos domicílios no Brasil, mas o número total de casais homoafetivos no país provavelmente é maior. Os dados da PNAD Contínua não permitem calcular os casais que não são responsáveis pelos domicílios. Esta dificuldade metodológica foi a mesma encontrada por autores de um estudo que investigou a homossexualidade na Espanha, a partir dos dados do Censo de 2011 naquele país (Cortina, 2016).

Ainda assim, foi possível verificar algumas características destes casais, como por exemplo, o maior número de casais do sexo feminino. Dados das Estatísticas do Registro Civil corroboram este achado, ao demonstrar que o número de casamentos entre mulheres tem sido historicamente maior do que os casamentos entre homens. Por exemplo, em 2015 o número de casamentos entre mulheres foi 12% maior que entre homens, sendo a diferença crescente a cada ano, chegando em 2020 a 33% mais casamentos entre mulheres do que entre homens (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020). Esta constatação pode indicar uma tendência, pois também está de acordo com um dos estudos pioneiros sobre conjugalidade homoafetiva, que identificou, na década de 1970, que as mulheres desejavam mais que os homens os relacionamentos de longo prazo e monogamia (Tuller, 1978). De fato, uma análise do Censo Demográfico do Brasil de 2010 demonstrou que o número de casais homossexuais femininos no país era 14,3% maior do que os masculinos, o que não ocorria no Uruguai, onde existiam 39% mais casais formados por homens do que os formados por mulheres (Goldani & Esteve, 2013). Na Espanha a tendência parece seguir o que ocorre no Uruguai, pois o número de casamentos entre homens foi 49% maior do que entre mulheres entre 2005 e 2011 (Cortina, 2016). Os fatores que contribuem para tais diferenças na população brasileira ainda são incógnitos.

Os casais homossexuais são em média mais jovens do que os heterossexuais, assim como foi verificado em outros países, como a Espanha (Cortina, 2016). Ainda não há no Brasil leis específicas sobre uniões homoafetivas ou de proteção contra homofobia e transfobia, por exemplo. Isso demonstra que as mudanças sociais sobre este tema são lentas, e que assumir um relacionamento homossexual no país ainda não é algo fácil. Com um histórico maior de luta pelos direitos, os mais jovens são provavelmente aqueles que mais enfrentam os estigmas sociais para assumir seus relacionamentos, o que pode ser uma das explicações para a diferença de idade entre os casais homossexuais e heterossexuais.

A configuração mais comum entre os casais homoafetivos é a do casal que mora sozinho, correspondendo a sete em cada dez casais. Os casais que residiam com enteados eram um em cada seis. Apenas três por cento tinham filhos da relação atual, o que pode ser um reflexo das dificuldades enfrentadas pelos casais homoafetivos brasileiros para adotar uma criança (Guimarães, 2022), mesmo com grande parte da população sendo favorável à adoção homo parental (Gusberti et al., 2019). Neste assunto, a legislação brasileira é também falha, pois a Lei da Adoção (Lei No 13509 de 22 de novembro de 2017, 2017) omite completamente a possibilidade de adoção por casais homoafetivos, o que dificulta o processo de adoção, perpetuando o preconceito e os impactos emocionais do enfrentamento de estigmas (Guimarães, 2022).

Estrutura familiar e aspectos relativos à conjugalidade

Identificar a estrutura familiar é um desafio até mesmo no ambiente clínico, uma vez que só é possível compreender as regras que governam as interações dentro de uma família ao ver seu funcionamento. Entretanto, algumas características dos membros da família podem dar indícios a respeito desse funcionamento, e algumas destas características puderam ser identificadas nesse trabalho.

Um dos estudos pioneiros no tema da estrutura familiar buscou compreender as relações de poder entre os cônjuges e as tomadas de decisão no dia a dia (Blood & Wolfe, 1960). Este estudo demonstrou que a tomada de decisão dentro do casamento já vinha, desde então, sofrendo modificações e se tornando mais equalitária entre maridos e esposas, mas alguns fatores influenciavam no desequilíbrio de poder, como por exemplo a renda dos cônjuges, o fato da esposa trabalhar ou não, e o nível educacional de cada um.

Com relação à renda dos cônjuges, na maioria dos domicílios brasileiros os maridos têm renda maior que a das esposas, o que pode interferir na dinâmica conjugal. Um estudo com casais em 27 países europeus demonstrou que quanto mais a mulher participa das finanças domésticas, maiores as chances de ela participar das decisões financeiras em casa. Quando a

mulher participava com menos de 25% da renda doméstica, a probabilidade do homem tomar as decisões sozinho era significativamente maior (Klesment & van Bavel, 2022).

Os dados da PNAD Contínua revelaram um cenário preocupante, pois no domicílio de aproximadamente 3 em cada 10 casais brasileiros a mulher não possuía renda alguma. Estudos demonstram que depender financeiramente dos maridos é um dos principais fatores que mantêm as mulheres brasileiras em relacionamentos abusivos ou insatisfatórios (Coelho et al., 2019; Dias et al., 2021). Diante disso, o grande número de casais em que a mulher não possui renda é um alerta para a criação de políticas públicas que também ofereçam proteção financeira caso elas desejem sair de um relacionamento.

No Brasil, um dos motivos pelos quais muitas mulheres precisam ficar em casa é a insuficiência no número de creches ou escolas de tempo integral disponíveis às crianças. Um relatório sobre a educação no país demonstrou que, apesar de existir no Plano Nacional de Educação uma meta de disponibilizar creches e escolas de tempo integral para a população em situação de vulnerabilidade, o progresso ainda é lento e a população que mais precisa é a que menos tem escolas deste tipo à disposição (Oliveira & Barros, 2021). Diante disso, ressalta-se a importância da educação conjugal para o equilíbrio das relações entre os cônjuges, uma vez que as políticas públicas ainda não funcionam adequadamente para diminuir desigualdades entre homens e mulheres no país.

Mesmo com os diversos desafios enfrentados pelas mulheres no cotidiano, elas são as que mais têm investido em formação, como verificou-se nos dados de escolaridade. Partindo do princípio de que o equilíbrio nas tomadas de decisão na conjugalidade depende dos recursos que cada cônjuge traz para a relação, o nível de educação tem uma contribuição importante nesta dinâmica, de acordo com autores pioneiros no tema (Blood & Wolfe, 1960). Um estudo que analisou a dinâmica de tomada de decisão em mais de 11 mil domicílios em Gana verificou que esposas com educação superior tinham quase oito vezes mais chances de decidir como

gastar seu próprio dinheiro. O nível educacional das esposas foi um dos mais importantes fatores que afetou a dinâmica de tomada de decisão em casa, e obter o nível superior foi o que mais aumentou a probabilidade de as mulheres tomarem decisões no lar (Osei-Tutu & Ampadu, 2018). Observa-se, portanto, que o nível educacional das mulheres aumenta seu empoderamento nas relações conjugais, como também foi verificado em diversos outros países (Klesment & van Bavel, 2022). Assim, a aquisição de maiores níveis educacionais pelas mulheres brasileiras é um indício de progresso na busca por equilíbrio na dinâmica conjugal.

Outra característica que pode influenciar a dinâmica conjugal é a idade dos cônjuges. Entretanto, um estudo qualitativo norte-americano com casais em que o marido era pelo menos 10 anos mais velho que a esposa afirmou que o fator idade, por si só, pode não ser determinante para o desequilíbrio nas tomadas de decisão e nas divisões de tarefas na vida a dois. Para os autores, uma combinação de diferenças como idade, classe social, prestígio da profissão e nível educacional do homem aumentaria a probabilidade de uma dominância masculina na relação (Pyke & Adams, 2010).

Apesar de na maioria dos domicílios estudados aqui os maridos serem mais velhos, quando combinados os fatores renda e escolaridade essa discrepância diminui. A cada dez domicílios, em sete o marido era mais velho, mas em quatro o homem é mais velho e tem renda maior que a mulher. O fator escolaridade diminui ainda mais o percentual, chegando a um décimo dos casais aqueles em que o homem é mais velho, possui renda maior e maior nível de escolarização. Embora outros fatores como questões sociais e culturais possam interferir na dinâmica de poder das relações conjugais, esta última condição em que o homem tem mais recursos de idade, renda e escolaridade pode favorecer ainda mais a dominância masculina, e é realidade de mais de quatro milhões de casais no país.

O maior investimento das mulheres em escolarização, verificado nesse estudo, pode contribuir para diminuir as desigualdades na vida conjugal, já que a educação é um recurso

muito importante para o equilíbrio de poder na relação e para a vida como um todo. Todavia, os dados demonstraram que, apesar das mulheres conquistarem maiores níveis de escolarização, isso não garante necessariamente uma renda maior, o que leva à conclusão de que o país ainda precisa avançar no que se refere às desigualdades de gênero. Além do mercado de trabalho continuar remunerando menos as mulheres, elas ainda são as responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos, o que pode prejudicar sua vida profissional (Rocha & Fensterseifer, 2019).

Considerações finais

A relevância do presente estudo reside no fato de que não existe outro mapeamento da configuração e de aspectos da estrutura familiar dos arranjos conjugais brasileiros, baseado em dados tão abrangentes. Os dados apresentados e discutidos aqui contribuem para melhor compreensão das famílias brasileiras, o que pode contribuir para a prática clínica com casais. Este estudo é especialmente relevante para pesquisadores da temática de família e casal, pois os resultados apresentados podem inspirar e fundamentar uma ampla gama de futuros estudos nessa área de conhecimento. Além disso, configurações pouco exploradas se mostraram relevantes no país, o que pode direcionar melhor futuras pesquisas.

Apesar da relevância dos dados apresentados, reconhece-se que, como os dados da PNAD Contínua não são coletados com o objetivo de analisar a configuração e a estrutura familiar, este estudo tem limitações. Entre elas ressalta-se que o número de casais apresentado é apenas das díades em que um dos cônjuges é o responsável pelo domicílio, não sendo possível, por exemplo, contabilizar casais que residem com outros casais, ou casais que residem em domicílios em que o responsável seja uma pessoa sem cônjuge. O número de filhos, enteados, netos e bisnetos apresentado também é referente apenas aos que residem com os casais, não sendo possível mapear díades que possuem função parental de filhos não residentes com eles.

Ainda assim, pode-se afirmar que os resultados apresentados contribuem de forma consistente para o conhecimento científico, à medida que trazem uma utilização inovadora dos dados da PNAD Contínua no estudo das relações familiares e apresentam os arranjos conjugais brasileiros de forma ampla, a partir de dados robustos e confiáveis. Além disso, ao inaugurar o uso dos dados da PNAD Contínua no estudo das relações familiares, o presente estudo abre caminho para futuros trabalhos que acompanhem longitudinalmente as mudanças nas configurações dos arranjos conjugais brasileiros, o que permitiria ter uma visão da evolução da família brasileira ao longo da história.

3. O Ciclo vital conjugal: proposta de um modelo adequado à realidade brasileira

O tema da conjugalidade é amplamente explorado na literatura científica e existem diversos trabalhos que abordam tarefas para fases específicas da vida conjugal (Adams, 2019; Bello et al., 2020; Landis et al., 2013). Entretanto, não são muitos os estudos que apresentam uma descrição completa do ciclo vital do casal. A maioria das publicações nessa área costuma pautar o ciclo evolutivo conjugal a partir do desenvolvimento familiar, principalmente em função do nascimento e crescimento dos filhos (Carter & McGoldrick, 1995b; Linares, 2010; McGoldrick et al., 2015; Walsh, 2016). No contexto brasileiro os estudos sobre este tema são ainda mais escassos. Este capítulo tem como objetivo propor um modelo de ciclo vital conjugal fundamentado em dados da população brasileira com propósito de contemplar as diferentes configurações familiares de casais brasileiros. Para isso, diferencia-se ciclo vital conjugal de ciclo vital familiar, descreve-se as teorias já elaboradas a este respeito e, por fim, propõe-se um modelo teórico de descrição e compreensão do ciclo vital do casal, a partir da literatura existente e de dados demográficos da população brasileira.

Ciclo vital conjugal versus ciclo vital familiar

Sem dúvida, uma das referências mais importantes da literatura sobre família e conjugalidade é a obra de Carter e McGoldrick (1995) escrita em meados dos anos 90, que tem servido até hoje como base para a elaboração de inúmeros trabalhos ao redor do mundo. Esta obra apresenta um modelo com seis estágios de desenvolvimento familiar: a saída do jovem de casa, a união do novo casal, as famílias com filhos pequenos, as famílias com filhos na adolescência, a saída dos filhos adultos jovens de casa e a família no estágio tardio da vida. O trabalho foi também ampliado posteriormente, com o acréscimo de algumas especificidades da família contemporânea em sua última edição (McGoldrick et al., 2015). Apesar de ser uma exímia referência para compreender e trabalhar com famílias, as autoras deixam claro que o modelo apresentado é um recorte das vivências da classe média norte-americana. A rigor, este modelo

não poderia ser generalizado, já que as especificidades de cada cultura repercutem no sistema familiar. Apesar de apresentar algumas similaridades com a sociedade norte-americana, o Brasil possui profundas diferenças socioeconômicas e culturais, o que, certamente, reverbera no ciclo evolutivo do casal e da família brasileira.

Um estudo pioneiro com 1500 famílias paulistas de classe média propôs quatro estágios de desenvolvimento da família: a fase de aquisição (união do casal até a entrada dos filhos na adolescência), a fase adolescente (a partir da entrada dos filhos na adolescência), a fase madura (período de saída dos filhos de casa e chegada dos netos e agregados) e a fase última (quando o casal volta a ficar sozinho). Este estudo também utilizou como referência o trabalho de Carter e McGoldrick (1995), e as autoras afirmam que a escolha das quatro fases se deu a partir da experiência clínica com famílias paulistas em diversas fases do ciclo de vida (Cervený & Berthoud, 2006, 2009). Todavia, tal proposta inclui uma primeira fase (Fase de aquisição) abrangendo um período bem extenso, com diversas mudanças importantes, como a união do casal e a chegada dos filhos, normalmente vistas por outros autores como fases distintas do desenvolvimento familiar.

Como se pode notar, as principais referências da literatura têm seu foco no desenvolvimento familiar como um todo, sem descrever as especificidades do ciclo vital conjugal de forma independente. Embora o nascimento e o desenvolvimento dos filhos sejam muito importantes na dinâmica conjugal, o ciclo de vida do casal é atravessado por outros aspectos e tarefas que precisam ser cumpridas pelos cônjuges. O não cumprimento dessas tarefas pode fazer com que o casal privilegie a parentalidade no dia a dia, desvitalizando a vida conjugal.

Há evidências de que a satisfação com a conjugalidade aumenta após a saída dos filhos de casa, quando os cônjuges direcionam mais investimento para a relação novamente. Um estudo norte-americano acompanhou 123 mulheres durante 18 anos (entre 43 e 61 anos de idade) e verificou aumento na satisfação conjugal depois do ninho vazio. As que permaneceram com

filhos em casa experimentaram declínio da satisfação (Gorchoff et al., 2008). Outro estudo analisou dados de 3765 casais norte-americanos e verificou que maridos e esposas relataram maior proximidade depois da saída dos filhos de casa (Tracy et al., 2021). Outro estudo revelou que a chegada do ninho vazio não aumentou a chance de se divorciar depois dos 50 anos de idade. Os motivos de divórcio nesta idade eram similares aos motivos dos jovens casais para se separarem (Lin et al., 2018). Ainda assim, há evidências de que, mesmo depois do ninho vazio, assuntos referentes aos filhos continuam sendo motivo de conflitos entre os cônjuges (Papp, 2017). Todos estes dados confirmam que o equilíbrio entre a parentalidade e a conjugalidade é essencial para a manutenção da vida a dois ao longo dos anos, o que reforça a necessidade do estabelecimento de um ciclo vital conjugal independentemente de existirem ou não tarefas parentais.

Estudar os fenômenos específicos da conjugalidade possibilita incluir também os casais sem filhos por opção ou devido à infertilidade (Araújo & Gonçalves, 2019; Mendes & Pereira, 2019; Vázquez, 2018). Este número vem se tornando cada vez maior no Brasil. Em 2004, os casais sem filhos representavam 14,4% dos arranjos familiares do país, percentual que em 2014 já era 19,9% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015). Realizou-se para esse trabalho uma análise dos dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) de 2019 e verificou-se que 29,3% dos casais brasileiros não possuíam filhos residindo em casa (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019b). Este percentual equivale a 12,8 milhões de casais que, de alguma maneira, não seriam incluídos nas teorias que baseiam o ciclo vital conjugal no desenvolvimento das famílias com filhos.

Entre os motivos que levam os casais a decidirem por não ter filhos, pode-se citar os altos custos financeiros, a necessidade de adiamento de planos profissionais e a perda de liberdade (Caetano et al., 2016; Silva & Frizzo, 2014). Apesar de ainda persistirem estereótipos negativos a respeito de casais que optam por não ter filhos, pesquisas têm demonstrado que

estes casais normalmente estão satisfeitos com sua vida conjugal e com sua decisão de não gerar filhos (Bernardi et al., 2020; Caetano et al., 2016; Cerdeira et al., 2020).

Outro fenômeno tem sido observado entre a população brasileira é a postergação da maternidade/paternidade pelos casais que desejam ter filhos. Dados do IBGE demonstram que entre 1999 e 2019 o número de crianças nascidas de mães com até 29 anos diminuiu constantemente, enquanto aumentou a quantidade de bebês nascidos de mães mais velhas, entre 30 e 44 anos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019a). Essa tendência confirma que os casais estão optando por ter filhos cada vez mais tarde, o que aumenta o tempo em que vivem a conjugalidade sem as demandas da parentalidade.

Fica evidente, portanto, que o estudo do ciclo vital conjugal de forma independente do ciclo vital familiar é necessário, ainda que, em algum momento da vida, eles se interseccionem.

O Ciclo Vital Conjugal

A linha do tempo de um casal pode ser traçada desde o namoro até a separação, que pode ocorrer por duas vias: o rompimento da relação ou a morte de um dos cônjuges. Autores afirmam que estabelecer estágios do ciclo vital conjugal é tão importante para a clínica com casais quanto a definição de estágios do ciclo vital individual é importante para a clínica com o indivíduo (Fischel, 2018). Localizar um casal em determinado estágio do ciclo de vida conjugal pode proporcionar melhor entendimento dos problemas e desafios enfrentados, uma vez que permite comparar suas experiências com o que já foi estudado sobre outros casais vivendo no mesmo momento evolutivo.

Todavia, a definição de estágios de desenvolvimento não é tarefa fácil quando o foco está na vida adulta. George Vaillant, pesquisador de um dos estudos longitudinais mais longos do mundo (Grant Study, da Universidade de Harvard-EUA), afirma que estágios de desenvolvimento claramente definidos podem ser vistos na embriologia e em estudos com crianças, mas em adultos, as diferenças que separam uma fase de outra são muito menos evidentes (Vaillant,

2012). Este estudo acompanha a vida de 268 homens desde 1938 e busca compreender fatores que, ao longo dos anos, levam a uma vida saudável e feliz. O autor afirma que, quando se trata de adultos, a expressão “tarefas desenvolvimentais” é um conceito mais útil do que “estágios”. Para ele, mais importantes do que a divisão de estágios do desenvolvimento adulto são as tarefas de maturação psicossocioemocional que precisam ser cumpridas. Vaillant amplia os estágios do ciclo de vida individual formulados por Erikson (Erikson, 1998) e define 6 etapas para a vida adulta, com suas respectivas tarefas:

1. **Identidade:** no estágio inicial da vida adulta, o jovem deve desenvolver identidade própria, alcançando independência social, econômica e ideológica dos pais. A tarefa principal seria viver independente da família de origem e se tornar autossustentável.
2. **Intimidade:** à medida que se torna independente da família de origem, o adulto deve desenvolver a capacidade de ter relacionamentos com outras pessoas – amigos, cônjuges etc. - que envolvam apego emocional, interdependência e comprometimento por, pelo menos, 10 anos;
3. **Consolidação de carreira:** outra tarefa da vida adulta seria desenvolver competência, comprometimento, contentamento e encontrar compensação em uma profissão ou ocupação;
4. **Generatividade:** uma tarefa dos adultos mais maduros seria a de ensinar, guiar para a independência e promover o bem-estar da próxima geração;
5. **Curadoria:** em idade mais avançada, uma tarefa importante é a de se tornar um curador da sua história, valorizando o passado e preservando-o para o futuro;
6. **Integridade:** nesta fase, o adulto já idoso tem a tarefa de integrar seu passado e futuro e encarar seus últimos dias sem medo.

A dificuldade de conceitualizar e identificar estágios da vida adulta pode ser um dos motivos da escassez de trabalhos que proponham estágios do ciclo de vida conjugal, já que

esses dois ciclos se sobrepõem e se complementam ao longo da vida. Ainda assim, alguns autores têm se empenhado na tarefa de teorizar estágios de desenvolvimento específicos da relação conjugal (Fischel, 2018; Nichols & Pace-Nichols, 1993; Ríos-González, 2005).

Nichols, identificou 4 estágios deste ciclo: O início (Namoro e casamento), os primeiros anos (Expandindo a base), os anos intermediários (Afirmação e preparação), os últimos anos (Consolidação e celebração). Os autores também definem o divórcio ou a morte de um dos cônjuges e o recasamento como estágios deste ciclo, mas não os detalha no trabalho citado. Em cada uma das fases são definidas tarefas em termos de compromisso, cuidado, comunicação, conflitos e contrato entre o casal. As tarefas parentais são incluídas como adicionais para os casais com filhos, devido ao importante impacto da criação dos filhos no relacionamento. (Nichols & Pace-Nichols, 1993)

Na Espanha, 7 estágios foram identificados por Ríos-González (2005): Formação do casal, Forja do casal (construção de uma afetividade sólida, estável e gratificante), Do real ao desejado (a busca constante de alcançar o tipo de relação que se deseja), Coesão do casal (alcançar um sentimento de unidade e pertença), Crescimento interno do casal (crescimento contínuo a partir do aumento da complementaridade e da acomodação mútua), Estabilidade do casal (alcançar um modo de funcionamento estável que não esteja sujeito a altos e baixos que ameacem o equilíbrio das forças internas do casal), e finalmente a Dissolução evolutiva do casal (morte de um dos cônjuges). As tarefas parentais, para o autor, seriam incluídas neste ciclo e variam de acordo com a idade dos filhos.

Mais recentemente, Fischel (2018) propõe um modelo de ciclo vital conjugal mais focado no desenvolvimento da vida adulta, incluindo 6 fases: Transição para se tornar casal (namoro, e criação de um compromisso de longo prazo), Transição para a parentalidade, Casais de meia idade (lidando com o aumento de demandas do trabalho, da criação de filhos e do cuidado das gerações mais velhas), Casais na meia idade tardia (lançando os filhos, chegada

da aposentadoria, tornando-se avós), Casais após a aposentadoria e na velhice (lidando com o envelhecimento, a dependência e as mudanças de papéis), e por fim, a fase final de Separação através da morte. A separação pela morte ou por divórcio é apontada pela autora como uma fase que pode chegar a qualquer momento do ciclo vital do casal.

Tarefas desenvolvimentais no ciclo de vida conjugal

Cada fase do ciclo vital conjugal tem seus desafios e o desenvolvimento saudável da relação pressupõe que certas tarefas sejam cumpridas em cada uma dessas etapas. Ríos-González (2005) é um dos autores que mais se dedicou ao estudo dessas tarefas., e por isso as tarefas de cada um dos sete estágios propostos por ele serão descritas aqui.

Estágio 1 – Formação do casal: este é o momento da escolha do(a) parceiro(a), do conhecimento mútuo, e do início do aprendizado da vida a dois. Como tarefas desse estágio pode-se listar: adaptar-se como casal, estabelecer um nível de comunicação profunda, encontrar canais de encontro e de contato possibilitando o conhecimento mútuo, fixar metas para a relação, expor as expectativas de cada um quanto à vida a dois, criar limites em relação ao sistema familiar de origem de cada um. Neste momento o casal também precisa construir sua própria maneira de resolver os conflitos.

Estágio 2 - Forja do casal: o objetivo principal neste estágio é criar o sistema familiar próprio do casal. Cada um traz para a relação os valores, modelos, crenças, estilos de vida, costumes, rituais, mitos, entre outras coisas que aprenderam em seu sistema familiar de origem. Tudo isso precisa, neste momento, ser processado pelo casal e compilado em algo novo. O autor afirma que uma coisa é se casar, outra é se sentir casado. Neste estágio cada cônjuge precisa aprender a deixar de ser filho/filha em demasia para se tornar esposo/esposa. Pode-se citar como tarefas dessa fase o fortalecimento das fronteiras do casal, com o estabelecimento bem definido das funções de cada cônjuge na relação, a manutenção da individualidade de cada cônjuge, o estabelecimento de fronteiras nítidas entre o novo sistema familiar e os sistemas

familiares de origem, para não permitir invasões inadequadas de nenhum dos lados, tampouco gerar afastamento em demasia das famílias de origem. Neste estágio, os sistemas familiares de origem têm a tarefa de se tornar fontes de apoio ao mesmo tempo que permitem a autonomia dos filhos na criação da nova família. Os cônjuges precisam também criar oportunidades para cultivar uma afetividade sólida, estável e gratificante, assim como estabelecer as regras da interação conjugal, fortalecer a comunicação e compreender a linguagem não-verbal do outro. Neste momento também há a necessidade de falar sobre perspectivas de futuro, filhos, finanças, entre outros aspectos da vida a dois.

Estágio 3 – Do real ao desejado: neste estágio, o casal pode avançar mais um nível na criação do seu sistema familiar. Compreender o sistema familiar criado até o momento e dar passos em direção ao sistema familiar desejado. Entre as tarefas dessa fase está o estabelecimento contínuo de novas metas, a manutenção do desejo de crescimento constante em cada cônjuge e a busca de novas atitudes que conduzam ao tipo de relação que almejam. Ter consciência dessa necessidade de crescimento é importante neste momento para evitar que a monotonia, a rotina e a falta de criatividade prejudiquem a vida conjugal. A pergunta que deve sempre ser feita pelo casal é: que tipo de relação queremos ter? Assim como cada cônjuge precisa perguntar a si mesmo: que tipo de marido/esposa meu cônjuge necessita? A partir das respostas a esses questionamentos, cada um pode identificar características pessoais que precisam de ajustes e condutas que precisam ser modificadas. Importante também nessa fase, assim como em todas as outras, que cada membro do casal identifique e verbalize suas aspirações e necessidades, deixando o outro ciente disso. A partir das necessidades individuais, o casal pode estabelecer metas comuns para atingirem na relação. Em casais com bons níveis de saúde emocional e capacidade de crescimento, as tarefas desse estágio são constantes ao longo de toda a vida.

Estágio 4 – Coesão do casal: neste estágio cada cônjuge percebe estar sendo apoiado e respaldado pelo outro, o que gera um sentimento profundo de unidade e uma sensação clara de pertencimento. Entre as tarefas dessa fase, pode-se apontar o apoio mútuo, o respaldo, a parceria, o suporte em todas as circunstâncias da vida, além da promoção mútua do crescimento de cada um como pessoa, como profissional, como pais etc.

Estágio 5 – Crescimento interno do casal: neste estágio o casal tem como desafio manter a espontaneidade na comunicação, na interação afetiva e na relação amorosa, mantendo, assim, um crescimento e desenvolvimento constante do sistema conjugal. Manter um equilíbrio entre ceder parte da individualidade, sem perder as características pessoais é importante nesse momento, assim como atingir níveis mais elevados do sentimento de pertencimento. Isso se realiza através de um esforço constante por dar e receber aquilo que gera gratificação e satisfação nas diversas áreas da interação conjugal. Neste momento é necessário também aumentar constantemente a complementariedade e a acomodação mútua para tornar viável o apoio mútuo nas diversas situações do convívio diário.

Estágio 6 – Estabilidade do casal: estabilidade conjugal é a capacidade de manter um modo de funcionamento que permita uma interação entre os cônjuges, sem que a relação esteja sujeita a altos e baixos e oscilações que ameacem o seu equilíbrio. Muitas das crises que reverberam na estabilidade conjugal podem ser explicadas por conflitos internos de cada cônjuge. Por isso, é tarefa de cada um lidar com suas inquietações pessoais e nutrir um senso de compromisso sólido com o cônjuge. É esse compromisso que mantém a relação estável, mesmo diante das intempéries que, normalmente, ameaçam a vida conjugal.

Quando o casal está experimentando a velhice, este é o momento de elaborar o passado com gratidão e preparar-se para viver de forma satisfatória os últimos anos. Como tarefas para os casais em idade mais avançada, pode-se citar a manutenção da proximidade e do carinho, além do apreço pelo passado compartilhado, manifestando apoio mútuo. Os membros do casal

devem promover conversas que permitem examinar e compartilhar os significados alcançados no casamento. Além disso, os membros do casal precisam se preparar internamente para potenciais perdas de habilidades cognitivas e físicas e para a vida sem o cônjuge.

Estágio 7 – Separação: o último estágio conjugal é o de dissolução evolutiva do casal, que ocorre por causa da morte de um dos cônjuges. Entretanto, o autor também deixa claro que o modelo tradicional de casamento, que pressupõe que o único modo de dissolução conjugal seja pela morte, já estava enfraquecido quando da publicação de seu livro, há quase 20 anos. Pode-se afirmar, portanto, que a morte de um dos cônjuges é apenas uma das maneiras aceitas para a dissolução da relação conjugal.

Ao mesmo tempo que se ampliam as formas e motivos de dissolução do vínculo conjugal, ampliam também as tarefas inerentes a este estágio. Quando a separação ocorre devido à morte de um dos cônjuges, as tarefas mais importantes para aquele que permanece vivo giram em torno da elaboração do luto para si e os filhos e da reorganização da vida sem o(a) parceiro(a). Alguns estudos brasileiros têm focado nesta fase da vida em idosos (Frizzo et al., 2017; Santos & Silva, 2018; Tubin, 2019). Outros trabalhos focam na experiência da viuvez dos mais jovens (Jones et al., 2018; McClatchey, 2018). Nos casos de separação por divórcio existem também tarefas que implicam a elaboração da perda e a reorganização da vida sem o cônjuge, além da necessidade de resolver questões financeiras e partilha de bens (Rafael Calmon Rangel, 2016), e o estabelecimento de acordos com relação à moradia, sustento e criação dos filhos (Gomes, 2017; Grzybowski & Wagner, 2010; Rodycz, 2020).

Proposta de um modelo do ciclo vital conjugal baseada em dados da população brasileira

Os modelos apresentados anteriormente reúnem características semelhantes e com base nisso elaborou-se um modelo de quatro fases que se propõe ser uma síntese dos aspectos mais marcantes e compartilhados entre as teorias. Modelos que descrevem muitas fases costumam

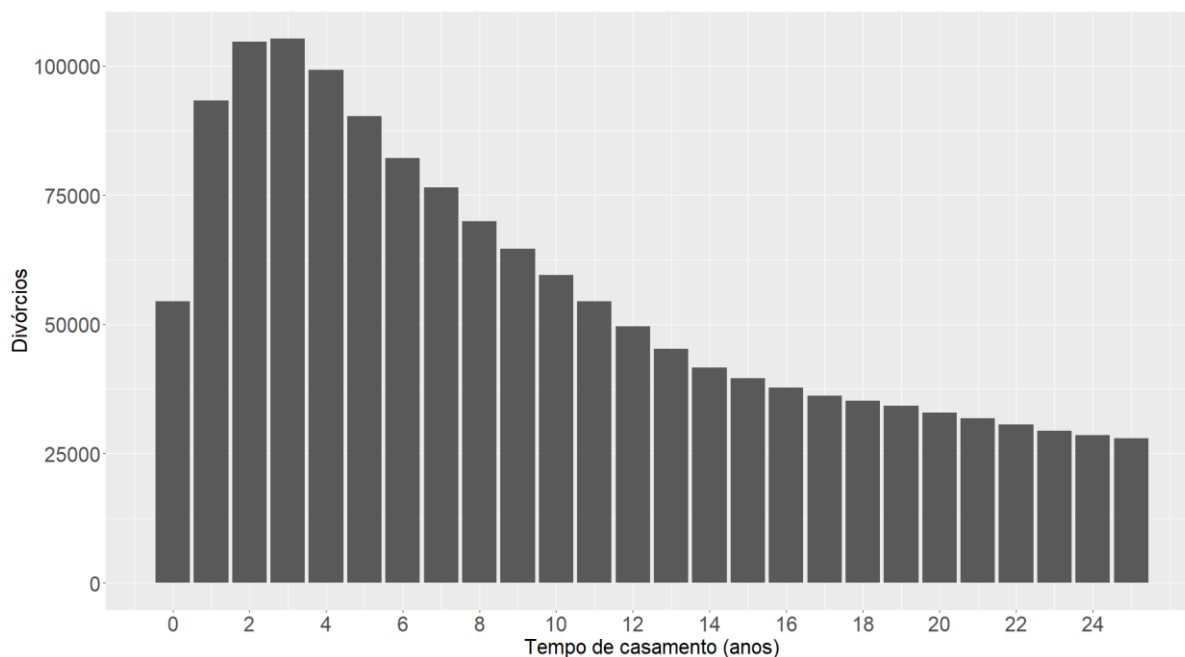
gerar estágios e tarefas sobrepostas e, muitas vezes, de difícil aplicação prática. Considerando também a multiplicidade de configurações e estruturas familiares existentes, as tarefas da parentalidade são apresentadas de forma transversal, isso é, perpassando todas as fases do ciclo de vida do casal. Isso contempla, por exemplo, os recasamentos, nos quais os casais precisam lidar concomitantemente com tarefas de formação da conjugalidade e da parentalidade de filhos biológicos e de enteados.

Partiu-se do pressuposto que o ciclo vital conjugal depende do tempo de união e do cumprimento das tarefas inerentes a cada etapa. Sendo assim, as quatro fases foram divididas didaticamente, tendo por base as teorias já desenvolvidas sobre o tema, juntamente com uma análise descritiva dos dados das Estatísticas do Registro Civil de 2015 a 2019 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019a). Essa análise evidenciou que nos três primeiros anos de casamento há um aumento do número de divórcios, com um declínio a partir do quarto ano (Figura 2). Esse dado indica que o vínculo conjugal ainda está vulnerável neste período de formação. Definiu-se, portanto, como Fase de formação, o período entre 0 e 3 anos de união conjugal.

Para definição dos períodos subsequentes o desenvolvimento normativo de um casal em primeira união, sem filhos de nenhum dos cônjuges foi tomado como ponto de partida. No ciclo normativo, o ideal seria que o casal em formação não tivesse tarefas parentais para competir com a formação da conjugalidade, permitindo que a chegada dos filhos só ocorresse após a consolidação inicial do casal (McGoldrick et al., 2015). Assim, se esse casal gerasse um filho no quarto ano da relação, a segunda fase, chamada aqui de Fase de expansão, começaria neste momento e terminaria quando os filhos iniciassem a adolescência (12 anos de idade). A Fase de expansão, neste caso, compreenderia o período entre 4 e 15 anos de relacionamento, quando começaria, então, a terceira fase, que duraria até o início da vida adulta dos filhos, aos 21 anos de idade, considerando o fenômeno de prolongamento da adolescência. Essa fase, nomeada

fase de Manutenção, compreenderia o período entre 16 e 25 anos de união conjugal e Fase dos Anos tardios começaria a partir dos 26 anos de relação.

Figura 2
Número de divórcios entre 2015 e 2019, por tempo de casamento.



A Tabela 2 documenta a média de divórcios ocorridos no Brasil entre 2015 e 2019, em cada uma das fases propostas. O teste de Kruskal-Wallis revelou diferenças significativas entre as médias de divórcios entre as fases. A escolha por teste não paramétrico ocorreu devido à violação de normalidade e homogeneidade de variância nos dados. Não foi possível avaliar a fase dos anos tardios, porque os dados do IBGE agrupam todos os divórcios dos casais com mais de 26 anos de casados, não informando os dados detalhados de cada ano posterior.

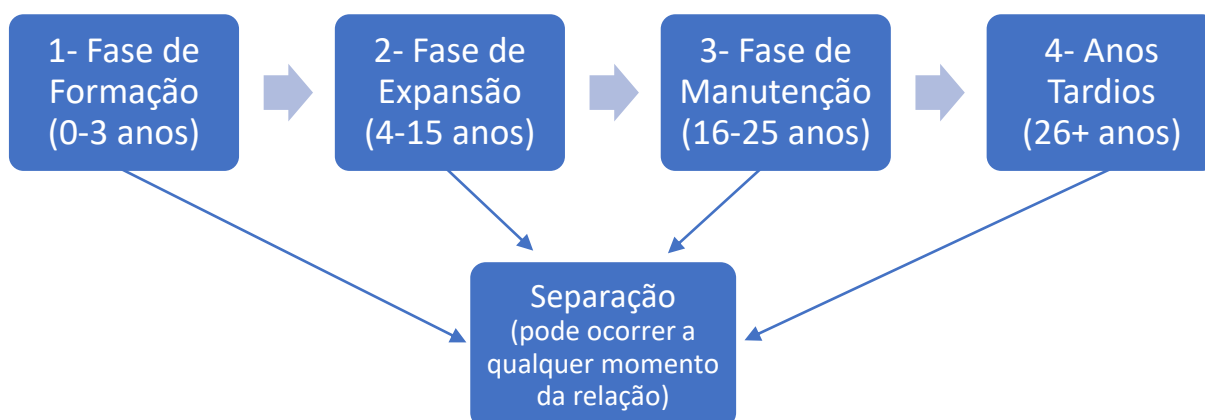
A análise post-hoc de Dunn e correção de Bonferroni demonstrou diferença significativa da média de divórcios entre os três grupos, sendo a diferença entre as fases de Formação e Expansão a menor ($t = -2,41$; $p < 0,05$). As diferenças entre a fase de Formação e a de Manutenção ($t = -8,22$; $p < 0,001$) e entre a Fase de Expansão e a de Manutenção ($t = -8,11$; $p < 0,001$) foram maiores. As diferenças no número de divórcios entre as fases são uma evidência de que em

cada uma delas a conjugalidade tem demandas diferentes, e que os cônjuges lidam de formas diferentes com os desafios de cada momento. A cada fase que passa, os casais adquirem novos recursos para lidar com os desafios e o número de divórcios vai diminuindo. Isso é um indicativo de que o modelo de ciclo vital conjugal proposto, ilustrado na Figura 3, representa bem a realidade vivida pelos casais brasileiros.

Tabela 2
Média de divórcios em cada fase do ciclo vital conjugal entre 2015 e 2019

<i>Fase do ciclo vital conjugal</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>
Fase de Formação	17879,60	4556,78
Fase de Expansão	12878,20	3968,29
Fase de Manutenção	6493,00	719,83

Figura 3
Modelo do Ciclo Vital Conjugal



Descrição das fases do ciclo vital conjugal

1- Fase de Formação (até 3 anos de união): momento em que os cônjuges se separam da família de origem e se unem um ao outro, começando o estabelecimento de uma identidade

conjugal. Para isso é necessário o estabelecimento de fronteiras bem definidas, que delimitem o novo sistema familiar dos sistemas de origem. Acordos são necessários para equilibrar os limites que as famílias e os amigos não podem ultrapassar, a fim de que o casal possa construir seu espaço privado. O casal deve desenvolver um compromisso inicial baseado numa relação de afeto e cuidado mútuo, estabelecendo seus padrões de comunicação, de encaminhamento de conflitos, assim como o compartilhamento de expectativas sobre a vida a dois. Estes aspectos são os que embasam o contrato interacional da relação.

As palavras-chave para uma conjugalidade funcional nessa fase são: ajuste, adaptação e acordos. O casal precisa de adaptar à vida a dois e ajustar expectativas e atitudes para conseguir formar um sistema funcional. Além disso, precisa estabelecer acordos em várias situações, para construir uma convivência saudável e um ambiente relacional que seja satisfatório para ambos.

Principais tarefas desta fase:

- Criar espaços para conhecimento mútuo.
- Desenvolver uma afetividade gratificante para os dois.
- Desenvolver uma sexualidade gratificante para os dois.
- Expor expectativas quanto ao futuro e à relação.
- Fixar metas de curto, médio e longo prazo.
- Criar fronteiras com relação à família de origem.
- Criar valores próprios do casal, uma espécie de síntese dos valores trazidos das famílias de origem.
- Criar espaços para uma convivência funcional com as famílias de origem.
- Estabelecer acordos a respeito das expectativas, das metas, das atividades, dos valores, da convivência com as famílias, e diversos outros aspectos da vida.
- Estabelecer uma comunicação não violenta, que possibilite a exposição das necessidades individuais e das insatisfações de forma clara e sem ferir o cônjuge.
- Estabelecer uma maneira de resolver conflitos de forma positiva,
- Estabelecimento de regras internas de funcionamento da vida a dois.
- Estabelecimento dos papéis de cada cônjuge nas diversas situações cotidianas.

- Criação de espaços de manutenção da individualidade.

2- Fase de Expansão (4 a 15 anos): Aqui ocorre o aprofundamento da comunicação, da relação afetiva e da lealdade. O casal aprende a lidar com desafios internos e externos, se adaptando ao relacionamento e ao novo lugar ocupado na família extensa e no meio social. O equilíbrio das relações de poder é tarefa essencial neste momento, e estará presente ao longo de todo relacionamento. Quando há filhos, o casal precisa se adaptar às novas demandas, criando espaço para a entrada dos novos membros, com o desafio de continuar fortalecendo a conjugalidade enquanto se ocupa das tarefas parentais.

As palavras-chave para uma conjugalidade funcional nessa fase são: : crescimento, comunicação e parceria. O crescimento constante, representado pelas conquistas materiais e imateriais e pelo estabelecimento de uma identidade própria do casal é muito importante para evitar a monotonia e o esfriamento da relação. A parceria e comunicação eficaz, que inclui expressar-se de forma não-violenta e escutar ativamente o outro são essenciais para que o sistema conjugal possa continuar crescendo.

Principais tarefas desta fase:

- Celebrar planos e metas já realizados e rever os que não foram alcançados.
- Estabelecer continuamente novas metas.
- Estimular um desejo constante de crescimento em ambos os cônjuges, para evitar monotonia.
- Avaliar juntos qual tipo de relação querem ter e o que já conseguiram alcançar.
- Comunicar de forma não-violenta as mudanças que gostariam e as necessidades individuais que não estão sendo satisfeitas.
- Apoiar-se mutuamente para promover crescimento pessoal de cada um.
- No caso de possuírem filhos, é necessário rever constantemente se estão investindo na vida conjugal o suficiente para que as tarefas parentais não enfraqueçam o laço que os une.
- Verificar se a maneira que resolvem os conflitos tem sido funcional, ou se necessita de ajustes.

- Cada cônjuge deve avaliar, individualmente:
 - Seu papel na vida a dois.
 - Sua contribuição para a manutenção de uma afetividade sólida e gratificante e para o crescimento do casal em seus objetivos.
 - Suas atitudes de apoio, parceria e suporte com o cônjuge em todas as circunstâncias, mas, principalmente, nos momentos difíceis.
 - Sua maneira de escutar e suas atitudes diante das reivindicações do cônjuge.
 - Atitudes que precisam ser modificadas.
 - Características pessoais que precisam de ajustes.
 - Novos comportamentos que precisam ser incorporados para manter a estabilidade da relação e o crescimento contínuo do casal.

3 - Fase de Manutenção (16 a 25 anos): O vínculo entre o casal – que se expressa pela proximidade e pelo carinho, apesar de possíveis divergências – deve ser mantido e cultivado, assim como as fronteiras nítidas entre o casal e o seu entorno. O compartilhamento das emoções, planos e preocupações, o manejo entre necessidades pessoais e conjugais e o equilíbrio entre expectativas e a realidade do relacionamento, também contribuem para a manutenção da estabilidade. O cumprimento dessas tarefas previne que a coesão conjugal seja ameaçada pelos altos e baixos enfrentados pelo casal ao longo do relacionamento.

As palavras-chave para uma conjugalidade funcional nessa fase são: rever, manter e mudar. Assim como uma máquina precisa de manutenção constante para continuar funcionando bem, a relação conjugal também depende de revisão. O casal precisa rever suas metas, seus sonhos, suas atitudes para manter aquilo que continua funcional e mudar o que for necessário para que a vida a dois continue sendo satisfatória para os dois.

Principais tarefas desta fase:

- Rever as metas e criar planos para o desenvolvimento contínuo do casal.
- Celebrar constantemente as conquistas e os eventos importantes da vida (por exemplo as bodas, as conquistas profissionais de cada um etc.)
- Manter uma atitude de apoio mútuo, cumplicidade e parceria.
- Manter uma afetividade e uma sexualidade gratificante para os dois.

- Manter um nível de comunicação funcional, que permita a exposição de reivindicações e uma escuta ativa e empática de cada cônjuge.
- Renegociar regras e papéis que necessitem de modificações.
- Avaliar se há monotonia ou retrocessos em alguma área da vida e modificar o que for necessário.
- Caso possuam filhos, é necessário renegociar constantemente as regras e os valores, à medida que os filhos crescem, e manter o investimento da vida conjugal.
- Cada cônjuge deve avaliar, individualmente:
 - Seu nível de apoio, parceria e cumplicidade na relação.
 - Seu engajamento para satisfazer as necessidades do cônjuge continuamente e manter uma afetividade gratificante.
 - Sua abertura para escutar as reivindicações do cônjuge e mudar aquilo que for necessário.
 - As questões internas que precisa trabalhar individualmente, para não interferir negativamente na relação.

4 - Anos tardios (26 anos ou mais): Este é o momento de o casal elaborar o passado, encontrando gratidão pelo que construíram juntos, ao mesmo tempo que olham para o futuro, preparando-se para vivê-lo de forma satisfatória. Nessa fase espera-se que o casal mantenha a proximidade, o carinho e o apreço pelo passado compartilhado, manifestando apoio mútuo. A comunicação deve permitir o exame e o compartilhamento dos significados alcançados no casamento, preparando os membros do casal para potenciais perdas e a vida sem o cônjuge.

As palavras-chave para uma conjugalidade funcional nessa fase são: celebrar, apoiar, cuidar. Celebrar o passado compartilhado reaviva o sentido da vida a dois, assim como o apoio e o cuidado mútuo asseguram que o relacionamento continue sendo funcional para os dois.

Principais tarefas desta fase:

- Avaliar o trajeto percorrido pelos dois, apreciando juntos as conquistas e os bons momentos vividos.
- Criar oportunidades para celebrar a vida – somente os dois, com a família e com amigos.

- Manter o planejamento de metas e a realização de planos e sonhos do casal e de cada um individualmente.
- Manter uma afetividade e uma sexualidade gratificante para os dois.
- Manter uma comunicação saudável, que permita a exposição de reivindicações e de receios comuns à medida que os cônjuges envelhecem, como os relacionados à saúde, à continuidade da família e até mesmo em relação à morte.
- Promover suporte mútuo diante das dificuldades e perdas que acompanham o processo de envelhecimento.
- Providenciar cuidado e satisfação das necessidades de cada um.
- Providenciar suporte emocional diante das dificuldades.
- Manter um suporte social de família e amigos.
- Planejar suporte social ou institucional para lidar com as dificuldades físicas e cognitivas que surgem com o envelhecimento.

Tarefas para casais com filhos e enteados

Como já referido, a criação de filhos é parte importante do ciclo vital da maioria dos casais, em algum momento do ciclo evolutivo. As tarefas da parentalidade mudam de acordo com o crescimento dos filhos, enquanto as tarefas da conjugalidade continuam necessárias.

Com a chegada de um filho a díade precisa se reorganizar para o crescimento do sistema familiar, que se torna mais complexo, permitindo agora triangulações, o que altera a dinâmica de funcionamento desse sistema. Surgem novos papéis, que precisam ser bem definidos e as funções bem equilibradas, para não sobrecarregar nenhum dos membros. Além disso, o casal precisa fortalecer intencionalmente a relação conjugal, para não perder o vínculo que criaram anteriormente.

Com a chegada de mais filhos, a acomodação do novo membro se repete e os papéis e funções de cada membro precisam ser revistas. O estabelecimento de regras e a sua reformulação à medida que os filhos crescem traz estabilidade ao sistema e são tarefas importantes para os cônjuges com filhos. Uma tarefa importante é o controle das rivalidades e do ciúme, que podem ocorrer por causa das relações entre os membros do sistema. Estabelecer acordos sobre

as estratégias de educação e de correção dos filhos é também tarefa importante do casal (Ríos-González, 2005).

Filhos adolescentes: Quando os filhos se tornam adolescentes, uma das principais tarefas dos pais é rever alguns acordos e regras que existiam enquanto o filho era criança, mas não são mais funcionais neste momento. Também é importante promover gradualmente a autonomia dos filhos, com vistas à futura independência.

Filhos jovens adultos: A chegada da juventude marca o início da vida adulta e o filho adquire mais independência, mais liberdade, criando um distanciamento maior dos pais. Neste momento, é tarefa do casal se adequar à nova realidade, sem gerar um rompimento emocional do filho. Isso pode acontecer por falta de flexibilização das regras que antes eram válidas e agora precisam deixar de ser. Esta etapa da vida tem sido foco de atenção nos últimos anos, pois há um fenômeno mundial do prolongamento da estadia dos filhos adultos na casa dos pais. Esse prolongamento ocorre devido ao longo processo de formação acadêmica, ao adiamento da construção de vínculo conjugal por parte dos jovens, assim como a questões financeiras, emocionais, entre outras.

Nesta categoria estão também os jovens da Geração Nem-nem (Queiroz & Pereira, 2022; Silva, 2016) e a Geração Canguru (Kublikowski & Rodrigues, 2016; Muller, 2018). A denominação *nem-nem* está associada aos jovens de 15 a 29 anos que *nem* estudam *nem* trabalham, sendo, portanto, dependentes economicamente de suas famílias ou de auxílio governamental. Os adultos da Geração canguru possuem entre 25 e 34 anos e moram com seus pais, ainda que trabalhem e tenham condição de se manter financeiramente.

O prolongamento da estadia dos jovens adultos na casa dos pais pode prolongar também as atividades parentais e atrasar a fase do ninho vazio. Embora temido por muitos, o ninho vazio pode ser considerado um importante acontecimento do Ciclo Vital Conjugal, que ocorre entre a fase de Manutenção e os Anos tardios.

O ninho vazio: O fortalecimento da relação conjugal, que deve ser feito durante todo o exercício da parentalidade, fica ainda mais importante à medida que os filhos crescem, pois, a chegada da juventude da prole anuncia fortemente iminência da fase do ninho vazio. Nesta fase o casal precisa ressignificar a vida conjugal, agora sem a presença dos filhos, ou seja, sem todas as atividades da parentalidade. Se os cônjuges não cultivarem uma relação forte de parceria e intimidade, a vida conjugal pode perder sentido nesse momento. Alguns estudos ao longo das últimas décadas demonstram declínio na satisfação conjugal e aumento da probabilidade de divórcio neste momento da vida (Hiedemann et al., 1998; Papp, 2017). Outros estudos, porém, demonstram que o ninho vazio não é, por si só, um potencializador das taxas de divórcio, sendo um momento em que a proximidade entre os cônjuges pode aumentar (Lin et al., 2018; Tracy et al., 2021). Isso sugere que a qualidade conjugal estabelecida durante as fases anteriores pode ser um fator de proteção para a relação nesta fase. É certo que quando os filhos saem de casa, o casal tem como tarefa redescobrir a vida a dois, pois durante muitos anos essa vida foi vivida a três ou mais.

Enteados: O número de famílias com enteados aumenta na mesma proporção que aumentam os recasamentos. Os dados das Estatísticas do Registro Civil revelam que, no Brasil, 28,4% dos casamentos oficiais eram recasamentos em 2019, um crescimento de 36% em relação a 2010, quando o percentual de recasamentos era de 18,2% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019a). Estes são apenas os dados oficiais de casamentos; sabe-se que há um número muito grande de casais que optam pela coabitação sem registro, ou pelas uniões estáveis, o que aumenta ainda mais a estimativa de famílias que precisam lidar com a criação de enteados. Na análise dos dados da PNAD (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019b) foi possível estimar que, em 2019, existiam 7,3 milhões de pessoas no país na condição de enteados, morando com um dos seus genitores e com padrasto/madrasta. No total eram em

torno de 5,03 milhões de casais no país com pelo menos um enteado compondo a configuração familiar.

As famílias reconstituídas precisam lidar com uma complexidade ainda maior do que as famílias intactas. Katz (2020) aponta estimativas de que casais em famílias reconstituídas experimentam três vezes mais estresse do que casais de primeira união, e aproximadamente dois terços desses casais se separam nos primeiros anos de coabitação. Entre as tarefas mais importantes para casais com enteados, a autora sinaliza que ajustar as expectativas de cada cônjuge sobre a vida conjugal e as tarefas parentais é essencial, assim como a definição clara do papel do padrasto/madrasta na criação do enteado. A comunicação entre o casal é fundamental, principalmente pela grande necessidade de se estabelecer acordos e limites saudáveis para que a parentalidade seja exercida de forma funcional, sem prejudicar a conjugalidade. O ajuste das expectativas é importante, pois muitas vezes o cônjuge que tem filho biológico tenta pressionar a criação de um laço emocional entre seu novo cônjuge e o filho, ou a madrasta/padrasto se sente na obrigação de criar este vínculo, mas isso não é tão fácil de acontecer. A autora cita também pesquisas norte-americanas com mais de mil casais, demonstrando que, ao longo da vida, apenas um terço dos enteados chegam a considerar as madrastas como um familiar, e apenas a metade chega a considerar os padrastos como tal. Assim, ajustar as expectativas de todos a respeito dos vínculos criados dentro de famílias reconstituídas pode evitar muitos conflitos.

Também é tarefa do casal equilibrar as expectativas relacionadas aos relacionamentos anteriores, pois a parentalidade gera a necessidade de convívio – nem sempre pacífico – com ex-maridos e ex-esposas, o que normalmente gera conflitos entre os novos cônjuges (Dantas et al., 2019).

Casais com enteados muitas vezes lidam com tarefas iniciais da etapa de formação do casal, enquanto são obrigados a cumprir tarefas parentais. Isso exige da dupla uma maturidade

conjugal muito maior. Talvez esse seja um dos motivos do alto índice de separação destes casais. Entretanto, ainda que mais complexo, o desenvolvimento de uma relação de conjugalidade com bons níveis de saúde e qualidade em famílias reconstituídas é possível, desde que os casais cumpram as tarefas necessárias e encaminhem seus conflitos de forma construtiva.

Quando os filhos não moram junto: Esta condição é mais comum após a fase do ninho vazio, ou nos recasamentos. A relação conjugal é menos complexa quando não há filhos envolvidos nas tarefas diárias, mas o relacionamento com estes filhos pode continuar gerando demandas para o casal. No caso de enteados, os cônjuges precisam estar cientes e de acordo com relação às obrigações financeiras relativas ao sustento deste filho por parte do genitor, assim como são necessários acordos relacionados às visitas dos enteados à casa do casal. Quanto maior a complexidade das famílias reconstituídas, mais acordos são necessários para que as tarefas parentais e conjugais sejam executadas sem prejuízos para ninguém. Um estudo com 649 famílias reconstituídas residentes nos Estados Unidos demonstrou que 28% delas tinham um arranjo parental simples: o novo casal não possuía filhos e os filhos de relações anteriores não residiam com eles (Manning et al., 2016). Os dados do estudo confirmaram que essa configuração é a mais propícia para que os pais mantenham uma relação positiva de visitas e sustento financeiro dos filhos da relação anterior. Por outro lado, o restante da amostra tinha uma configuração parental complexa (pais com mais de uma ex-esposa, enteados que moravam com o novo casal e/ou filhos biológicos da nova relação), o que dificultava a realização positiva das tarefas parentais. Os autores destacam a tendência de menor visitação e de não cumprimento das responsabilidades financeiras com os filhos não-residentes quando os pais possuem filhos biológicos no novo relacionamento.

Isso revela a necessidade de especial atenção aos filhos que não residem com a família reconstituída, pois podem ser deixados de lado, gerando consequências psicológicas como sentimento de rejeição e problemas internalizantes e externalizantes. A existência de filhos não-

residentes com a família reconstituída reforça a necessidade da compreensão de que parentalidade e conjugalidade são duas coisas diferentes, embora coexistam na vida destes casais. Os cônjuges de famílias com arranjos complexos precisam dispende mais esforços para desenvolver e manter a conjugalidade e a parentalidade, tendo uma responsabilidade maior quando os filhos ou enteados não residem com o casal. A negligência de qualquer tarefa desses dois âmbitos da vida pode gerar prejuízos para todo o sistema familiar e para cada indivíduo em particular.

Considerações finais

A vida a dois é um tema importante e amplamente estudado, mas a compreensão da conjugalidade como um fenômeno dividido por fases é ainda pouco sistematizado. Neste capítulo justificou-se a importância de se estudar separadamente o ciclo vital conjugal, distinguindo-o como uma parte do ciclo vital familiar que merece atenção pelo seu impacto na estabilidade de todo o sistema. Ressaltou-se também que este ciclo não pode ter como referência o nascimento e crescimento dos filhos, como muitos modelos de ciclo vital conjugal e familiar fazem, devido à diversidade de configurações familiares existentes atualmente.

Tendo em vista essa complexidade, foi proposto um modelo de Ciclo Vital Conjugal com quatro fases consecutivas, mais a fase de separação, que pode ocorrer a qualquer momento da vida a dois. A passagem por estas fases depende do tempo de coabitação e do cumprimento de tarefas específicas para cada período da vida. O cumprimento dessas tarefas pode contribuir para que o casal atravesse com sucesso os desafios de cada momento, sem prejuízos para a vida conjugal. Esse modelo contempla diferentes configurações familiares que os casais podem ter, incluindo casais sem filhos, avós que criam netos, e casais homoafetivos, por exemplo.

O modelo proposto inclui as tarefas parentais separadas das conjugais, partindo do entendimento de que estas tarefas precisam ser cumpridas sempre que o casal possui filhos, independentemente da fase do ciclo vital conjugal que está vivenciando. As tarefas parentais citadas

consideram também que os filhos podem ou não residir com os pais, incluindo também a convivência com enteados.

Acredita-se que este modelo pode contribuir para uma melhor compreensão da conjugalidade no contexto brasileiro, fornecendo uma base para o desenvolvimento de novos estudos que visem o aperfeiçoamento da vida a dois em cada momento de sua evolução.

4. Qualidade conjugal e conflitos nas diferentes fases do ciclo vital de casais brasileiros

Fabricio de Andrade Rocha

Adriana Wagner

Resumo

Em grande parte das famílias o subsistema conjugal assume o papel de gerenciamento e suporte aos membros do sistema familiar, portanto, a qualidade da relação entre os cônjuges é fundamental. Estudos têm explorado a qualidade conjugal a partir de indicadores como os conflitos conjugais e os estilos de encaminhamento dos conflitos, mas são escassos os trabalhos que analisam esses construtos à luz do ciclo vital conjugal. O objetivo desse estudo foi explorar como a qualidade conjugal e os conflitos se apresentam em diferentes etapas da vida dos casais estudados. Participaram desta pesquisa 1246 pessoas (83,2% mulheres), com idade entre 19 e 83 anos ($M=40,98$) e tempo médio de união de 12,85 anos, e a amostra foi estratificada em quatro fases do ciclo vital conjugal. Os resultados indicaram que pessoas na Fase de formação da conjugalidade reportam maiores níveis de qualidade conjugal e menor frequência e intensidade de conflitos em comparação com as fases seguintes. Em comparação aos homens, mulheres percebem menor qualidade conjugal e maior intensidade de conflitos em todas as quatro fases. Análises de moderação demonstraram que, com o aumento na frequência e na intensidade de conflitos, a qualidade conjugal percebida pelas mulheres é mais afetada do que a dos homens em algumas fases. Quanto às estratégias de encaminhamento de conflitos, a utilização da Resolução positiva foi maior nas fases de Formação e Anos tardios, em comparação com as fases de Manutenção e Expansão, nas quais a estratégia de enfrentamento foi a mais utilizada. Discute-se essas diferenças entre as fases, entre os gêneros e as implicações práticas desses achados.

Palavras-chave: qualidade conjugal; conflitos conjugais; ciclo vital

O sistema familiar pode ser descrito a partir de sua configuração e de sua estrutura (Minuchin, 1982). Configuração diz respeito à composição do núcleo familiar – quem são seus membros –, enquanto a estrutura se refere à função de cada membro no sistema. Em se tratando de estrutura, estudos destacam toda família tem um subsistema executivo, que gerencia os recursos familiares disponíveis e as relações que se estabelecem dentro e fora do sistema, dando também suporte para o desenvolvimento de cada membro individualmente (Oosterhouse et al., 2020). As pessoas que se encarregam das tarefas executivas variam em cada família. No Brasil, cerca de 44 milhões de casais são responsáveis pelo seu domicílio, número que representa mais da metade dos maiores de 18 anos assumindo tarefas executivas em suas famílias (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019b).

Considerando a responsabilidade do subsistema conjugal no gerenciamento das famílias, a qualidade desse relacionamento é de grande relevância. Estudos da área são unânimes em afirmar que a qualidade do relacionamento estabelecido entre os cônjuges é essencial para o funcionamento de todo sistema familiar (Delatorre & Wagner, 2022; McGoldrick et al., 2015; Mosmann et al., 2006; Mosmann, 2007; Ríos-González, 2005; Rizzon et al., 2013). Nos últimos anos estudos brasileiros buscaram compreender a qualidade conjugal a partir de indicadores como conflitos conjugais (conteúdo, frequência e intensidade) e estilos de resolução de conflitos (Delatorre & Wagner, 2015; Mosmann & Falcke, 2011; Scheeren et al., 2015; Wagner et al., 2019, 2020). Entretanto, são poucos os trabalhos nacionais e internacionais em que tais construtos são analisados a partir da perspectiva do ciclo vital conjugal. Aqueles que o fazem, normalmente se concentram em etapas específicas como o início da relação (Benti et al., 2019; Rehman et al., 2011; Williamson & Lavner, 2020) ou a fase do ninho vazio (Papp, 2017; Tracy et al., 2021), deixando uma lacuna nas fases intermediárias.

O Ciclo Vital Conjugal

O ciclo vital familiar vem sendo amplamente estudado e as principais referências da área pautam a trajetória da família a partir do nascimento e crescimento dos filhos (Carter & McGoldrick, 1995a; McGoldrick et al., 2015). A maioria dos estudos sobre a conjugalidade tomam como base essas referências, que se basearam em dados de famílias de classe média norte-americana, coletados no Século XX. Entretanto, a família contemporânea vem assumindo múltiplas configurações e estruturas, o que se expressa nas diversas maneiras de se viver a conjugalidade atualmente. Pautar o desenvolvimento conjugal e familiar a partir do nascimento e crescimento de filhos desconsidera essa diversidade e desatende diversas configurações familiares. Estudos demonstram, por exemplo, que não é pequeno o número de casais sem filhos por opção ou por infertilidade (Araújo & Gonçalves, 2019; Caetano et al., 2016; Silva & Frizzo, 2014). Entre as configurações em crescimento na atualidade, pode-se citar os recasamentos e a tarefa de lidar com enteados (DeLongis & Zwicker, 2017; Katz, 2020). Há também aqueles que optam por um relacionamento estável, mas morando em casas separadas (LAT – *Living apart together*; Benson & Coleman, 2016; Funk & Kobayashi, 2014). Esses são apenas alguns modelos de conjugalidade contemporânea que podem ficar “esquecidos” pelas teorias do ciclo vital familiar. Frente a essa realidade, estudos que se propõem a explorar diferentes fases do ciclo da vida conjugal precisam se desvencilhar do modelo normativo da família norte-americana de classe média e fazer propostas mais abrangentes, capazes de abarcar tal diversidade.

Apesar de diversos estudos nacionais e internacionais explorarem fases específicas da vida a dois, como por exemplo o início da relação (Cunha, 2021; Wainberg et al., 2010; Williamson & Lavner, 2020), os casais na meia-idade (Chen et al., 2018; Funk & Kobayashi, 2014; Polenick et al., 2017) e as fases mais avançadas da vida (Papp, 2017; Tracy et al., 2021; Zhang et al., 2020), são escassos os estudos em que o ciclo vital conjugal é apresentado de forma

evolutiva. A proposta mais antiga é norte-americana sugere quatro fases: o início, os primeiros anos, os anos intermediários, os últimos anos (Nichols & Pace-Nichols, 1993). Outro autor europeu propôs sete estágios: Formação do casal, a forja do casal, do casal real ao desejado, coesão do casal, crescimento interno do casal, estabilidade do casal e dissolução evolutiva do casal (Ríos-González, 2005). Mais recentemente, um modelo de seis fases foi proposto a partir da prática clínica com casais norte-americanos: transição para se tornar casal, transição para a parentalidade, casais de meia idade, casais na meia idade tardia, casais após a aposentadoria e na velhice, e por fim, a fase de separação (Fischel, 2018). A partir de uma compilação dessas propostas, no presente trabalho apresenta-se uma estrutura com quatro fases com intuito de abranger a diversidade de estruturas e configurações atuais da conjugalidade brasileira:

Fase de formação (até 3 anos de coabitação ou relacionamento estável)

Fase de expansão (4 a 15 anos)

Fase de Manutenção (16 a 25 anos)

Fase dos Anos tardios (26 anos ou mais)

A divisão dessas fases em anos de coabitação é uma estimativa feita com base nos modelos apresentados na literatura, no ciclo normativo da família e em informações populacionais no Brasil, como por exemplo o número de divórcios por tempo de união. Em cada uma dessas fases o casal pode ter desafios específicos, relacionados ao desenvolvimento pessoal, conjugal e à existência ou não de filhos ou enteados. Portanto, muitos fatores podem interferir nos níveis de qualidade da relação conjugal, que por sua vez tem um efeito direto na estabilidade de todo o sistema familiar.

Qualidade Conjugal

A qualidade conjugal é um construto multidimensional complexo, que se constitui a partir dos recursos pessoais de cada cônjuge, do contexto em que estão inseridos e da capacidade de cada indivíduo se adaptar diante dos desafios da vida a dois (Delatorre, 2019; Mosmann

et al., 2006; Rizzon et al., 2013). Um dos modelos mais utilizados para a avaliação da qualidade conjugal é o VSA (*Vulnerability-Stress-Adaptation*), que analisa a qualidade das relações a partir de três dimensões: vulnerabilidades individuais, estressores vindos do contexto e adaptação diante dos desafios (Karney & Bradbury, 1995). Os autores do VSA reconheceram a necessidade de se refinar os fatores que compõem a qualidade conjugal, mas ao longo do tempo grande parte dos estudos mantiveram seu foco na satisfação conjugal (Abreu-Afonso et al., 2022; Wang & Zhao, 2022). Outros se concentraram em aspectos mais específicos, como a satisfação sexual (Schmiedeberg & Schröder, 2016; Schoenfeld et al., 2017). Recentemente, Delatorre & Wagner (2022) propuseram uma escala que estabelece cinco dimensões para a avaliação da qualidade conjugal: satisfação, compromisso, intimidade, sexualidade e afetividade. Esta escala foi construída e aplicada em casais brasileiros, considerando a inexistência de medidas adequadas à realidade local.

Tendo em vista a função executiva do casal no sistema familiar, a qualidade da relação conjugal não influencia apenas a vida dos cônjuges, mas a família como um todo. Por exemplo, estudos demonstram como o clima emocional entre os cônjuges pode “transbordar” sobre a parentalidade e gerar consequências na vida dos filhos (Gao et al., 2019; Hameister et al., 2015; Mastrotheodoros et al., 2022; Mosmann et al., 2014; Prati & Koller, 2011).

Embora existam diversos estudos sobre a trajetória da satisfação conjugal ao longo do tempo (Abreu-Afonso et al., 2022; Wang & Zhao, 2022), ainda são escassos estudos que avaliam a trajetória da qualidade conjugal como um construto multidimensional.

Conflitos Conjugais

O imaginário social idealiza de que casais saudáveis não possuem conflitos. Entretanto, conflitos são inerentes a todas as relações humanas, especialmente as relações conjugais, caracterizadas pelo convívio diário, pela tomada conjunta de decisões e construídas mediante expectativas muitas vezes inatingíveis. Cada cônjuge traz para a relação histórias de vida,

valores, hábitos e concepções que, inevitavelmente, entram em choque e geram desentendimentos. Diante disso, estudos do tema são categóricos em afirmar que o que diferencia casais funcionais e disfuncionais não é a frequência dos conflitos, mas a maneira como são encaminhados (Mosmann & Falcke, 2011; Scheeren et al., 2015; Wagner et al., 2019, 2022). Tendo isso em vista, Wagner e cols. (2022) construíram a partir de dados brasileiros um programa psicoeducativo para casais que visa, entre outras coisas, contribuir para que os casais desenvolvam estratégias construtivas de comunicação e resolução dos conflitos.

Diversos estudos sugerem que os conflitos conjugais devem ser examinados em diferentes dimensões: motivos, frequência, intensidade e estratégias de encaminhamento (Wagner et al., 2022; Wagner, Mossmann, et al., 2015; Wagner, Neuman, et al., 2015). Entre os motivos mais frequentes de desentendimento conjugal, estudos anteriores apontaram: o tempo que o casal tem para passar junto, filhos, tarefas domésticas e sexo (Mosmann & Falcke, 2011; Wagner et al., 2019). Entretanto novos temas de conflito podem surgir ou tomar maior importância com as mudanças que os casais experimentam ao longo do tempo. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, por exemplo, modificou a forma de se relacionar na atualidade e deu origem a fenômenos muito específicos como o “*phubbing*”, termo usado para definir o ato de ignorar outras pessoas enquanto se utiliza dispositivos digitais (McDaniel & Drouin, 2019). Estudos têm demonstrado que experimentar maior *phubbing* dos parceiros aumenta a probabilidade de iniciar conflitos conjugais e diminui a satisfação com a relação (Wang & Zhao, 2022). Além disso, nos dias em que cônjuges relatam maiores níveis de *phubbing* de seus parceiros, relatam piores sentimentos com relação ao relacionamento amoroso, maiores conflitos, menos interações positivas com o cônjuge e humor mais negativo (McDaniel & Drouin, 2019).

Além dos motivos, a frequência e a intensidade dos conflitos conjugais também são importantes, embora não impactem a qualidade conjugal tanto quanto a maneira como os

desentendimentos são resolvidos (Mosmann & Falcke, 2011; Wagner et al., 2020). A frequência dos conflitos pode ser um indicador de dificuldades no processo de resolução, enquanto sua intensidade pode revelar a existência de tensões e agressões verbais ou físicas, o que pode contribuir para a deterioração da qualidade conjugal (Wagner et al., 2022).

No que diz respeito à forma como os casais lidam com seus conflitos, estudos enumeram quatro estilos de resolução dos conflitos conjugais: Resolução positiva (negociação), Envolvimento no conflito, Afastamento e Submissão (Delatorre et al., 2017). Embora a negociação seja o estilo mais construtivo, cada um desses estilos pode ter efeitos positivos, dependendo do contexto em que são utilizados. Por exemplo, em algumas situações, se afastar pode permitir que os ânimos se acalmem para uma posterior negociação. Da mesma forma, o envolvimento no conflito pode ser uma estratégia importante para provocar mudanças necessárias, desde que na sequência o casal consiga entrar em negociação (Wagner et al., 2022). Ainda assim, a literatura evidencia que quanto maior a utilização das estratégias de enfrentamento, afastamento ou submissão, menor a qualidade da relação, e que a estratégia de negociação prediz maiores índices de qualidade conjugal (Wagner et al., 2019). Conclui-se, portanto que o diálogo e a negociação são sempre as estratégias mais eficazes para o bem-estar conjugal.

Outras variáveis que afetam a qualidade conjugal.

A partir do modelo VSA é possível inferir que uma infinidade de fatores individuais, ambientais e relacionais podem afetar a qualidade conjugal (Karney & Bradbury, 1995). Todavia, no presente estudo alguns dos mais utilizados na literatura foram considerados: o tempo de relacionamento, o nível socioeconômico e o gênero.

A trajetória da qualidade conjugal ao longo do tempo é um tema ainda controverso. Diversos estudos demonstram uma trajetória descendente (Karney & Bradbury, 1995; Vanlaningham et al., 2001). Outros defendem uma trajetória curvilínea, em forma de “U”, com níveis maiores na fase de Formação, um declínio nos anos subsequentes e um aumento na fase dos

Anos tardios (Proulx et al., 2017). Há ainda aqueles que defendem uma certa estabilidade da qualidade conjugal ao longo dos anos, dependendo de como o casal se forma (Caughlin & Huston, 2006). De acordo com essa visão, as crenças e os padrões comportamentais desenvolvidos na fase de Formação vão moldar toda a trajetória da vivência conjugal. Estudos corroboram esse pressuposto, demonstrando ainda que a trajetória descendente da qualidade conjugal ocorre apenas em casais que começam a relação com dificuldades e não as encaminharam de maneira positiva (Proulx et al., 2017).

No que se refere à questão socioeconômica, um estudo recente revelou ser contraproducente ensinar técnicas de comunicação conjugal sem levar esse fator em consideração (Ross et al., 2019). Nesse estudo, a estratégia de afastamento, utilizada pelos maridos para não resolver conflitos, se mostrou adaptativa para casais em situação de risco socioeconômico. Segundo os autores, um dos motivos para isso é que quando há recursos disponíveis para resolver a demanda das esposas, o afastamento dos maridos gera insatisfação da demandante, o que não acontece com quando o casal não possui tais recursos.

Os contrastes entre gêneros também são evidenciados na literatura. Estudos demonstram que a qualidade conjugal é percebida diferentemente por homens e mulheres (Beam et al., 2018). Nesse estudo, a qualidade conjugal foi avaliada através de 28 itens, sendo que as mulheres possuíam menores escores em todos, exceto quatro. Isso indica que a qualidade conjugal percebida por elas pode ser mais suscetível à qualidade das interações conjugais do que a percebida pelos homens. De fato, há mais de 3 décadas estudos já demonstram que, nos relacionamentos conjugais, frequentemente a mulher é quem mais demanda e o homem é mais evitativo (Christensen & Heavey, 1991). Contudo, nenhum outro trabalho havia demonstrado que a funcionalidade desse padrão varia entre níveis socioeconômicos.

São escassos os estudos que exploram a qualidade conjugal e os conflitos conjugais em uma perspectiva do ciclo vital, especialmente no contexto brasileiro. Por isso, o objetivo desse

trabalho foi descrever um panorama geral de como a qualidade conjugal e os conflitos se apresentam em diferentes etapas do ciclo vital conjugal de casais brasileiros.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 1246 brasileiros de 24 estados da federação mais o Distrito Federal, incluindo alguns que moravam fora do país. Entre os participantes, 83,2% eram do sexo feminino, 16,6% do sexo masculino e 0,2% se declararam de outro sexo. Quanto à orientação sexual, 89% se declararam heterossexuais, 4,7% homossexuais, 5,4% bissexuais e 0,9% declararam outras orientações. A situação conjugal dos participantes era a seguinte: 63% eram casados oficialmente, 11,7% tinham registro de união estável e 25,3% moravam juntos, sem registro da união. A idade dos participantes variou entre 19 e 83 anos, com média de 40,98 anos (SD=11,37). O nível de escolaridade de 56,9% era pós-graduação completa, outros 26% tinham ensino superior completo, 10,1% tinham ensino superior incompleto e a escolaridade dos 3% restantes era ensino médio completo ou inferior. O tempo médio em que os participantes moravam com seus parceiros era de 12,85 anos (SD=10,99), variando entre menos de um mês a 57 anos e 67,7% deles tinham filhos. O perfil da amostra, portanto, é de um público majoritariamente feminino, heterossexual, em sua maioria casado oficialmente e com alto nível educacional.

Instrumentos

Escala de Conflito Conjugal (Anexo A, Buehler & Gerard, 2002; Mosmann, 2007): Constituída originalmente por nove itens, apresentados em duas subescalas. A primeira originalmente possui 6 motivos de conflitos, avaliados em uma escala tipo Likert de 6 pontos (nunca, uma vez ao mês ou menos, diversas vezes ao mês, aproximadamente uma vez por semana, diversas vezes por semana, quase todos os dias). Para esse estudo, os motivos de conflito foram ampliados para 17, de acordo com pesquisas que indicam maior amplitude dos motivos

de desentendimento conjugal (Scheeren et al., 2015). A segunda subescala possui 3 itens pontuados em uma escala Likert de 5 pontos (nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente, sempre). O item 1 mede a frequência com que o sujeito lida de forma calma com os conflitos (codificado invertido) e os itens 2 e 3 medem a frequência de discussões e agressões. O alfa de Cronbach foi de 0,77 no estudo de Buehler e Gerard (2002) e 0,72 em um estudo nacional (Neumann et al., 2019).

Inventário de Estilos de Resolução de Conflitos (Anexo B): Originalmente, *Conflict Resolution Style Inventory – CRSI* (Kurdek, 1994), traduzido e adaptado para o português brasileiro por Scheeren et al. (2014) e validado por Delatorre et al. (2017). Avalia os padrões de resolução de conflitos conjugais em quatro estilos: resolução positiva (negociação), envolvimento no conflito (quando há ataques pessoais e perda de controle durante uma discussão), afastamento (quando um dos membros se recusa a continuar discutindo) e submissão (quando há a desistência do parceiro em defender a sua posição, adotando uma postura de obediência). O instrumento tem 16 itens medidos em uma escala Likert de cinco pontos (1 = nunca e 5 = sempre). Os alfas de Cronbach das subescalas variaram de 0,65 a 0,89 no estudo de Kurdek (1994), de 0,52 a 0,77 no estudo de Delatorre et al. (2017) e de 0,50 a 0,79 no estudo de Neumann et al. (2019).

Escala de Qualidade Conjugal (Anexo C, Delatorre & Wagner, 2022): Avalia a qualidade do relacionamento conjugal por meio de 29 itens, distribuídos em cinco dimensões: a) Satisfação: avaliação afetiva e cognitiva global do relacionamento conjugal, b) Compromisso: grau de engajamento de cada membro do casal no relacionamento, c) Intimidade: grau em que há proximidade, conexão, pertencimento e abertura emocional entre os cônjuges, d) Sexualidade: atração física, excitação e desejo sexual em relação ao parceiro, e) Afetividade: sentimento de afeição pelo(a) companheiro(a), expresso como demonstrações físicas de carinho, afeto e cuidado. Os itens são avaliados por meio de uma escala tipo Likert variando de 1 (não

representa quase nada) a 6 (representa muito). Para a pontuação calcula-se a média dos itens que correspondem a cada dimensão. No presente trabalho criou-se um índice geral de qualidade conjugal a partir da média das quatro dimensões. No estudo original, os alfas de Cronbach para satisfação, intimidade, sexualidade, afetividade, e compromisso foram 0,94, 0,91, 0,91, 0,89, e 0,82, respectivamente.

Procedimentos de coleta de dados

Neste estudo, aprovado por comitê de ética (Anexo G), os dados foram coletados por meio de formulário eletrônico, com link enviado pelas redes de contato dos pesquisadores e dos grupos de pesquisa. Fez-se também contato com outras universidades, grupos comunitários como associações de bairro e projetos sociais, além de divulgação em redes sociais. Os participantes foram inicialmente apresentados aos objetivos da pesquisa, ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo F) e somente podiam começar a responder o questionário se aceitassem este termo.

Procedimentos de análise de dados

Para as análises, a amostra foi estratificada em quatro grupos, de acordo com a fase do ciclo vital conjugal em que se encontravam: Formação (até 3 anos de coabitação), Expansão (4 a 15 anos), Manutenção (15 a 25 anos) e Anos tardios (26 anos em diante). A partir de então foram feitas análises descritivas para caracterizar cada um dos grupos individualmente, e análises comparativas entre os grupos para verificar as semelhanças e diferenças da qualidade conjugal e dos conflitos (motivos, frequência, intensidade e estilos de resolução) entre os grupos.

Os dados foram analisados através do software estatístico R versão 4.2.3 (R Core Team, 2023a). As médias marginais estimadas, os gráficos e as análises de moderação foram feitos através do pacote *emmeans* (Lenth, 2023) e o cálculo dos tamanhos de efeito a partir do pacote *emmeans* e do pacote *effectsize* (Ben-Shachar et al., 2020).

Transparência dos dados

O banco de dados (sem a identificação dos participantes) e os códigos das análises estão disponíveis mediante solicitação aos autores.

Resultados

Características dos participantes de cada fase do ciclo vital conjugal.

Fase de Formação: Os participantes que estavam nesta fase (N=293) tinham entre 19 e 72 anos de idade (M=31,32; SD=8,69) e tempo médio de coabitação de 1,64 anos (SD=1,09). Dentre eles, 69,6% estavam coabitando com parceiro(a) amoroso(a) pela primeira vez, 30% possuíam filhos (M=1,81 filhos; SD=1,14) e 16,4% tinham mais de 40 anos de idade. Entre os que coabitavam com parceiro(a) amoroso(a) pela primeira vez, 85,8% não possuíam filhos. Entre os que tinham filhos, 67% já haviam coabitado com outro(a) parceiro(a) anteriormente.

Fase de Expansão: Os participantes que estavam na fase de Expansão (N=548) tinham idade entre 22 e 65 anos (M=38,57; SD=7,73) e tempo médio de coabitação com o atual parceiro de 9,03 anos (SD=3,39). O relacionamento atual era a primeira coabitação de 69,3% deles e 73,5% possuíam filhos ou enteados (M=1,75 filhos; SD=0,98)

Fase de Manutenção: Na fase de Manutenção (N=224), a idade dos participantes foi entre 33 e 83 anos com média de 46,25 anos (SD=7,41). O tempo médio de coabitação com o atual parceiro foi de 20,19 anos (SD=2,97), sendo essa a primeira coabitação de 81,2% deles. 84,8% possuíam filhos (M=2,13 filhos; SD=0,91).

Fase dos Anos tardios: A idade dos participantes que estavam na fase dos Anos tardios (N=180) variou entre 42 e 79 anos, com média de 57,47 anos (SD=6,77) e o tempo médio de coabitação foi de 33,58 anos (SD=6,43). Esta era a primeira coabitação com parceiro amoroso para 89,4% dos participantes e 90% possuíam filhos (M=2,16 filhos; SD=0,89).

Qualidade conjugal e conflitos nas fases do ciclo vital conjugal

Na Tabela 3 estão descritos médias e desvios padrão das variáveis investigadas. Uma análise inicial dessas médias indicou que a fase de Formação possui índices melhores em todas

as variáveis: maior qualidade conjugal, menor frequência de conflitos, menor intensidade de conflitos, maior utilização de resolução positiva e menor uso das estratégias destrutivas.

Qualidade Conjugal

Uma análise de variância (ANOVA) foi conduzida para comparar o índice geral de qualidade conjugal (a média das cinco dimensões da Escala de Qualidade Conjugal) entre as quatro fases do ciclo vital conjugal. Houve uma diferença significativa desse índice entre as fases (Tabela 4, Modelo 1), apesar do baixo poder explicativo do modelo ($R^2 = 0,025$) e do pequeno tamanho de efeito ($\eta^2 = 0,03$). Comparações post hoc através de médias marginais estimadas e teste de Tuckey demonstraram que apenas a fase de Formação tem qualidade conjugal maior que as outras três fases (Figura 4, Gráfico A). Entre as fases de Expansão, Manutenção e Anos tardios essa diferença não é estatisticamente significativa.

Ao adicionar o sexo dos participantes ao modelo (Tabela 4, Modelo 2), o poder explicativo aumentou ($R^2=0,041$) e verificou-se que a qualidade conjugal reportada pelas mulheres foi estatisticamente menor do que a dos homens. As comparações post-hoc confirmaram isto, demonstrando que em todas as quatro fases do ciclo vital a qualidade conjugal reportada pelas mulheres foi menor que a dos homens (Figura 4, Gráfico B). Essa diferença se manteve significativa, mesmo controlando por escolaridade, renda e situação conjugal.

Conflitos conjugais

Os resultados demonstraram diferença significativa entre as fases do ciclo vital quanto à Frequência de conflitos, mas não houve diferença entre homens e mulheres.. As análises post-hoc demonstraram que participantes da fase de Formação relataram uma frequência de conflitos estatisticamente menor do que os das demais. Entretanto, não há diferença significativa entre os participantes das fases de Expansão, Manutenção e Anos tardios (Figura 4, Gráfico C).

Quanto à Intensidade dos conflitos, verifica-se diferença significativa entre as fases do ciclo vital e entre os sexos (Tabela 4). A análise post-hoc (Figura 4, Gráfico D) revelou que na

fase de Formação a intensidade dos conflitos era menor do que nas fases de Expansão e Manutenção. Não houve diferença significativa com a fase dos Anos tardios. A mesma figura demonstra que mulheres reportaram intensidade de conflitos maior que os homens em todas as quatro fases do ciclo vital conjugal.

Analisando os seis temas de conflito mais comuns nas relações conjugais (Tabela 5), alguns deles estão presentes em todas as fases, como as tarefas domésticas e o uso de tecnologias e redes sociais, que foram os dois principais temas em todas as quatro fases. Conflitos sobre comportamentos e características de cada um e dinheiro também apareceram em todas as fases. Sexo foi um dos temas mais frequentes apenas na fase de Formação. Conflitos sobre filhos apareceram apenas nas fases de Expansão e Manutenção. O tempo para ficar juntos ou fazer atividades de lazer só não apareceu como tema mais frequente na fase de Manutenção. Somente nas fases de Manutenção e Anos tardios os conflitos sobre comprometimento com trabalho e estudo apareceram na lista.

Fatores moderadores

Uma análise da Figura 5 revela que, para os homens, a qualidade conjugal não se altera significativamente com o aumento na frequência de conflitos, exceto na fase de manutenção. Para as mulheres, em todas as quatro fases o aumento da frequência de conflitos se associa a uma queda significativa na qualidade conjugal reportada. O gênero dos participantes moderou a relação entre qualidade conjugal e frequência de conflitos apenas nas fases de Formação e Expansão. Na fase de Formação (Figura 5, Gráfico A), quando os conflitos estavam acima da média (2.5, ou +1SD), a qualidade conjugal reportada pelas mulheres foi significativamente menor do que a dos homens. Na fase de Expansão (Figura 5, Gráfico B), a diferença entre homens e mulheres é significativa a partir do nível médio da frequência de conflitos.

Já a Figura 6 revela que o aumento da intensidade dos conflitos esteve associado a uma diminuição significativa na qualidade conjugal reportada pelas mulheres em todas as fases,

exceto na fase de manutenção, enquanto para os homens essa diminuição não foi significativa em nenhuma das fases. Entretanto, o gênero dos participantes foi um moderador significativo apenas na fase dos Anos tardios (Figura 6, Gráfico D). Nessa fase, à medida que aumenta a intensidade dos conflitos, as mulheres reportam uma diminuição significativa da qualidade conjugal, enquanto para os homens essa variável permanece estável.

Estratégias de encaminhamento dos conflitos

Nas fases de Formação, Manutenção e Anos Tardios a estratégia mais utilizada foi a Resolução positiva, seguida por Afastamento, Submissão e Envolvimento no conflito. Na fase de Expansão, a única alteração observada foi na estratégia de Submissão, que foi a menos utilizada, com o Envolvimento no conflito ocupando o penúltimo lugar.

A Figura 7 ilustra os resultados das análises comparativas do uso das estratégias de enfrentamento de conflitos entre as fases do ciclo vital e as diferenças de gênero. As estratégias de Afastamento (Figura 7, Gráficos B e C) e Submissão (Gráficos D e E) não apresentaram diferenças estatísticas entre as fases, tampouco entre os sexos. Por outro lado, o uso da Resolução positiva foi significativamente maior na fase de Formação, em comparação às fases de Expansão e Manutenção (Figura 7, Gráfico A). A fase de Anos tardios não se diferencia estatisticamente da fase de Formação, permitindo inferir um gráfico em forma de “U”, com níveis mais altos de dessa estratégia no início e no fim do Ciclo Vital Conjugal. Além disso, homens declararam utilizar mais a Resolução positiva de conflitos do que as mulheres (Figura 7, Gráfico B).

A estratégia de Enfrentamento dos conflitos apresentou um padrão invertido. As médias foram significativamente menores na fase de Formação, em comparação com as fases de Expansão e Manutenção, mas não houve diferenças em relação à fase dos Anos tardios (Figura 7, Gráfico G). Visualmente, o gráfico apresenta um aumento acentuado entre as fases de Formação e Expansão, seguindo uma estabilidade na fase de Manutenção e uma ligeira queda nos

Anos tardios. Não houve diferença significativa entre as fases de Formação e Anos tardios, o que faz o gráfico apresentar um padrão de “U” invertido, com níveis mais baixos de Enfrentamento do conflito no início e no fim do Ciclo Vital Conjugal.

Discussão dos resultados

Neste estudo explorou-se a trajetória da qualidade conjugal, dos conflitos e das estratégias de encaminhamento desses conflitos ao longo do Ciclo Vital Conjugal. Os dados evidenciaram que a fase de Formação não é exclusiva dos jovens que estão formando uma nova família, pois uma em cada seis pessoas nessa fase tinha mais de quarenta anos de idade e aproximadamente três em cada dez tinham filhos. Isso ressalta a necessidade da formulação de uma proposta de ciclo vital mais afinada com a realidade da conjugalidade contemporânea. Pode ser insuficiente, portanto, basear o estudo do ciclo vital conjugal apenas no ciclo normativo da família de classe média norte-americana, como muitos estudos na atualidade fazem (McGoldrick et al., 2015; Walsh, 2016).

Qualidade conjugal

A fase de Formação se destacou como a de maior qualidade conjugal. Apesar de compreender um momento de muitos ajustes e desafios para o novo casal, o início da relação é também fortemente influenciado pela paixão. Um estudo com participantes de 25 países demonstrou que os níveis de paixão são maiores nos anos iniciais e diminuem com o passar do tempo (Sorokowski et al., 2021). Outro estudo recente correlacionou maiores níveis de paixão à maior percepção de qualidade conjugal (Yoo & Joo, 2022). Isso pode explicar os altos níveis de qualidade reportados pelos participantes da fase de Formação na amostra. A paixão envolve a mente e o corpo em altas cargas de emoções, prazer e sensação de completude. A diminuição dessa euforia com o passar dos anos, aliada aos desafios inerentes às relações de longo prazo, podem contribuir para que casais avaliem as fases subsequentes do ciclo vital como um “esfriamento” da relação.

Como não houve diferença significativa da Qualidade conjugal entre as fases de Expansão, Manutenção e Anos tardios, os dados corroboram estudos que defendem a fase de Formação como um momento crucial para a construção das bases para a conjugalidade (Caughlin & Huston, 2006; Proulx et al., 2017). Após a formação dessa base, a qualidade da relação se manteria relativamente estável ao longo dos anos seguintes. Isso sugere que desenvolver intervenções psicoeducativas com foco no início da relação pode contribuir para uma conjugalidade mais saudável a longo prazo.

As diferenças de gênero na percepção da qualidade conjugal estão em consonância com os principais trabalhos da área. Estudos seminais demonstraram que mulheres reportam menor satisfação e qualidade conjugal, em comparação aos homens (Bernard, 1982). Mais recentemente, um estudo avaliou diferenças de gênero em 28 itens de qualidade conjugal e verificou que as mulheres apresentaram índices menores em 24 deles (Beam et al., 2018). Pode-se pressupor, portanto, que a percepção feminina da qualidade conjugal pode estar mais relacionada à qualidade das interações entre os cônjuges, o que não seria tão importante para os homens. Além disso, a mulher ainda assume uma carga maior nas responsabilidades com a família, os filhos e as atividades domésticas, o que pode afetar sua satisfação com o relacionamento (Rocha & Fensterseifer, 2019). Ademais, um estudo com 545 brasileiros verificou que mulheres apresentavam expectativas conjugais mais elevadas que os homens em oito dos treze domínios investigados, o que pode gerar maior insatisfação diante dos desafios da conjugalidade (Bitelman, 2022). Os resultados do presente estudo contribuem ao demonstrar que essas diferenças de gênero na satisfação conjugal são constantes ao longo de todo o ciclo vital conjugal.

Conflitos conjugais

Participantes da fase de Formação também se diferenciaram com menor frequência de conflitos, seguidos de uma estabilidade nos anos seguintes. Os achados desse trabalho corroboram parcialmente estudos que encontraram estabilidade nos conflitos conjugais ao longo dos

anos (Madigan et al., 2017; Proulx et al., 2017). A diferença na fase de Formação também pode ser influenciada pelo “efeito lua de mel”, desencadeado por níveis mais altos de paixão nos anos iniciais (Yoo & Joo, 2022). Além disso, o aprendizado adquirido pelo casal na fase de formação – seja ele positivo ou negativo – levaria a uma vivência de conflitos relativamente estável ao longo dos anos subsequentes (Caughlin & Huston, 2006; Proulx et al., 2017).

Por outro lado, a intensidade dos conflitos demonstrou um padrão diferente. Os níveis mais baixos no início e no fim da relação podem ser explicados a partir do modelo normativo do ciclo vital familiar, que pressupõe grandes desafios nas fases intermediárias do ciclo vital dos casais. Nessa fase, por exemplo, aconteceria o nascimento de filhos, a adolescência deles, a necessidade de redescobrir a conjugalidade no ninho vazio, além de desafios do desenvolvimento pessoal e profissional dos cônjuges (Ríos-González, 2005; Walsh, 2016). Tudo isso pode aumentar a intensidade dos conflitos nesse momento da vida, sem alterar a frequência em que os casais discutem.

Nos anos tardios, a relação pode sofrer menos pressões devido à diminuição das responsabilidades parentais e à estabilização dos projetos pessoais e profissionais (Papp, 2017). Questões biológicas também precisam ser consideradas, já que as pessoas em idade mais avançada perdem aos poucos capacidades físicas e, em decorrência, a vitalidade para se engajar em conflitos conjugais intensos (Silveira Marzola et al., 2020).

A análise dos seis temas de conflito mais comuns em cada fase do Ciclo Vital Conjugal demonstrou que não há grandes mudanças ao longo do tempo. Os dois principais motivos pelos quais os casais discutiam em todas as fases eram as tarefas domésticas e o uso de tecnologias e redes sociais. Embora dados de casais brasileiros tenham identificado como temas mais comuns o tempo para ficar juntos e assuntos referentes aos filhos (Wagner et al., 2019), há evidências de associação entre a divisão desigual de tarefas domésticas e o aumento de conflitos conjugais (Cerrato & Cifre, 2018). Mulheres participantes de um estudo espanhol se ocupavam

com atividades domésticas quatro vezes mais que os homens, situação que pode potencializar conflitos (Cerrato & Cifre, 2018). Com relação ao uso de tecnologias, apesar de elas serem facilitadoras da comunicação entre os cônjuges (Akrim & Dalle, 2021), são também e um dos maiores geradores de conflitos conjugais na atualidade (Benti et al., 2019). Além disso, evidências demonstram consequências negativas do uso de tecnologias na copartentalidade (McDaniel & Coyne, 2019) e na satisfação conjugal (Wang & Zhao, 2022). Não é surpresa, portanto, que esse tema de conflito esteja entre os mais comuns em todas as fases do ciclo vital.

As constatações desta análise revelam também que os temas de conflito conjugal podem se modificar ao longo do tempo. Conflitos sobre sexo estiveram entre os mais frequentes apenas na fase de Formação, o que pode ser explicado pelo fato de que nessa fase os cônjuges estão em um processo de conhecimento mútuo e de adaptação (Ríos-González, 2005). Um estudo norte-americano com casais na fase de Formação demonstrou que as mulheres consideravam conversas sobre o tema “sexo” importantes, mas mais difíceis do que outros temas (Rehman et al., 2011). Isso pode indicar uma dificuldade de se estabelecer um diálogo sobre vida sexual satisfatória no início da relação, o que pode desencadear conflitos.

Nas demais fases, outros temas se mostraram mais frequentes que a sexualidade. Os conflitos sobre filhos só apareceram na lista dos mais frequentes nas fases de Expansão e Manutenção, o que é esperado, já que nessas fases se espera que ocorra o nascimento e o crescimento dos filhos (McGoldrick et al., 2015; Ríos-González, 2005; Walsh, 2016). A parentalidade é sem dúvida um dos maiores desafios enfrentados pelos casais ao longo do ciclo vital, sendo, potencialmente, um importante tema de conflito conjugal.

Nas fases mais avançadas do relacionamento, conflitos sobre comprometimento com trabalho ou estudo apareceram entre os mais frequentes, o que não ocorreu nas fases anteriores. Isso corrobora um estudo com casais norte-americanos na fase do ninho vazio, que também listou conflitos relacionados ao trabalho entre os temas mais comuns (Papp, 2017). A

diminuição das responsabilidades parentais ao longo do desenvolvimento dos filhos e a fase do ninho vazio pode reduzir conflitos sobre essa temática e abrir caminho para que outros temas surjam.

Diferenças entre homens e mulheres. Embora o aumento da frequência de conflitos diminua a qualidade conjugal percebida por homens e mulheres, elas foram mais afetadas nas fases de Formação e Expansão. Esse resultado corrobora achados de outros estudos que identificaram maiores prejuízos na saúde mental e física das mulheres diante de conflitos conjugais, apontando as desigualdades de gênero nas relações de poder intraconjugais como uma possível explicação (Wanic & Kulik, 2011). De acordo com o modelo VSA (*Vulnerability-Stress-Adaptation*; Karney & Bradbury, 1995), tanto a formação da identidade da mulher como cuidadora da família (vulnerabilidade individual) quanto o desequilíbrio de poder na relação (estresse) podem contribuir para as diferenças demonstradas. O estudo de Wanic & Kulik (2011) reforça a hipótese de que em relações mais igualitárias os prejuízos à mulher são reduzidos ou anulados. O presente estudo contribui demonstrando que, na amostra investigada, esse impacto negativo sobre a qualidade conjugal percebida pelas mulheres ocorre apenas nas duas primeiras fases do Ciclo Vital Conjugal. Isso pode ocorrer devido ao fato de que, neste período, elas estão mais suscetíveis às frustrações das expectativas e o desequilíbrio nos papéis de gênero fica mais evidente.

Estratégias de encaminhamento de conflitos

A estabilidade das estratégias de Afastamento e Submissão ao longo do ciclo vital sugere que essas estratégias podem estar ligadas a traços pessoais mais rígidos, como por exemplo os traços de personalidade. Já a estratégia de Enfrentamento pode estar associada a fatores mais maleáveis, como o humor e as emoções. Da mesma forma, a Resolução positiva pode estar associada ao aprendizado de comportamentos adaptativos, o que explicaria as variações no uso dessas estratégias ao longo do tempo de relacionamento. Baseados nessa maleabilidade,

alguns programas de intervenção têm obtido sucesso ao ensinar a populações clínicas (Ahluwalia et al., 2018) e ao público em geral (Wagner et al., 2022) estratégias de comunicação e negociação, necessárias para uma resolução positiva de conflitos.

A trajetória em formato de “U” da estratégia de Resolução positiva e o padrão invertido da estratégia de Enfrentamento estão de acordo com um estudo tunisiano que verificou que casais nos estágios iniciais do relacionamento utilizavam mais a estratégia de negociação em comparação com os estágios seguintes (Frikha, 2010). Nos anos tardios, esse resultado pode ser explicado pela maturidade adquirida ao longo dos anos, pela acomodação diante de situações não resolvidas, ou pela diminuição do vigor físico (Tracy et al., 2021; Træen et al., 2017; Zhang et al., 2020).

As diferenças de gênero na utilização das estratégias de Resolução positiva e Envolvimento no conflito podem estar relacionadas ao padrão já conhecido de que as mulheres são mais demandantes e os homens mais evitativos (Ross et al., 2019). A qualidade da comunicação entre os cônjuges influencia mais fortemente a satisfação conjugal das mulheres, o que eliciaria a necessidade de enfrentamento para obter mudanças (Hou et al., 2019). Além disso, o desequilíbrio de poder no relacionamento e a desigualdade na divisão de tarefas diárias podem explicar o maior envolvimento das mulheres nos conflitos, já que elas continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas (Cerrato & Cifre, 2018; Rocha & Fensterseifer, 2019).

Considerações Finais

O presente trabalho apresentou um modelo de Ciclo Vital Conjugal não vinculado a outros eventos familiares, como o nascimento e crescimento dos filhos. Permitiu também visualizar na vivência de brasileiros a trajetória da qualidade conjugal e dos conflitos ao longo desse ciclo, suprimindo uma lacuna na produção científica nacional.

Ainda assim, há limitações que precisam ser consideradas. Apesar de inúmeros esforços da equipe de pesquisa para diversificar a amostra, os participantes são em sua maioria mulheres, com alto nível de escolaridade e renda. Análises de uma amostra mais diversificada pode revelar diferenças nos resultados. Também é importante notar que o tamanho de efeito reportado nas análises é pequeno e o recorte de análise é transversal. Futuras pesquisas podem acompanhar longitudinalmente a qualidade e os conflitos entre cônjuges, monitorando essas variáveis à medida que os casais transitam entre as fases do ciclo vital conjugal.

Apesar das limitações, os resultados contribuem com o estudo da conjugalidade na realidade brasileira, podendo inspirar novos estudos e intervenções que contribuam com a qualidade das relações amorosas e, conseqüentemente, com todo sistema familiar.

Tabela 3
Médias e desvios padrão das variáveis estudadas

	Geral	Formação	Expansão	Manutenção	Anos Tardios
	M(SD)	M(SD)	M(SD)	M(SD)	M(SD)
Qualidade Conjugal	4,88 (0,95)	5,15 (0,76)	4,80 (0,96)	4,79 (1,06)	4,76 (1,03)
Frequência de conflitos	1,98 (0,80)	1,82 (0,70)	2,02 (0,80)	2,06 (0,84)	2,04 (0,86)
Intensidade dos conflitos	2,00 (0,64)	1,84 (0,56)	2,07 (0,69)	2,05 (0,65)	2,00 (0,59)
Estratégias de enfrentamento de conflitos					
Resolução positiva	3,63 (0,70)	3,81 (0,72)	3,54 (0,72)	3,59 (0,68)	3,64 (0,73)
Envolvimento	2,03 (0,74)	1,87 (0,74)	2,10 (0,75)	2,09 (0,73)	2,03 (0,71)
Afastamento	2,34 (0,78)	2,27 (0,79)	2,38 (0,76)	2,38 (0,76)	2,26 (0,75)
Submissão	2,12 (0,82)	2,04 (0,79)	2,07 (0,78)	2,23 (0,85)	2,25 (0,89)

Nota. A qualidade conjugal é a média dos 5 fatores da Escala de Qualidade Conjugal, que tem os itens medidos em uma escala de 1 a 6 (Não representa quase nada - Representa muito). A Frequência de conflitos é medida em uma escala de 1 a 6 (Quase nunca – todos os dias). A Intensidade dos conflitos é medida em uma escala de 1 a 5 (Nunca – sempre). As estratégias de enfrentamento de conflitos são medidas em uma escala de 1 a 5 (Nunca - Sempre).

Tabela 4

Análises de variância (ANOVA) de Qualidade conjugal, Frequência e Intensidade de conflitos entre as fases do ciclo vital conjugal

Preditor	Somas quadráticas	df	Médias quadráticas	F	p	η^2 [IC 90%]	R ² [IC 95%]
Qualidade Conjugal- Modelo 1							0.025** [0,01; 0,04]
(Intercepto)	7201.58	1	7201.58	8091.53	.000		
Fases do ciclo vital	26.36	3	8.79	9.87	.000	.03 [.01, .04]	
Erro	1015.51	1141	0.89				
Qualidade Conjugal- Modelo 2							0.041** [0,02; 0,06]
(Intercepto)	3733.33	1	3733.33	4250.85	.000		
Fases do ciclo vital	25.66	3	8.55	9.74	.000	.03 [.01, .04]	
Sexo	15.97	1	15.97	18.18	.000	.02 [.01, .03]	
Erro	999.45	1138	0.88				
Frequência de conflitos							0.013** [0,00; 0,03]
(Intercepto)	352.50	1	352.50	555.86	.000		
Fases do ciclo vital	8.23	3	2.74	4.32	.005	.01 [.00, .03]	
Sexo	0.12	1	0.12	0.18	.669	.00 [.00, .00]	
Erro	610.68	963	0.63				
Intensidade de conflitos							0.039** [0,02; 0,06]
(Intercepto)	297.39	1	297.39	740.39	.000		
Fases do ciclo vital	8.39	3	2.80	6.96	.000	.02 [.01, .03]	
Sexo	6.87	1	6.87	17.10	.000	.02 [.01, .03]	
Erro	383.99	956	0.40				

Notas. df representa graus de liberdade. IC representa Intervalo de Confiança de 95%.

η^2 representa o tamanho de efeito, calculado pelo η^2 ao quadrado parcial, com valores de referência:

Pequeno [$<0,06$], Médio [$0,06; 0,14$], Grande [$\geq 0,14$].

A fase de Formação e o sexo masculino foram usados como categorias de referência.

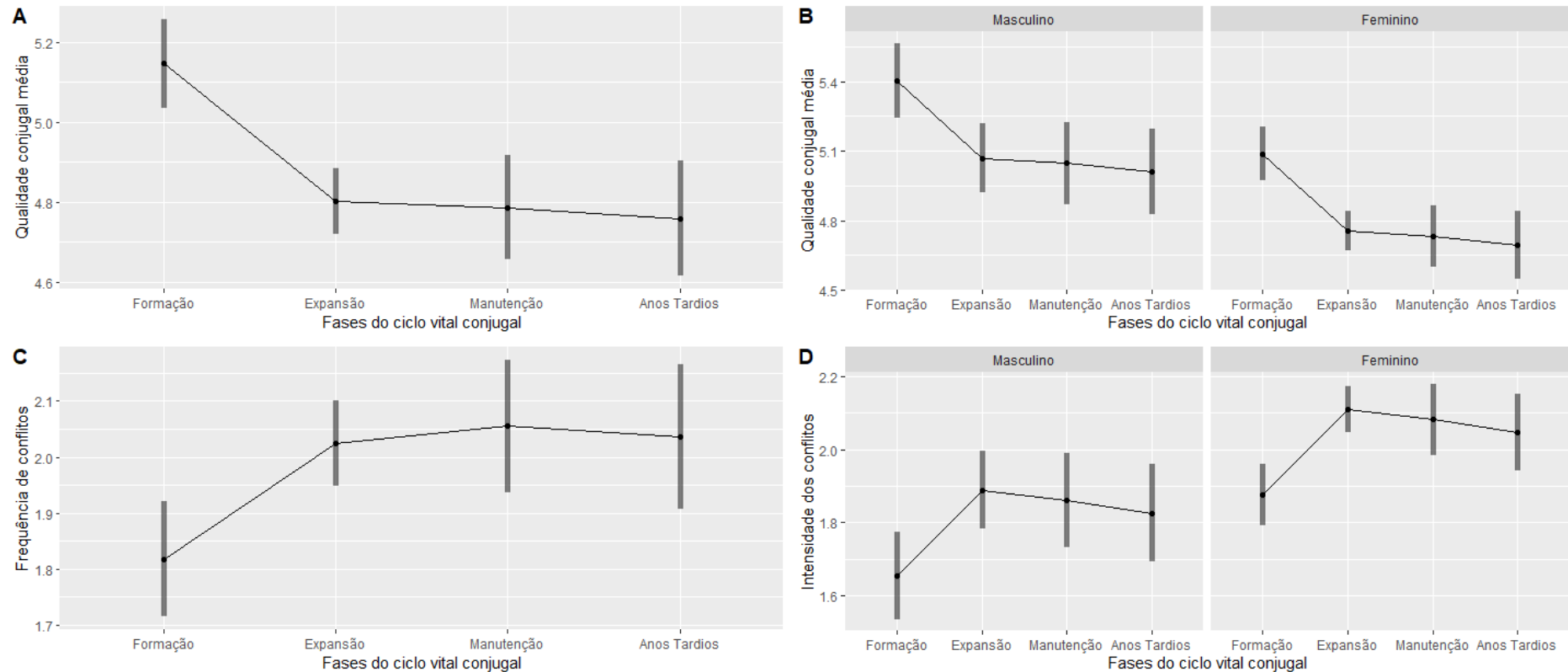
** $p < 0,01$

Tabela 5
Temas de conflitos mais comuns em cada fase do ciclo vital conjugal

Fase do Ciclo Vital	Tema de conflito	M	sd
Formação	1 Tarefas Domésticas	2.66	1.52
	2 Uso de tecnologias e redes sociais	2.46	1.67
	3 Comportamentos e características de cada um	2.45	1.31
	4 Tempo para ficar juntos ou fazer atividades de lazer	2.29	1.48
	5 Sexo	2.08	1.32
	6 Dinheiro	2.01	1.33
Expansão	1 Uso de tecnologias e redes sociais	2.94	1.81
	2 Tarefas Domésticas	2.84	1.67
	3 Comportamentos e características de cada um	2.66	1.53
	4 Filhos	2.45	1.67
	5 Tempo para ficar juntos ou fazer atividades de lazer	2.40	1.40
	6 Dinheiro	2.24	1.49
Manutenção	1 Tarefas Domésticas	2.89	1.79
	2 Uso de tecnologias e redes sociais	2.88	1.88
	3 Filhos	2.63	1.71
	4 Comportamentos e características de cada um	2.58	1.47
	5 Dinheiro	2.35	1.55
	6 Comprometimento com trabalho ou estudo	2.32	1.80
Anos Tardios	1 Uso de tecnologias e redes sociais	2.90	2.02
	2 Tarefas Domésticas	2.72	1.92
	3 Tempo para ficar juntos ou fazer atividades de lazer	2.64	1.76
	4 Comportamentos e características de cada um	2.42	1.52
	5 Dinheiro	2.41	1.65
	6 Comprometimento com trabalho ou estudo	2.31	1.93

Figura 4

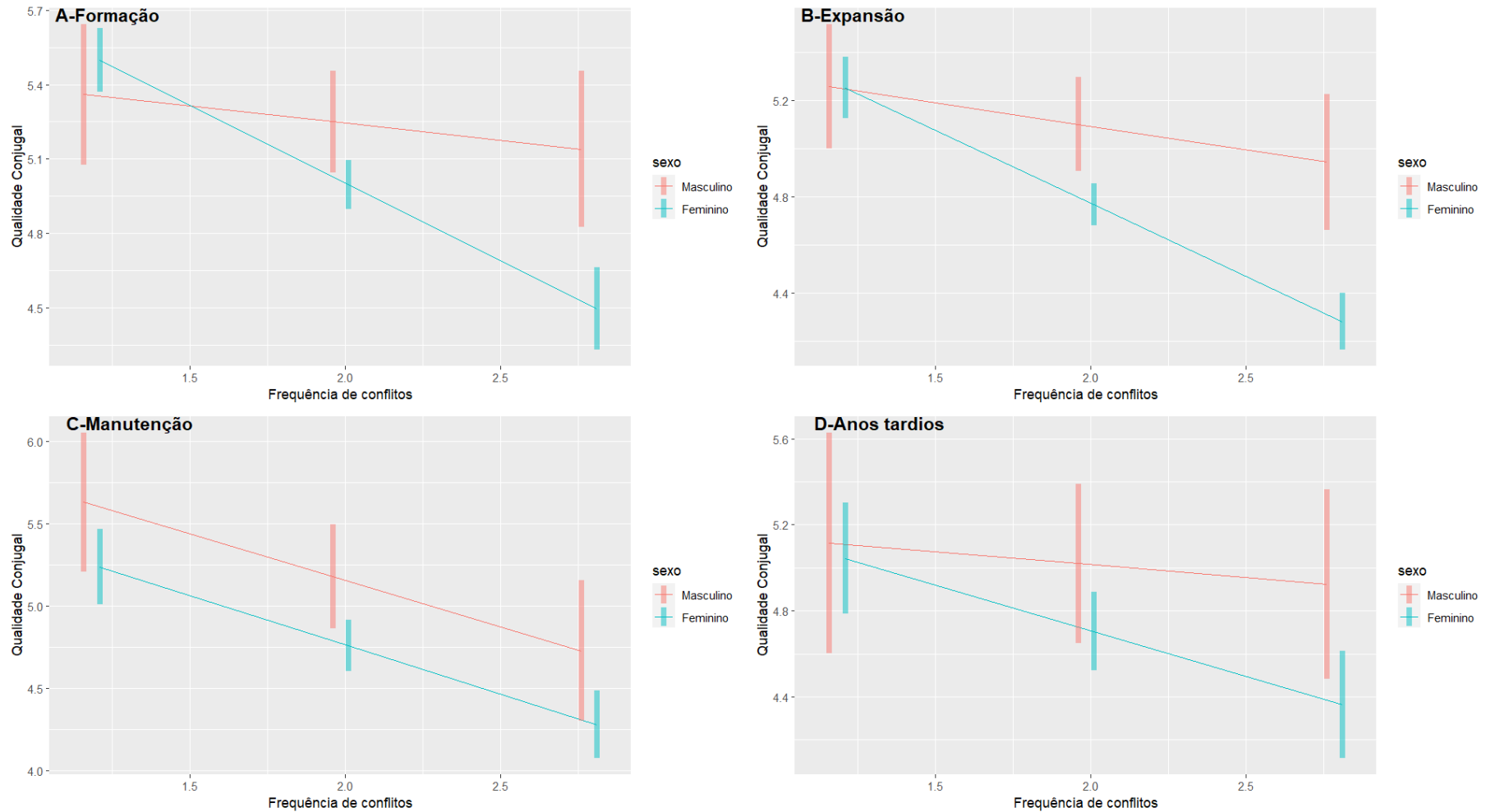
Gráficos das médias marginais estimadas comparando as fases do ciclo vital conjugal quanto à Qualidade conjugal, Frequência de conflitos e Intensidade dos conflitos



Notas. O **gráfico A** representa as médias marginais estimadas do Modelo 1 da regressão em que as fases do ciclo vital conjugal forma preditoras da Qualidade conjugal. O **gráfico B** representa as médias marginais estimadas do Modelo 2, que adicionou a variável Sexo dos respondentes à equação do Modelo 1. O **gráfico C** representa as médias marginais estimadas do modelo de regressão em que as fases do ciclo vital foram preditoras da Frequência de conflitos. O **gráfico D** representa as médias marginais estimadas do modelo de regressão em que as fases do ciclo vital e o sexo foram preditoras da Intensidade dos conflitos conjugais.

Figura 5

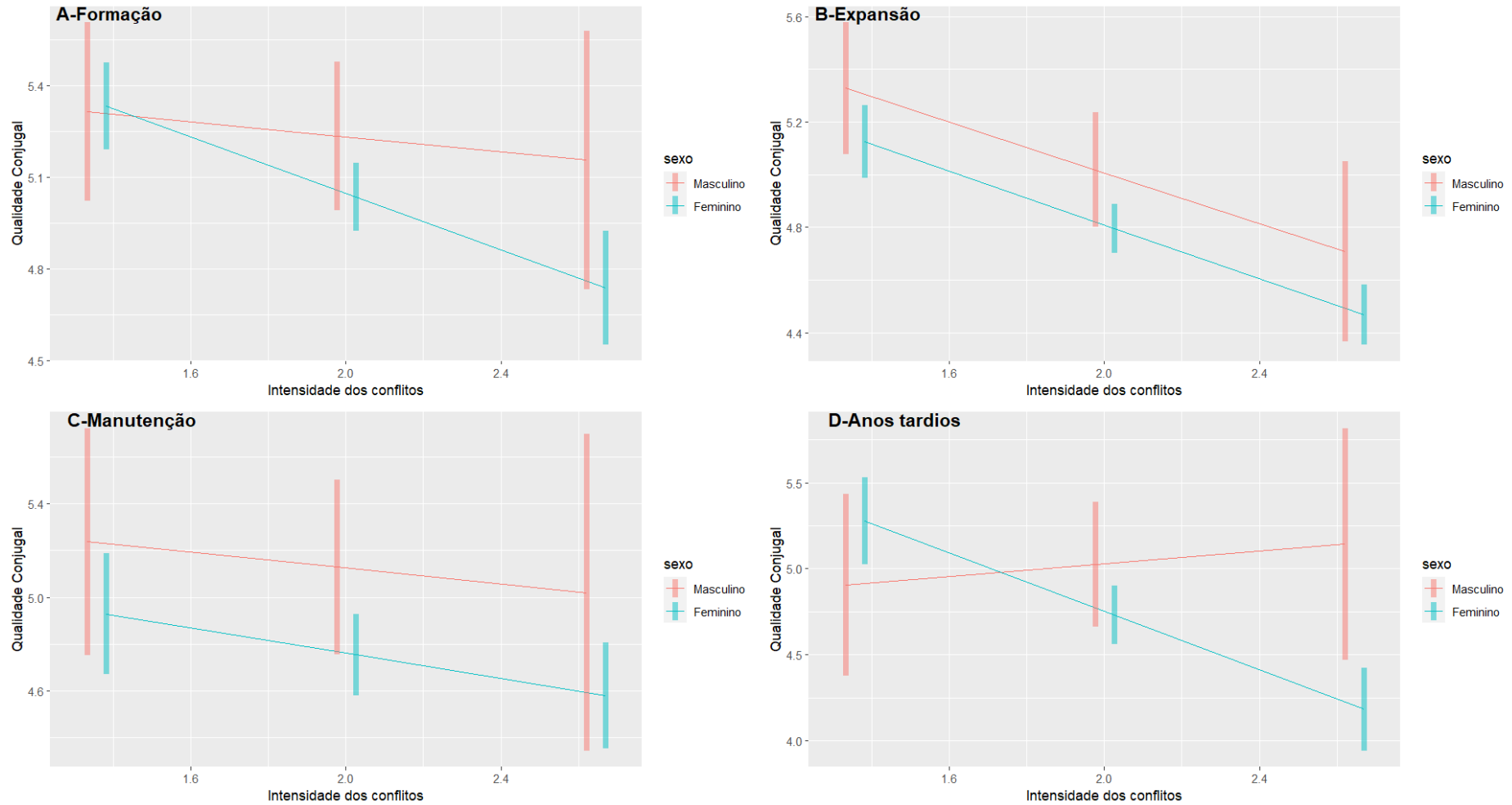
Sexo como moderador da relação entre a Frequência de conflitos e a Qualidade conjugal nas quatro fases do ciclo vital conjugal



Nota. Em todos os gráficos, no eixo X, o valor 1.5 é referente a -1SD (um desvio padrão abaixo da média), o valor 2.0 é referente à média da frequência de conflitos em todas as fases, e 2.5 é referente a +1SD (um desvio padrão acima da média). As barras verticais representam o intervalo de confiança de 95%.

Figura 6

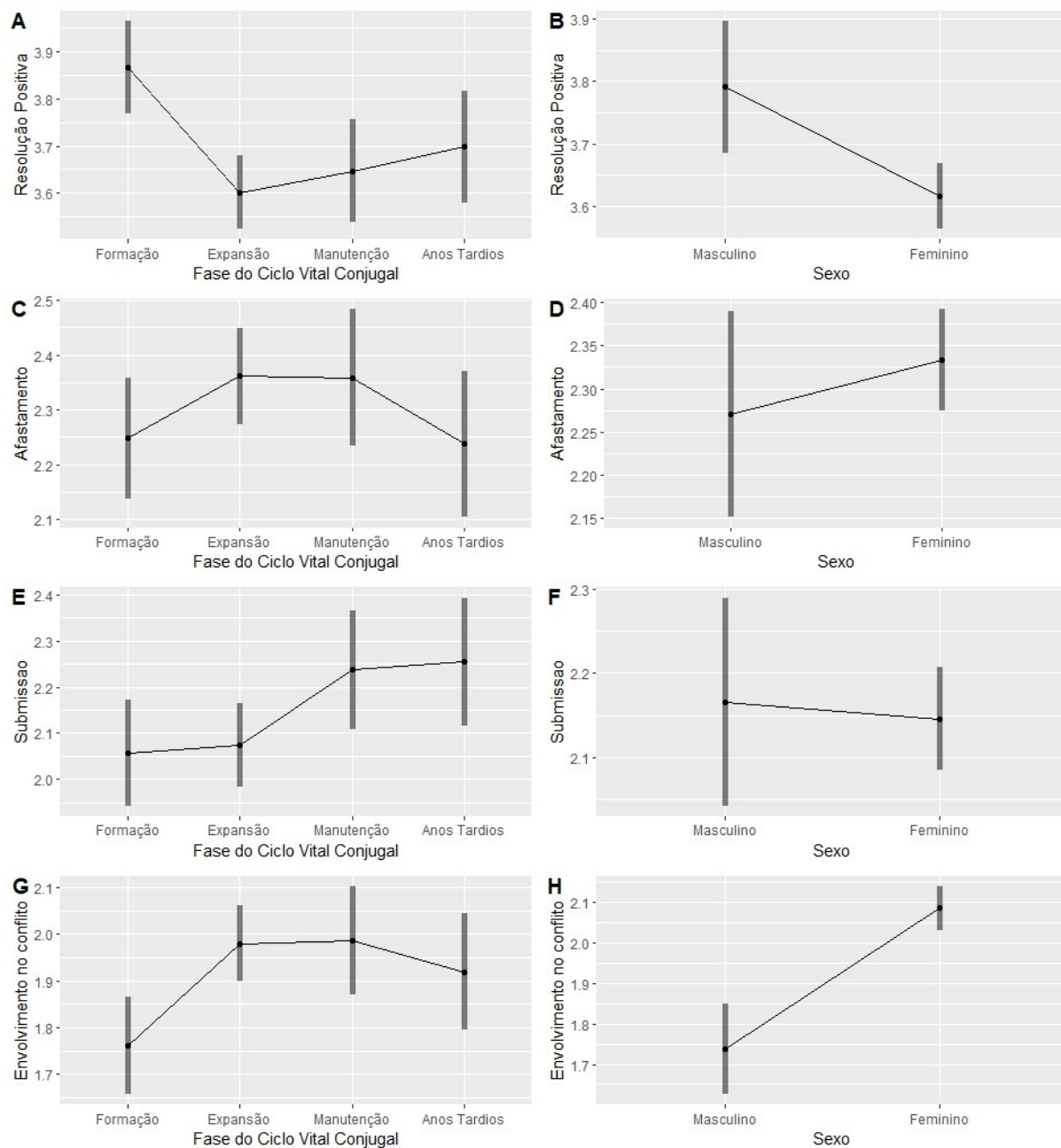
Sexo como moderador da relação entre Intensidade de conflitos e Qualidade conjugal nas quatro fases do ciclo vital conjugal



Nota. Em todos os gráficos, no eixo X, o valor 1.6 é referente a -1SD (um desvio padrão abaixo da média), o valor 2.0 é referente à média da intensidade de conflitos em todas as fases, e 2.4 é referente a +1SD (um desvio padrão acima da média). As barras verticais representam o intervalo de confiança de 95%.

Figura 7

Gráficos das médias marginais estimadas com fases do Ciclo Vital Conjugal e sexo predizendo Estratégias de enfrentamento de conflitos



5. Trajetória das relações conjugais ao longo do tempo: um estudo longitudinal sobre qualidade conjugal e estratégias de encaminhamento de conflitos

Fabrizio de Andrade Rocha

Adriana Wagner

Resumo

Grande parte das pessoas vivencia pelo menos uma relação conjugal ao longo da vida, e a qualidade dessa relação é fundamental, tanto para os membros da díade conjugal, quanto para os demais membros do sistema familiar. A maneira como os conflitos conjugais são encaminhados em cada fase da vida é um dos fatores que contribuem para essa qualidade. O objetivo do presente estudo foi explorar longitudinalmente a trajetória da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos, assim como a relação entre esses construtos vivenciadas a longo prazo. Utilizou-se dados de um estudo realizado em 2010 com 750 casais gaúchos, dos quais 85 pessoas, incluindo 24 díades completas, participaram do follow-up em 2023. Os dados foram analisados através de regressões multinível e do modelo APIM. Os resultados revelaram que os casais que permaneceram casados nesse período possuíam bons níveis de qualidade conjugal em 2010, o que foi mantido em 2023. Demonstraram também aumento do uso da resolução positiva dos conflitos e diminuição da submissão. Casais que se separaram nesse período já possuíam baixa qualidade conjugal na primeira coleta. O APIM demonstrou que os níveis de envolvimento no conflito e afastamento das esposas permaneceram estáveis no transcurso dos 13 anos analisados, assim como os níveis de submissão dos maridos. Revelou também que as estratégias de encaminhamento de conflitos influenciam a qualidade conjugal forma transversal mais que longitudinalmente. Discute-se a importância de bons níveis de qualidade conjugal no início da relação para a sua manutenção a longo prazo, além das diferenças entre maridos e esposas no uso das estratégias de encaminhamento de conflitos.

Palavras-chave: resolução positiva; enfrentamento de conflitos; afastamento; submissão

Grande parte das pessoas vivencia a conjugalidade pelo menos uma vez durante o curso de suas vidas. Muitos desses relacionamentos perduram por longos anos, paralelamente ao desenvolvimento individual de cada cônjuge e, muitas vezes, acompanhando o crescimento de filhos e netos. Entretanto, as relações conjugais não são isentas de dificuldades e cada casal estabelece a maneira como os conflitos são gerenciados e encaminhados, o que pode ser fundamental para a manutenção da relação a longo prazo (Mosmann & Falcke, 2011; Scheeren et al., 2015). Nesse contexto, a qualidade conjugal é fundamental para a estabilidade do sistema familiar e para o bem-estar de cada indivíduo envolvido. Por exemplo, evidências associam a qualidade da relação conjugal à saúde física e mental dos cônjuges (Robles et al., 2014). O desenvolvimento e o ajustamento dos filhos também são associados a essa qualidade (Goulart, Wagner, Barbosa, & Mosmann, 2016; Mastrotheodoros et al., 2022). É notória, portanto, a importância de se compreender a trajetória da qualidade conjugal ao longo dos anos e como os casais lidam com os desafios que enfrentam nesse caminho.

Qualidade conjugal

Embora a qualidade conjugal seja um construto de interesse científico há décadas, sua conceituação é ainda um desafio. Isso se deve ao fato de ser uma variável multidimensional, que resulta do complexo processo de interação do indivíduo consigo mesmo, com o cônjuge e de ambos com o contexto à sua volta (Mosmann et al., 2006; Rosado et al., 2016). Por isso, outros construtos menos abrangentes são mais utilizados na literatura, como satisfação conjugal, satisfação sexual, ajustamento conjugal, dentre outros (Abreu-Afonso et al., 2022; Rosado et al., 2016; Schoenfeld et al., 2017).

Um dos instrumentos mais utilizados para avaliar a qualidade conjugal é o *Golombok Rust Inventory of Marital State* (GRIMS), que avalia oito áreas de dificuldade conjugal, incluindo interesses compartilhados, comunicação verbal e não verbal, sexo, afeto, confiança, expectativas, tomada de decisões e formas de lidar com problemas (Rust et al., 2010). Mais

recentemente, um estudo brasileiro buscou acessar a qualidade conjugal a partir de cinco dimensões: satisfação, compromisso, intimidade, sexualidade e afetividade, obtendo bons índices de validade e fidedignidade (Delatorre & Wagner, 2022). Entretanto, por ser um instrumento ainda novo, mais estudos são necessários para verificar sua aplicabilidade prática.

No presente estudo conceitua-se a qualidade conjugal como a avaliação que os cônjuges fazem de seu relacionamento amoroso, considerando diversos aspectos da vivência conjugal, como a intimidade, a sexualidade, a afetividade e a satisfação geral com a relação. Por considerar dimensões diferentes da vivência amorosa, pressupomos que a qualidade conjugal pode ser percebida diferentemente em cada momento da relação, já que os desafios que o casal enfrenta nas diferentes fases do ciclo vital conjugal podem ser diferentes. Estudos têm investigado fases específicas da vida a dois, como a fase de formação da conjugalidade (Rehman et al., 2011; Williamson & Lavner, 2020), os casais de meia idade (Polenick et al., 2017) e a fase mais tardia dos relacionamentos (Landis et al., 2013; Srinivasan et al., 2019). Os trabalhos que acompanham longitudinalmente a vivência conjugal comumente se limitam à dimensão da satisfação conjugal (Fallis et al., 2016; Gorchoff et al., 2008; Seo, 2020). São escassos os trabalhos que exploram de forma mais ampla a evolução da qualidade conjugal ao longo dos anos (Coyne et al., 2017; Karney & Bradbury, 1995).

Um estudo norte-americano buscou integrar diversas perspectivas teóricas e empíricas sobre a conjugalidade em um modelo que tenta explicar longitudinalmente as mudanças nos relacionamentos amorosos de longo prazo (Karney & Bradbury, 1995). Como resultado, o modelo VSA (*Vulnerability, Stress and Adaptation*) sugere que a qualidade das relações ao longo do tempo é influenciada pelas vulnerabilidades individuais de cada cônjuge, pelos estressores do ambiente e pela capacidade do casal de se adaptar diante dos desafios de cada fase. Diante disso, pode-se inferir que a qualidade conjugal não é um construto estático, mas dinâmico e fortemente influenciado pelo momento atual da relação.

Estratégias de encaminhamento de conflitos

Embora boa parte dos casais normalmente reporte bons níveis de satisfação com sua relação, a existência de conflitos é inevitável em todos os relacionamentos (Wagner et al., 2015). Uma das características que diferencia casais funcionais e disfuncionais é a maneira como encaminham suas divergências (Mosmann & Falcke, 2011; Scheeren et al., 2015; Wagner et al., 2022). As estratégias utilizadas para a resolução desses conflitos são, portanto, fundamentais para a manutenção das relações amorosas a longo prazo, contribuindo para a avaliação que os casais fazem da sua qualidade conjugal (Delatorre & Wagner, 2015; Wagner et al., 2019).

Um estudo do fim do Século XX revelaram que cada cônjuge possui um padrão comportamental diante dos conflitos, podendo agir de quatro diferentes maneiras: negociando e buscando um acordo (resolução positiva), perdendo o controle e atacando o parceiro (enfrentamento), ignorando o parceiro e recusando a discutir o assunto (afastamento) e cedendo ao outro sem defender sua posição (submissão). Esse estudo associou a estratégia de resolução positiva a maior satisfação conjugal e menores índices de dissolução conjugal, enquanto as estratégias menos construtivas (enfrentamento, afastamento e submissão) se correlacionaram com menores índices de satisfação e maior possibilidade de dissolução (Kurdek, 1994).

Essas estratégias também foram identificadas em estudos brasileiros. Um estudo com 750 casais brasileiros identificou três estratégias de resolução de conflitos: acordo, ataque e evitação (Delatorre & Wagner, 2015). Outro trabalho, com 1500 pessoas, verificou a estrutura de quatro estilos: resolução positiva, enfrentamento, afastamento e submissão (Delatorre et al., 2017). Em ambos os estudos, a estratégia de resolução positiva foi associada a melhores índices de qualidade conjugal, enquanto as estratégias menos construtivas se relacionaram com piores índices conjugais.

Embora os estudos da área normalmente utilizam a expressão “estratégias de resolução de conflitos”, no presente estudo questiona-se o uso da palavra “resolução”, já que as estratégias menos construtivas normalmente não resolvem os conflitos, apenas os deixam latentes até o próximo embate. Entende-se os padrões comportamentais diante dos conflitos como estratégias de encaminhamento de conflitos, não necessariamente de resolução. Por isso, a expressão “estratégias de encaminhamento de conflitos” será utilizada para se referir a esse construto, assumindo o modelo de Kurdek (1994), com quatro estratégias: resolução positiva, enfrentamento, afastamento e submissão.

Tendo em vista a importância das relações conjugais para o bem-estar do sistema familiar, é imprescindível explorar como a qualidade conjugal evolui ao longo dos anos, na realidade de casais brasileiros. Considerando também que as estratégias de encaminhamento de conflitos podem contribuir para a avaliação dessa qualidade, analisar sua evolução longitudinalmente e sua contribuição para a qualidade conjugal se faz importante.

Diante disso, objetivo do presente estudo foi explorar longitudinalmente a trajetória da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos, assim como a influência dessas estratégias sobre a percepção da qualidade conjugal ao longo dos anos.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 85 pessoas (56% do sexo feminino), com idade entre 34 e 68 anos ($M=51,53$; $SD=8,56$) e tempo de relação conjugal entre 12 e 45 anos ($M=15,29$; $SD=9,52$). Os participantes foram recrutados dentro de uma amostra de 750 casais participantes de um estudo sobre qualidade e conflitos conjugais, realizado pelo grupo de pesquisa dos autores em 2010. Dentre os 1500 participantes, 611 deixaram telefone ou e-mail para futuras pesquisas e foram convidados para nova coleta de dados em 2023, mas muitos dos meios de contato estavam desatualizados.

Os participantes dessa segunda coleta responderam voluntariamente a um questionário online com duração de cerca de 25 minutos. Dentre eles, 17,4% haviam se divorciado nesse período de 13 anos e uma pessoa estava viúva. Para as análises descritivas os dados de todos os 85 participantes foram utilizados, mas para as análises diádicas, 38 participantes foram excluídos pela ausência de resposta do cônjuge, totalizando 24 casais.

Instrumentos

Golombok-Rust Inventory of Marital State – GRIMS (Anexo D; Rust et al., 2010). Composto de 28 itens, este inventário acessa a qualidade conjugal medindo o nível de dificuldades em diferentes áreas da vida a dois: satisfação, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. Pontuados em uma escala tipo Likert de 4 pontos (0=discordo fortemente, 1=discordo, 2=concordo e 3=concordo fortemente), os itens são somados após a inversão de alguns (1, 2, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 20, 22, 25 e 28) para a obtenção de um escore geral. Neste inventário, escores maiores representam mais problemas conjugais, e a padronização do teste sugere, em resumo, que valores maiores que 42 indicam problemas conjugais severos, entre 34 e 41 indicam qualidade conjugal baixa, entre 30 e 33 indicam qualidade média e valores menores que 29 indicam boa qualidade conjugal. O instrumento foi traduzido e adaptado para a língua portuguesa (Falcke, 2003) e tanto a versão original quanto a brasileira obtiveram bons níveis de consistência interna, com $\alpha=0,80$.

Inventário de estilos de Resolução de Conflitos - Conflict Resolution Styles Inventory – CRSI (Anexo B; Kurdek, 1994). Este inventário contém 16 itens, nos quais o participante reporta a frequência que utiliza quatro diferentes estilos de resolução de conflitos conjugais: resolução positiva (negociação e acordo), envolvimento no conflito (ataque), afastamento e submissão. Utilizando uma escala Likert de 5 pontos (1=nunca; 5=sempre), o instrumento original possui duas partes: a avaliação pessoal e a do parceiro. Entretanto, para o presente estudo foi utilizada apenas a parte que diz respeito ao próprio participante. Para a avaliação dos escores, é feita uma média das respostas de cada subescala para a formação dos escores finais de cada uma das quatro estratégias.

No instrumento original, os alfas de Cronbach de cada subescala variaram de 0,65 a 0,89. Esse inventário foi adaptado e validado para a população brasileira (Delatorre et al., 2017), obtendo alfas de Cronbach entre 0,53 e 0,78.

Procedimentos de análise dos dados

As análises foram realizadas a partir do *Actor and Partner Independence Model* (APIM; Kenny, 2018), que é um modelo amplamente usado para análises de díades e avalia, através de uma série de regressões lineares, os efeitos de uma variável no próprio indivíduo, chamado de efeito de ator, ou *Actor effect*, e na outra pessoa envolvida, o efeito de parceiro ou *Partner effect*. No presente estudo, por exemplo, avalia-se se as estratégias de enfrentamento de conflitos utilizadas pelos maridos contribuem para a qualidade conjugal percebida por eles mesmos (*Actor effect*) e para a qualidade percebida por suas esposas (*Partner effect*). Esse modelo também permitiu verificar longitudinalmente essas associações. Para cumprir os objetivos desse estudo foram testados três modelos. Neste artigo serão utilizadas as expressões em inglês (*Actor effect* e *Partner effect*) por serem as mais utilizadas na literatura internacional.

O modelo 1, representado na Figura 8-A é uma versão do APIM conhecido como *Stability Influence Model* (Modelo de Estabilidade e Influência (Kenny et al., 2006), no qual se verifica como a Qualidade conjugal percebida pelos indivíduos em 2023 é predita pela sua própria Qualidade conjugal percebida em 2010 (Estabilidade) e pela qualidade percebida pelo seu parceiro(a) também em 2010 (Influência). Isso foi feito também com cada uma das estratégias de encaminhamento de conflitos. Com este modelo buscou-se responder à pergunta: Qual a trajetória da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos ao longo dos anos?

Os modelos 2 e 3 representam as análises que buscaram responder à pergunta: As estratégias de encaminhamento de conflitos contribuem com a qualidade conjugal ao longo do tempo? Para isso, o modelo 2 (Figura 8-B) demonstra as análises transversais com dados de

2023 e o modelo 3 (Figura 8-C) representa as análises longitudinais, nos quais os dados de 2010 foram usados como preditores dos dados de 2023. Assim, com esses modelos será possível analisar como as estratégias de resolução de conflitos contribuem com a qualidade conjugal no momento presente e longitudinalmente.

As análises do modelo APIM podem ser feitas por meio de modelagem de equações estruturais (SEM) e modelagem multinível. Devido ao pequeno número de díades da amostra, o método mais recomendado é a modelagem multinível (Hong & Kim, 2018; Kline, 2011).

Os dados foram analisados através do software R versão 4.3.1 (R Core Team, 2023b) e para a modelagem multinível utilizou-se a função “lme” do pacote “nlme” (Pinheiro et al., 2023).

Procedimentos éticos

O presente estudo, previamente aprovado por comitê de ética (Anexo G), seguiu a legislação brasileira sobre pesquisa com seres humanos. Os participantes foram apresentados aos objetivos da pesquisa e ao Termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo F) antes de iniciar o preenchimento do formulário online, e somente puderam continuar após aceitarem as cláusulas do termo. Também puderam salvar ou imprimir uma cópia. Todos os dados foram salvos resguardando a identidade dos participantes, com a utilização de um código aleatório para identificar as respostas da primeira e segunda coleta de dados.

Resultados

Os dados descritivos da amostra estão disponíveis na Tabela 6. No que se refere à qualidade conjugal, os casais que permaneceram juntos entre 2010 e 2023 possuíam bons níveis de qualidade nos dois momentos de coleta, enquanto os que se separaram nesse período já apresentavam qualidade conjugal pobre em 2010. A padronização do teste GRIMS considera como bons níveis entre 22 e 25 e pobres os escores entre 34 e 37 (Rust & Golombok, 2002).

As tabelas 7 a 10 documentam os resultados das modelagens multinível diádicas. Os índices de variância e de correlações dos efeitos variáveis demonstrados indicam que a modelagem multinível é adequada para as análises propostas. A primeira regressão multinível realizada demonstrou que não houve alteração significativa do GRIMS entre 2010 e 2023 na amostra estudada (Tabela 7), o que foi confirmado em análises post-hoc das médias marginais estimadas (Figura 9-A). Não houve também diferenças entre homens e mulheres na percepção da qualidade conjugal nesse período. As análises da qualidade conjugal através do modelo 1 (Tabela 8) revelam ausência de *actor effect* para o GRIMS, o que significa que os níveis de qualidade conjugal percebida em 2010 não predizem os níveis de 2023. Também não foi significativa a influência da qualidade conjugal percebida pelos maridos em 2010 sobre a qualidade percebida pelas esposas em 2023, ou vice-versa (ausência de *partner effect*).

Quanto às estratégias de encaminhamento de conflitos, é possível observar um aumento no uso da estratégia de resolução positiva (Figura 9-B), assim como uma diminuição no uso das estratégias de Envolvimento no conflito (Figura 9-C), Afastamento (Figura 9-D) e Submissão (Figura 9-E) ao longo desses 13 anos. Entretanto, a modelagem multinível demonstrou que essa diferença não é estatisticamente significativa para Afastamento (Tabela 7). Não houve também diferenças significativas entre homens e mulheres nesses índices. A análise do modelo 1 (Tabela 8) revelou ausência de *actor* e de *partner effect* para a estratégia de Resolução positiva e estabilidade dos níveis de Envolvimento no conflito e Afastamento das esposas (*actor effect* significativo), enquanto nos níveis de Submissão há estabilidade apenas para os maridos. Não encontramos *partner effects* significativos para nenhuma das estratégias de encaminhamento de conflitos no modelo 1.

As análises do modelo 2 (Tabela 9) demonstraram como as estratégias de encaminhamento de conflitos contribuem para a qualidade conjugal transversalmente. Os resultados indicam que, embora níveis mais altos de Resolução positiva contribuam para melhores níveis de

qualidade conjugal tanto nos *actor effects* quanto nos *partner effects*, essa melhora não é estatisticamente significativa. Por outro lado, verificou-se que maiores níveis de Envolvimento no conflito de maridos e esposas contribuem com menores níveis de qualidade conjugal percebida por ambos (*actor effects* significativos). Quanto aos efeitos sobre o cônjuge, maiores níveis de ataque dos maridos predizem a percepção de menor qualidade conjugal pelas esposas (*partner effect* significativo), mas maiores níveis de ataque das esposas não têm efeito sobre a qualidade conjugal percebida pelos maridos. O mesmo padrão se repete com os níveis de Afastamento: quanto mais os maridos e as esposas se afastam dos conflitos, menores os seus níveis de qualidade conjugal percebida (*actor effects* significativos), e os níveis de afastamento dos maridos afetam negativamente a qualidade conjugal percebida pelas esposas (*partner effect* significativo), o que não ocorre no sentido inverso. Os níveis de Submissão não demonstraram efeitos significativos sobre a qualidade conjugal nessa análise transversal.

O modelo 3, que testou as mesmas relações longitudinalmente (Tabela 10), demonstrou que, no intervalo de 13 anos, não houve efeito significativo dos níveis individuais (*actor effect*) de nenhuma das estratégias de encaminhamento de conflitos usadas em 2010 sobre a qualidade conjugal percebida em 2023. Quanto à influência das estratégias usadas pelos parceiros, apenas um efeito foi significativo: maiores níveis de enfrentamento das esposas em 2010 predizem menores níveis de qualidade conjugal percebida pelos maridos em 2023. Os demais efeitos de parceiro não foram significativos.

Discussão dos resultados

O presente trabalho buscou compreender longitudinalmente a evolução da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos, assim como os efeitos a longo prazo dessas estratégias sobre a qualidade conjugal percebida. Buscou-se, portanto, responder duas perguntas: Qual a trajetória da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos ao longo dos anos? As estratégias de encaminhamento de conflitos contribuem com a

qualidade conjugal ao longo do tempo? Para respondê-las utilizou-se dados de casais, coletados em um intervalo de 13 anos.

Qual a trajetória da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos ao longo dos anos?

Os dados da amostra sugerem que os casais que permaneceram casados entre 2010 e 2023 já possuíam um nível bom de qualidade conjugal em 2010, de acordo com a padronização do teste GRIMS (Rust & Golombok, 2002), o que foi mantido em 2023. Essa tendência de estabilidade se confirmou também nos dados dos casais que se separaram nesse período: a qualidade conjugal média deles já era considerada pobre em 2010, o que indicava uma propensão para a relação permanecer com baixa qualidade ou terminar ao longo dos anos. Os resultados demonstraram, portanto, que os níveis médios de qualidade conjugal dos participantes permaneceram relativamente estáveis entre 2010 e 2023, o que está de acordo com estudos internacionais que sugerem que os alicerces que definem a qualidade conjugal são construídos no início da relação e, a partir de então, os padrões estabelecidos seguem uma trajetória relativamente estável ao longo dos anos (Caughlin & Huston, 2006; Proulx et al., 2017). A fase de Formação do casal, portanto, é de grande relevância para a vida conjugal. Essa fase possui tarefas importantes como a adaptação dos cônjuges um ao outro, o estabelecimento de fronteiras em relação à família extensa e às outras pessoas, além da construção de padrões afetivos, de comunicação e de encaminhamento de conflitos (Cunha, 2021; Heckler & Mosmann, 2014; McGoldrick et al., 2015; Ríos-González, 2005), que são fundamentais para uma relação conjugal funcional. Pode-se supor, diante dos resultados, que o cumprimento bem-sucedido das tarefas conjugais nessa fase pode contribuir para a estabilidade da relação nos anos subsequentes.

Entretanto, estudos demonstram que o estabelecimento de uma baixa qualidade conjugal no início do relacionamento não é uma sentença que condena essa relação ao fim. Um

estudo com 750 casais brasileiros elaborou uma intervenção psicoeducativa que se comprovou eficiente para melhorar os níveis de qualidade conjugal, sendo os casais com baixos níveis de qualidade os que mais se beneficiaram (Wagner et al., 2022). Isso comprova que os padrões relacionais podem ser modificados através de investimento na relação, como sugere também outro trabalho brasileiro que demonstrou que quanto mais as pessoas acreditavam na possibilidade de melhorar a relação através do esforço, melhores os níveis de qualidade conjugal (Rocha & Wagner, 2022).

Embora os níveis médios de qualidade tenham ficado estáveis, as análises longitudinais através do modelo APIM (*Actor and partner Independence model*) não demonstraram efeitos significativos de ator e parceiro, o que pode evidenciar que a longo prazo as variáveis contextuais contribuem de forma significativa com a qualidade conjugal percebida. O modelo VSA (Vulnerability, Stress, Adaptation; em tradução livre: Vulnerabilidade, Estresse e Adaptação) postula que a qualidade conjugal depende simultaneamente de características individuais dos cônjuges, das inúmeras variáveis do contexto e dos processos de adaptação do casal diante de estressores (Delatorre, 2019; Karney & Bradbury, 1995; Rosado et al., 2016). Isso pode conferir à qualidade conjugal uma característica fortemente temporal, ou seja, os estressores contextuais que sobrevêm ao casal em cada fase da relação e a forma como os cônjuges se adaptam a eles podem contribuir muito mais com os níveis de qualidade conjugal percebida do que a percepção dessa qualidade anos antes.

Analisados em conjunto, a estabilidade da qualidade conjugal média no período e a ausência de efeitos de ator e parceiro podem ser um indicativo do dinamismo das relações conjugais ao longo do tempo. Os casais participantes conseguiram manter bons níveis de qualidade conjugal durante os 13 anos analisados, mas certamente isso demandou esforço, negociação e ajustes constantes. Assim sendo, um bom nível de qualidade conjugal em um momento da vida não garante bons níveis anos depois, mas os casais que criaram um bom alicerce

provavelmente tiveram as ferramentas adequadas para manter o relacionamento, com esforço e flexibilidade.

As estratégias de encaminhamento de conflitos são algumas dessas ferramentas. Observou-se uma dinâmica de aumento do uso da resolução positiva e diminuição das estratégias menos construtivas ao longo dos anos, o que indica um amadurecimento da relação no período estudado. Isso era esperado, pois à medida que casais funcionais avançam nas fases do ciclo vital conjugal, vão adquirindo experiência e aprendendo a lidar melhor com os conflitos e os desafios da vida a dois (Ríos-González, 2005; Wagner et al., 2020). Os bons níveis de qualidade conjugal da amostra são um indício de funcionalidade na relação, o que possivelmente contribuiu para que, longo do tempo, a capacidade de negociar diante dos conflitos aumentou, enquanto a utilização de estratégias destrutivas diminuiu.

Dentre as estratégias destrutivas de encaminhamento de conflitos, apenas os níveis de afastamento não tiveram uma redução significativa no período estudado. Isso pode ser um indicativo de que essa estratégia seja resultado de traços pessoais mais rígidos, como a personalidade dos sujeitos, o que não se altera facilmente (Shultz & Schultz, 2008). Um estudo com 170 casais brasileiros comprovou a associação entre traços patológicos de personalidade e violência conjugal (Madalena et al., 2018), o que é uma evidência de que traços de personalidade influenciam os padrões relacionais na vida conjugal. Outro estudo, realizado com 50 casais iranianos, confirma isso ao associar o neuroticismo a padrões negativos de comunicação conjugal, como o afastamento ou a expectativa que o outro se afaste durante um conflito (Amiri et al., 2011). No mesmo sentido, uma revisão da literatura internacional (Widiger & Oltmanns, 2017) também demonstrou associações entre o neuroticismo e padrões comportamentais de evitação na conjugalidade. A presente pesquisa, portanto, corrobora tais achados, ao apontar que o padrão de evitar conflitos (Afastamento) pode permanecer estável durante o curso do relacionamento, provavelmente por estar associado a traços mais rígidos de personalidade.

A Submissão foi a estratégia que apresentou diminuição mais acentuada nesse período. Um dos motivos pode ser a influência do contexto social sobre essa variável. Um estudo longitudinal norte-americano com 204 casais recém-casados acompanhou três anos de relação e associou o desequilíbrio de poder na relação à maiores índices de submissão, com a crença nos papéis tradicionais de gênero moderando essa relação (Pietromonaco et al., 2021). No âmbito das relações conjugais, durante séculos as mulheres foram ensinadas a se submeterem à vontade do pai e posteriormente do marido, sem poder escolher com quem se casariam. Em uma época que o casamento era um instrumento de manutenção do poder político e financeiro das famílias, elas eram uma moeda de troca (Del Priore, 2012). Esse quadro vem sendo fortemente modificado há algumas décadas, embora muitas desigualdades de gênero ainda estejam presentes na atualidade (Alves, 2016). No período de 13 anos analisados pelo presente estudo ocorreram diversas mudanças sociais em busca da igualdade de gênero. O fortalecimento e a ampla divulgação da lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, 2006), que é considerada um marco na defesa da mulher no Brasil, é apenas um exemplo. Mesmo que a igualdade de gênero ainda não esteja consolidada, as mudanças sociais nesse sentido podem ter influenciado a diminuição dos índices de submissão conjugal, como foi evidenciado neste estudo.

Aliado a isso, a longo prazo, a maturidade dos cônjuges e da relação pode ter um efeito significativo na diminuição da submissão. Pode-se dizer que os conflitos conjugais não são um problema em si mesmos, mas se bem resolvidos podem ser catalisadores de mudanças nos padrões relacionais, levando, entre outras coisas, a um melhor equilíbrio de poder e consequentemente a índices menores de submissão. Como demonstrado em diversos estudos, o que diferencia casais funcionais de disfuncionais não é a quantidade de conflitos que possuem, mas a forma como encaminham essas divergências (Mosmann & Falcke, 2011; Scheeren et al., 2015; Wagner et al., 2019, 2020). Se com o passar do tempo casais funcionais vão amadurecendo e

aprendendo a negociar melhor durante os conflitos, como já demonstrado anteriormente, a diminuição da submissão poderia ser também uma consequência desse amadurecimento.

Apesar do aumento dos níveis de Resolução positiva entre 2010 e 2023, os resultados demonstraram ausência de efeitos de ator e de parceiro no mesmo período. Isso sugere que outros fatores influenciam o aprendizado das habilidades de negociação, além dos padrões relacionais praticados pelo casal em uma fase anterior. Isso sugere que o padrão de comunicação estabelecido pelo casal não é imutável, e por consequência as estratégias de resolução positiva de conflitos podem ser aprendidas. O presente estudo se coloca, portanto, como mais uma evidência que dá suporte à elaboração de propostas de intervenções que buscam melhorar a qualidade conjugal através de psicoeducação (Finkel et al., 2013; Wagner et al., 2020, 2022).

Nenhuma das estratégias de encaminhamento de conflitos apresentou efeito de parceiro significativo entre 2010 e 2023, o que pode indicar que a maneira que um cônjuge lida com os conflitos não interfere, a longo prazo, na forma do outro agir. Esse dado reforça a hipótese de que um cônjuge não consegue mudar o outro, embora essa tentativa seja comum nas relações conjugais. Na década de 1990, um estudo com 31 casais norte-americanos demonstrou que quando um dos cônjuges demanda uma mudança no outro, o cônjuge demandado entra em um padrão de evitação do conflito (Christensen & Heavey, 1991), o que pode dificultar e até mesmo impedir a mudança desejada. Isso foi corroborado por um estudo longitudinal mais recente, que demonstrou serem ineficazes a longo prazo as tentativas de mudar o cônjuge, aumentando a probabilidade de prejuízos na relação (Coyne et al., 2017). Os resultados apresentados confirmam esses achados ao demonstrar que, a longo prazo, a maneira como um cônjuge encaminha os conflitos conjugais não influencia a estratégia usada pelo outro.

Os únicos efeitos de longo prazo encontrados nas estratégias de encaminhamento são de ator. Para as mulheres o padrão de envolvimento e de afastamento foram mais estáveis ao longo dos anos, e para os homens essa estabilidade ocorreu apenas nos níveis de submissão.

Isso está de acordo com um estudo norte-americano que acompanhou 311 casais durante 5 anos e demonstrou que o padrão de agressividade ficou fortemente estável nesse período (Coyne et al., 2017). O presente estudo evidencia, entretanto, as diferenças de gênero nos padrões relacionais conjugais, o que já foi demonstrando em outros trabalhos (Beam et al., 2018; Cerrato & Cifre, 2018; Christensen & Heavey, 1991; Coyne et al., 2017; Pietromonaco et al., 2021).

É praticamente um consenso na literatura da área o fato de que as mulheres normalmente são mais demandantes e os homens costumam evitar conflitos (Beam et al., 2018; Christensen & Heavey, 1991). Enquanto a posição de demandante da mulher pode estar associada à busca por equilíbrio de poder (Pietromonaco et al., 2021) e por uma divisão mais justa das tarefas domésticas e do cuidado dos filhos (Cerrato & Cifre, 2018), a evitação dos homens pode ser interpretada por eles como submissão. Assim, a evitação dos maridos diante dos conflitos pode ser uma consequência de sua posição privilegiada dentro da relação e uma forma de manter essa posição sem se engajar ativamente nas mudanças demandadas por suas esposas.

As estratégias de encaminhamento de conflitos contribuem com a qualidade conjugal ao longo do tempo?

De uma forma geral, há mais efeitos significativos transversalmente do que longitudinalmente, o que é mais um indício de que a qualidade conjugal percebida, medida pelo GRIMS, é fortemente influenciada por acontecimentos do momento atual. À luz do modelo VSA, as estratégias de encaminhamento de conflitos podem ser consideradas parte do processo adaptativo, que se refere à flexibilidade do casal para se adaptar e enfrentar os estressores da vida conjugal (Delatorre, 2019; Karney & Bradbury, 1995; Rosado et al., 2016). Os resultados dessa pesquisa demonstram que essas estratégias contribuem com a percepção de qualidade conjugal no momento atual, o que não se confirma a longo prazo.

Transversalmente, os níveis de enfrentamento e de afastamento de cada cônjuge contribuem negativamente com a percepção de qualidade conjugal no nível individual, mas a nível

do casal, apenas a qualidade conjugal percebida pelas esposas foi influenciada negativamente pelo enfrentamento e o afastamento dos maridos. Isso pode indicar que elas são mais atentas ao clima emocional da relação, e conseqüentemente a qualidade das interações afeta mais fortemente sua percepção da qualidade conjugal, em comparação com os homens. Isso corrobora os achados de um estudo norte-americano com 4.621 pessoas, que demonstrou diferenças de gênero na estrutura da qualidade conjugal, com muitas das dimensões estudadas apresentando maior correlação para as mulheres do que para os homens (Beam et al., 2018). Isso pode ser explicado pelas diferenças nos papéis de gênero, que são socialmente construídas. Ao longo da história os homens foram criados como responsáveis por prover materialmente a família, enquanto as mulheres eram vistas como responsáveis pelo cuidado, pelo afeto e pela estabilidade emocional do lar e esse padrão ainda é muito presente atualmente.

Nenhuma dessas relações transversais se confirmou longitudinalmente, reforçando a hipótese já discutida de que a qualidade conjugal percebida depende mais de fatores do momento atual do que da dinâmica conjugal do passado. A longo prazo, apenas a satisfação conjugal dos maridos foi influenciada negativamente pelo nível de envolvimento no conflito das esposas. Isso também reforça a já discutida hipótese de que as tentativas de mudar o parceiro não provocam as mudanças desejadas, e podem fazer efeito contrário, produzindo um efeito negativo sobre a relação a longo prazo. Um estudo suíço com 126 casais demonstrou que o padrão de demanda das esposas e evitação dos maridos contribui negativamente com o bem-estar subjetivo dos maridos e com sua percepção de qualidade conjugal, mas a relação contrária não foi significativa: quando o homem demanda por mudanças e a mulher evita, o bem-estar subjetivo e a satisfação conjugal delas não são afetados (Siffert & Schwarz, 2011). Os achados do presente trabalho corroboram esse estudo e acrescentam que esse efeito sobre o bem-estar e a qualidade conjugal dos maridos persistem longitudinalmente.

Limitações

Embora os resultados apresentados contribuam para aumentar o conhecimento dessa área de estudo, limitações precisam ser consideradas. Talvez a principal seja o tamanho da amostra. Apesar dos esforços dispendidos, o contato com participantes de uma pesquisa realizada há 13 anos foi desafiador, dificultando o alcance de um número maior de casais. Outra limitação seria a alta qualidade conjugal dos casais participantes. Seria importante obter uma amostra mais variada, mas avaliar a evolução de casais que não possuem bons níveis de qualidade conjugal é um desafio. Tais casais, em meio a dificuldades conjugais, normalmente não se dispõem a responder pesquisas. Além disso, por causa do desenho do estudo já era esperado que alguns casais com dificuldades de relacionamento não estivessem mais juntos 13 anos depois, ou se recusassem a responder à pesquisa. Assim sendo, a interpretação dos dados desse estudo precisa ser feita tendo em vista o recorte da amostra que é pequena, regionalizada e composta de casais com qualidade conjugal mais alta.

Considerações Finais

O presente estudo pode contribuir para a prática clínica e para intervenções com casais, pois expande o conhecimento sobre a trajetória da conjugalidade ao longo dos anos e sua relação com as estratégias de resolução de conflitos. Ficou evidente que o estabelecimento de um relacionamento funcional nos primeiros anos pode ser fundamental para os anos seguintes, o que aponta para a necessidade de intervenções que ajudem os novos casais a cumprirem com sucesso as tarefas específicas dessa fase da vida conjugal. Além disso, os resultados sugerem que estratégias de resolução positiva podem ser aprendidas, o que incentiva o investimento em intervenções psicoeducativas que ensinem comportamentos mais adaptativos de solução de conflitos, reforçando também a ideia de que as tentativas de mudar o parceiro são contraproducentes.

Demonstrou-se também que a qualidade conjugal percebida revela o momento atual da vida a dois, assim como as estratégias de resolução de conflitos contribuem mais para a

qualidade conjugal no momento presente do que longitudinalmente. Isso revela o dinamismo das relações amorosas, que enfrentam constantemente estressores internos e externos, exigindo frequentes ajustes e adaptações ao longo do tempo. Assim, ao analisar longitudinalmente a conjugalidade, o presente trabalho reforça a necessidade constante de investimento na relação para uma vida amorosa satisfatória.

Tabela 6
Dados descritivos da amostra

	<i>N(%)</i>	<i>M(SD) 2010</i>	<i>M(SD)2023</i>
Sexo			
Feminino	48 (56,5)		
Masculino	37 (43,5)		
Orientação sexual			
Heterossexual	81 (95,3)		
Homossexual	2 (2,35)		
Bissexual	2 (2,35)		
Idade		39.66 (8.40)	51.53 (8.56)
Tempo conjugalidade		15.43 (9.48)	27.77 (9.54)
GRIMS (Qualidade conjugal)		27.30 (11.06)	27.09(13.86)
Resolução Positiva		14.36 (2.72)	16.83 (4.49)
Envolvimento no conflito		8.02 (2.88)	6.87 (2.60)
Afastamento		9.19 (2.98)	8.25 (2.88)
Submissão		9.09 (2.63)	5.83 (2.07)
Pessoas que se separaram	15 (17,6)		
GRIMS (Qualidade conjugal)		35.31 (11.23)	32.27 (21.14) ¹
Resolução Positiva		13.23 (2.8)	18.8 (4.76) ¹
Envolvimento no conflito		9.79 (3.7)	5.5 (2.27) ¹
Afastamento		9.93 (2.49)	7.64 (2.84) ¹
Submissão		8.86 (2.66)	5.6 (2.27) ¹
Pessoas que permaneceram com o mesmo cônjuge	70 (82,4)		
GRIMS (Qualidade conjugal)		25.67 (10.37)	26.26 (12.35)
Resolução Positiva		14.57 (2.67)	16.52 (4.41)
Envolvimento no conflito		7.66 (2.57)	7.07 (2.6)
Afastamento		9.02 (3.07)	8.35 (2.89)
Submissão		9.14 (2.64)	5.86 (2.05)

Nota. * Valores participantes que se separaram e estão em novos relacionamentos.

Tabela 7

Regressões multinível com o ano de coleta e o sexo do participante predizendo Qualidade conjugal e Estratégias de encaminhamento de conflitos

<i>Preditores</i>	GRIMS		Res. Positiva		Envolvimento		Afastamento		Submissão	
	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)
Efeitos fixos										
(Intercepto)	24.43 ***	20.57 – 28.29	15.08 ***	14.17 – 15.99	6.64 ***	5.86 – 7.42	8.69 ***	7.65 – 9.72	9.35 ***	8.43 – 10.27
coleta [2023]	0.19	-3.87 – 4.24	1.88 **	0.50 – 3.26	-0.79 *	-1.45 – -0.12	-0.50	-1.37 – 0.38	-3.45 ***	-4.27 – -2.64
Cônjuge [esposa]	1.56	-1.32 – 4.45	-0.00	-1.38 – 1.38	0.88	-0.05 – 1.81	-0.28	-1.39 – 0.82	-0.79	-1.59 – 0.02
Efeitos aleatórios										
σ^2	36.74		6.80		3.11		7.36		2.43	
τ_{00}	114.34		0.40		1.36		1.26		3.09	
τ_{11}	41.66		6.71		0.05		0.01		0.83	
ρ_{01}	-0.74		-1.00		-0.99		-0.90		-1.00	
ICC	0.64		0.44		0.27		0.14		0.44	
N (díades)	24		24		24		24		24	
Observações	90		92		92		91		92	
R ² Marginal	0.006		0.069		0.036		0.007		0.407	
R ² Condicional	0.646		0.483		0.292		0.144		0.665	

Notas. β representa os coeficientes de regressão padronizados. IC representa o intervalo de confiança.

σ^2 representa a variância intragrupo (variância residual), ou seja, entre cônjuges.

τ_{00} (variância do intercepto aleatório) e τ_{11} (variância da inclinação aleatória) representam a variância entre os grupos, ou seja, entre casais.

ρ_{01} representa a correlação entre o intercepto e a inclinação de cada casal.

R² marginal representa a variância explicada pelos efeitos fixos. R² condicional representa a variância explicada pelos efeitos aleatórios.

ICC representa a correlação intraclasse.

* $p < 0.05$ ** $p < 0.01$ *** $p < 0.001$

Tabela 8

Análises diádicas com os níveis de Qualidade conjugal e Estratégias de encaminhamento de conflitos de 2010 predizendo os níveis de 2023

VD:	GRIMS 2023		Res. Positiva 2023		Envolvimento 2023		Afastamento 2023		Submissão 2023	
	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)
Preditores:	GRIMS 2010		Res. Positiva 2010		Envolvimento 2010		Afastamento 2010		Submissão 2010	
(Intercepto)	24.66 ***	19.64 – 29.68	17.12 ***	14.77 – 19.47	5.89 ***	5.02 – 6.77	8.17 ***	6.94 – 9.39	4.99 ***	3.95 – 6.02
Marido: Actor	0.46	-0.28 – 1.20	0.99	-0.06 – 2.03	0.35	-0.06 – 0.76	0.21	-0.19 – 0.62	0.48 *	0.10 – 0.87
Esposa: Actor	0.10	-0.92 – 1.13	0.41	-0.48 – 1.29	0.83 ***	0.48 – 1.19	0.62 *	0.10 – 1.14	0.11	-0.25 – 0.47
Marido: Partner effect	-0.04	-0.74 – 0.65	-0.28	-1.21 – 0.65	-0.08	-0.44 – 0.28	-0.33	-0.91 – 0.24	-0.07	-0.37 – 0.23
Esposa: Partner effect	0.41	-0.67 – 1.50	0.51	-0.50 – 1.52	-0.21	-0.59 – 0.18	0.06	-0.31 – 0.42	0.12	-0.34 – 0.58
Efeitos aleatórios										
σ^2	17.23		3.79		0.62		1.18		0.64	
τ_{00}	70.57		17.40		2.80		5.95		2.45	
τ_{11}	105.25		31.82		4.91		9.19		5.66	
ρ_{01}	-0.02		-0.73		-0.73		-0.71		-0.63	
ICC	0.88		0.81		0.80		0.82		0.82	
N (díades)	18		22		22		21		22	
Observações	36		42		43		40		42	
R ² Marginal	0.111		0.139		0.430		0.190		0.189	
R ² Condicional	0.890		0.838		0.889		0.852		0.854	

Notas. β representa os coeficientes de regressão padronizados. IC representa o intervalo de confiança.

σ^2 representa a variância intragrupo (variância residual), ou seja, entre cônjuges. τ_{00} (variância do intercepto aleatório) e τ_{11} (variância da inclinação aleatória) representam a variância entre os grupos, ou seja, entre casais. ρ_{01} representa a correlação entre o intercepto e a inclinação de cada casal. R² marginal representa a variância explicada pelos efeitos fixos. R² condicional representa a variância explicada pelos efeitos aleatórios. ICC representa a correlação intraclasse.

* $p < 0.05$ ** $p < 0.01$ *** $p < 0.001$

Tabela 9

Modelo APIM com os níveis das Estratégias de encaminhamento de conflitos em 2023 predizendo a Qualidade conjugal (GRIMS) em 2023

	GRIMS 2023		GRIMS 2023		GRIMS 2023		GRIMS 2023	
	<i>B</i>	<i>IC (95%)</i>	β	<i>IC (95%)</i>	β	<i>IC (95%)</i>	β	<i>IC (95%)</i>
<i>Preditores:</i>	Resolução Positiva 2023		Envolvimento 2023		Afastamento 2023		Submissão 2023	
(Intercepto)	27.12 ***	22.75 – 31.49	29.06 ***	25.81 – 32.32	26.66 ***	22.94 – 30.37	32.26 ***	25.82 – 38.70
Marido: Actor	-0.60	-1.55 – 0.36	3.58 ***	1.71 – 5.44	2.29 **	0.69 – 3.89	1.83	-0.41 – 4.06
Esposa: Actor	-0.69	-1.92 – 0.55	2.26 **	0.71 – 3.80	2.47 **	0.79 – 4.16	2.34	-0.33 – 5.02
Marido: Partner	-0.70	-1.74 – 0.34	1.17	-0.29 – 2.63	0.45	-1.16 – 2.07	1.95	-0.22 – 4.12
Esposa: Partner	-0.69	-1.83 – 0.44	4.12 ***	2.17 – 6.07	2.39 **	0.72 – 4.07	0.24	-2.70 – 3.18
Efeitos aleatórios								
σ^2	16.50		12.38		12.76		14.31	
τ_{00}	84.57		53.19		71.66		73.84	
τ_{11}	75.70		75.44		53.53		68.58	
ρ_{01}	-0.21		-0.54		-0.37		0.04	
ICC	0.84		0.81		0.85		0.84	
N (díades)	22		22		22		22	
Observações	44		44		44		44	
R ² Marginal	0.181		0.514		0.385		0.232	
R ² Condicional	0.866		0.908		0.907		0.875	

Notas. β representa os coeficientes de regressão padronizados. IC representa o intervalo de confiança.

σ^2 representa a variância intragrupo (variância residual), ou seja, entre cônjuges. τ_{00} (variância do intercepto aleatório) e τ_{11} (variância da inclinação aleatória) representam a variância entre os grupos, ou seja, entre casais. ρ_{01} representa a correlação entre o intercepto e a inclinação de cada casal. R² marginal representa a variância explicada pelos efeitos fixos. R² condicional representa a variância explicada pelos efeitos aleatórios. ICC representa a correlação intraclasse. * $p < 0.05$ ** $p < 0.01$ *** $p < 0.001$

Tabela 10

Análises diádicas longitudinais com os níveis das Estratégias de encaminhamento de conflitos de 2010 predizendo a Qualidade conjugal (GRIMS) em 2023

	GRIMS 2023		GRIMS 2023		GRIMS 2023		GRIMS 2023	
	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)	β	IC (95%)
<i>Preditores:</i>	Resolução Positiva 2010		Envolvimento 2010		Afastamento 2010		Submissão 2010	
(Intercepto)	26.78 ***	21.38 – 32.17	24.36 ***	20.01 – 28.70	25.02 ***	20.41 – 29.64	22.85 ***	17.07 – 28.64
Marido: Actor	0.65	-1.78 – 3.08	1.04	-1.01 – 3.10	0.62	-0.93 – 2.17	1.54	-0.62 – 3.69
Esposa: Actor	0.93	-1.65 – 3.52	1.76	-0.61 – 4.14	1.86	-0.78 – 4.50	0.91	-1.33 – 3.16
Marido: Partner	0.13	-2.02 – 2.29	1.97 *	0.16 – 3.78	-0.40	-2.58 – 1.79	-0.48	-2.19 – 1.23
Esposa: Partner	0.16	-2.83 – 3.16	0.85	-1.93 – 3.64	0.66	-1.21 – 2.53	-0.18	-2.81 – 2.46
Efeitos aleatórios								
σ^2	18.68		15.78		16.61		16.51	
τ_{00}	99.47		71.76		91.17		84.17	
τ_{11}	82.82		84.60		70.83		78.34	
ρ_{01}	-0.10		-0.07		-0.13		-0.04	
ICC	0.84		0.82		0.85		0.84	
N (díades)	22		22		21		22	
Observações	44		44		42		44	
R ² Marginal	0.028		0.210		0.111		0.083	
R ² Condicional	0.846		0.858		0.863		0.850	

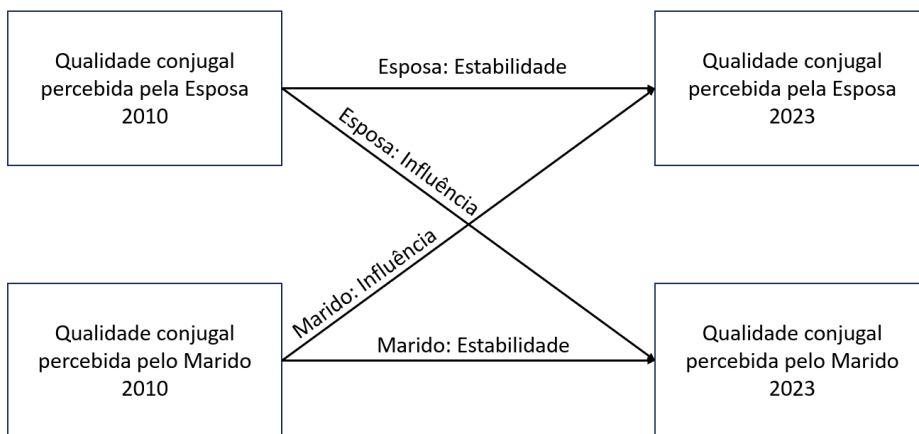
Notas. β representa os coeficientes de regressão padronizados. IC representa o intervalo de confiança.

σ^2 representa a variância intragrupo (variância residual), ou seja, entre cônjuges. τ_{00} (variância do intercepto aleatório) e τ_{11} (variância da inclinação aleatória) representam a variância entre os grupos, ou seja, entre casais. ρ_{01} representa a correlação entre o intercepto e a inclinação de cada casal. R² marginal representa a variância explicada pelos efeitos fixos. R² condicional representa a variância explicada pelos efeitos aleatórios. ICC representa a correlação intraclasse. * $p < 0.05$ ** $p < 0.01$ *** $p < 0.001$

Figura 8
 Representação dos modelos de Actor and Partner Independence Model (APIM) testados no presente estudo.

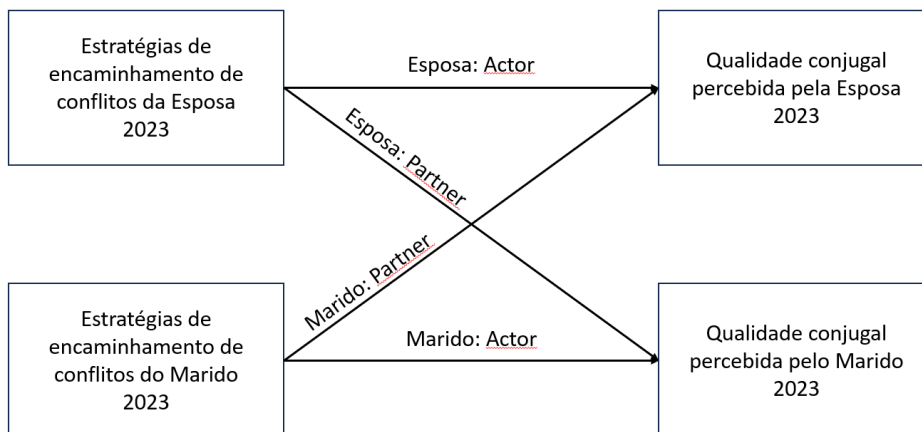
A

Modelo 1: Modelo de estabilidade e influência da Qualidade conjugal percebida em 2010 sobre a Qualidade conjugal percebida em 2023



B

Modelo 2: Análise transversal. As estratégias de encaminhamento de conflitos utilizadas em 2023 contribuem para a Qualidade conjugal em 2023?



C

Modelo 3: Análise longitudinal. As estratégias de encaminhamento de conflitos utilizadas em 2010 contribuem para a Qualidade conjugal em 2023?

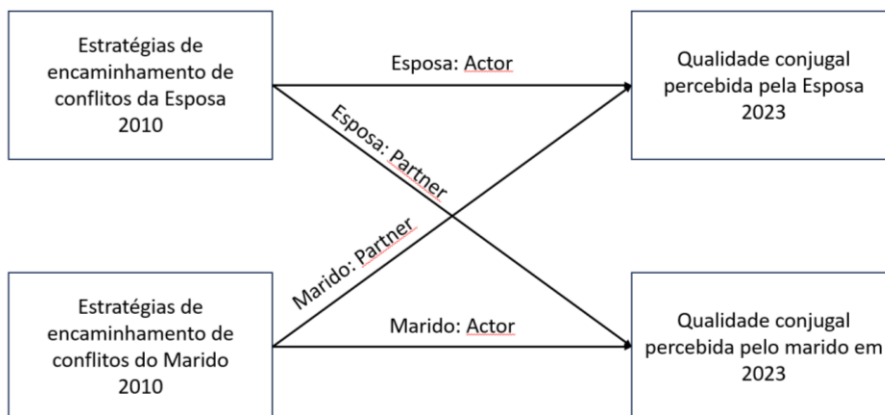
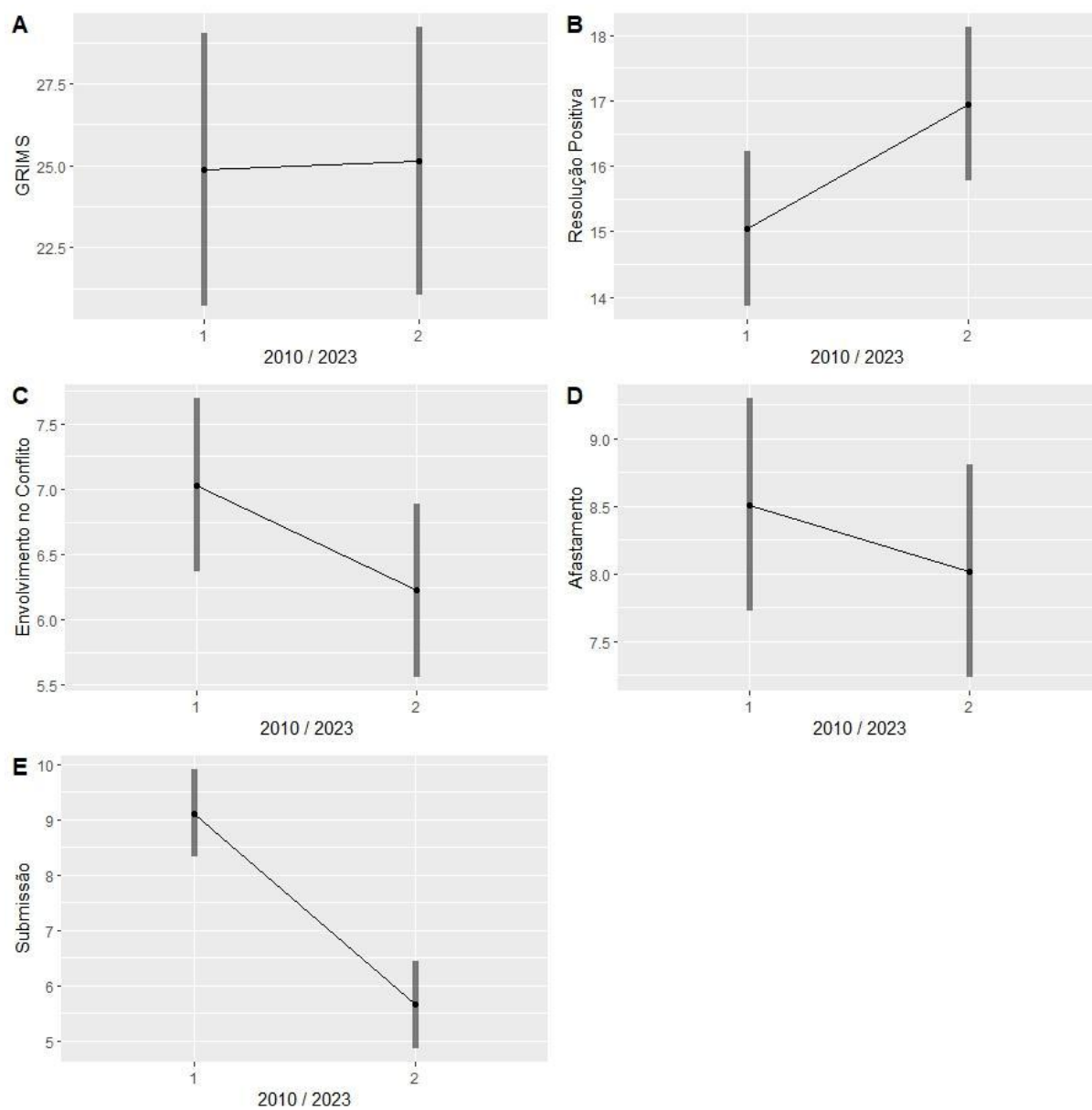


Figura 9

Gráficos de médias marginais estimadas demonstrando a evolução da Qualidade conjugal (GRIMS) e das Estratégias de resolução de conflitos entre 2010 e 2023.



6. Impacts of social distancing on marital life during Covid-19 pandemic¹

Fabrcio Rocha

Kalil Maihub Manara

Adriana Wagner

Clarissa Marcelli Trentini

Abstract

The aim of this study was to assess the impact of social distancing on different areas of marital life during the Covid-19 pandemic. 1121 Brazilians, who were living with romantic partners, answered an online survey about their social distancing practices during the pandemic and aspects of their relationship. Most participants did not report impairment in marital behavior and 68% did not report experiencing willingness to divorce during pandemic. However, binary logistic regressions showed that the Odds Ratio of reporting willingness to divorce was lower for individuals with longer cohabitation (OR = 0.998), while higher when there was a decrease in positive marital behaviors (OR = 1.8 - 3.13), and also reported an increase in the conflicts, arguments and fights (OR = 6.12 - 6.43). Indicators of higher confinement at home during the pandemic were associated with higher chances of reporting willingness to divorce.

Keywords: Pandemics; Social distancing; Marriage; Marital conflict; Divorce

¹ Artigo publicado na revista *Psico-USF* <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280207>

COVID-19 e vida conjugal: Impactos do distanciamento social na vida a dois.

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender o impacto do distanciamento social durante a pandemia de Covid-19 sobre diversas áreas da vida conjugal. Foi realizado um levantamento online com 1121 brasileiros que residiam com parceiros amorosos e responderam sobre suas práticas de distanciamento social durante a pandemia e aspectos da relação conjugal. A maioria dos participantes não relatou prejuízos nos comportamentos conjugais e 68% não relataram vontade de separação neste período. Porém, regressões logísticas binárias demonstraram que as chances (Odds Ratio) de relatar vontade de separação foram menores para indivíduos com maior tempo de coabitação (OR = 0,998) e maiores quando houve diminuição de comportamentos conjugais positivos (OR = 1,8 - 3,13) e aumento de conflitos e brigas (OR = 6,12 - 6,43). Indicadores de maior confinamento em casa durante a pandemia estiveram associados a chances maiores de relatar vontade de separação.

Palavras-Chave: Pandemia; Relações conjugais; Distanciamento social; Separação; Conflito conjugal

COVID-19 (Coronavirus Disease 2019) is a respiratory disease caused by the new coronavirus (Sars-CoV-2), which appeared in late 2019 in China and spread rapidly around the world. Data from June 2021 point to more than 170 million people infected and 3 million 800 thousand dead by the virus, affecting every country in the world (World Health Organization, 2021). In addition to the alarming numbers of infected and dead people, the COVID-19 pandemic has also produced several unprecedented economic and social consequences due to the need for social distancing measures adopted in all affected countries and other related factors. While slowing the spread of the disease, these social distancing measures forced families to unusual restrictions in their outdoor activities for many months. In this study, we investigated how social distancing during the pandemic affected the marital relationship of Brazilians.

Social distancing is considered one of the most important measures to contain the spread of infectious diseases such as COVID-19. Generally, it can be understood as a set of measures which aims to reduce physical contact among people in a community (Aquino et al., 2020). The definition used in this study was: “the period of social distancing is the time you stopped doing your routine activities due to the Coronavirus pandemic”. Social distancing measures have been adopted in all countries affected by the pandemic, causing a ban of public events; closure of schools, commercial establishments, and religious places; the imposition of a curfew; and even restricting the circulation of people on the streets, a measure known as “lock-down” (Aquino et al., 2020). In Brazil, all states adopted social distancing measures since March 2020. Some of them adopted these measures even before having confirmed cases (Silva et al., 2020). Even though they are important to prevent the spread of the disease (Ayuso et al., 2020; Bo et al., 2021; Flaxman et al., 2020), social distancing measures have side effects on all sectors of the economy (Nicola et al., 2020) and also have a social harm, especially for the most vulnerable populations (Rocha & Pires, 2020). Thus, given the importance of these measures in controlling the pandemic, it is essential to identify their possible side effects, which

can contribute to the planning of psychosocial and socioeconomic interventions for their mitigation.

Considering that marital life is influenced by the context in which the spouses are inserted (Walsh, 2016), it is supposed that economic and social consequences of the pandemic, associated with the imposed confinement on the families, would present effects on couple life. In a Spanish study (Ayuso et al., 2020), 49% of participants stated that family relationships improved during confinement. Among those who reported a worsening in relationships, people aged between 25 and 34 were the most affected, which is the period of life considered by the authors as the most important for the consolidation of life projects. Elderly people reported less family damage, while participants who lived in large cities reported greater relationship impairment compared to those who lived in small towns. The study also reported an increase in difficulties to balance work and household chores, and an increase in domestic violence against children. Thus, confinement imposed by the pandemic and the other related consequences of social distancing measures have the potential to impair families, as well as to contribute positively to relationships.

The existence of different outcomes can be explained by the several factors that contribute to the coping and/or the adaptation to stressful situations. The Vulnerability Stress Adaptation (VSA) model, developed by Karney and Bradbury (1995), gathers concepts from different theoretical frameworks in order to understand what influences 'marital relationships' success over time. This model predicts that three factors are of importance to marital quality and stability: a) durable or persistent vulnerabilities (i.e., educational, personality, and psychopathology aspects of the spouses); b) stressful experiences (i.e., unemployment and health issues); and c) adaptative processes (i.e., interactions between spouses to deal with daily life problems). When applied to the context of the COVID-19 pandemic (Pietromonaco & Overall, 2021), this model forecasts different consequences in the couple's life, depending on the

spouses' psychological, relational, and social conditions. For instance, Balzarini et al. (2021) observed that for 57 couples from countries (including Brazil), loneliness, stress and financial strain associated to the pandemics seem to affect marital quality over time. However, the effect of these stressors was moderated by perceived responsiveness, which represents how much a person feels understood, validated, and cared by their partner.

In addition to perceived responsiveness, Delatorre (2019) proposed that marital quality can be measured by five dimensions: 1) satisfaction, 2) commitment, 3) intimacy, 4) attraction and sex, and 5) affection. In fact, the expressions of positive affection in couple interactions seem to be an important predictor of marital satisfaction over time and in stressful situations. This applies to affectivity expressed during the couple's verbal interactions (Johnson et al., 2005), in daily life (Caughlin & Huston, 2006), as well as non-verbal expressions of affection, including kissing (Floyd et al., 2009) and other affectionate touches performed by couples (Jakubiak & Feeney, 2017). On the other hand, negative communication behaviors can perpetuate marital conflict and lead to divorce (Birditt et al., 2010). In the Brazilian population, relationship with their children, time spent together, money, household chores, and sex are the most common reasons for marital conflicts (Mosmann & Falcke, 2011). Confinement during the pandemic could contribute to the resolution of some of these conflicts due to the increasing time that spouses spend together, but it could also exacerbate conflicts regarding children's education and household chores, for instance. Therefore, confinement during the pandemic could provide benefits or impairments to marital life.

Relationship longevity seems to be associated with its stability (Rosenfeld, 2014). Although, the associations between longevity and marital satisfaction are more complex, since satisfaction can decline over time (Lavner & Bradbury, 2010) or even have different paths for men and women. For instance, in a cross-sectional study of approximately 1000 couples from five different countries, including Brazil (Heiman et al., 2011) observed that the probability of

being in a happy relationship seems to decrease for women in relationships of up to 15 years, increasing in relationships of 20 years or more. On the other hand, the probability of reporting a happy relationship is progressively higher with increasing marital longevity for men. However, the relationships' duration has great collinearity with the age of the spouses, making it difficult to separate their effects in most studies (Lyngstad & Jalovaara, 2010).

Better comprehending the side effects of social distancing on marital life is essential for the development of effective intervention strategies for its mitigation. Investigating the impacts of this measure might also offer a better insight on the effects of acute or chronic stressors on these relationships, preparing couples to better cope with future crises. Thus, in this study, we sought to understand the influence of time of cohabitation, social distance (duration and intensity), and interactions of the couple (affection, conflicts, arguments and fights, and sexual relations) on the willingness to divorce in Brazilian couples who lived together during the data collection period, in the COVID-19 pandemic. We hypothesized that: 1) the longer the cohabitation period, the lesser would be the willingness to divorce during the pandemic; 2) The higher the rates of social distancing, the greater the willingness to divorce; and 3) people who reported an increase in conflicts, a decrease in affection and in the frequency of sexual intercourse, would be more likely to have willingness to divorce.

Method

Study design

The study design was quantitative, a cross-sectional online survey with the Brazilian population.

Participants

The sample was composed of 1121 people aged 18 to 80 years old ($M=35.8$; $SD=11.4$), from 21 Brazilian states and the Federal District. The inclusion criterion was to be in a marital relationship (cohabiting with a romantic partner), regardless of marital status and time of

cohabitation. Therefore, relationships with or without civil or religious registration, heterosexual, homosexual, and others were included. Even though a sample calculation was not performed, the recommendation of at least 500 participants for logistic regression analysis was followed (Bujang et al., 2018). The initial sample size was 1126 participants, however, five were excluded because they did not answer all of the questions for this study (check below).

Instruments

This study is part of a broader project on conjugality during the pandemic, which collected several data on the couple's life during this period. First, the participant received the orientation: "Think about your romantic relationship with your partner during social distancing in the pandemic and mark the scale below depending on how you have been perceiving the following aspects".

Five variables about marital life and three variables about social distancing were included in this article: "Conflicts/arguments/fights between you and your spouse"; "Affection manifestations"; "The frequency of sexual intercourse"; "Willingness to divorce (during the pandemic)". These questions were answered based on a 5-point Likert scale, with the value 1 referring to "decreased a lot", 3 referring to "neither increased nor decreased" and 5 referred to "increased a lot" in the first three questions. For the question about willingness to divorce, number 1 referred to "not willing to divorce" and number 5 referred to "willing a lot to divorce". The cohabitation time variable was informed in years and months and later transformed into months. The Social Distancing Time was reported in months and days and then turned into days. Two variables were used to verify the intensity of social distancing: "How much did you stop doing outdoor activities during the pandemic" (1 = "I didn't stop doing anything"; 5 = "I stopped doing all outdoor activities I used to do") and "How many times a week did you leave your house during the pandemic" (8-point scale, considering 0 = None, up to 7 = 7 days a week).

The questions for this research were based on previous studies: the variables of positive marital behavior (affection and frequency of sexual intercourse) were chosen from the marital quality indexes proposed by Delatorre (2019); the variable “Conflicts, arguments and fights” was chosen because it is also an important factor for marital satisfaction (Mosmann & Falcke, 2011), and the variable “Willingness to divorce” because it is related to an impairment of the relationship (Birditt et al., 2010).

Data collection

Data were collected between June and July 2020, through a cross-sectional online survey. The sampling method was by convenience and the participants were asked to indicate other possible participants, consisting of a snowball sampling technique (Robson & McCartan, 2016). The initial disclosure was made through the researchers' contact network, through social media and e-mails.

Data analysis

All variables were recoded for analysis since the use of the Likert scale to measure conflict, affection, and frequency of sexual intercourse, presented categorical options for the participants which cannot be interpreted as linear or ordinal variables. In these cases, data were recoded into dichotomous variables, in order to answer the following questions: “Have conflicts, arguments and fights increased during social distancing?” (scale values 4 and 5 = Yes, n = 235); “Have expressions of affection decreased?” (1 and 2 = Yes, n=173); “Has the frequency of sexual intercourse decreased?” (1 and 2 = Yes, n=337). For the willingness to divorce, participants were divided into 2 groups: “Willing to divorce” (scale values 2 to 5, n=355) and “Not willing to divorce” (scale value 1, n= 764). Table 11 shows the operational definitions of the variables included in the analysis.

In the tested models, we sought to predict the willingness to divorce from the self-report of these three marital behaviors: increase in conflicts, arguments and fights, decrease in

affection, and in the frequency of sexual intercourses. In addition, variables that measured the time of social distancing (in days) and the intensity of social distancing (weekly outdoor activities and decreased activities outside home) were included.

Data were analyzed using binary logistic regressions. This regression analysis is used to assess the relationship among several independent variables and a dependent variable, when the dependent one has two levels (Forthofer et al., 2007). Jamovi software version 1.6.7.0 was used for the analysis.

Ethical procedures

As determined by Brazilian legislation (Resolutions 466/2012 and 510/2016 of the Health Ministry) all ethical procedures were followed. Before participants could answer to the online questionnaire, the Free and Informed Consent Term was presented to them, and they could only proceed after declaring their agreement. The project was approved by the Research Ethics Committee (Protocol number 4.063.196).

Results

Data show that most participants did not report impairments in marital behavior: there was no increase in marital conflicts (for 79% of the participants), nor a decrease in expressions of affection (84.3%), or even a reduction in the frequency of sexual intercourse (69.7%). The majority (68.3%) reported not having thought about divorce during the confinement imposed by the pandemic. Data that present the sample characteristics are available in Table 12 and Table 13.

In order to address the study hypotheses, three independent models were tested in binary logistic regression, since a single model would lead to excessive collinearity among the social distancing indexes. For the independent models, the obtained FIV were between 1.01 and 1.29, and tolerance between 0.776 and 0.994. These values can be considered adequate, based on the

presence of FIV indexes lower than 10 (Forthofer et al., 2007) and tolerances higher than 0.2 (Menard, 2002).

All models included the variable time of cohabitation and variables related to marital behavior as predictors. In addition, one of the social distancing indexes was included as a predictor in each model: time of social distancing, decrease in outdoor activities, and weekly outdoor activities. Table 14 shows the model fit measures of each model. The explained variance (R^2_N) ranged from 32% to 34.1%, and all models were significant.

Table 15 shows the results of the three models tested. Time of cohabitation was a significant predictor in all models ($OR=0.998$), indicating that each month of cohabitation decreases the probability of reporting willingness to divorce during the pandemic by 0.2%. This indicates that for each year of cohabitation, the chance of reporting willingness to divorce during the pandemic decreases by 2%, and for every 10 years the chance is 18% lower (logistic calculation performed using the formula: $y=e^{\beta\Delta}$, considering e =Euler's constant, β = Estimate and Δ =number of months). This result corroborates hypothesis 1 of this study: the longer the cohabitation period, the lesser would be the willingness to divorce during the pandemic.

The second hypothesis about higher rates of social distancing would be predictors of higher rates of willingness to divorce was partially confirmed. Table 15 shows that time of social distancing was not a significant predictor in Model 1. On the other hand, the perception of not having outdoor activities had a significant effect, increasing by 1.23 times (23%) the chance of reporting willingness to divorce for each point on the Likert scale (1 to 5). Therefore, people who reported having suspended all outdoor activities and scored 5 in this variable are 2.27 times more likely to report having felt some level of willingness to divorce than those who had not stopped doing any outdoor activities. The weekly outdoor activities variable also had a significant effect on the model with an increase of 7.6% in the chances of reporting willingness to divorce for each weekly day of confinement. Thus, those who went out home 7 times a

week during the pandemic would be 42% less likely to report willingness to divorce than those who stayed at home every day, for instance.

Regarding marital behaviors, hypothesis 3 was also confirmed. The increase in conflicts, arguments and fights was the variable with the greatest weight in all three models. Participants who reported an increase in conflicts, arguments and fights had 6 times higher odds of reporting willingness to divorce in relation to those who did not report an increase in conflicts (Model 1: 6.12; Model 2: 6.43; Model 3: 6.32). The decrease in affection increases the chance of reporting willingness to divorce during confinement by approximately 3 times (Model 1: 3.11; Model 2: 2.96; Model 3: 3.13). Decreased frequency of sexual intercourse increases the chance of reporting willingness to divorce by around 1.8 times (Model 1: 1.8; Model 2: 1.76; Model 3: 1.74). Accuracy, Specificity, and Sensitivity of the tested models are available in Table 16.

Discussion

The study results seem to corroborate previous findings in the literature regarding the importance of marital satisfaction for long-term relationships (Lawal & Okereke, 2020; Røsand et al., 2014), especially in stressful events. News regarding the worsening of marital relationships and the increase in the number of divorces during the pandemic was widely disseminated in the media, however the findings presented here demonstrate that this outcome cannot be generalized to most people. On the contrary, most participants did not report relationship problems or willingness to divorce during the pandemic, reinforcing the findings from other authors who identified high levels of family resilience during this challenging period (Ayuso et al., 2020). This result is theoretically corroborated since marital quality does not depend only on contextual variables, such as social distancing during the pandemic, but it is also related to the spouses' personal characteristics and the adaptive processes in stressful situations (Delatorre, 2019; Karney & Bradbury 1995). Thus, the lack of reports of negative marital outcomes for

most couples during the pandemic may be connected to several variables, which contributed to the stability or instability of these relationships.

The report of increased conflicts, arguments, and fights, which are associated with dissatisfaction in a relationship, was the variable that most increased the probability of reporting willingness to divorce during the pandemic. The importance of this variable in the models was not unexpected, considering that the frequency of conflicts is a predictor of the marital relationship quality in different contexts (Kluwer & Johnson, 2007; Uhlich et al., 2022). However, theoretical assumptions (Fincham & Beach, 2003) and previous empirical findings (Birditt et al., 2010) both support that marital satisfaction also depends on the ability of the spouses to constructively solve their conflicts, especially in stressful events. Therefore, this ability may also be one of the factors that differentiate participants who perceived marital impairment during the pandemic (to the point of reporting a desire to separate) from those who did not.

The results on the impact of decreased affection on the willingness to divorce corroborate findings of previous studies that have associated marital quality with the spouse's perception of affection and responsiveness during the pandemic (Balzarini et al., 2023). This result also converges with theoretical assumptions about affection as a component of marital quality (Delatorre, 2019). Findings of this study about higher chance of reporting willingness to divorce in the face of a decreased frequency of sexual intercourse reaffirm what several studies have shown regarding the importance of sexual intercourse for the quality and stability of marital relationships (Fallis et al., 2016; Rocha & Fensterseifer, 2019; Schoenfeld et al., 2017).

The association of long-term relationships with a lower chance of reporting willingness to divorce during the pandemic was also found in previous studies, for both heterosexual and homosexual couples (Rosenfeld, 2014). This lower probability does not necessarily mean that long-term couples have better marital quality. Actually, there is evidence pointing to the opposite, demonstrating that marital satisfaction declines over the years (Lavner & Bradbury, 2010).

One of the possibilities that would explain the reduction in the divorce probability over time is that the material and emotional impairments of divorcing become greater as time passes, especially when the couple has children. However, the first years are crucial for marital life, and couples that survive each stage of life acquire more stability to live the subsequent years (Rosenfeld, 2014). The same logic can be applied for the pandemic time. Couples with longer cohabitation may report less willingness to divorce because of the higher losses of this dissolution, or because they have more personal and marital resources to cope with the challenges imposed by social distancing.

Rather than the time extension of social distancing, the association of the intensity with greater odds of reporting thoughts about divorce during the pandemic is surprising, at some level. As Pietromonaco and Overall (2021) highlight, catastrophes that produce chronic stress seem to be associated with worse relational outcomes when compared to catastrophes with acute effects. Therefore, low levels of social distancing would not produce sufficiently high levels of stress to impair the stability of marital relationships, even when the distancing is prolonged. On the other hand, the association of high levels of social distancing with greater marital instability seems to converge with previous findings about the protective role of social support in relationships, since this support is probably impaired by the need for distancing during the pandemic. Generally, this result also reaffirms the effects of external stressors on satisfaction and stability in relationships, as proposed by the VSA model (Karney & Bradbury, 1995; Pietromonaco et al., 2021).

Given the importance of social distancing measures in controlling the pandemic (Ayuso et al., 2020; Bo et al., 2021; Flaxman et al., 2020), a better understanding of their adverse effects (Ford, 2021; Zolnikov & Furio, 2021) is essential for planning measures and the adoption of mitigation strategies. Considering the catastrophic effects of the uncontrolled pandemic, including the overload in health systems; deaths which could have been prevented; the family

stress resulting from the risk of contamination; and the loss of beloved ones, this planning turns out to be essential.

Regarding practical implications of the present study, the results contribute to a deeper understanding of the consequences of social distancing measures on marital relationships. Even though it is sorely necessary to mitigate the spread of COVID-19, social distancing has side effects on couple life, since it was possible to verify that more intense levels of home confinement were associated with a greater probability of reporting willingness to divorce. This result suggests that, during the pandemic, couples need to be aware of their relationships and invest in positive behaviors toward their partner, in order to keep the relationship healthy. Among the observed marital behaviors, the decrease in the frequency of sexual intercourse and the decrease in affection were important risk factors, suggesting that stimulating these aspects can be beneficial for the stability of the relationship. With the increase in time spent together during confinement, attempts to encourage these behaviors may require some creativity. However, this is a justified effort, since dissatisfaction in these areas can trigger disagreements and increase marital tension. The increase in conflicts, arguments and fights was the variable with the greatest impact on the willingness to divorce, which demonstrates the importance of positive conflict resolution strategies in marital life (Delatorre & Wagner, 2015).

In common sense, it is thought that the skills needed to have a successful married life are learned naturally, however studies show that it is possible to teach these skills and contribute to the improvement of relationships (Halford & Petch, 2010; Lesch et al., 2018). In Brazil, there is a psychoeducational program called “Living as Partners Program” (Wagner, Neuman, et al., 2015), which was developed with and for the Brazilian population. It essentially proposes psychoeducational workshops to optimize marital health in several areas. In addition, it is important that new interventions come along, in order to promote better marital quality, especially in times of crisis such as the current pandemic. According to the results of the present study,

conflict resolution skills and the planning of moments of affection can be important mechanisms to be addressed by these interventions.

It is necessary to consider some limitations when interpreting the results of the present study. Firstly, the sample was constituted by participants with a high level of academic education. For example, the number of participants who had completed higher education (69.2%) was approximately 4 times higher than the national index (17.4%) for people aged 25 or more (IBGE, 2019). This aspect should be considered with caution, since higher levels of education lead to lower divorce rates, even though different effects have been reported depending on the country and the existence of differences in the educational level in the couple (Lyngstad & Jalovaara, 2010). It is also important to consider the limitations of the cross-sectional study design, which does not allow a comparison between the situation of the couple before and during the pandemic. Thus, the questionnaire data largely depend on the subjects' estimation of changes in the relationship compared to the previous period. Regarding the used questionnaire, the survey was composed of simple questions to make rapid data collection possible in the initial period of the COVID-19 pandemic, and more complex scales were not used to measure the variables, something that could increase the validity of results. Finally, the study addressed the side effects associated with social distancing as performed in Brazil, but not all possible mediating variables behind these effects were addressed. A good part of them may be associated with socioeconomic variables that were not controlled in this study, since they depend on the analyzed regional and national context and if the public policies adopted them or not for their mitigation. Despite these limitations, the present study contributes to a better understanding of the effects of major environmental stressors on marital relationships. In particular, it helps to comprehend the important effects of social distancing measures. With the support of professionals and organizations, its consideration can make it easier for couples to adopt attitudes that preserve marital quality.

We suggest for future studies to address the variables included in this study longitudinally, allowing more robust inferences regarding the possible causal correlation among them, in the context of the pandemic and similar environmental stressors. In addition, it would be important to further investigate the effects of more and less restrictive and/or prolonged forms of distancing, including more specific indexes of intensity (e. g. school closures, working from home), and their possible interactions with the duration of these measures. This could also shed light on the differences between acute and chronic stress associated to its effect on marital relationships. Lastly, the inclusion of measures of socioeconomic variables, social support, and the subjective experience of individuals regarding distancing (e. g. feelings of loneliness, burden, fear) could help to clarify the most important mechanisms behind the stressful effects of social distancing.

Table 11
Operational definitions of the variables according to the transformations performed for the analysis

Variables	Definitions
Willingness to divorce	Report of having experienced the desire to divorce during the pandemic
Cohabitation time	How long the participant reports living together with the current partner
Increase in conflicts, arguments and fights	Report of increased marital conflicts, arguments and fights with the partner during the pandemic.
Decreased affection	Report of a decrease in expressions of affection between spouses during the pandemic
Decreased frequency of sexual intercourse	Report of a decrease in the frequency of sexual intercourse between spouses during the pandemic
Distancing time	Report of the time the participant adopted the social distancing measures recommended by the authorities during the pandemic
Decreased outdoor activities	How much the participant reports having stopped doing activities that he did outdoors before the pandemic.
Weekly outdoor activities	How many days a week did the participant leave home for any type of activity during the pandemic.

Table 12
 Characteristics of the sample (categorical data)

	n	%
Gender		
Female	865	77.2 %
Male	256	22.8 %
Sexual Orientation		
Other	8	0.7 %
Heterosexual	956	85.6 %
Homosexual	65	5.8 %
Bisexual	88	7.9 %
Marital status		
Living together, without any civil registration	390	34.9 %
Living together, with civil registration of common-law marriage	105	9.4 %
Officially married in civil and religious instances	339	30.3 %
Married only in civil instance	177	15.8 %
Married only in religious instance	7	0.6 %
Dating	99	8.9 %
If the couple had children		
Yes	507	45.2 %
No	615	54.8 %
Education		
Incomplete Elementary School	8	0.7 %
Elementary School	5	0.4 %
Incomplete High School	7	0.6 %
High School	56	5.0 %
Incomplete Bachelor's degree	270	24.1 %
Bachelor's degree	192	17.1 %
Incomplete Post-graduation	96	8.6 %
Post-graduation	488	43.5 %

Table 13
Characteristics of the sample (numerical data)

	Age (Years)	N Children	Monthly Personal Income (USD)	Cohabita- tion time (years)	Distancing time (days)
Mean	35.8	1.72	1,031.94	9.5	80.3
SD	11.4	0.868	1,236.05	9.8	41.2
Minimum	18.0	0.00	38.55	1 month	0.00
Maximum	80.0	11.0	17,346.7 2	55.5	158

Note. SD = Standard Deviation. ¹ Converted from Brazilian Real to USD using the Brazilian Central Bank's currency conversion webpage, available on <https://www.bcb.gov.br/en/currencyconversion>. Exchange rate of the day (June 15th, 2020, approximately half of the data collection period): 1 USD = 5.18 BRL.

Table 14
Fit measures of the tested models

Model	Deviation	AIC	BIC	R ² _{CS}	R ² _N	General Model Test		
						χ^2	df	p
1	1032	1044	1074	0.227	0.320	272	5	< .001
2	1041	1053	1083	0.230	0.324	278	5	< .001
3	1047	1059	1088	0.230	0.323	278	5	< .001

Notes. AIC = Akaike's Information Criterion; BIC = Schwarz's Bayesian Criterion; R²_{CS} = Cox-Snell R²; R²_N = Nagelkerke R²; χ^2 = Chi square; df = degrees of freedom; p = statistical significance.

Table 15
Logistic regression predicting Willingness to divorce: Three models with different indexes of social distancing

Predictor	Estimate	SE	Z	p	OR	95% confidence interval	
						Inferior	Superior
Model 1							
Intercept	-1.67463	0.20929	-8.00	< 0.001	0.187	0.124	0.282
Cohabitation time ^a	-0.00167	0.00071	-2.34	0.019	0.998	0.997	1.000 ^b
Distancing time	0.00272	0.00195	1.39	0.163	1.003	0.999	1.007
Increase in conflicts, arguments and fights	1.81165	0.18923	9.57	<0.001	6.121	4.224	8.869
Decreased affection	1.13602	0.22976	4.94	< 0.001	3.114	1.985	4.886
Decreased frequency of sexual intercourse	0.58553	0.18443	3.17	0.001	1.796	1.251	2.578
Model 2							
Intercept	-2.26043	0.3676	-6.15	<0.001	0.104	0.0507	0.214
Cohabitation time ^a	-0.00161	0.0007	-2.29	0.022	0.998	0.998	1.000 ^b
Decreased outdoor activities	0.20459	0.0862	2.37	0.018	1.227	1.0363	1.453
Increase in conflicts, arguments and fights	1.86131	0.1875	9.93	< 0.001	6.432	4.4542	9.288
Decreased affection	1.08693	0.2279	4.77	<0.001	2.965	1.8970	4.635
Decreased frequency of sexual intercourse	0.56434	0.1834	3.08	0.002	1.758	1.2274	2.519
Model 3							
Intercept	-1.2363	0.157	-7.86	<0.001	0.290	0.213	0.395
Cohabitation time ^a	-0.0017	0.0007	-2.44	0.015	0.998	0.998	1.000 ^b
Weekly outdoor activities	-0.0789	0.038	-2.05	0.040	0.924	0.857	0.997
Increase in conflicts, arguments and fights	1.8431	0.187	9.84	< 0.001	6.316	4.376	9.116
Decreased affection	1.1400	0.228	4.99	< 0.001	3.127	1.998	4.893
Decreased frequency of sexual intercourse	0.5561	0.183	3.03	0.002	1.744	1.217	2.499

Notes. Estimate represents the natural logarithm of the odds "Willingness to divorce = Willing to divorce" vs. "Willingness to divorce = Not willing to divorce". * In months. ^a The inclusion of the value 1 in the confidence interval results from the rounding of the fourth decimal number. ^b In days. SE = Standard Error. Z = Z score calculated from the ratio between the regression coefficient and the standard error. p = Statistical significance. OR = Odds Ratio.

Table 16
Accuracy, Specificity, Sensitivity, and Cut-off point of each model

Model	Accuracy	Specificity	Sensitivity	Cut-off Point
1	0.708	0.710	0.703	0.2
2	0.694	0.688	0.708	0.21
3	0.722	0.733	0.698	0

7. Impactos do distanciamento social por COVID-19: Qualidade conjugal e desejo de separação²

Fabrizio de Andrade Rocha

Angélica Paula Neumann

Marina Zanella Delatorre

Adriana Wagner

Resumo

O objetivo do presente estudo foi investigar o papel preditor do distanciamento social devido à pandemia de Covid-19 na qualidade conjugal e no relacionamento, assim como o papel moderador de variáveis contextuais, diádicas e individuais na interação entre tempo de distanciamento e desejo pela separação. Responderam ao instrumento 640 participantes, entre junho e julho de 2020. O distanciamento social não predisse a qualidade conjugal ou mudanças na relação durante a pandemia, exceto pela vontade de separação. Quanto menos satisfação conjugal, resolução positiva dos conflitos e diferenciação de self, e quanto mais frequentes os conflitos, mais forte foi a relação entre tempo de distanciamento social e vontade de separação. Casais com melhores recursos individuais e conjugais se mostram mais aptos para manejar as adversidades do contexto pandêmico.

Palavras-chave: Covid-19; Distanciamento social; Qualidade conjugal; Resolução de conflitos; Diferenciação de Self.

² Artigo submetido à revista *Avances en Psicología Latinoamericana* e em processo de avaliação.

Impacts of social distancing by COVID-19: Marital quality and desire for separation

Abstract

The predictive role of social distancing due to the Covid-19 pandemic in marital quality and relationship was investigated. The moderating role of contextual, dyadic and individual variables in the interaction between time of social distancing and desire for separation was also tested. 640 participants responded to the instruments between June and July 2020. Social distancing did not predict marital quality or changes in the relationship during the pandemic, except for the desire for separation. The less marital satisfaction, positive resolution of conflicts and self-differentiation, and the more frequent the conflicts were, stronger was the relationship between time of social distancing and the desire for separation. Couples with better individual and marital resources manage more properly the adversities of the pandemic context.

Keywords: Covid-19; Social distancing; Marital quality; Conflict resolution; Differentiation of Self.

A pandemia derivada da disseminação global do vírus SARS-CoV-2 trouxe uma série de repercussões no Brasil e no mundo, não apenas do ponto de vista da saúde, mas também da reverberação social das medidas sanitárias adotadas para conter a sua propagação. Dentre essas medidas, o distanciamento social é uma estratégia destinada a reduzir a interação entre pessoas em comunidades nas quais alguns indivíduos podem estar contaminados, mesmo sem a manifestação de sintomas. Pode incluir o fechamento de escolas, comércio, eventos, entre outros (Wilder-Smith & Freedman, 2020). No Brasil, uma parcela da população aderiu ao distanciamento social domiciliar voluntário, sendo que o índice de distanciamento no Brasil alcançou o pico de 62,2% em 22 de março de 2020 e variou entre 35% e 55%, aproximadamente, entre abril e julho (InLoco, 2020).

A restrição das atividades presenciais em vários setores da economia desencadeou uma crise que teve como efeito a redução da renda das famílias (Moreira, 2020). A taxa de desocupação entre os brasileiros subiu de 11,8% em fevereiro para 13,7% em julho de 2020, oscilando desde então (Hecksher, 2020). Estima-se que o impacto dessas perdas de ocupação e renda seja, aproximadamente, duas vezes maior para os estratos socioeconômicos mais baixos em comparação aos estratos superiores (Moreira, 2020).

Essa situação tende a fragilizar as famílias e casais, já que tanto o temor de contaminação e de perda de entes queridos como o desemprego e a queda de rendimentos aumentam o estresse familiar. Por se tratar de um problema que atinge a sociedade como um todo, as redes de apoio provenientes do contexto em que as famílias se encontram também ficam enfraquecidas (Prime et al., 2020). O afastamento do emprego e o trabalho remoto podem provocar, ainda, mudanças na dinâmica familiar, uma vez que há um aumento no tempo de convivência diária, com poucas possibilidades de atividades fora do ambiente familiar. No caso do trabalho remoto, também há a necessidade de acomodar as necessidades de tempo e de atenção de cada indivíduo, bem como de compartilhar o ambiente entre família e trabalho, especialmente para casais

com filhos que também estão em escolarização remota (Coyne et al., 2021; Craig & Churchill, 2021).

Os reflexos dessa situação nas relações conjugais apareceram inicialmente na China, primeiro epicentro da doença no mundo, onde houve recorde nos pedidos de divórcio após o relaxamento das medidas de distanciamento social. No Brasil, houve um aumento de 177% na procura por escritórios especializados em Direito de Família e divórcios, além de um acréscimo nas buscas Google já nos meses de março e abril de 2020 sobre como dar entrada no divórcio (82%) e divórcio online gratuito (9900%), respectivamente (Neves, 2020). Diferentes órgãos governamentais, como o IBGE e o Colégio Notarial do Brasil - Conselho Federal (CNB/CF), entidade representativa dos Cartórios no país, confirmaram aumentos significativos no número de divórcios no segundo semestre de 2020 (Santos, 2021).

A literatura indica que o contexto de vulnerabilidade provocado pela pandemia de COVID-19 aumenta o risco de dificuldades de comunicação, de resolução de conflitos e de manutenção da coesão e do compromisso com a relação (Prime et al., 2020; Stanley & Markman, 2020). Apesar disso, investigações preliminares sobre as reverberações da COVID-19 nas relações conjugais apontam que não houve deterioração da dinâmica conjugal (Sachser et al., 2021; Stanley & Markman, 2020; Williamson, 2020). Para alguns casais, a convivência mais intensa e a necessidade de cooperação para lidar com a ameaça representada pelo vírus pode ter gerado maior sensação de intimidade e de compromisso com o relacionamento. Para outros, a mesma situação é fonte de estresse, conflitos e consideração de divórcio (Evans et al., 2020; Fernandes et al., 2022). Dessa forma, a dinâmica relacional prévia parece ter um papel importante na forma como a pandemia impacta na conjugalidade (Evans et al., 2020; Stanley & Markman, 2020; Williamson, 2020).

Ainda que sejam resultados preliminares, esses achados possivelmente refletem a diversidade de fatores envolvidos nas relações de casal. A literatura demonstra que a qualidade

conjugal é influenciada pela interação dinâmica entre variáveis contextuais, características individuais dos cônjuges e processos adaptativos envolvidos no relacionamento (Delatorre & Wagner, 2021; Karney & Bradbury, 1995). O modelo denominado vulnerabilidade, estresse e adaptação (*vulnerability, stress and adaptation model* – VSA) foi desenvolvido na década de 1990 e integra três classes de variáveis que influenciam no desenvolvimento conjugal. Estas variáveis são: a) os eventos estressantes da vida que os casais vivenciam; b) as vulnerabilidades individuais e duradouras que cada cônjuge traz para o relacionamento e c) os processos adaptativos dos quais os casais lançam mão para lidar com circunstâncias difíceis. Este modelo propõe que os casais precisam se adaptar a uma variedade de eventos e circunstâncias estressantes ao longo da vida, e que a capacidade do casal de se adaptar depende do grau de estresse que eles vivenciam e das vulnerabilidades que cada um traz para o relacionamento. As experiências acumuladas sobre o seu próprio processo adaptativo gradualmente influenciam na percepção acerca da sua qualidade conjugal, o que contribui para a estabilidade do relacionamento (Karney, & Bradbury, 1995). Assim, pode-se pensar que eventos contextuais estressantes, como a pandemia de COVID-19 e, em consequência, a adoção das medidas de distanciamento, têm repercussões diversas nos processos adaptativos entre o casal, de acordo com as peculiaridades do contexto em que estão inseridos e dos recursos e vulnerabilidades individuais dos cônjuges.

No que diz respeito aos fatores contextuais, há evidências de associações entre qualidade conjugal e apoio social e conjugal (Reifman & Niehuis, 2018), cultura (Fellows et al., 2016) e dificuldades financeiras (Kelley et al., 2018). Assim, a magnitude do impacto da pandemia de COVID-19 na conjugalidade pode apresentar uma ampla variação de acordo com a existência de desafios decorrentes da própria pandemia, como a perda de emprego, as dificuldades financeiras, o adoecimento de membros da família, entre outros, e de fatores contextuais

pré-existentes, como a vulnerabilidade social e a disponibilidade de apoio (Pietromonaco et al., 2021).

Em termos de processos adaptativos, há associações bem estabelecidas na literatura entre a comunicação (Lavner et al., 2016) e as estratégias de resolução de conflitos (Delatorre & Wagner, 2019; Overall & McNulty, 2017) com a qualidade conjugal. Estes estudos mostram que estratégias de resolução de conflitos que envolvem comunicação direta, validação, negociação e a busca por um acordo estão associadas à maior qualidade conjugal, enquanto o afastamento do conflito, culpabilização, insultos e postura defensiva se associam à menor qualidade do relacionamento.

O papel dos processos adaptativos entre o casal, bem como de características individuais dos cônjuges, na satisfação com o relacionamento no contexto da pandemia e do distanciamento social tem sido demonstrado em estudos preliminares sobre o tema, embora os resultados dos estudos sejam heterogêneos. Por exemplo, um estudo americano comparou dados de 654 pessoas que estavam em um relacionamento amoroso antes e após o início da pandemia (Williamson, 2020). Os resultados demonstraram que, em média, a satisfação conjugal não diminuiu após o início da pandemia, mesmo levando em conta os dados sociodemográficos dos participantes, experiências negativas resultantes da pandemia, tempo de relacionamento e situação conjugal. Contudo, houve um efeito de moderação dos níveis de *coping* e de conflito, sendo que participantes com baixos níveis de *coping* e altos níveis de conflito experimentaram queda na satisfação conjugal, enquanto o resultado oposto foi observado quando os níveis de *coping* eram altos e os de conflito eram baixos. A autora destaca que os participantes que sofreram declínio na satisfação conjugal já apresentavam um escore abaixo do ponto de corte, que indica a existência de problemas relacionais desde antes da pandemia.

Outro estudo, investigando uma amostra de 3593 participantes de 57 países, demonstrou uma associação entre os estressores relacionados à COVID-19 com maior incidência de

conflitos com o parceiro e menor satisfação conjugal, sendo essa associação atenuada quando havia percepção de maior responsividade do parceiro (Balzarini et al., 2023). No que diz respeito às características e vulnerabilidades específicas de cada cônjuge, a diferenciação de self pode ser compreendida como a capacidade que um indivíduo possui de diferenciar-se emocionalmente dos outros, adquirindo autonomia emocional (Bowen, 1991). Estudos mostram que níveis elevados de diferenciação de self estão associados a melhores indicadores de satisfação conjugal (Bartle-Haring et al., 2019). Além disso, indivíduos com níveis elevados de diferenciação de self também demonstram ter mais condições para proteger o relacionamento do estresse advindo de eventos externos (Finzi-Dottan & Berckovitch Kormosh, 2018).

Dessa forma, os estressores associados à pandemia de COVID-19 podem aumentar a vulnerabilidade dos casais, embora as implicações desses estressores na conjugalidade também dependam dos recursos dos quais o casal dispõe, das características individuais dos parceiros e dos riscos aos quais está exposto (Silva et al., 2020). Nesse sentido, compreender as relações entre diferentes aspectos das medidas de distanciamento social e a vivência da conjugalidade durante a pandemia, considerando a realidade da população brasileira, é fundamental para auxiliar casais que enfrentam as reverberações dessas medidas no relacionamento. Assim, este estudo buscou verificar o papel preditor do distanciamento social na qualidade conjugal e em mudanças autodeclaradas no relacionamento conjugal devido à pandemia, e o papel moderador da satisfação conjugal, do contexto, dos processos adaptativos de resolução de conflito e da variável individual diferenciação de self na interação entre tempo de distanciamento social e desejo pela separação.

Método

Participantes

Originalmente, um total de 1.122 indivíduos responderam aos instrumentos, sendo 77,1% (n = 865) mulheres. Devido à discrepância no percentual de respostas entre os gêneros,

realizou-se uma randomização dos participantes na proporção de 60% de mulheres e 40% de homens. Assim, a amostra final deste estudo está formada por 640 participantes (384 mulheres e 256 homens), com média de idade de 36 anos ($DP = 11,75$), variando entre 18 e 80 anos. Os participantes se declararam heterossexuais (85,3%, $n = 546$), homossexuais (7,6%, $n = 48$) ou bissexuais (6,1%, $n = 39$), e todos coabitavam com seus parceiros no momento da pesquisa há, em média, 9,49 anos ($DP = 9,88$), sendo que 47,4% eram casados oficialmente ($n = 303$). A maior parte da amostra estava em primeira união (78,3%, $n = 501$) e não tinha filhos (55,8%, $n = 357$), embora aqueles com prole tinham, em média, 1,75 filhos ($DP = 0,95$).

No que tange à escolaridade, 68,7% tinham nível superior ($n = 440$), sendo que 42% da amostra possuía pós-graduação completa ($n = 269$). Os rendimentos individuais mensais médios dos participantes foram de R\$ 5.802,58, com grande variabilidade ($DP = R\$ 7.509,12$), e a renda média dos seus parceiros(as) foi de R\$ 5.612,49 ($DP = R\$ 8.158,34$). A carga horária semanal de trabalho foi de, em média, 37h ($DP = 13,12h$). Apesar de a maior parte dos participantes residir na região Sul do país, eles estavam distribuídos em pelo menos 22 estados brasileiros, contemplando todas as regiões.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico e contextual: Desenvolvido pelos pesquisadores a fim de caracterizar os participantes no que tange ao sexo, idade, condição amorosa, tempo de coabitação, orientação sexual, relacionamentos anteriores, filhos, tempo dedicado ao trabalho, renda e escolaridade. Foi utilizado para coletar informações sobre o contexto de vida durante a pandemia, considerando a vivência do distanciamento social, impactos socioeconômicos decorrentes da pandemia, condições de risco em termos de saúde relacionados à Covid-19 e possíveis mudanças no relacionamento neste período.

Para avaliar a vivência do distanciamento social pelos participantes, foram desenvolvidas as seguintes questões: “Assinale o quanto você deixou de fazer atividades que usualmente

fazia fora de casa” (1 = não deixei de fazer nada; 5 = deixei de fazer todas as atividades que fazia fora de casa), “Em média, quantas vezes por semana você tem saído/saiu de casa no período de isolamento social”, e “Por quanto tempo você está ou ficou em distanciamento social? (avaliado em dias)”. Os participantes também caracterizaram o seu período de distanciamento social devido ao coronavírus optando entre uma dentre as seguintes opções: Não estou/estive em isolamento social e minha rotina não sofreu alterações; Sigo/segui trabalhando fora de casa com carga horária normal, mas não tenho realizado/não realizei outras atividades que fazia antes (reuniões sociais, visitação de amigos e familiares, etc.); Saio/saía de casa apenas para atividades essenciais, como supermercado, farmácia, etc., e eventualmente para alguma outra atividade que não é considerada essencial (esporte, visitação de familiares, fazer compras); Saio/saía apenas para atividades essenciais, como supermercado, farmácia, etc.; Desde que a pandemia iniciou, praticamente não saio/saí de casa para nada.

Para investigar mudanças no relacionamento durante a pandemia, foram coletados índices autodeclarados, medidos por meio de itens únicos em escala *Likert* de 1 a 5, relacionados à qualidade da relação durante a pandemia (1 = piorou; 5 = melhorou), conflitos com o cônjuge (1 = não aumentaram nada; 5 = aumentaram muito), vontade de se separar durante o período de distanciamento social (1 = não pensou em se separar; 5 = pensou com muita frequência), manifestações de carinho e de afeto (1 = diminuíram muito; 5 = aumentaram muito) e frequência das relações sexuais (1 = diminuiu muito; 5 aumentou muito).

Escala de Qualidade Conjugal (Anexo C; EQC, Delatorre & Wagner, 2022). Avalia a qualidade do relacionamento conjugal através de 29 itens distribuídos em cinco dimensões: Satisfação: avaliação global do relacionamento em termos afetivos e cognitivos; Compromisso: engajamento de cada membro do casal no relacionamento, incluindo assumir responsabilidades, cumprir acordos e apoiar o(a) parceiro(a); Intimidade: proximidade, conexão, pertencimento e abertura emocional entre os cônjuges; Atração e sexo: atração física, excitação e desejo

sexual em relação ao parceiro(a); e Carinho e afeto: sentimento de afeição pelo(a) parceiro(a), expresso por demonstrações físicas de carinho, afeto e cuidado. Os itens são pontuados por meio de uma escala *Likert* variando entre 1 (não representa quase nada) a 6 (representa muito), sendo calculadas as médias dos itens que correspondem a cada dimensão. Os alfas de Cronbach e ôegas de McDonald foram satisfatórios para as dimensões Satisfação ($\alpha = 0,97$; $\omega = 0,97$), Intimidade ($\alpha = 0,93$; $\omega = 0,93$), Atração e sexo ($\alpha = 0,92$; $\omega = 0,92$), Carinho e afeto ($\alpha = 0,92$; $\omega = 0,92$), e Compromisso ($\alpha = 0,86$; $\omega = 0,86$).

Escala de Conflito Conjugal (Anexo A; Buehler & Gerard, 2002, traduzida e adaptada para o português brasileiro por Mosmann, 2007). É constituída por duas subescalas. A primeira avalia a frequência de desentendimentos com o parceiro(a) em uma escala *Likert* de 6 pontos (nunca, uma vez ao mês ou menos, diversas vezes ao mês, aproximadamente uma vez por semana, diversas vezes por semana, quase todos os dias). Originalmente avalia seis motivos de conflito, porém, os motivos listados foram ampliados para 17, conforme estudos anteriores (Neumann et al., 2018). A segunda subescala avalia a intensidade dos conflitos conjugais em três itens, pontuados em escala *Likert* de 5 pontos (nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente, sempre). Os escores maiores representam altos níveis de conflito.

Inventário de Estilos de Resolução de Conflitos (Anexo B; Conflict Resolution Styles Inventory - CRSI; Kurdek, 1994, traduzido e adaptado para o português brasileiro por Scheeren et al., 2014 e validado por Delatorre et al., 2017). Avalia quatro estilos de resolução de conflitos conjugais: Resolução positiva dos problemas (uso de negociação, $\alpha = 0,80$; $\omega = 0,80$); Envolvimento no conflito (uso de ataques pessoais e perda de controle, $\alpha = 0,83$; $\omega = 0,83$); Afastamento (uso de recusa ao diálogo, $\alpha = 0,82$; $\omega = 0,82$) e Submissão (uso de desistência em defender a sua posição, $\alpha = 0,74$; $\omega = 0,74$). Possui 16 itens medidos em escala *Likert* de cinco pontos (1 = nunca e 5 = sempre).

Inventário de Diferenciação do Self - Revisto (Differentiation of Self Inventory – Revised – DSI R; Skowron & Schmitt, 2003; validado para Portugal por Major et al., 2014, e adaptado para o português brasileiro por Fiorini, 2017). Investiga a diferenciação de self em adultos a partir da avaliação das suas relações significativas com a família de origem e com as relações atuais, por meio de uma escala *Likert* de seis pontos (1 = nada verdadeira; 6 = muito verdadeira). Os 46 itens são divididos em quatro dimensões: Reatividade emocional ($\alpha = 0,85$; $\omega = 0,86$): mensura a tendência para responder aos estímulos ambientais com base em respostas emocionais automáticas, com labilidade emocional ; b) Fusão com outros ($\alpha = 0,75$; $\omega = 0,70$): avalia o superenvolvimento emocional com os outros significativos, dependência e necessidade de aprovação; Posição do eu ($\alpha = 0,78$; $\omega = 0,74$): Distingue um sentido claro e definido do self e a capacidade de manter as próprias crenças e convicções, mesmo quando pressionado a fazer o contrário; e Corte emocional ($\alpha = 0,82$; $\omega = 0,80$): avalia o medo da intimidade e o uso consequente de defesas que estabelecem distanciamento emocional e comportamental em relação aos outros. Em todas as subescalas, os valores mais altos refletem maior diferenciação de self, isto é, menos reatividade emocional, menos corte emocional, menos fusão com os outros e mais posições de eu.

Procedimentos Éticos e de Coleta de Dados

Os dados foram coletados de forma online por meio da plataforma Survey Monkey durante os meses de junho e julho de 2020. A amostra foi formada por conveniência, por meio de convites enviados por e-mail, mensagens de texto e redes sociais. Os participantes puderam indicar outros possíveis respondentes, o que caracterizou o método *snowball sampling*. O critério de inclusão era estar morando com o(a) parceiro(a) amoroso(a) no momento da pesquisa. Na página inicial do formulário online constava o Termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo F), o qual prestava informações sobre a pesquisa e assegurava o anonimato. Os

participantes precisaram selecionar a alternativa “Concordo com os termos e aceito responder ao questionário” para prosseguir. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa.

Procedimentos de Análise dos Dados

A fim de testar se o distanciamento social diminui os indicadores de qualidade conjugal, os participantes foram divididos em dois grupos: aqueles que estavam em distanciamento social mais rígido (aqueles que não saíam de casa ou saíam apenas para atividades essenciais e, eventualmente, para alguma atividade não essencial, $n = 431$) e aqueles que não estavam em distanciamento social ou estavam de modo mais flexível (trabalham fora de casa, mas deixaram de fazer outras atividades que fazia antes, $n = 209$). Após a sondagem dos pressupostos estatísticos, foi conduzida uma Análise de Variâncias (ANOVA) para verificar se há diferença significativa nos índices de qualidade conjugal, conforme a EQC, entre os dois grupos.

Para testar se o distanciamento social revela e amplia problemas conjugais preexistentes, utilizou-se a amostra original, isto é, os 640 sujeitos. Analisados os pressupostos, realizou-se uma série de Análises de Regressão Linear Múltiplas para verificar se os indicadores de distanciamento social são preditores dos índices de qualidade conjugal e de mudanças autodeclaradas no relacionamento conjugal durante a pandemia. Para tal, os três índices de distanciamento social (o quanto deixou de fazer atividades fora de casa, quantas vezes por semana saiu de casa e tempo de distanciamento social) foram lançados simultaneamente como preditores de cada um dos cinco índices da Escala de Qualidade Conjugal e de cada uma das cinco mudanças autodeclaradas no relacionamento durante a pandemia.

A partir destes resultados, realizou-se uma Análise de Moderação, utilizando-se a função `moderate.lm` do pacote `QuantPsyc` do software R, com o objetivo de verificar o efeito moderador da satisfação conjugal sobre a relação entre tempo de distanciamento social e vontade de separação. Verificou-se também o efeito moderador de variáveis do contexto, dos processos adaptativos e dos recursos individuais sobre a relação entre tempo de distanciamento social e

vontade de separação, utilizando-se a mesma função do software R. No que tange ao contexto, foram investigadas as variáveis intensidade de conflitos conjugais, frequência média de conflitos conjugais, ter sido considerado suspeito ou positivo para Covid-19, ser do grupo de risco para Covid-19, desemprego, atraso de salário e diminuição de clientela do prestador de serviço. No que diz respeito aos processos adaptativos, foram testados os quatro estilos de resolução de conflitos: resolução positiva, envolvimento no conflito, afastamento e submissão. Já o efeito da individualidade foi testado a partir das quatro dimensões da diferenciação do self: reatividade emocional, fusão com outros, posição do eu e corte emocional. O software utilizado para a análise dos dados foi o R versão 4.0.4.

Resultados

A análise dos itens autodeclarados que avaliavam mudanças na relação conjugal durante os cinco primeiros meses da pandemia sinaliza que, nesse período, a maioria dos participantes não experimentou prejuízos na relação. Grande parte (38,1%) declarou que a qualidade da relação não melhorou nem piorou neste período, e 14,5% relataram que a qualidade da relação piorou. Quanto à vontade de separação, 69,1% afirmaram não ter pensado em se separar durante o confinamento imposto pela pandemia.

O resultado da ANOVA demonstrou que não há diferenças significativas em nenhum dos índices de qualidade conjugal entre o grupo que estava em distanciamento social mais rígido e o grupo que estava em regime mais flexível ou sem confinamento [Satisfação conjugal – $F(1, 638) = 0,017$; $p = 0,897$; Intimidade – $F(1, 638) = 0,020$; $p = 0,887$; Atração e sexo – $F(1, 638) = 0,235$; $p = 0,628$; Carinho e afeto – $F(1, 638) = 1,219$; $p = 0,270$; Compromisso – $F(1, 638) = 0,030$; $p = 0,863$]. Não se pode, portanto, afirmar que as pessoas que estavam em confinamento mais rígido tiveram prejuízos no relacionamento como resultado das medidas de distanciamento social.

A Tabela 17 apresenta os resultados das regressões lineares múltiplas que buscaram verificar se os índices de distanciamento social eram preditores da qualidade conjugal e dos índices autodeclarados de mudanças no relacionamento conjugal durante a pandemia. Nenhum dos indicadores de distanciamento social predisseram significativamente os índices de qualidade conjugal, confirmando que não há influência do confinamento sobre tal aspecto da relação. Com relação às mudanças autodeclaradas na relação conjugal, encontrou-se uma relação significativa entre tempo de distanciamento social e vontade de separação [Modelo: $F(3,627) = 4,538$; $p < 0,01$, $R^2 = 0,02$; Interação: $\beta = 0,004$; $p < 0,01$]. Este resultado indica que, quanto maior o tempo de confinamento, maior foi a vontade de separação.

Para explicar melhor esse achado, foi realizada uma série de Análises de Regressão, em que foram testados os efeitos de moderação da satisfação conjugal e de variáveis estressoras contextuais, dos processos adaptativos e de recursos/vulnerabilidades individuais na relação entre tempo de distanciamento social (TDS) e vontade de separação (VS). A satisfação conjugal foi utilizada nesta análise partindo da inferência de que esta variável é um reflexo da qualidade geral da relação.

No primeiro modelo foram inseridos o tempo de distanciamento social (TDS), a satisfação conjugal (SC) e a interação entre essas variáveis como preditores da vontade de separação (VS). O modelo foi significativo [$F(3, 628) = 267,8$; $p < 0,001$], $R^2 = 0,561$] e demonstrou que houve interação significativa entre o TDS e a SC ($\beta = -0,002$; $p < 0,01$), sugerindo que a satisfação conjugal modera a relação entre TDS e VS. No que diz respeito aos conflitos, houve interação significativa entre a frequência média dos conflitos conjugais e o TDS na predição da VS [Modelo: $F(3, 628) = 74,13$; $p < 0,001$, $R^2 = 0,26$; Interação: $\beta = 0,005$; $p < 0,001$], mas não entre a intensidade dos conflitos e o TDS. Nenhuma das interações entre TDS e as variáveis de contexto de saúde e de trabalho foi significativa na predição da vontade de separação. Quanto aos processos adaptativos, o TDS teve interação significativa com a resolução positiva

de conflitos [Modelo: $F(3, 617) = 35.07$; $p < 0,001$; $R^2 = 0,146$; Interação: $\beta = -0,001$; $p < 0,01$], mas não com o envolvimento no conflito, o afastamento e a submissão. Finalmente, no que tange à individualidade, o TDS apresentou interação significativa com a fusão com o outro [Modelo: $F(3, 628) = 10,31$; $p < 0,001$; $R^2 = 0,047$; Interação: $\beta = -0,0024$; $p < 0,05$], com a reatividade emocional [Modelo: $F(3,628) = 19,96$; $p < 0,001$; $R^2 = 0,087$; Interação: $\beta = -0,002$; $p < 0,05$] e com o corte emocional [Modelo: $F(3,628) = 42,5$; $p < 0,001$; $R^2 = 0,169$; Interação: $\beta = -0,003$; $p < 0,01$] na predição da VS. Não houve interação significativa entre o TDS e a posição do eu, enquanto preditores da VS.

Na sequência, foram realizadas análises de moderação (Tabela 18 e Figura 10) para investigar todas as interações estatisticamente significativas. As análises indicaram que, quanto menores os índices de satisfação conjugal, resolução positiva dos conflitos e diferenciação do self, e quanto maior a frequência dos conflitos, mais forte foi a relação entre o tempo de distanciamento social e a vontade de separação. Em contrapartida, essa relação desaparece quando há altos níveis de satisfação conjugal (+1SD), baixa frequência de conflitos conjugais (-1SD) e quando as pessoas são altamente diferenciadas (+1SD), ou seja, o tempo de distanciamento social não impactou significativamente na vontade de separação desses participantes.

Discussão

Este estudo buscou verificar o papel preditor do distanciamento social decorrente da pandemia de Covid-19 na qualidade conjugal e em mudanças autodeclaradas no relacionamento. Por si só, o distanciamento social não se configurou como um preditor dos índices de qualidade conjugal ou das mudanças no relacionamento durante a pandemia, com exceção da vontade de separar-se do(a) parceiro(a). Diante disso, tomando como base o modelo *vulnerability, stress and adaptation* (VSA, Karney & Bradbury, 1995), investigou-se o papel moderador da satisfação conjugal, de estressores contextuais, dos processos adaptativos de resolução de conflitos e da variável individual diferenciação de self na interação entre tempo de

distanciamento social e vontade de se separar. A satisfação conjugal, a frequência média de conflitos, a estratégia de resolução positiva dos conflitos e a diferenciação de self foram variáveis moderadoras desta interação.

Ao mesmo tempo em que o distanciamento social reduz o risco de contaminação e de adoecimento causado pelo vírus SARS-CoV-2, pode trazer impactos socioeconômicos importantes e sobrecarregar o ambiente familiar com o acúmulo de tarefas profissionais, parentais, escolares, domésticas e conjugais dentro do mesmo espaço físico e temporal (Evans et al., 2020). Diante desse panorama, seria possível supor que o tempo em que os indivíduos permanecem em distanciamento social vivenciando tais desafios poderia impactar na qualidade do seu relacionamento conjugal, aspecto que foi testado no presente estudo. Contrariamente a essa expectativa inicial, encontrou-se que o tempo de distanciamento social, por si só, não foi um preditor de mudanças nos indicadores de qualidade conjugal testados. Da mesma forma, o distanciamento social não predisse mudanças autodeclaradas na qualidade da relação, na percepção de conflitos com o cônjuge, nas manifestações de carinho e de afeto e na frequência das relações sexuais durante a pandemia.

É possível que este resultado se deva à grande variedade de experiências relacionais vivenciadas nesse período. Estudos evidenciam que uma parcela das pessoas vivenciou melhoras no relacionamento, outras não perceberam mudanças e outras, ainda, se depararam com sérios problemas relacionais após o início da pandemia (Evans et al., 2020; Fernandes et al., 2022; Schmid et al., 2021; Williamson, 2020). Em nosso estudo, cerca de 30% da amostra cogitou separar-se nos meses iniciais da pandemia. Esta foi a única variável testada que foi predita pelo tempo de distanciamento social, porém, com um baixo valor explicativo.

Estudos preliminares indicaram que a dinâmica relacional prévia tem um papel importante na forma como a pandemia impacta na conjugalidade (Evans et al., 2020; Stanley & Markman, 2020; Williamson, 2020). Considerando que a satisfação conjugal não foi predita

pelo tempo de distanciamento social, que não houve diferenças na qualidade conjugal entre os participantes que estavam em distanciamento social mais rígido e mais flexível, e que a satisfação conjugal é um indicativo da qualidade global do relacionamento, optou-se por testar o papel moderador da satisfação conjugal na interação entre o distanciamento social e a vontade de separação. Nos indivíduos com níveis altos de satisfação conjugal, a vontade de separar-se não foi impactada pelo tempo de distanciamento social. Ao contrário, dentre aqueles com baixos níveis de satisfação com o relacionamento, quanto maior o tempo de distanciamento, maior foi o desejo de separar-se do(a) parceiro(a). A sensação de isolamento social foi considerada um preditor significativo da diminuição do compromisso com o relacionamento em um estudo multinacional realizado entre março e abril de 2020 (Balzarini et al., 2023). De acordo com (Lebow, 2020), a situação de confinamento cria limites mais rígidos entre a família nuclear e o mundo externo, diminuindo as interações sociais e o apoio social que, anteriormente, amenizavam de alguma forma as tensões relacionais. Desta forma, sem os escapes do contexto extrafamiliar, a ideia da separação parece ganhar espaço, como uma das saídas possíveis para manejar uma relação conjugal já desgastada.

Uma vez que a satisfação com o relacionamento interage com os eventos estressantes, com os recursos e vulnerabilidades de cada parceiro(a) e com os processos adaptativos na delimitação da dinâmica conjugal, análises de moderação adicionais foram empregadas tomando por base os três domínios de variáveis presentes no modelo VSA (Karney & Bradbury, 1995). Dentre o espectro de eventos estressantes, encontrou-se que nenhuma das variáveis de saúde ou de trabalho interagiram com o tempo de distanciamento para predizer o desejo pela separação. É possível que este resultado seja impactado pela condição socioeconômica dos participantes, uma vez que os rendimentos médios individuais da amostra equivaliam a, aproximadamente, cinco salários-mínimos no ano de 2020. Há evidências de que a perda de trabalho e renda devido à pandemia tende a ser maior para os estratos socioeconômicos mais baixos

(Moreira, 2020). No estudo de Balzarini et al. (2023), os participantes que reportaram mais dificuldades financeiras devido à Covid-19 apresentaram piora em variáveis do relacionamento. Já Schmid et al. (2021) encontraram que a piora nos níveis de satisfação com o relacionamento ocorreram independente de os participantes experimentarem mudanças em sua situação laboral devido à pandemia.

Ainda no que tange às variáveis representativas de eventos estressantes, considerou-se que a intensidade dos conflitos conjugais e a frequência de conflitos no dia a dia do relacionamento são medidas de estresse ao qual o casal está submetido. Nesse sentido, as análises revelaram interação entre a frequência média de conflitos conjugais e o tempo de distanciamento social, indicando que, quanto maior a frequência de conflitos conjugais, maior a vontade de separação com o passar do tempo em situação de distanciamento social. Em conjunto, tais dados sugerem que os eventos estressantes derivados da dinâmica conjugal impactam com mais força no desejo de permanecer ou não na relação do que os eventos contextuais externos. A responsividade do parceiro(a) é um fator que atenua o impacto dos estressores relacionados à Covid-19 no relacionamento conjugal (Balzarini et al., 2023). Desta forma, pode-se depreender que, nos casais com alta frequência de conflitos, os cônjuges tendem a estar mais focados nas suas necessidades, percepções e desejos individuais, sendo menos responsivos aos interesses e necessidades do parceiro(a).

De acordo com o modelo VSA, os processos adaptativos dizem respeito às estratégias das quais os casais lançam mão para lidar com circunstâncias difíceis (Karney & Bradbury, 1995). Nesse sentido, as estratégias de resolução de conflitos empregadas pelos parceiros podem ser consideradas processos adaptativos frente aos estresses da relação. Encontrou-se que a estratégia de resolução positiva dos problemas, que diz respeito ao emprego de uma postura respeitosa, de escuta ativa e de busca de negociação (Kurdek, 1994), interagiu

significativamente com o tempo de distanciamento social na predição da vontade de separação, configurando-se como um fator protetivo ao relacionamento durante a pandemia.

Este dado ganha importância na medida em que as estratégias de resolução de conflitos podem ser modificadas por meio do aprendizado (Neumann et al., 2018). Um estudo longitudinal que acompanhou casais pelos três primeiros anos de união encontrou que a resolução construtiva dos conflitos contribuiu de maneira significativa para a satisfação conjugal ao longo do tempo. Neste estudo, as variáveis inter-relacionais (afeto, resolução de conflitos e suporte) tiveram mais peso do que variáveis individuais e de contexto na explicação da trajetória da satisfação conjugal (Tong et al., 2021).

Por fim, o modelo VSA considera que a terceira classe de variáveis que impactam no desenvolvimento da conjugalidade são as vulnerabilidades individuais e duradouras que cada cônjuge traz para o relacionamento (Karney & Bradbury, 1995). A diferenciação de self é um destes elementos, na medida em que se forma nas experiências do indivíduo com a sua família de origem e tende a permanecer operando nas suas relações posteriores (Bowen, 1991). Três dimensões da escala de diferenciação de self, quais sejam, Fusão com o outro, Reatividade Emocional e Corte emocional, moderaram a relação entre tempo de distanciamento social e desejo de separação. Em pessoas com indicadores altos de diferenciação, o tempo de distanciamento social não possuiu efeito significativo sobre a vontade de separação, enquanto pessoas menos diferenciadas demonstraram aumento no desejo de se separar com o passar do tempo de distanciamento.

Indivíduos com níveis elevados de reatividade emocional tendem a responder aos estímulos ambientais de forma automática, com grande labilidade emocional (Major et al., 2014). Nesse sentido, é possível que cogitem a separação diante do impacto dos estressores, porém, possivelmente, sem uma reflexão profunda acerca desta decisão. Os indivíduos com níveis altos de corte emocional são aqueles que apresentam medo da intimidade, utilizando, para isso,

estratégias de relacionamento pautadas no estabelecimento de limites ou no distanciamento emocional e comportamental em relação aos outros (Lampis et al., 2019). Diante disso, é coerente que estes indivíduos apresentem maior propensão a cogitar a separação durante o confinamento, uma vez que este impõe uma proximidade e convivência maior com o cônjuge. Um dado que surpreende, porém, é o que aponta que os indivíduos com altos níveis de fusão com outros tenham tido maior desejo de se separar com o passar do tempo, uma vez que são indivíduos com superenvolvimento emocional, apresentando comportamentos de dependência e necessidade de aprovação dos demais. Um estudo latino-americano encontrou que tanto homens quanto mulheres com níveis mais baixos de fusão com os outros apresentavam indicadores mais altos de estabilidade no relacionamento, isto é, de desejo de manter-se na relação (Cabrera et al., 2019). Apesar deste resultado, ao incorporar variáveis relacionais em um modelo de regressão linear, os pesquisadores encontraram que a coesão e a satisfação diádicas tiveram um peso explicativo maior nesse resultado, indicando um papel proeminente das variáveis diádicas sobre as variáveis individuais na estabilidade da relação.

Desta forma, considera-se necessário que estudos futuros analisem a interação entre este conjunto de variáveis para melhor compreender os seus impactos na dinâmica relacional. Estudos mostram que homens com níveis maiores de fusão com os outros e mulheres com níveis maiores de reatividade emocional apresentam maiores indicadores de ansiedade de separação (Peleg & Yitzhak, 2011). Os indivíduos com ansiedade de separação frequentemente utilizam estratégias comunicacionais destrutivas, adotando comportamentos de demanda de seus parceiros(as) e, muitas vezes, emprego de agressões verbais e insultos quando não obtém respostas que assegurem a segurança da relação. Outro estudo aponta que indivíduos com baixos níveis de diferenciação tendem a se comunicar com os seus parceiros(as) ou utilizando padrões de comunicação evitativos, ou de demanda e recuo, assim empregando estratégias de manutenção da relação que infligem custos para a própria relação (Ghanbarian et al., 2020).

Estes achados têm implicações importantes para a prática da psicologia, na medida em que corroboram a importância das variáveis conjugais e intrafamiliares como recursos diante de contextos sociais adversos. Sem negar o impacto do contexto no desenvolvimento psíquico, os dados deste estudo denotam que os indivíduos que desenvolveram bons níveis de diferenciação de self ao longo de sua vida e que utilizam estratégias construtivas de resolução de conflitos se mostram mais aptos para manejar as adversidades do contexto de forma colaborativa. O impacto do distanciamento social nos casais, assim, irá variar conforme a natureza dessas relações, configurando-se como um evento potencializador tanto dos recursos quanto das fragilidades do relacionamento conjugal. Diante disso, evidencia-se a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas que fortaleçam os laços familiares, tanto no que tange a aspectos individuais de fomento à diferenciação de self e à capacidade de autorregulação emocional, quanto de relações conjugais construtivas e respeitadas.

Por fim, torna-se necessário ressaltar as limitações deste estudo. Uma vez que os dados foram coletados em junho e julho de 2020, e as medidas de distanciamento social iniciaram, no Brasil, no mês de março, este estudo observou dados de indivíduos que estavam vivenciando tais medidas há cerca de três ou quatro meses. É possível que dados coletados em um período posterior tragam resultados diferentes, seja devido à necessidade de reorganização que o tempo impõe, seja devido ao retorno gradual de muitas pessoas a atividades desenvolvidas fora do ambiente doméstico. Além disso, as análises realizadas não permitiram compreender a interrelação entre as variáveis estudadas, lançando luz para a necessidade de novos estudos que possam investigar como elas influenciam umas nas outras.

Tabela 17

Regressões lineares múltiplas com índices de distanciamento social como preditores de qualidade conjugal e de mudanças autodeclaradas durante a pandemia

Escala de Qualidade Conjugal	O quanto deixou de fazer atividades fora de casa ^a				r^2
	b_0	b_1	b_1	b_1	
Satisfação	5,08 ***	0,033	-0,013	-0,002	0,004
Intimidade	4,94 ***	0,022	0,001	-0,000	0,000
Compromisso	5,13 ***	0,031	0,004	0,000	0,001
Carinho e afeto	4,94 ***	0,007	0,025	0,000	0,002
Atração e sexo	4,67 ***	0,026	0,017	0,000	0,001

Mudanças autodeclaradas					
Qualidade da relação	3,33 ***	0,027	-0,012	0,000	0,002
Vontade de separar	1,02 ***	0,058	0,034	0,004 **	0,021
Conflitos e brigas	3,01 ***	-0,055	0,005	0,001	0,003
Manifestações de carinho e afeto	3,23 ***	0,045	0,002	0,001	0,004
Frequência de relações sexuais	3,04 ***	-0,007	-0,008	-0,001	0,001

^a Variáveis predictoras; b_0 = Intercepto da regressão; b_1 = coeficiente angular

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Tabela 18

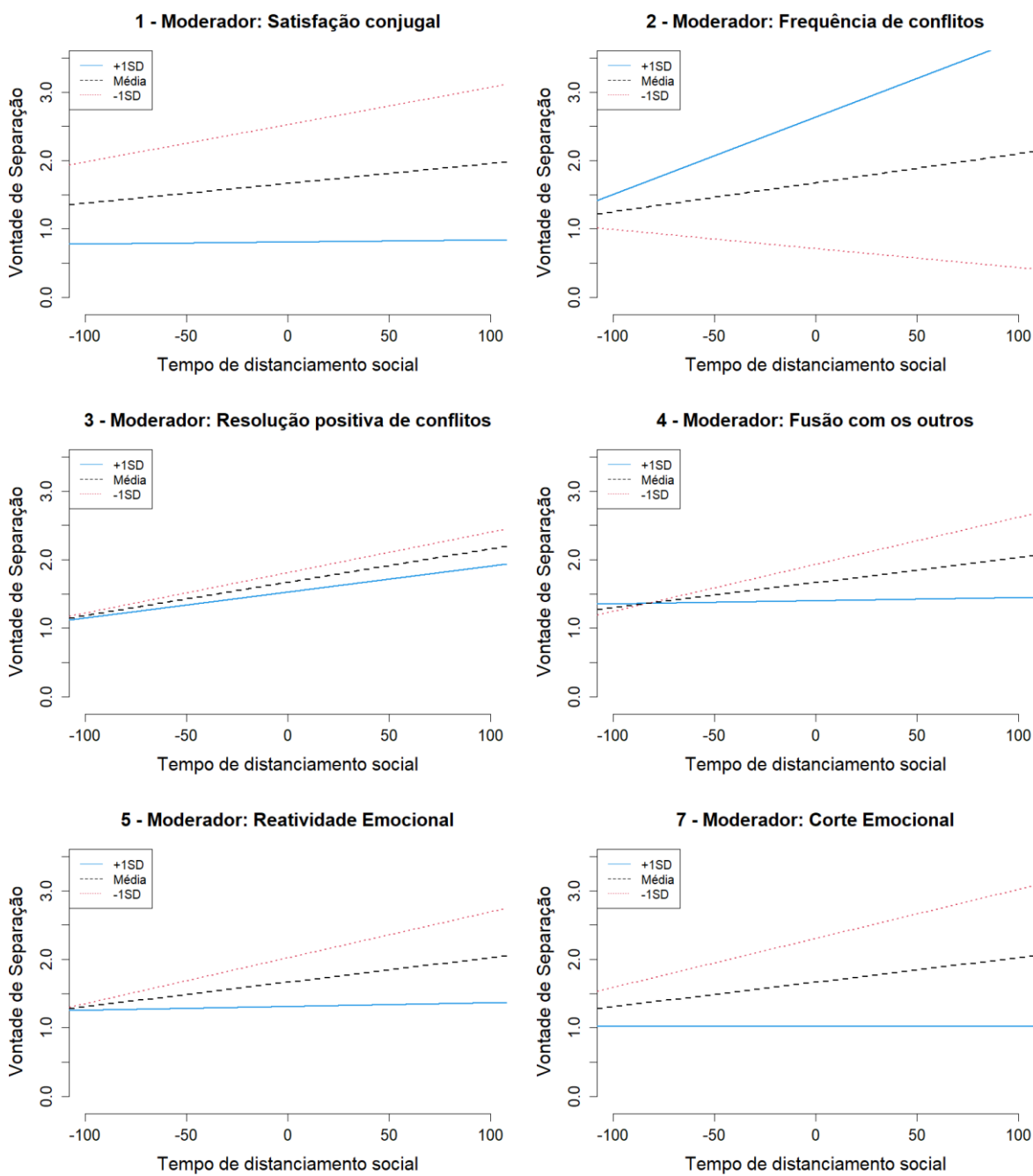
Efeitos moderadores significativos sobre a relação entre vontade de separação e tempo de distanciamento social

	Vontade de separação * Tempo de distanciamento social				
	<i>b</i> ₀	<i>b</i> ₁	EP	IC 95%	
Satisfação Conjugal ^a					
Alta (+1SD)	0,812	0,000	0,001	-0,002	0,002
Média	1,669	0,003***	0,001	0,001	0,004
Baixa (-1SD)	2,525	0,005***	0,001	0,003	0,008
Frequência de conflitos ^a					
Alta (+1SD)	2,639	0,011***	0,002	0,007	0,015
Média	1,676	0,004***	0,001	0,002	0,006
Baixa (-1SD)	0,714	-0,003	0,002	-0,007	0,001
Resolução positiva de conflitos ^a					
Alta (+1SD)	1,530	0,004***	0,001	0,002	0,006
Média	1,672	0,005***	0,001	0,003	0,007
Baixa (-1SD)	1,814	0,006***	0,001	0,004	0,008
Fusão com os outros ^a					
Alta (+1SD)	1,405	0,000	0,002	-0,004	0,004
Média	1,669	0,004***	0,001	0,001	0,006
Baixa (-1SD)	1,934	0,007***	0,002	0,003	0,010
Reatividade Emocional ^a					
Alta (+1SD)	1,313	0,001	0,002	-0,003	0,004
Média	1,667	0,004***	0,001	0,001	0,006
Baixa (-1SD)	2,022	0,007***	0,002	0,003	0,010
Corte Emocional ^a					
Alta (+1SD)	1,028	0,000	0,002	-0,004	0,003
Média	1,668	0,004***	0,001	0,002	0,006
Baixa (-1SD)	2,307	0,007***	0,002	0,004	0,010

^a Variáveis predictoras; *b*₀ = Intercepto da regressão; *b*₁ = Coeficiente angular; EP = Erro padrão; IC = Intervalo de confiança; * *p* < 0,05; ** *p* < 0,01; *** *p* < 0,001

Figura 10

Gráficos dos moderadores significativos sobre a relação entre vontade de Separação e tempo de distanciamento social



8. Conclusões

O presente trabalho teve como objetivo investigar a qualidade conjugal, os conflitos, as crises e as estratégias de enfrentamento de casais brasileiros a partir de um modelo de ciclo vital conjugal diferenciado do ciclo vital familiar e adequado às particularidades da realidade nacional. Os estudos apresentados permitiram elaborar esse modelo e testá-lo de maneira bem-sucedida em diferentes amostras da população, com dados transversais e longitudinais. Essa visão evolutiva da conjugalidade de brasileiros pode contribuir para a prática clínica com casais e com futuros estudos da área.

Esta tese se propôs a contribuir nos seguintes aspectos: Primeiramente, inaugurou-se o uso dos dados da PNAD Contínua para o estudo das relações familiares, permitindo analisar a configuração familiar dos casais brasileiros a partir de dados populacionais oficiais, o que não existia na literatura até então. O mapeamento realizado revelou que a conjugalidade brasileira é caracterizada por uma grande diversidade de configurações, o que confere complexidade para as relações entre os cônjuges. Sendo assim, propusemos um modelo de ciclo vital conjugal que desse conta dessa diversidade. Esse modelo funcionou adequadamente tanto nas análises realizadas de forma transversal como também longitudinal. Estes resultados estão apresentados nos seguintes artigos: O primeiro artigo evidenciou que na fase de Formação da conjugalidade a amostra estudada demonstrou maior qualidade conjugal e menor frequência e intensidade de conflitos, em comparação com as fases seguintes. Revelou-se também que, em comparação com os homens, as mulheres reportam menor qualidade conjugal e maior intensidade de conflitos em todas as quatro fases do ciclo vital conjugal. A qualidade reportada por elas diminuiu mais fortemente com o aumento da frequência e da intensidade de conflitos, indicando que as interações estabelecidas entre os cônjuges podem ter maior peso explicativo na qualidade conjugal percebida pelas mulheres do que pelos homens. A estratégia de resolução positiva de conflitos foi mais utilizada no início e no fim do ciclo vital conjugal, o que pode ser explicado

pelo efeito “lua de mel” no começo da relação e pelo aprendizado adquirido ao longo dos anos, mais evidente nos Anos tardios. Nas fases intermediárias, de Expansão e Manutenção, o uso da estratégia de Enfrentamento foi maior, sugerindo que os desafios desse momento exigem mais dos cônjuges.

O segundo artigo empírico fez uma análise prospectiva da trajetória da qualidade conjugal e das estratégias de encaminhamento de conflitos durante treze anos de relacionamento. Os resultados revelaram que a qualidade conjugal da amostra se manteve relativamente estável nesse período, confirmando que a qualidade construída na fase de Formação pode ser imprescindível para toda trajetória do casal. Os dados também revelaram que os casais que permaneceram juntos durante esses anos experimentaram amadurecimento, com aumento do uso da Resolução positiva e diminuição da submissão. Esse amadurecimento não tinha ficado evidente nos dados transversais, sublinhando a importância dos estudos longitudinais. A estabilidade do envolvimento no conflito e do afastamento ao longo dos treze anos sugere que essas estratégias podem estar relacionadas a traços de personalidade mais estáveis dos membros do casal. Esse estudo também reuniu evidências de que as tentativas de forçar mudanças no parceiro podem ser improdutivas e até mesmo contraproducentes a longo prazo. Ficou evidenciado também que a qualidade conjugal percebida pode ser mais influenciada por fatores do momento atual do que pela dinâmica estabelecida pelos cônjuges no passado. Isso seria um indicativo de que, apesar da história pregressa, é possível investir em mudanças na dinâmica conjugal atual para obter de uma conjugalidade satisfatória.

Durante a realização desse trabalho a pandemia de COVID-19 trouxe desafios para as relações conjugais, criando uma oportunidade para analisar a qualidade e os conflitos de casais brasileiros diante de situações de crise e cumprir com o último objetivo específico da tese. Os resultados dessa análise demonstraram que a maioria dos participantes não experimentou prejuízos na relação nesse período, tampouco sentiu vontade de se separar. Mais tempo de

relacionamento esteve relacionado a menor chance de pensar em separação, o que está de acordo com nosso estudo anterior, que revelou aumento da maturidade conjugal ao longo do tempo. Aqueles que relataram prejuízos no afeto, na frequência de relações sexuais e aumento de conflitos tiveram chances aumentadas de pensar em separação durante a pandemia. Entretanto, o último artigo empírico reuniu evidências de que a pandemia não necessariamente criou novos problemas conjugais, mas pode ter ampliado as dificuldades já existentes. Casais com melhores recursos individuais e conjugais se mostraram mais aptos para manejar as adversidades desse tempo de crise. Isso reforça o que outros estudos realizados no presente trabalho evidenciaram: a formação de uma conjugalidade saudável nas fases iniciais do ciclo vital conjugal pode ser fundamental para toda a trajetória da vida a dois. Diante disso, considera-se que são necessários maiores esforços clínicos e científicos para ajudar casais na fase de Formação a cumprirem as tarefas específicas desse momento e desenvolverem habilidades de comunicação e negociação, estabelecendo assim uma conjugalidade sólida e funcional para os anos seguintes.

Esse estudo teve limitações. Pessoas com problemas conjugais normalmente não se dispõem a responderem pesquisas. Além disso, obter uma amostra economicamente e culturalmente diversa foi um desafio nesse estudo, assim como obter resposta dos homens. Isso restringiu a pesquisa a uma amostra majoritariamente feminina, de classe média, com altos níveis de escolaridade e boa qualidade conjugal. Ademais, a análise a partir da PNAD Contínua permitiu visualizar a conjugalidade brasileira de uma forma ampla, mas a leitura dos resultados demanda parcimônia, considerando que os dados não foram desenhados para análise específica das relações familiares. Cabe também notar que, devido ao longo período entre as duas coletas do estudo longitudinal, a taxa de retenção foi baixa, resultando em um pequeno número de díades.

Apesar dessas limitações, dentre os pontos fortes desse estudo pode-se citar a inovação metodológica do uso da PNAD contínua como fonte de dados para conhecer a configuração das relações familiares brasileiras, o uso de diferentes amostras da população e grande número amostral de algumas delas, e a aplicação de dados transversais e longitudinais em análises robustas, incluindo análises diádicas. Considera-se que o presente trabalho alcançou seus objetivos, analisando aspectos da conjugalidade de brasileiros em diferentes fases da vida através de um modelo de ciclo vital conjugal adequado a esta realidade. .

9. Referências

- Abreu-Afonso, J., Ramos, M. M., Queiroz-Garcia, I., & Leal, I. (2022). How Couple's Relationship Lasts Over Time? A Model for Marital Satisfaction. *Psychological Reports*, *125*(3), 1601–1627. <https://doi.org/10.1177/00332941211000651>
- Adams, B. (2019). *The Critical First Years of Marriage: Foundations of Successful Relationships*. Biola University.
- Ahluwalia, H., Anand, T., & Suman, L. (2018). Marital and family therapy. *Indian Journal of Psychiatry*, *60*(8), 501. https://doi.org/10.4103/psychiatry.IndianJPsychiatry_19_18
- Akrim, A., & Dalle, J. (2021). Mobile Phone and Family Happiness, Mediating Role of Marital Communication: An Attachment Theory Perspective. *International Journal of Interactive Mobile Technologies (IJIM)*, *15*(21), 107. <https://doi.org/10.3991/ijim.v15i21.17811>
- Aquino, E. M. L., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., Souza-Filho, J. A. de, Rocha, A. dos S., Ferreira, A., Victor, A., Teixeira, C., Machado, D. B., Paixão, E., Alves, F. J. O., Pilecco, F., Menezes, G., Gabrielli, L., Leite, L., Almeida, M. da C. C. de, Ortelan, N., Fernandes, Q. H. R. F., ... Lima, R. T. dos R. S. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, *25*(suppl 1), 2423–2446. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>
- Araújo, M. (2019). A pluriparentalidade :O direito à convivência . *Lex Familiae - Revista Portuguesa de Direito Da Família, Ano 16*(31–32), 119–142.
- Araújo, M. L. S., & Gonçalves, S. G. T. (2019). A atuação do psicólogo no acompanhamento a casais heterossexuais diagnosticados com infertilidade. *I e II Seminário de Produção Científica Do Curso de Psicologia Da Unievangélica*. <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/1153>

- Ayuso, L., Requena, F., Jiménez-Rodríguez, O., & Khamis, N. (2020). The effects of COVID-19 confinement on the Spanish family: Adaptation or change? *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3–4), 274–287. <https://doi.org/10.3138/JCFS.51.3-4.004>
- Balzarini, R. N., Muise, A., Zoppolat, G., Di Bartolomeo, A., Rodrigues, D. L., Alfonso-Ferres, M., Urganci, B., Debrot, A., Bock Pichayayothin, N., Dharma, C., Chi, P., Karremans, J. C., Schoebi, D., & Slatcher, R. B. (2023). Love in the Time of COVID: Perceived Partner Responsiveness Buffers People From Lower Relationship Quality Associated With COVID-Related Stressors. *Social Psychological and Personality Science*, 14(3), 342–355. <https://doi.org/10.1177/19485506221094437>
- Barbosa, L. de P. G., Mendes, J. A. de A., & Juras, M. M. (2021). Dinâmicas disfuncionais, disputa de guarda e alegações de alienação parental: uma compreensão sistêmica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30(69), 78–95. <https://doi.org/10.38034/NPS.V30I69.612>
- Bartle-Haring, S., Ferriby, M., & Day, R. (2019). Couple Differentiation: Mediator or Moderator of Depressive Symptoms and Relationship Satisfaction? *Journal of Marital and Family Therapy*, 45(4), 563–577. <https://doi.org/10.1111/jmft.12326>
- Beam, C. R., Marcus, K., Turkheimer, E., & Emery, R. E. (2018). Gender Differences in the Structure of Marital Quality. *Behavior Genetics*, 48(3), 209–223. <https://doi.org/10.1007/s10519-018-9892-4>
- Bello, D. L., Dal Bello, L., Magnabosco Marra, M., de Seção, E., & Filipini, R. (2020). The influence of the transgenerational phenomenon on the family life cycle of couples with small children. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 28(2), 2020. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20168>
- Ben-Shachar, M. S., Lüdtke, D., & Makowski, D. (2020). effectsize: Estimation of Effect Size Indices and Standardized Parameters. *Journal of Open Source Software*, 5(56), 2815. <https://doi.org/10.21105/joss.02815>

- Benson, J. J., & Coleman, M. (2016). Older Adults Developing a Preference for Living Apart Together. *Journal of Marriage and Family*, 78(3), 797–812.
<https://doi.org/10.1111/JOMF.12292>
- Benti, D. M., Garuma, D., & Tena, T. (2019). The Relationship between Technology Usage and Marital Conflicts among Young Married Couples in Jimma Town. *International Journal of Multicultural and Multireligious Understanding*, 5(6), 172–181.
<https://doi.org/10.18415/IJMMU.V5I6.677>
- Bernard, J. (1982). *The future of marriage*. Yale University Press.
- Bernardi, D., Dantas, C. R., & Féres-Carneiro, T. (2020). Satisfação Conjugal e Liberdade: Percepções de Sujeitos Casados acerca da Ausência de Filhos. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1–15. <https://doi.org/10.36298/GERAIS2020130111>
- Birditt, K. S., Brown, E., Orbuch, T. L., & McIlvane, J. M. (2010). Marital Conflict Behaviors and Implications for Divorce Over 16 Years. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1188–1204. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00758.x>
- Bitelman, A. M. de A. (2022). *Instrumento de avaliação de expectativas conjugais: um estudo de validade* [Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.47.2022.TDE-29032022-101228>
- Blood, R. O. Jr., & Wolfe, D. M. (1960). *Husbands and wives: The dynamics of family living*. Free Press. <https://psycnet.apa.org/record/1963-01527-000>
- Bo, Y., Guo, C., Lin, C., Zeng, Y., Li, H. B., Zhang, Y., Hossain, M. S., Chan, J. W. M., Yeung, D. W., Kwok, K. O., Wong, S. Y. S., Lau, A. K. H., & Lao, X. Q. (2021). Effectiveness of non-pharmaceutical interventions on COVID-19 transmission in 190 countries from 23 January to 13 April 2020. *International Journal of Infectious Diseases*, 102, 247–253. <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2020.10.066>

- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Ediciones Paidós.
- Braga, D., & Assuncao, G. (2021). *PNADcIBGE: Downloading, Reading and Analyzing PNADC Microdata*. <https://CRAN.R-project.org/package=PNADcIBGE>
- Bragato, A. G. da C. (2020). *Avós cuidadores: exercício da parentalidade e suas percepções de saúde* [Universidade Federal do Triângulo Mineiro]. <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/1029>
- Lei 12.318, de 26 de Agosto de 2010, (2010).
- Lei nº 13509 de 22 de Novembro de 2017, (2017).
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital Conflict, Ineffective Parenting, and Children's and Adolescents' Maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 78–92. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00078.x>
- Bujang, M. A., Sa'At, N., Tg Abu Bakar Sidik, T. M. I., & Lim, C. J. (2018). Sample size guidelines for logistic regression from observational studies with large population: Emphasis on the accuracy between statistics and parameters based on real life clinical data. *Malaysian Journal of Medical Sciences*, 25(4), 122–130. <https://doi.org/10.21315/mjms2018.25.4.12>
- Bulanova, M. B., Борисовна, Б. М., Artamonova, E. A., & Александровна, А. Е. (2020). The NEET youth: European context and Russian realities. *RUDN Journal of Sociology*, 20(1), 64–72. <https://doi.org/10.22363/2313-2272-2020-20-1-64-72>
- Cabrera, V. E., Herrera Calle, L. E., & Serrato Vásquez, C. (2019). Importancia de la Diferenciación de Sí Mismo y el Ajuste Diádico en la Explicación de la Estabilidad Marital. *Revista Colombiana de Psicología*, 28(1), 65–80. <https://doi.org/10.15446/rcp.v28n1.67705>

- Caetano, C., Martins, M. S., & Motta, R. C. (2016). Família contemporânea: estudo de casais sem filhos por opção. *Pensando Famílias*, 20(1), 43–56. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Carneiro Brito, F. W., & Ferreira de Freitas, A. A. (2019). Em busca de “likes”: A influência das mídias sociais no comportamento do consumidor no consumo de viagens. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 17, 113–128. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2019.17.008>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995a). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In *As mudanças no ciclo de vida familiar* (2nd ed.). Artmed.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (Eds.). (1995b). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2nd ed.). Artes Médicas.
- Caughlin, J. P., & Huston, T. L. (2006). The Affective Structure of Marriage. In *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 131–156). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511606632.009>
- Cerdeira, D., Souza, D. E., Ribeiro, I., & Silva, D. A. (2020). Características do relacionamento conjugal de casais que optaram por não ter filhos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 56–69. <https://doi.org/10.38034/NPS.V29I67.559>
- Cerrato, J., & Cifre, E. (2018). Gender Inequality in Household Chores and Work-Family Conflict. *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01330>
- Cervený, C. M. de O., & Berthoud, C. M. E. (2006). *Família E Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. Casa do Psicólogo. <https://www.amazon.com.br/Família-Ciclo-Ceneide-Oliveira-Cervený/dp/8573960027>

- Cervený, C. M. de O., & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osorio & M. E. P. do Valle (Eds.), *Manual de Terapia familiar, Vol 1* (pp. 25–37). Art-med.
- Chen, Y., Kawachi, I., Berkman, L. F., Trudel-Fitzgerald, C., & Kubzansky, L. D. (2018). A prospective study of marital quality and body weight in midlife. *Health Psychology, 37*(3), 247–256. <https://doi.org/10.1037/hea0000589>
- Chiari, P. de O. (2022). *Conjugalidade, coparentalidade e relacionamento com os filhos : subsistemas em interação* [Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44783>
- Christensen, A., & Heavey, C. L. (1991). Gender and social structure in the demand/withdraw pattern of marital conflict. *Journal of Personality and Social Psychology, 59*(1), 73. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.1.73>
- Coelho, F. A. de F., Barcelos, S. C., Nascimento, P. C. do, Filho, J. do N. C., Silva, F. A. M. da, & Silva, F. de O. (2019). Perfil epidemiológico de mulheres em situação de violência de gênero do estado do Ceará 2008 a 2017. *Cadernos ESP, 13*(1), 37–46. [//cader-nos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/167](https://cader-nos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/167)
- Cortina, C. (2016). Demographics of Same-Sex Couples in Spain. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas, 153*, 3–22. <https://doi.org/10.5477/cis/reis.153.3>
- Coutrim, R. M. da E., Figueiredo, A. M. de, Antonio, O. Jr. de O. J., & Resende, A. (2018). O papel dos avós nos cuidados com a educação e a saúde das crianças. *Revista de Estudos Aplicados Em Educação, 3*(5). <https://doi.org/10.13037/REA-E.VOL3N5.5092>
- Coyne, L. W., Gould, E. R., Grimaldi, M., Wilson, K. G., Baffuto, G., & Biglan, A. (2021). First Things First: Parent Psychological Flexibility and Self-Compassion During COVID-19. *Behavior Analysis in Practice, 14*(4), 1092–1098. <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00435-w>

- Coyne, S. M., Nelson, D. A., Carroll, J. S., Smith, N. J., Yang, C., Holmgren, H. G., & Johnson, C. (2017). Relational aggression and marital quality: A five-year longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 31*(3), 282–293. <https://doi.org/10.1037/fam0000274>
- Craig, L., & Churchill, B. (2021). Dual-earner parent couples' work and care during COVID-19. *Gender, Work & Organization, 28*(S1), 66–79. <https://doi.org/10.1111/gwao.12497>
- Cunha, G. M. M. (2021). *A experiência da coabitação na etapa de formação do casal* [Dissertação]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- da Silva, A. F., Estrela, F. M., E Soares, C. F. S., de Magalhães, J. R. F., Lima, N. S., Morais, A. C., Gomes, N. P., & Lima, V. L. de A. (2020). Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva, 25*(9), 3475–3480. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.16132020>
- Dantas, C. R. T., Féres-Carneiro, T., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2019). Repercussões da Parentalidade na Conjugalidade do Casal Recasado: Revelações das Madrastas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 35*(1). <https://doi.org/10.1590/0102.3772E3545>
- de Brito Silva, B., Gaspodini, I. B., Wagner, A., & Falcke, D. (2023). Gay and Lesbian Parenting: A Systematic Review of Themes and Methodological Strategies of Brazilian Research. *Sexuality Research and Social Policy, 20*(1), 177–197. <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00673-9>
- Delatorre, M. Z. (2019). *A avaliação da qualidade conjugal : processos adaptativos, características pessoais e variáveis de contexto* [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/196933?show=full>
- Delatorre, M. Z., Scheeren, P., & Wagner, A. (2017). Conflito conjugal: evidências de validade de uma escala de resolução de conflitos em casais do sul do Brasil. *Avances En Psicología Latinoamericana, 35*(1), 79. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosa-rio.edu.co/apl/a.3742>

- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2015). Estratégias de resolução de conflitos conjugais: Evidências de validade do CRBQ. *Avaliação Psicológica, 14*(2), 233–242.
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2019). How Do Couples Disagree? An Analysis of Conflict Resolution Profiles and the Quality of Romantic Relationships. *Revista Colombiana de Psicología, 28*(2), 91–108. <https://doi.org/10.15446/rcp.v28n2.72265>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2021). A relação conjugal na perspectiva de casais. *Ciencias Psicológicas*. <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2355>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2022). Construção e Evidências de Validade da Escala de Qualidade Conjugal. *Psico-USF, 27*(1), 129–141. <https://doi.org/10.1590/1413-82712022270110>
- DeLongis, A., & Zwicker, A. (2017). Marital satisfaction and divorce in couples in stepfamilies. *Current Opinion in Psychology, 13*, 158–161. <https://doi.org/10.1016/J.CO-PSYC.2016.11.003>
- Dias, L. B., Prates, L. A., & Cremonese, L. (2021). Perfil, fatores de risco e prevalência da violência contra a mulher. *SANARE - Revista de Políticas Públicas, 20*(1). <https://doi.org/10.36925/SANARE.V20I1.1555>
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108–132. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.108>
- Erikson, E. (1998). *O ciclo de vida completo*. Artmed.
- Evans, S., Mikocka-Walus, A., Klas, A., Olive, L., Sciberras, E., Karantzas, G., & Westrupp, E. M. (2020). From “It Has Stopped Our Lives” to “Spending More Time Together Has Strengthened Bonds”: The Varied Experiences of Australian Families During COVID-19. *Frontiers in Psychology, 11*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.588667>

- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como predictoras da qualidade do relacionamento conjugal* [Tese]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Falcke, D., Boeckel, M. G., & Wagner, A. (2017). Violência conjugal: mapeamento do fenômeno no Rio Grande do Sul. *Psico*, 48(2), 120. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.2.25148>
- Falcke, D., & Wagner, A. (2000). Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 5(2), 421–441. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200007>
- Falcke Denise. (2002). Mães e Madrastas: quem são estas personagens? In A. Wagner (Ed.), *Família em Cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 77–92). Vozes.
- Fallis, E. E., Rehman, U. S., Woody, E. Z., & Purdon, C. (2016). The longitudinal association of relationship satisfaction and sexual satisfaction in long-term relationships. *Journal of Family Psychology*, 30(7), 822–831. <https://doi.org/10.1037/fam0000205>
- Fellows, K. J., Chiu, H.-Y., Hill, E. J., & Hawkins, A. J. (2016). Work–Family Conflict and Couple Relationship Quality: A Meta-analytic Study. *Journal of Family and Economic Issues*, 37(4), 509–518. <https://doi.org/10.1007/s10834-015-9450-7>
- Féres-Carneiro, T., Dantas, C. R., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2018). Triade madrasta-enteado-mãe: reflexões acerca da maternidade. *Psico*, 49(1), 62–72. <https://pu-crs.homologacao.emnuvens.com.br/revistapsico/article/view/26932>
- Fernandes, C. S., Magalhães, B., Silva, S., & Edra, B. (2022). Marital Satisfaction of Portuguese Families in Times of Social Lockdown. *The Family Journal*, 30(2), 148–156. <https://doi.org/10.1177/10664807211009809>
- Fincham, A. B. K. F. D., & Beach, S. R. H. (2003). Communication skills in couples: A review and discussion of emerging perspectives. In *Handbook of communication and social interaction skills* (pp. 741–770). Routledge.

- Finzi-Dottan, R., & Berckovitch Kormosh, M. (2018). The spillover of compassion fatigue into marital quality: A mediation model. *Traumatology*, *24*(2), 113–122.
<https://doi.org/10.1037/trm0000137>
- Fiorini, M. C. (2017). *Percepção do funcionamento familiar, diferenciação do self e adaptabilidade de carreira de estudantes universitários*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Fischel, A. K. (2018). *A Life-Cycle Approach to Treating Couples: From Dating to Death* (1st ed.). Momentum Press.
- Flaxman, S., Mishra, S., Gandy, A., Unwin, H. J. T., Mellan, T. A., Coupland, H., Whittaker, C., Zhu, H., Berah, T., Eaton, J. W., Monod, M., Perez-Guzman, P. N., Schmit, N., Cilloni, L., Ainslie, K. E. C., Baguelin, M., Boonyasiri, A., Boyd, O., Cattarino, L., ... Bhatt, S. (2020). Estimating the effects of non-pharmaceutical interventions on COVID-19 in Europe. *Nature*, *584*(7820), 257–261. <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2405-7>
- Floyd, K., Boren, J. P., Hannawa, A. F., Hesse, C., McEwan, B., & Veksler, A. E. (2009). Kissing in Marital and Cohabiting Relationships: Effects on Blood Lipids, Stress, and Relationship Satisfaction. *Western Journal of Communication*, *73*(2), 113–133.
<https://doi.org/10.1080/10570310902856071>
- Fonseca, A. G., Godas, A. G. de L., Carvalho, G. B. de A., Caldeira, J. V. C., Candido, M. T., & Moreira, A. S. (2022). Perspectivas Psicossociais da “Síndrome do Ninho Vazio”: Uma Revisão Integrativa. *ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION*, *11*(1), 29–37.
<https://doi.org/10.21270/ARCHI.V11I1.5629>
- Ford, M. B. (2021). Social distancing during the COVID-19 pandemic as a predictor of daily psychological, social, and health-related outcomes. *The Journal of General Psychology*, *148*(3), 249–271. <https://doi.org/10.1080/00221309.2020.1860890>

- Forthofer, R. N., Lee, E. S., & Hernandez, M. (2007). *Biostatistics: a guide to design, analysis and discovery*. Elsevier.
- Frikha, A. (2010). Conflict in purchase decision making within couples. *Journal of Islamic Marketing, 1*(3), 231–248. <https://doi.org/10.1108/17590831011082419/FULL/PDF>
- Frizzo, H. C. F., Bousso, R. S., Borghi, C. A., & Pedro, W. J. A. (2017). A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge. *Revista Kairós-Gerontologia, 20*(4), 207–231. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2017V20I4P207-231>
- Funk, L. M., & Kobayashi, K. M. (2014). *From motivations to accounts: an interpretative analysis of "living apart together" relationships in mid- to later-life couples*. Journal of Family Issues. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/0192513X14529432>
- Ganong, L., Sanner, C., Landon, O., & Coleman, M. (2021). Patterns of Stepsibling Relationship Development. <https://doi.org/10.1177/0192513X211033924>
- Gao, M. M., Du, H., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2019). Marital Conflict Behaviors and Parenting: Dyadic Links Over Time. *Family Relations, 68*(1), 135–149. <https://doi.org/10.1111/fare.12322>
- Gao, M. (Miranda), Du, H., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2019). Marital Conflict Behaviors and Parenting: Dyadic Links Over Time. *Family Relations, 68*(1), 135–149. <https://doi.org/10.1111/FARE.12322>
- Ghanbarian, E., Hajhosseini, M., Mikani, M., & Mahmoudpour, A. (2020). Differentiation of Self and Mate Retention Behaviors: The Mediating Role of Communication Patterns. *Evolutionary Psychology, 18*(4), 147470492097205. <https://doi.org/10.1177/1474704920972051>

- Goldani, A. M., & Esteve, A. (2013, April 11). South-American gay and lesbian couples coming out in the 2010 census: The Brazilian and Uruguayan cases. *Population Association of America*. <https://paa2013.populationassociation.org/papers/132188>
- Goldfarb, M. R., & Trudel, G. (2019). Marital quality and depression: a review. *Https://Doi.Org/10.1080/01494929.2019.1610136*, 55(8), 737–763.
<https://doi.org/10.1080/01494929.2019.1610136>
- Gomes, L. das D. T. (2017). *Mediação familiar e processo de mudança adaptativa : impacto das decisões parentais responsáveis na (co) parentalidade, em fase de separação-divórcio*. Universidade de Lisboa.
- Gorchoff, S. M., John, O. P., & Helson, R. (2008). Contextualizing change in marital satisfaction during middle age: An 18-year longitudinal study. *Psychological Science*, 19(11), 1194–1200. <https://doi.org/10.1111/J.1467-9280.2008.02222.X>
- Goulart, V. R., Wagner, A., Barbosa, P. V., & Mosmann, C. P. (2016). Repercussões do Conflito Conjugal para o Ajustamento de Crianças e Adolescentes: Um Estudo Teórico. *Interação Em Psicologia*, 19(1). <https://doi.org/10.5380/psi.v19i1.35713>
- Goulart, V. R., Wagner, A., Barbosa, P. V., & Pereira Mosmann, C. (2016). Repercussões do Conflito Conjugal para o Ajustamento de Crianças e Adolescentes: Um Estudo Teórico. *Interação Em Psicologia*, 19(1). <https://doi.org/10.5380/psi.v19i1.35713>
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). Casa do Pai, Casa da Mãe: A coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 77–87. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722010000100010>
- Guimarães, M. R. (2022). *A experiência de adoção por casais homoafetivos no Brasil: Expectativas, impacto emocional e representações sociais do processo de adoção* [Monografia, Universidade Federal de Uberlândia]. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35522>

- Gusberti, J. D. da S., Klaime, S., Kaufert, T. L., & Silva, D. (2019). Pesquisa de opinião sobre adoção homoafetiva no Brasil / Opinion survey on homoaffective adoption in Brazil. *Brazilian Journal of Health Review*, 2(4), 3518–3532. <https://doi.org/10.34119/BJHRV2N4-115>
- Halford, W. K., & Petch, J. (2010). Couple Psychoeducation for New Parents: Observed and Potential Effects on Parenting. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 13(2), 164–180. <https://doi.org/10.1007/s10567-010-0066-z>
- Hameister, B. da R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140–155. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Hecksher, M. (2020). *Mercado de trabalho: A queda da segunda quinzena de março, aprovada em abril*. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200619_cc47_nt.pdf
- Heiman, J. R., Long, J. S., Smith, S. N., Fisher, W. A., Sand, M. S., & Rosen, R. C. (2011). Sexual Satisfaction and Relationship Happiness in Midlife and Older Couples in Five Countries. *Archives of Sexual Behavior*, 40(4), 741–753. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9703-3>
- Hiedemann, B., Suhomlinova, O., & O’Rand, A. M. (1998). Economic Independence, Economic Status, and Empty Nest in Midlife Marital Disruption. *Journal of Marriage and the Family*, 60(1), 219. <https://doi.org/10.2307/353453>
- Hong, S., & Kim, S. (2018). Comparisons of Multilevel Modeling and Structural Equation Modeling Approaches to Actor–Partner Interdependence Model. *Psychological Reports*, 122(2), 558–574. <https://doi.org/10.1177/0033294118766608>

- Hou, Y., Jiang, F., & Wang, X. (2019). Marital commitment, communication and marital satisfaction: An analysis based on actor–partner interdependence model. *International Journal of Psychology*, 54(3), 369–376. <https://doi.org/10.1002/ijop.12473>
- IBGE. (2019). *Educação 2019*.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2023). *Censo do Ensino Superior 2022*. https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf
- InLoco. (2020, August 28). *Mapa brasileiro da COVID-19*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Notas técnicas Versão 1.5*. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019a). *Estatísticas do Registro Civil 2019*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2019_v46_informativo.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019b). *Microdados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD)*. https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html?caminho=Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Microdados/2019
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Estatísticas do Registro Civil 2020*.
- Jakubiak, B. K., & Feeney, B. C. (2017). Affectionate Touch to Promote Relational, Psychological, and Physical Well-Being in Adulthood: A Theoretical Model and Review of the Research. *Personality and Social Psychology Review*, 21(3), 228–252. <https://doi.org/10.1177/1088868316650307>

- Johnson, M. D., Cohan, C. L., Davila, J., Lawrence, E., Rogge, R. D., Karney, B. R., Sullivan, K. T., & Bradbury, T. N. (2005). Problem-Solving Skills and Affective Expressions as Predictors of Change in Marital Satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(1), 15–27. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.73.1.15>
- Jones, E., Oka, M., Clark, J., Gardner, H., Hunt, R., & Dutson, S. (2018). Lived experience of young widowed individuals: A qualitative study. *https://Doi.Org/10.1080/07481187.2018.1445137, 43*(3), 183–192. <https://doi.org/10.1080/07481187.2018.1445137>
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research. *Psychological Bulletin, 118*(1), 3–34. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.3>
- Katz, R. (2020). *The Happy Stepcouple: How Couples with Stepchildren Can Strengthen Their Relationships*. Rowman & Littlefield.
- Kelley, H. H., LeBaron, A. B., & Hill, E. J. (2018). Financial Stress and Marital Quality: The Moderating Influence of Couple Communication. *Journal of Financial Therapy, 9*(2). <https://doi.org/10.4148/1944-9771.1176>
- Kenny, D. A. (2018). Reflections on the actor–partner interdependence model. *Personal Relationships, 25*(2), 160–170. <https://doi.org/10.1111/pere.12240>
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). Dyadic data analysis. In *Dyadic data analysis*. Guilford Press.
- Klesment, M., & van Bavel, J. (2022). Women’s Relative Resources and Couples’ Gender Balance in Financial Decision-Making. *European Sociological Review*. <https://doi.org/10.1093/ESR/JCAC019>
- Kline, R. B. (2011). Principles and practice of structural equation modeling, 3rd ed. In *Principles and practice of structural equation modeling, 3rd ed.* Guilford Press.

- Kluwer, E. S., & Johnson, M. D. (2007). Conflict Frequency and Relationship Quality Across the Transition to Parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 69(5), 1089–1106.
<https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00434.x>
- Kublikowski, I., & Rodrigues, C. M. (2016). “Kangaroo generations”: New contexts, new experiences. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 535–542.
<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300016>
- Kurdek, L. A. (1994). Conflict Resolution Styles in Gay, Lesbian, Heterosexual Nonparent, and Heterosexual Parent Couples. *Journal of Marriage and the Family*, 56(3), 705.
<https://doi.org/10.2307/352880>
- Lampis, J., Cataudella, S., Agus, M., Busonera, A., & Skowron, E. A. (2019). Differentiation of Self and Dyadic Adjustment in Couple Relationships: A Dyadic Analysis Using the Actor-Partner Interdependence Model. *Family Process*, 58(3), 698–715.
<https://doi.org/10.1111/famp.12370>
- Landis, M., Peter-Wight, M., Martin, M., & Bodenmann, G. (2013). Dyadic Coping and Marital Satisfaction of Older Spouses in Long-Term Marriage.
[Http://Dx.Doi.Org/10.1024/1662-9647/A000077](http://Dx.Doi.Org/10.1024/1662-9647/A000077). <https://doi.org/10.1024/1662-9647/A000077>
- Landon, O., Ganong, L., & Sanner, C. (2022). “Stop going in my room”: A grounded theory study of conflict among stepsiblings. *Family Relations*, 71(1), 256–278.
<https://doi.org/10.1111/FARE.12595>
- Lavner, J. A., & Bradbury, T. N. (2010). Patterns of Change in Marital Satisfaction Over the Newlywed Years. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1171–1187.
<https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00757.x>

- Lavner, J. A., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2016). Does Couples' Communication Predict Marital Satisfaction, or Does Marital Satisfaction Predict Communication? *Journal of Marriage and Family*, 78(3), 680–694. <https://doi.org/10.1111/jomf.12301>
- Lawal, A. M., & Okereke, C. G. (2020). Relationship satisfaction in cohabiting university students: evidence from the role of duration of cohabitation, loneliness and sex-life satisfaction. *Vulnerable Children and Youth Studies*.
<https://doi.org/10.1080/17450128.2020.1842574>
- Lebow, J. L. (2020). The Challenges of COVID-19 for Divorcing and Post-divorce Families. *Family Process*, 59(3), 967–973. <https://doi.org/10.1111/famp.12574>
- Lenth, R. V. (2023). *emmeans: Estimated Marginal Means, aka Least-Squares Means*.
<https://CRAN.R-project.org/package=emmeans>
- Lesch, E., de Bruin, K., & Anderson, C. (2018). A Pilot Implementation of the Emotionally Focused Couple Therapy Group Psychoeducation Program in a South African Setting. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 17(4), 313–337.
<https://doi.org/10.1080/15332691.2017.1417940>
- Lin, I.-F., Brown, S. L., Wright, M. R., & Hammersmith, A. M. (2018). Antecedents of Gray Divorce: A Life Course Perspective. *The Journals of Gerontology: Series B*, 73(6), 1022–1031. <https://doi.org/10.1093/GERONB/GBW164>
- Linares, J. L. (2010). Paseo Por el amor y el odio: la conyugalidad desde una perspectiva evolutiva. In *Revista Argentina de Clínica Psicológica: Vol. XIX* (Issue 1). Fundación Aiglé.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 96–109.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300008
- Lumley, T. (2020). *survey: analysis of complex survey samples*.

- Lyngstad, T., & Jalovaara, M. (2010). A review of the antecedents of union dissolution. *Demographic Research*, 23, 257–292. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2010.23.10>
- Madigan, S., Plamondon, A., & Jenkins, J. M. (2017). Marital Conflict Trajectories and Associations With Children's Disruptive Behavior. *Journal of Marriage and Family*, 79(2), 437–450. <https://doi.org/10.1111/JOMF.12356>
- Mainetti, A. C., & Wanderbroocke, A. C. N. de S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando Famílias*, 17(1), 87–98. http://pepsic.bvsa-lud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Major, S., Rodríguez González, M., Miranda, C., Rousselot, M., & Relvas, A. (2014). Inventário de diferenciação do Self-Revisto (IDS-R). In A. P. Relvas & S. Major (Eds.), *Avaliação Familiar: funcionamento e intervenção* (Vol. 1, pp. 71–96). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Manning, W. D., Stewart, S. D., & Smock, P. J. (2016). The Complexity of Fathers' Parenting Responsibilities and Involvement with Nonresident Children: <Http://Dx.Doi.Org/10.1177/0192513X03252573>, 24(5), 645–667. <https://doi.org/10.1177/0192513X03252573>
- Mastrotheodoros, S., Papp, L. M., Van der Graaff, J., Deković, M., Meeus, W. H. J., & Branje, S. (2022). Explaining Heterogeneity of Daily Conflict Spillover in the Family: The Role of Dyadic Marital Conflict Patterns. *Family Process*, 61(1), 342–360. <https://doi.org/10.1111/famp.12648>
- McClatchey, I. S. (2018). Fathers Raising Motherless Children: Widowed Men Give Voice to Their Lived Experiences. *Omega (US)*, 76(4), 307–327. <https://doi.org/10.1177/0030222817693141>

- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2019). Technology interference in the parenting of young children: Implications for mothers' perceptions of coparenting. *https://doi.org/10.1016/j.Soscij.2016.04.010*, 53(4), 435–443.
<https://doi.org/10.1016/J.SOSCIJ.2016.04.010>
- McDaniel, B. T., & Drouin, M. (2019). Daily technology interruptions and emotional and relational well-being. *Computers in Human Behavior*, 99, 1–8.
<https://doi.org/10.1016/J.CHB.2019.04.027>
- McGoldrick, M., Carter, E. A., & Garcia-Preto, N. (2015). *The expanded family life cycle : individual, family, and social perspectives* (4th ed.). Pearson.
- Mendes, T. R., & Pereira, V. T. (2019). Casais que optam por não ter filhos: entre escolhas e expectativas. *Diaphora*, 8(1), 24–31.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento* (1st ed.). Artmed.
- Moreira, A. (2020). *Heterogeneidade do impacto econômico da pandemia*. Heterogeneidade do impacto econômico da pandemia.
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista Da SPAGESP*, 12(2), 5–16. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5493567&info=resumen&idioma=POR>
- Mosmann, C. P. (2007). *A Qualidade Conjugal e os Estilos Educativos Parentais* [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/944>
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(35), 315–325. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>

- Mosmann, C., Wagner, A., & Sarriera, J. (2014). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: o perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *PSICOLOGIA*, 22(2), 161. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i2.352>
- Muller, A. P. F. (2018). *Valores familiares contemporâneos da “Geração Canguru” na perspectiva de pais e filhos* [Universidade Católica de Salvador]. <http://ri.ucesal.br:8080/jspui/handle/prefix/402>
- Neumann, A. P., Wagner, A., & Remor, E. (2018). Couple relationship education program “Living as Partners”: evaluation of effects on marital quality and conflict. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 31(1), 26. <https://doi.org/10.1186/s41155-018-0106-z>
- Neumann, A. P., Wagner, A., & Remor, E. (2019). Programa de educação conjugal “Viver a dois”: caracterização dos casais e indicadores de adesão. *Contextos Clínicos*, 12(1), 256–281. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.11>
- Neves, C. (2020, June 22). *O Covid-19 e a pandemia de divórcios no Brasil*. <https://jus.com.br/artigos/82834/o-covid-19-e-a-pandemia-de-divorcios-no-brasil>
- Nichols, W. C., & Pace-Nichols, M. A. (1993). Developmental perspectives and family therapy: The marital life cycle. *Contemporary Family Therapy*, 15(4), 299–315. <https://doi.org/10.1007/BF00897760>
- Nicola, M., Alsafi, Z., Sohrabi, C., Kerwan, A., Al-Jabir, A., Iosifidis, C., Agha, M., & Agha, R. (2020). The socio-economic implications of the coronavirus pandemic (COVID-19): A review. In *International Journal of Surgery* (Vol. 78, pp. 185–193). Elsevier Ltd. <https://doi.org/10.1016/j.ijssu.2020.04.018>
- Oliveira, A. S. de, & Barros, G. T. de F. (2021). *Panorama das escolas de educação em tempo integral no Brasil: proposta de análise das estratégias da Meta 6 do Plano Nacional de Educação (PNE) no período de 2014-2019*. <https://doi.org/10.24109/1414-0640.td.2021.48>

- Oosterhouse, K., Riggs, S. A., Kaminski, P., & Blumenthal, H. (2020). The Executive Subsystem in Middle Childhood: Adult Mental Health, Marital Satisfaction, and Secure-Base Parenting. *Family Relations, 69*(1), 166–179. <https://doi.org/10.1111/FARE.12408>
- Osei-Tutu, E., & Ampadu, E. (2018). Dimensions of Couples' Decision-Making at Home: The Ghanaian Experience. *Journal of International Women's Studies, 19*(2). <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol19/iss2/11>
- Overall, N. C., & McNulty, J. K. (2017). What type of communication during conflict is beneficial for intimate relationships? *Current Opinion in Psychology, 13*, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.002>
- Papp, L. M. (2017). Topics of Marital Conflict in the Everyday Lives of Empty Nest Couples and Their Implications for Conflict Resolution. <https://doi.org/10.1080/15332691.2017.1302377>, *17*(1), 7–24.
- Patias, N. D., Bossi, T. J., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: revisão sistemática da literatura. *Temas Em Psicologia, 22*(4), 901–915. <https://doi.org/10.9788/TP2014.4-17>
- Patias, N. D., Fontinel, M. I., & Jaeger, F. P. (2012). Quando os filhos saem de casa e o “ninho” fica vazio: a visão do casal sobre o fenômeno. *Pensando Fam, 163–176*.
- Peleg, O., & Yitzhak, M. (2011). Differentiation of Self and Separation Anxiety: Is There a Similarity Between Spouses? *Contemporary Family Therapy, 33*(1), 25–36. <https://doi.org/10.1007/s10591-010-9137-z>
- Pietromonaco, P. R., Overall, N. C., Beck, L. A., & Powers, S. I. (2021). Is Low Power Associated With Submission During Marital Conflict? Moderating Roles of Gender and Traditional Gender Role Beliefs. *Social Psychological and Personality Science, 12*(2), 165–175. <https://doi.org/10.1177/1948550620904609>

- Pinheiro, J., Bates, D., & R Core Team. (2023). *nlme: Linear and Nonlinear Mixed Effects Models*. <https://CRAN.R-project.org/package=nlme>
- Piovanotti, M. R. A., & Duque, D. (2018). Divórcio, recasamento e a relação entre padrastos e enteados: reflexões endereçadas aos terapeutas de família. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(61), 49–65. <https://doi.org/10.38034/NPS.V27I61.415>
- Polenick, C. A., Seidel, A. J., Birditt, K. S., Zarit, S. H., & Fingerman, K. L. (2017). Filial Obligation and Marital Satisfaction in Middle-aged Couples. *The Gerontologist*, 57(3), 417–428. <https://doi.org/10.1093/GERONT/GNV138>
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspectiva da psicologia positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103–118. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652011000100007>
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631–643. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Proulx, C. M., Ermer, A. E., & Kanter, J. B. (2017). Group-Based Trajectory Modeling of Marital Quality: A Critical Review. *Journal of Family Theory & Review*, 9(3), 307–327. <https://doi.org/10.1111/JFTR.12201>
- Pyke, K., & Adams, M. (2010). What's Age Got to Do With It? A Case Study Analysis of Power and Gender in Husband-Older Marriages. *Journal of Family Issues*, 31(6), 748–777. <https://doi.org/10.1177/0192513X09357897>
- Queiroz, S. N. de, & Pereira, A. J. da S. (2022). Geração 'Nem Nem' na Região Metropolitana de Salvador. *Redes*, 27. <https://doi.org/10.17058/REDES.V27I1.15777>
- R Core Team. (2023a). *R: A Language and Environment for Statistical Computing* (3.6.1). <http://www.r-project.org/>

- R Core Team. (2023b). *R: A Language and Environment for Statistical Computing*.
<https://www.R-project.org/>
- Rafael Calmon Rangel. (2016). *Partilha de bens na separação, no divórcio e na dissolução da união estável* (1st ed., Vol. 1). Saraiva.
- Rehman, U. S., Janssen, E., Newhouse, S., Heiman, J., Holtzworth-Munroe, A., Fallis, E., & Rafaeli, E. (2011). Marital Satisfaction and Communication Behaviors During Sexual and Nonsexual Conflict Discussions in Newlywed Couples: A Pilot Study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(2), 94–103. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2011.547352>
- Reifman, A., & Niehuis, S. (2018). Over- and Under-Perceiving Social Support from One's Partner and Relationship Quality Over Time. *Marriage & Family Review*, 54(8), 793–805. <https://doi.org/10.1080/01494929.2018.1501632>
- Ríos-González, J. A. (2005). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja: ¿Crisis u oportunidades?* Editorial CCS.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41–49.
<https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>
- Robards, J., Evandrou, M., Falkingham, J., & Vlachantoni, A. (2012). Marital status, health and mortality. *Maturitas*, 73(4), 295–299. <https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2012.08.007>
- Robles, T. F., Slatcher, R. B., Trombello, J. M., & McGinn, M. M. (2014). Marital quality and health: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 140(1), 140–187.
<https://doi.org/10.1037/A0031859>
- Robson, C., & McCartan, K. (2016). *Real world research: a resource for users of social research methods in applied settings* (4th ed.). Wiley.

- Rocha, F. de A., & Fensterseifer, L. (2019). A função do relacionamento sexual para casais em diferentes etapas do ciclo de vida familiar. *Contextos Clínicos*, 12(2).
<https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.08>
- Rocha, R., & Pires, C. (2020). Nota Técnica Abril de 2020 Os Efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da Covid-19 : propostas para o aperfeiçoamento da ação pública. In <http://www.ipea.gov.br>. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9839>
- Rodycz, C. B. (2020). *Guarda e coparentalidade após o divórcio : a perspectiva das crianças*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ron, P. (2016). Care Giving Offspring to Aging Parents: How it Affects Their Marital Relations, Parenthood, and Mental Health.
Http://Dx.Doi.Org/10.1177/105413730601400101, 14(1), 1–21.
<https://doi.org/10.1177/105413730601400101>
- Rosado, J. S., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2016). Ajustamento Conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto. *Revista Psicologia Em Pesquisa*, 10(1), 26–33. <https://doi.org/10.24879/201600100010044>
- Røsand, G.-M. B., Slinning, K., Røysamb, E., & Tambs, K. (2014). Relationship dissatisfaction and other risk factors for future relationship dissolution: a population-based study of 18,523 couples. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 49(1), 109–119.
<https://doi.org/10.1007/s00127-013-0681-3>
- Rosenfeld, M. J. (2014). Couple Longevity in the Era of Same-Sex Marriage in the United States. *Journal of Marriage and Family*, 76(5), 905–918.
<https://doi.org/10.1111/jomf.12141>

- Ross, J. M., Karney, B. R., Nguyen, T. P., & Bradbury, T. N. (2019). Communication that is maladaptive for middle-class couples is adaptive for socioeconomically disadvantaged couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 116*(4), 582–597.
<https://doi.org/10.1037/pspi0000158>
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (2010). The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). *Sexual and Relationship Therapy, 25*(1), 48–53.
<https://doi.org/10.1080/14681990903550183>
- Rust, J., & Golombok, S. (2002). *The Golombok Rust Inventory of Marital State GRIMS*. The Psychometrics Centre, University of Cambridge.
- Sachser, C., Oлару, G., Pfeiffer, E., Brähler, E., Clemens, V., Rassenhofer, M., Witt, A., & Fegert, J. M. (2021). The immediate impact of lockdown measures on mental health and couples' relationships during the COVID-19 pandemic - results of a representative population survey in Germany. *Social Science & Medicine, 278*, 113954.
<https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113954>
- Sanner, C., Ganong, L., & Coleman, M. (2020). Shared Children in Stepfamilies: Experiences Living in a Hybrid Family Structure. *Journal of Marriage and Family, 82*(2), 605–621.
<https://doi.org/10.1111/jomf.12631>
- Sanner, C., Russell, L. T., Coleman, M., & Ganong, L. (2018). Half-Sibling and Stepsibling Relationships: A Systematic Integrative Review. *Journal of Family Theory & Review, 10*(4), 765–784. <https://doi.org/10.1111/JFTR.12291>
- Santos, M. T. G. dos, & Silva, D. da. (2018). Vivências de luto e expectativas de relacionamentos futuros em idosos viúvos. *Faculdade Sant'Ana Em Revista, 2*(2), 37–50.
- Santos, R. (2021, March 6). *Número de divórcios explode na pandemia e gera oportunidades de negócio*. <https://www.conjur.com.br/2021-mar-06/numero-divorcios-explode-gera-oportunidades-negocio>

- Scheeren, P., Goulart, V. R., Vieira, R. V. A., & Wagner, A. (2014). Marital quality and attachment: The mediator role of conflict resolution styles. *Paideia*, *24*(58), 177–186.
<https://doi.org/10.1590/1982-43272458201405>
- Scheeren, P., Neumann, A. P., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2015). Como se caracterizam os conflitos conjugais? In A. Wagner & D. Falcke (Eds.), *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 33–50). Sinodal.
- Schmid, L., Wörn, J., Hank, K., Sawatzki, B., & Walper, S. (2021). Changes in employment and relationship satisfaction in times of the COVID-19 pandemic: Evidence from the German family Panel. *European Societies*, *23*(sup1), S743–S758.
<https://doi.org/10.1080/14616696.2020.1836385>
- Schmiedeberg, C., & Schröder, J. (2016). Does Sexual Satisfaction Change With Relationship Duration? *Archives of Sexual Behavior*, *45*(1), 99–107. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0587-0>
- Schoenfeld, E. A., Loving, T. J., Pope, M. T., Huston, T. L., & Štulhofer, A. (2017). Does Sex Really Matter? Examining the Connections Between Spouses' Nonsexual Behaviors, Sexual Frequency, Sexual Satisfaction, and Marital Satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, *46*(2), 489–501. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0672-4>
- Seo, M. (2020). Longitudinal profiles of marital satisfaction and their consequences among Korean couples. <https://doi.org/10.1080/13229400.2020.1815556>.
<https://doi.org/10.1080/13229400.2020.1815556>
- Siffert, A., & Schwarz, B. (2011). Spouses' demand and withdrawal during marital conflict in relation to their subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, *28*(2), 262–277. <https://doi.org/10.1177/0265407510382061>
- Silva, I. M. da, Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. da S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para

- a prática da terapia de casal e família. *Pensando Famílias*, 24, 12–28. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003
- Silva, L. L. S. da, Lima, A. F. R., Polli, D. A., Razia, P. F. S., Pavão, L. F. A., Cavalcanti, M. A. F. de H., & Toscano, C. M. (2020). Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil: caracterização e análise epidemiológica por estado. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(9), e00185020. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00185020>
- Silva, M. M. da. (2016). Geração à deriva: jovens nem nem e a surperfluidez da força de trabalho no capital-imperialismo. *Revista de Educação Pública*, 25(58), 119–136. <https://doi.org/10.29286/REP.V25I58.2136>
- Silva, I. M., & Frizzo, G. B. (2014). Ter ou não ter? Uma revisão de literatura sobre casais sem filhos por opção. *Pensando Famílias*, 18(2), 48–61.
- Silva Souza, K., de Cerqueira Castro, J. L., Fernandes de Araújo, L., de Oliveira Santos, J. V., Silva Souza, K., de Cerqueira Castro, J. L., Fernandes de Araújo, L., & de Oliveira Santos, J. V. (2018). Representações sociais do envelhecimento: um estudo com avós idosos que cuidam dos netos e avós que não. *Ciencias Psicológicas*, 12(2), 293–297. <https://doi.org/10.22235/CP.V12I2.1693>
- Silveira Marzola, T., dos Santos Tavares, D. M., Resende Rodrigues, L., Fernandes Martins Molina, N. P., & de Assunção, L. M. (2020). A importância do funcionamento das famílias no cuidado ao idoso: fatores associados. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 8(1), 78–86. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=497962779011>
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 23(4), 441–453. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000400012>

- Simpson, D. B., & Burnett, D. (2019). Commuters Versus Residents: The Effects of Living Arrangement and Student Engagement on Academic Performance. *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice*, 21(3), 286–304. <https://doi.org/10.1177/1521025117707516>
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing Interpersonal Fusion: Reliability and Validity of a New DSI Fusion with Others Subscale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 29(2), 209–222. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2003.tb01201.x>
- Sorokowski, P., Sorokowska, A., Karwowski, M., Groyecka, A., Aavik, T., Akello, G., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Asao, K., Atama, C. S., Atamtürk Duyar, D., Ayebare, R., Baires, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., Boussena, M., Buss, D. M., ... Sternberg, R. J. (2021). Universality of the Triangular Theory of Love: Adaptation and Psychometric Properties of the Triangular Love Scale in 25 Countries. *The Journal of Sex Research*, 58(1), 106–115. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1787318>
- Srinivasan, S., Glover, J., Tampi, R. R., Tampi, D. J., & Sewell, D. D. (2019). Sexuality and the Older Adult. In *Current Psychiatry Reports* (Vol. 21, Issue 10, pp. 1–9). Current Medicine Group LLC 1. <https://doi.org/10.1007/s11920-019-1090-4>
- Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2020). Helping Couples in the Shadow of COVID-19. *Family Process*, 59(3), 937–955. <https://doi.org/10.1111/famp.12575>
- Stewart, S.-J. F., Frost, D. M., & LeBlanc, A. J. (2019). Understanding how emerging same-sex couples make meaning of minority stress: A narrative approach. *Journal of Family Psychology*, 33(2), 183–193. <https://doi.org/10.1037/fam0000495>
- Tam, C. H., Busiol, D., & Lee, T. Y. (2016). A review of research on “neither in employment, education, or training” (NEET) youth in Hong Kong. *International Journal of Child and Adolescent Health*, 9(4), 405–412. [https://scholars.cityu.edu.hk/en/publications/publication\(1855aac4-24c9-4b6a-9097-f5fc8d59780c\).html](https://scholars.cityu.edu.hk/en/publications/publication(1855aac4-24c9-4b6a-9097-f5fc8d59780c).html)

- Tamesberger, D., & Bacher, J. (2014). NEET youth in Austria: a typology including socio-demography, labour market behaviour and permanence. *https://doi.org/10.1080/13676261.2014.901492*, 17(9), 1239–1259.
<https://doi.org/10.1080/13676261.2014.901492>
- Teles, Y. D. A. (2022). *Famílias homoafetivas: o direito à homoparentalidade através da adoção e da reprodução assistida* [Monografia, Universidade Estadual Paulista].
<https://doi.org/10.17616/R31NJN39>
- Teodoro, C. C. (2019). *O grito do silêncio: abuso sexual infantil, proteção integral e família - a violência doméstica intrafamiliar e os desafios do Sistema de Garantia de Direitos* [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/22350>
- To, S. ming, Victor, C. wing W., Daniel, D. man L., Lau, C. D., & Su, X. (2021). Navigating Risk Discourses: a Narrative Analysis of Parental Experiences in the Career and Life Development of Youth not in Education, Employment, or Training. *Applied Research in Quality of Life*, 16(5), 2039–2058. <https://doi.org/10.1007/S11482-020-09855-W/TABLES/1>
- Tong, W., Jia, J., He, Q., Lan, J., & Fang, X. (2021). The trajectory of marital satisfaction among Chinese newlyweds: Intrapersonal, interpersonal, and stress predictors. *Developmental Psychology*, 57(4), 597–608. <https://doi.org/10.1037/dev0001156>
- Tracy, E. L., Putney, J. M., & Papp, L. M. (2021). Empty Nest Status, Marital Closeness, and Perceived Health: Testing Couples' Direct and Moderated Associations with an Actor–Partner Interdependence Model: *https://doi.org/10.1177/10664807211027287*, 30(1), 30–35. <https://doi.org/10.1177/10664807211027287>
- Træen, B., Carvalheira, A., Kvaem, I. L., Štulhofer, A., Janssen, E., Graham, C. A., Hald, G. M., & Enzlin, P. (2017). Sexuality in Older Adults (65+)—An Overview of The Recent

- Literature, Part 2: Body Image and Sexual Satisfaction. *International Journal of Sexual Health*, 29(1), 11–21. <https://doi.org/10.1080/19317611.2016.1227012>
- Tubin, S. A. (2019). *Autoestima de mulheres idosas após vivência do luto*. Universidade de Passo Fundo.
- Tuller, N. R. (1978). Couples: The hidden segment of the gay world. Http://Dx.Doi.Org/10.1300/J082v03n04_02, 3(4), 331–344. https://doi.org/10.1300/J082V03N04_02
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and Marital Satisfaction: A Meta-Analytic Review. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 574–583. <https://doi.org/10.1111/J.1741-3737.2003.00574.X>
- Uhlich, M., Nouri, N., Jensen, R., Meuwly, N., & Schoebi, D. (2022). Associations of conflict frequency and sexual satisfaction with weekly relationship satisfaction in Iranian couples. *Journal of Family Psychology*, 36(1), 140–146. <https://doi.org/10.1037/fam0000878>
- Vaillant, G. E. (2012). *Triumphs of experience: the men of the Harvard Grant study* (1st ed.). Harvard University Press.
- Vanlaningham, J., Johnson, D. R., & Amato, P. (2001). Marital Happiness, Marital Duration, and the U-Shaped Curve: Evidence from a Five-Wave Panel Study. *Social Forces*, 79(4), 1313–1341. <https://doi.org/10.1353/SOF.2001.0055>
- Vázquez, G. G. H. (2018). Imperfeições no papel: a infertilidade nas páginas da Revista Pais & Filhos. *Revista Estudos Feministas*, 26(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018V26N144155>
- Velasco, F. G., & Hurtado, N. S. (2020). El matrimonio homosexual: una visión interdisciplinar (The Homosexual Marriage: An Interdisciplinary Vision). *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/SSRN.3855853>

- Vieira, A. C. S., & Rava, P. G. S. (2010). Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? *Barbaroi*, 33, 118–134.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: O que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23.
<https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>
- Wagner, A. (2009). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Artmed Editora.
- Wagner, A., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (Eds.). (2015). *Viver a Dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (1st ed.). Sinodal.
- Wagner, A., Mosmann, C., & Neumann, A. P. (2020). Intervenção psicoeducativa na conjugalidade: Estratégias de resolução de conflitos conjugais. In M. L. M. Teodoro & M. N. Baptista (Eds.), *Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e intervenção* (2nd ed., pp. 214–222). Artmed.
- Wagner, A., Mosmann, C. P., Scheeren, P., & Levandowski, D. C. (2019). Conflict, Conflict Resolution and Marital Quality. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, e2919.
<https://doi.org/10.1590/1982-4327E2919>
- Wagner, A., Mossmann, C., & Falcke, D. (Eds.). (2015). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade*. Sinodal.
- Wagner, A., Neuman, A. P., Mosmann, C., Levandowski, D. C., Falcke, D., Arpini, D. M., Zordan, E. P., Grzybowski, L. S., Boeckel, M. G., & Scheeren, P. (2015). *Viver a Dois: Compartilhando este desafio. Programa Psicoeducativo para Casais*. Editora Sinodal.
- Wagner, A., Neumann, A. P., Rodycz, C. B., Mosmann, C. P., Levandowsky, D. C., Falcke, D., Rocha, F. de A., Maesima, G. M., Boeckel, M. G., Delatorre, M. Z., & Scheeren, P.

- (2022). *Viver a dois: Compartilhando este desafio. Programa psicoeducativo para casais. Edição revisada e ampliada*. Editora Dialética.
- Wainberg, L., Pereira, C. R. R., Hutz, C. S., & Lopes, R. C. S. (2010). O efeito da coabitação na satisfação conjugal. *Pensando Famílias*, 14(2), 99–119.
- Walsh, F. (2016). *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade* (4th ed.). Artmed.
- Wang, X., & Zhao, K. (2022). Partner Phubbing and Marital Satisfaction: The Mediating Roles of Marital Interaction and Marital Conflict. *Social Science Computer Review*.
https://doi.org/10.1177/08944393211072231/ASSET/IMAGES/LARGE/10.1177_08944393211072231-FIG1.JPEG
- Wanic, R., & Kulik, J. (2011). Toward an Understanding of Gender Differences in the Impact of Marital Conflict on Health. *Sex Roles* 2011 65:5, 65(5), 297–312.
<https://doi.org/10.1007/S11199-011-9968-6>
- Wendling, M. I., & Wagner, A. (2005). Saindo da casa dos pais: a construção de uma nova identidade familiar. In *Como se perpetua a família?: A transmissão dos modelos familiares* (pp. 123–134). EDIPUCRS.
- Wilder-Smith, A., & Freedman, D. O. (2020). Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *Journal of Travel Medicine*, 27(2).
<https://doi.org/10.1093/jtm/taaa020>
- Williamson, H. C. (2020). Early Effects of the COVID-19 Pandemic on Relationship Satisfaction and Attributions. *Psychological Science*, 31(12), 1479–1487.
<https://doi.org/10.1177/0956797620972688>

- Williamson, H. C., & Lavner, J. A. (2020). Trajectories of Marital Satisfaction in Diverse Newlywed Couples. *Social Psychological and Personality Science*, *11*(5), 597–604. <https://doi.org/10.1177/1948550619865056>
- World Health Organization. (2021). *WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard* | *WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard*. <https://covid19.who.int/>
- Yoo, G., & Joo, S. (2022). Love for a Marriage Story: The Association Between Love and Marital Satisfaction in Middle Adulthood. *Journal of Child and Family Studies*, *31*(6), 1570–1581. <https://doi.org/10.1007/S10826-021-02055-6/METRICS>
- Yuri, N., Okabayashi, T., Tassara, I. G., Carolina, M., Casaca, G., & Bellini, M. Z. (2020). Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil - impacto do isolamento social pela COVID-19 . *Brazilian Journal of Health Review*, *3*(3), 4511–4531. <https://doi.org/10.34119/BJHRV3N3-049>
- Zhang, H. H., Jiang, Y. Y., Rao, W. W., Zhang, Q. E., Qin, M. Z., Ng, C. H., Ungvari, G. S., & Xiang, Y. T. (2020). Prevalence of Depression Among Empty-Nest Elderly in China: A Meta-Analysis of Observational Studies. *Frontiers in Psychiatry*, *11*, 608. <https://doi.org/10.3389/FPSYT.2020.00608/BIBTEX>
- Zolnikov, T. R., & Furio, F. (2021). First responders and social distancing during the COVID-19 pandemic. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, *31*(1–4), 244–253. <https://doi.org/10.1080/10911359.2020.1811826>

Anexo A. Escala De Conflito Conjugal

A lista abaixo é composta de assuntos sobre os quais os casais podem discordar. Pensando na sua relação conjugal **nos últimos três meses**, marque a frequência que você e seu(sua) parceiro(a) tiveram desentendimentos com relação aos seguintes temas:

	Quase nunca	Uma vez ao mês ou menos	Várias vezes ao mês	Quase uma vez por semana	Várias vezes por semana	Quase todos os dias
Tempo que vocês têm para ficar juntos ou realizar atividades de lazer						
Filhos						
Tarefas domésticas						
Dinheiro						
Falta de igualdade na relação						
Uso de tecnologias e redes sociais (ex. celular, computador, televisão, videogame, facebook ou whatsapp)						
Sexo						
Falta de intimidade e afeto						
Infidelidade						
Ciúmes ou ex-namorados(as)						
Falta de confiança ou mentiras						
Dificuldade de conversar						
Amigos e familiares						
Comprometimento com trabalho ou estudo						
Uso de bebida alcoólica, cigarro ou outras drogas						
Comportamentos e características de cada um						
Maneira de dirigir o carro						
Higiene ou cuidados pessoais						
Desproteção frente à contaminação pela COVID-19						

Existem várias maneiras de um casal lidar com desentendimentos sérios. Quando você tem um desentendimento sério com seu(sua) parceiro(a), com que frequência você:

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Discute calmamente					
2. Discute intensamente ou grita					
3. Acaba batendo ou atirando coisas no outro					

Anexo B. Inventário de Estilos de Resolução de Conflitos

Responda as questões abaixo pensando na seguinte frase: “Quando eu tenho discussões ou desentendimentos com meu(minha) parceiro(a), eu...”

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Faço ataques pessoais.					
2. Encaro o problema em questão.					
3. Fico em silêncio por um longo período de tempo.					
4. Não consigo defender meu ponto de vista.					
5. Explodo e perco o controle.					
6. Sento e discuto as diferenças de uma forma construtiva					
7. Chego num limite, me fecho e me nego a continuar conversando.					
8. Sou muito compreensivo.					
9. Sou levado pelo momento e digo coisas que não queria ter dito.					
10. Encontro alternativas que sejam aceitáveis para cada um de nós					
11. Afasto a outra pessoa					
12. Não defendo meu ponto de vista					
13. Insulto e brigo					
14. Negocio e tento um acordo					
15. Retraio-me, fico distante e indiferente					
16. Desisto rápido depois de ter tentado expor meu ponto de vista					

24. Sinto que eu e meu (minha) companheiro (a) formamos uma dupla unida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Minhas decisões levam em conta tanto meus interesses como os de meu (minha) companheiro (a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Realizo minhas fantasias sexuais com meu (minha) companheiro (a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Estou satisfeito com meu (minha) companheiro (a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Faço mimos para o(a) meu (minha) companheiro (a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Tenho prazer quando eu e meu (minha) companheiro (a) temos contato físico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Delatorre, M. Z., & Wagner, A. Construção e evidências de validade da Escala de Qualidade Conjugal. Em produção.

Anexo D. GRIMS - Golombok Rust Inventory of Marital State

Pensando no seu relacionamento **atual** com seu marido/companheiro, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com seu esposo/companheiro. Marque com um X a resposta correspondente.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Meu companheiro geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas.				
2. Eu realmente aprecio o senso de humor do meu companheiro.				
3. Meu companheiro parece não querer mais me ouvir.				
4. Meu companheiro nunca foi desleal comigo.				
5. Eu estaria disposta a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento.				
6. Eu estou insatisfeita com nosso relacionamento.				
7. Eu gostaria que meu companheiro não fosse tão preguiçoso e não adiasse as coisas que tem que fazer.				
8. Às vezes, eu me sinto sozinha mesmo quando eu estou com meu companheiro.				
9. Se meu companheiro me deixasse, eu não teria mais vontade de viver.				
10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião.				
11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto.				
12. Nós dois parecemos gostar das mesmas coisas.				
13. Eu acho difícil mostrar para meu companheiro que eu estou querendo carinho.				
14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento.				
15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com o meu companheiro.				
16. Eu acho a idéia de passar o resto da minha vida com meu companheiro um tanto chata.				
17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento.				
18. Nós nos tornamos competitivos quando temos que tomar decisões.				
19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar no meu companheiro.				
20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento.				
21. Um de nós está continuamente falando e o outro está geralmente quieto.				
22. Nosso relacionamento está em constante evolução.				
23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor.				
24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós.				
25. Eu sou totalmente dedicada ao relacionamento com o meu companheiro.				
26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque meu cônjuge está sempre me corrigindo.				
27. Eu suspeito que nós possamos estar à beira da separação.				
28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes rapidamente depois de uma discussão.				

Anexo E. Inventário de diferenciação do self - Revisto

Por favor, leia atentamente cada afirmação e decida se esta é geralmente verdadeira para você, numa escala de 1 (nada) a 6 (muito). Procure ser o mais sincero e preciso nas suas respostas.

Utilize a seguinte escala como critério:

1. Nada verdadeiro para mim

6. Muito verdadeiro para mim

* Observação importante: Se você acha que uma afirmação não se aplica a você (por exemplo, um ou ambos os pais já faleceram), por favor responda à questão de acordo com o que lhe parece que seriam os seus pensamentos e sentimentos nessa situação.

Nada verdadeiro
para mim

Muito verdadeiro para mim



	1	2	3	4	5	6
1. As pessoas têm reparado que sou excessivamente emotivo(a)						
2. Tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos às pessoas que me são queridas						
3. Sinto-me, frequentemente, inibido(a) junto da minha família						
4. Tendo a manter-me bastante calmo(a), mesmo sob estresse (sob pressão).						
5. Normalmente, preciso de muito encorajamento por parte de outros quando começo um trabalho ou tarefa importante						
6. Quando alguém que me é próximo me desilude, afasto-me dele/dela por um tempo						
7. Independentemente do que aconteça na minha vida, sei que nunca perderei a noção daquilo que sou enquanto pessoa						
8. Tendo a me distanciar quando as pessoas se aproximam demasiadamente de mim						
9. Quero corresponder às expectativas que os meus pais têm de mim						
10. Gostaria de não ser tão emotivo(a)						
11. Normalmente, não altero o meu comportamento apenas para agradar a outra pessoa						
12. O(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) não toleraria se eu lhe expressasse os meus verdadeiros sentimentos sobre algumas coisas						

13. Quando o(a) meu(minha) esposo(a)/ companheiro(a) me critica, isso incomoda-me durante dias.						
14. Por vezes, os meus sentimentos tomam conta de mim e tenho dificuldades em pensar com clareza						
15. Quando tenho uma discussão com alguém, consigo separar os meus pensamentos acerca do assunto dos meus sentimentos para com essa pessoa.						
16. Sinto-me, frequentemente, desconfortável quando as pessoas se aproximam demasiadamente de mim						
17. Sinto necessidade de aprovação de praticamente todas as pessoas na minha vida						
18. Por vezes, sinto muitos altos e baixos emocionais						
19. Acredito que não faz sentido aborrecer-me com coisas que não posso mudar						
20. Fico preocupado(a) quando percebo que posso perder a minha independência nas relações íntimas.						
21. Sou excessivamente sensível a críticas						
22. Tento corresponder às expectativas dos meus pais						
23. Aceito-me bastante bem						
24. Sinto, frequentemente, que o(a) meu (minha) esposo(a)/companheiro(a) exige demasiadamente de mim						
25. Concordo, frequentemente com os outros, apenas para não criar conflitos						
26. Se tiver tido uma discussão com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), tendo a pensar nisso o dia todo						
27. Sou capaz de dizer “não” aos outros mesmo quando me sinto pressionado por eles						
28. Quando uma das minhas relações se torna muito intensa, sinto o impulso de fugir dela						
29. Discussões com os meus pais ou irmão(s) ainda fazem com que eu me sinta mal						
30. Se alguém está aborrecido comigo, não consigo aceitar isso facilmente						
31. Estou mais preocupado(a) em fazer aquilo que acho que está correto, do que em obter a aprovação dos outros						

32. Nunca consideraria voltar-me para algum dos membros da minha família na procura de apoio emocional						
33. Sinto-me, frequentemente, inseguro(a) quando os outros não estão por perto para me ajudar a tomar uma decisão						
34. Sou muito sensível quanto a ser magoado por outros						
35. A minha autoestima depende realmente do que os outros pensam de mim						
36. Quando estou com o(a) meu(minha) esposo(a)/ companheiro(a), sinto-me frequentemente sufocado(a)						
37. Ao tomar decisões, raramente me preocupo com o que os outros irão pensar						
38. Pergunto-me, frequentemente, acerca do tipo de impressão que crio						
39. Quando as coisas correm mal, falar sobre elas normalmente piora-as						
40. Sinto as coisas mais intensamente que os outros						
41. Normalmente, faço o que acredito que é correto independentemente do que os outros dizem						
42. A nossa relação poderia ser melhor se o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) me desse o espaço de que necessito						
43. Tendo a me sentir bastante estável sob estresse						
44. Por vezes, sinto-me mal disposto(a) depois de discutir com o(a) meu(minha) esposo(a)/ companheiro(a).						
45. Sinto que é importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões						
46. Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas						

Anexo F. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo conhecer melhor o ciclo de vida dos casais brasileiros. Existem poucos estudos no Brasil sobre esse assunto e nossa pesquisa é importante para aumentar o conhecimento sobre o tema e ajudar terapeutas e estudiosos a compreender melhor os desafios dos casais em cada fase da vida.

Os dados para realizar essa pesquisa serão coletados em um questionário online que tem perguntas sobre você e seu relacionamento com seu cônjuge. Você não precisará se identificar em momento algum. Suas respostas são totalmente confidenciais e sua privacidade é garantida em todas as etapas da pesquisa. Se você está participando pela segunda ou terceira vez da mesma pesquisa, seu e-mail ou telefone é usado exclusivamente para que possamos entrar em contato com você para nova participação ou para enviar os resultados, caso você solicite ao final. Estamos seguindo as regras da legislação brasileira quanto à proteção de dados. As informações serão armazenadas em disco protegido durante 5 anos no Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600, Sala 226, Porto Alegre - RS) e não ficarão online após o fim da coleta, como forma de proteção.

O tempo para preenchimento do questionário é de aproximadamente 20 minutos. É importante que você responda todas as perguntas, para obtermos melhores resultados. No entanto, você está livre para deixar de responder qualquer pergunta ou para abandonar a pesquisa a qualquer momento que desejar, inclusive posteriormente à submissão do formulário, bastando informar aos pesquisadores através dos contatos no fim deste documento.

Como sua participação consiste apenas em responder a um questionário, não há grandes riscos envolvidos, mas caso haja algum desconforto ou situação adversa decorrente da sua participação, que seja necessária uma intervenção, os pesquisadores se colocam à disposição para prestar orientações ou encaminhar você a um serviço de atendimento psicológico. A participação por meios digitais tem riscos, como a invasão do banco de dados e o roubo de informações. Sabemos que este é um dos grandes desafios de quem lida com dados digitais, e como prevenção estamos protegendo nosso banco de dados com senhas e mantendo atualizados os antivírus e firewalls de nossos equipamentos. Sugerimos que a proteção de seus equipamentos pessoais esteja ativada e atualizada. Também não solicitaremos nem gravaremos informações que possam identificar, preservando sua privacidade. Em caso de danos sofridos em decorrência da participação na pesquisa o Código Civil (Lei 10.406/2002) assegura seu direito a indenização.

Você poderá imprimir uma cópia deste Termo, fazer download ou solicitar aos pesquisadores responsáveis a qualquer momento. Recomendamos que guarde uma cópia. Você também pode guardar uma cópia dos dados informados, caso seja de seu interesse.

Ao clicar em PROSSEGUIR você está declarando que está de acordo com os termos descritos aqui e concorda em participar da pesquisa.

Agradecemos sua participação. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com os pesquisadores ou com o Comitê de ética do Instituto de Psicologia da UFRGS, nos telefones ou e-mails abaixo:

Fabricio de Andrade Rocha - Psicólogo e pesquisador

(Telefone: 51 99340-0004 – fabriciorochapsi@gmail.com)

Prof. Dra. Adriana Wagner - Psicóloga, pesquisadora responsável – Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares - UFRGS

(Telefone: 51 3308-5322 – relacoesfamiliares@hotmail.com)

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600, Sala 116 – Porto Alegre/RS – Telefone: 51 3308-5698 – cep-psico@ufrgs.br).

Anexo G. Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ciclo evolutivo vital do casal brasileiro: qualidade conjugal, conflitos e estratégias de enfrentamento

Pesquisador: Adriana Wagner

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 54673221.1.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.290.251

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa visa o mapeamento do ciclo vital conjugal de brasileiros, tendo como base a qualidade conjugal, os conflitos e as estratégias de resolução de conflitos em cada momento evolutivo conjugal. Para isso, estão previstos três estudos complementares, com coletas online: um levantamento transversal com brasileiros de todas as regiões do país, um estudo longitudinal retrospectivo que pretende verificar alterações na qualidade conjugal, nos conflitos e estratégias de resolução de conflitos em um intervalo de 12 anos, e finalmente outro estudo longitudinal, no qual se pretende mapear a qualidade conjugal, conflitos e vontade de separação em momentos de crise no contexto conjugal, especificamente durante a pandemia de Covid19. Em todos os três estudos será realizada concomitantemente aos dados quantitativos alguns dados qualitativos para complementar os achados, caracterizando um delineamento de métodos mistos. A pesquisadora evidencia a vinculação deste trabalho com a linha de pesquisa "Fases evolutivas da família frente às demandas modernas" do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares da UFRGS, que vem estudando a conjugalidade em suas mais diversas vertentes há mais de duas décadas. A mesma evidencia que o presente estudo busca dar continuidade a este trabalho com a proposta de mapear o ciclo vital de casais no contexto brasileiro. Busca-se compreender de que maneira as peculiaridades brasileiras contribuem para moldar a vivência conjugal ao longo da vida. Pretende-se, assim, conhecer e descrever o ciclo vital do casal brasileiro em termos de seus conflitos e qualidade conjugal vivenciada a fim de trazer subsídios, tanto para a clínica com

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -



Continuação do Parecer: 5.290.251

famílias e casais quanto para a compreensão da dinâmica conjugal que se estabelece em cada momento evolutivo vital. Reconhece-se que a grande diversidade social e cultural de um país com as dimensões do Brasil torna difícil o mapeamento de todas as formas de conjugalidade nos diversos contextos. Tendo tal limitação em vista, não se pretende com este trabalho traçar um modelo de ciclo vital que corresponda a todas as realidades presentes no Brasil, mas busca-se um modelo abrangente, que compreenda da melhor maneira possível a singularidade da vivência conjugal no contexto nacional. A pesquisadora refere que o resultado deste trabalho poderá, dessa forma, oferecer um modelo de ciclo vital conjugal mais adequado à realidade brasileira, uma vez que não existem atualmente trabalhos nacionais com tal especificidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever o ciclo evolutivo vital de casais brasileiros e compreender as relações do contexto, dos recursos pessoais e dos processos adaptativos na qualidade conjugal desde uma perspectiva longitudinal, considerando as temáticas relativas aos conflitos e às estratégias de enfrentamento das crises evolutivas.

Objetivos secundários:

- a) Identificar os conflitos conjugais e as crises características das diferentes etapas da conjugalidade;
- c) Avaliar a qualidade conjugal quanto as dimensões de satisfação, compromisso, intimidade, sexualidade e afetividade vivenciada nas distintas fases evolutivas do casal;
- d) Conhecer as estratégias de enfrentamento dos conflitos nas diferentes crises evolutivas.
- e) Explorar o modelo de ciclo vital conjugal que melhor se adequa à experiência conjugal dos brasileiros.
- f) Explorar as tarefas desenvolvimentais que precisam ser cumpridas em cada uma das fases do ciclo vital conjugal, a partir do modelo teórico que melhor se adequa à realidade brasileira.
- g) Verificar os níveis de qualidade conjugal de casais em cada fase do ciclo vital durante momentos de crise, mais especificamente durante a pandemia de COVID-19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos a pesquisadora reconhecemos que as perguntas do questionário podem gerar algum desconforto, que em casos mais extremos possa ser necessário uma intervenção. Assim, os pesquisadores se colocam à disposição para prestar orientações ou encaminhar os participantes a um serviço de atendimento psicológico caso seja necessário. Quanto aos benefícios - Ao responder perguntas sobre a vida conjugal e sobre hábitos de distanciamento social durante a

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -**



Continuação do Parecer: 5.290.251

pandemia, a pesquisadora compreende que os participantes podem se beneficiar com as reflexões e possíveis tomadas de decisão a respeito de comportamentos conjugais positivos ou a melhores práticas de distanciamento social durante a pandemia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa se vincula a uma tese de doutoramento orientada pela pesquisadora responsável pela pesquisa. Apresenta os procedimentos metodológicos que evidenciam a utilização de análises descritivas, comparativas e inferenciais, estratificando a amostra nas fases evolutivas do ciclo vital do casal e entre homens e mulheres. Para tal serão utilizadas análises estatísticas básicas (Descritivas e ANOVA), além de regressões lineares múltiplas, e análises de moderação. Para as análises longitudinais serão utilizadas análises mais tradicionais, como ANOVA medidas repetidas e ANCOVA, assim como análises mais avançadas e recentes, como a modelagem de Equações de Estimativas Generalizadas. Os dados qualitativos serão analisados através do SPSS, Jamovi e R. Dados qualitativos analisados através do IraMuTeq.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram anexados. As pendências relativas ao TCLE foram atendidas, mas seguem algumas recomendações.

Recomendações:

- Substituir o termo "cópia" por "via" no TCLE na frase: "Você poderá imprimir uma cópia deste Termo, fazer download ou solicitar aos pesquisadores responsáveis a qualquer momento", conforme prevê a Resolução do CNS N° 466 de 2012.
- Indicar se a assistência prevista por serviço especializado em caso de desconforto por abordar questões íntimas será imediata e integral, conforme prevê a Resolução do CNS N° 466 de 2012.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador/responsável encaminhar os relatórios parciais e finais da pesquisa por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório", para que sejam devidamente apreciados no CEP, conforme norma operacional do CNS 001/13.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -**



Continuação do Parecer: 5.290.251

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1872341.pdf	15/02/2022 10:28:58		Aceito
Outros	Carta_a_relatora.pdf	15/02/2022 10:26:51	Adriana Wagner	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEP_Versao_2.pdf	15/02/2022 10:25:58	Adriana Wagner	Aceito
Folha de Rosto	FolhaderostoAdriana.pdf	08/12/2021 19:39:27	Adriana Wagner	Aceito
Outros	Parecer_Banca_Qualificacao.pdf	06/12/2021 18:43:59	Adriana Wagner	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Final_CEP.docx	06/12/2021 18:42:46	Adriana Wagner	Aceito
Orçamento	Orcamento_CEP.pdf	06/12/2021 18:42:16	Adriana Wagner	Aceito
Cronograma	Cronograma_CEP.pdf	06/12/2021 18:42:04	Adriana Wagner	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 14 de Março de 2022

Assinado por:
ANGELA HELENA MARIN
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br